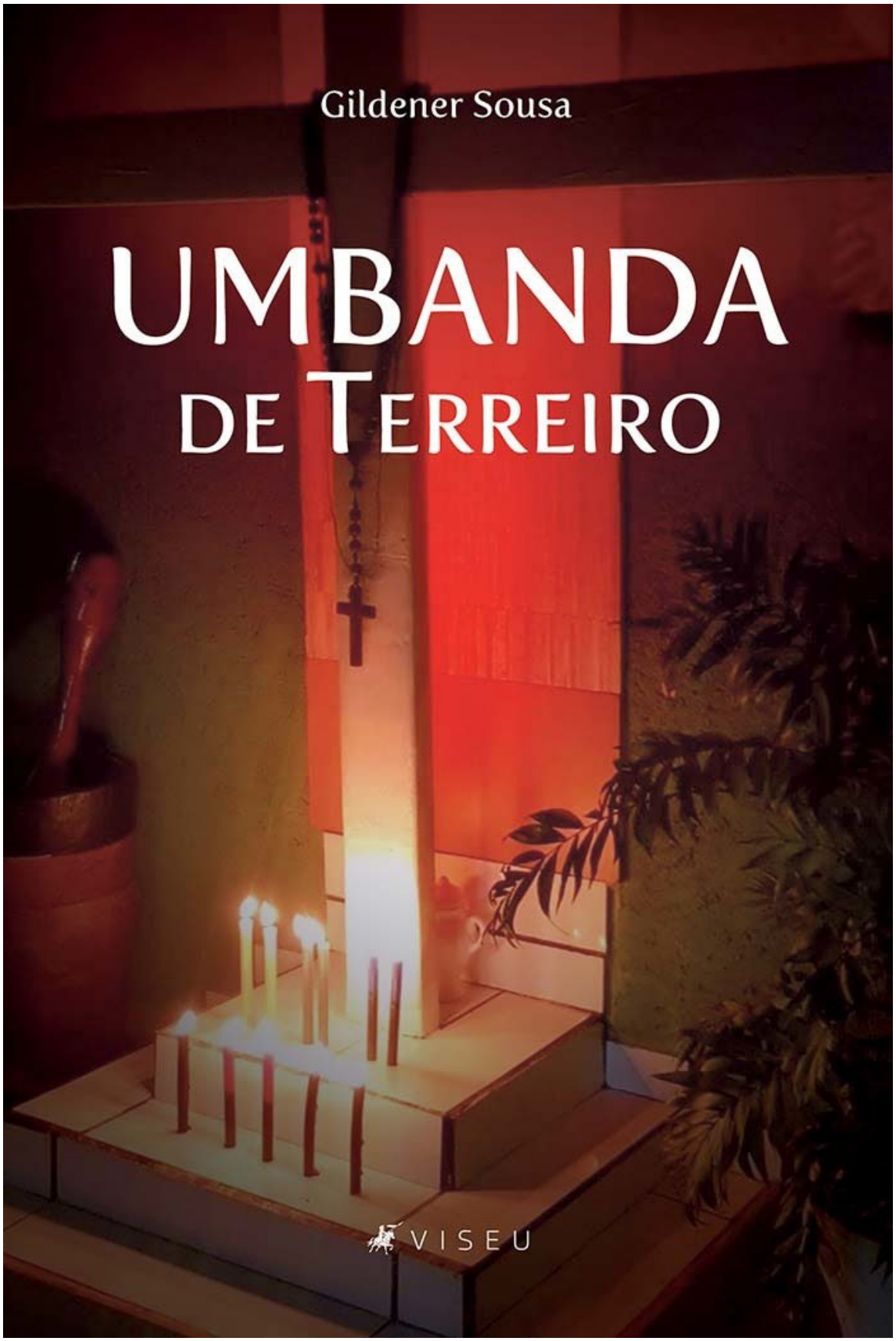
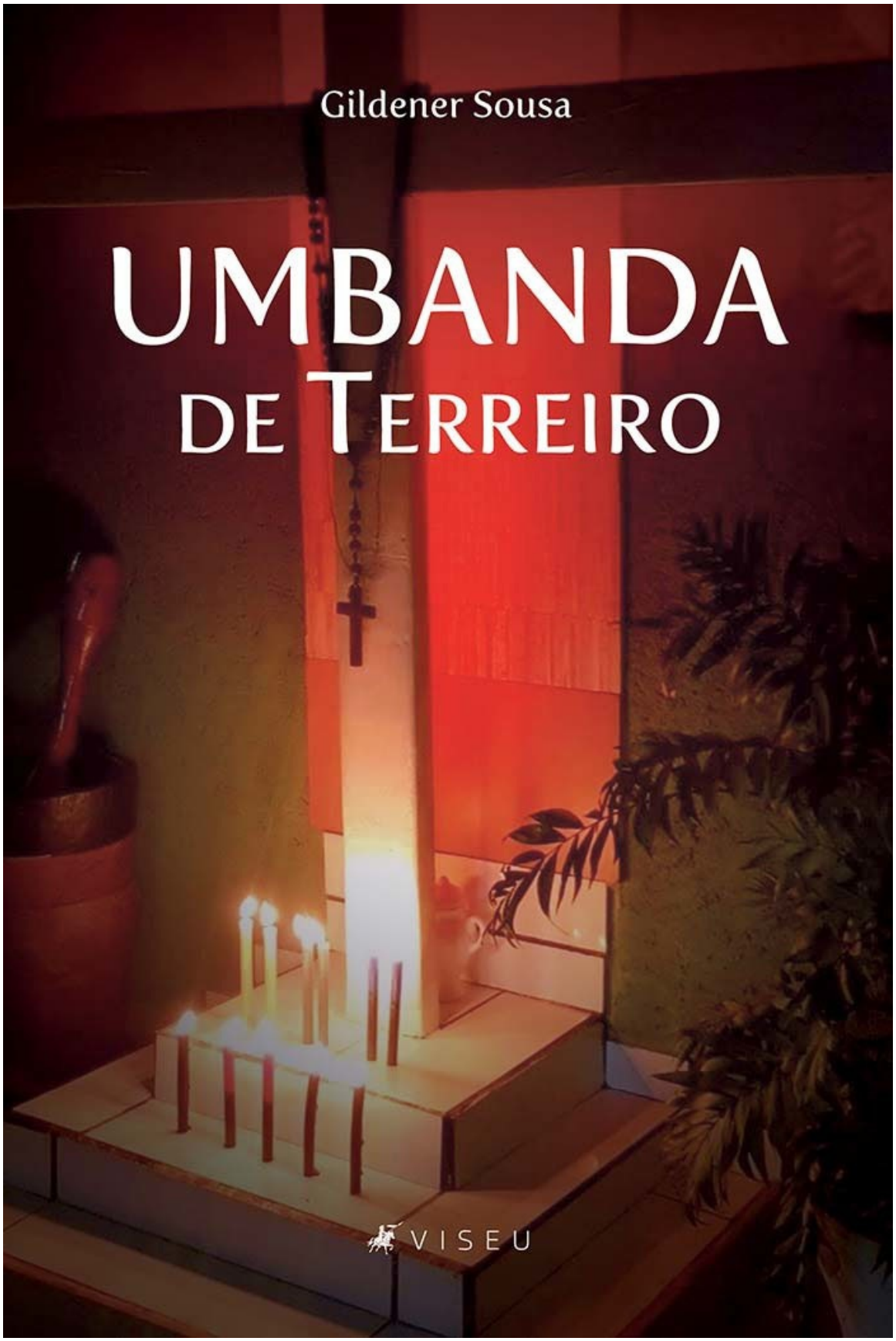

Gildener Sousa
UMBANDA
DE TERREIRO
VISEU


Gildener Sousa
UMBANDA
DE TERREIRO
VISEU



Copyright © Viseu

Copyright © Gildener Sousa

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Editor: Thiago Domingues Regina

Projeto editorial: BookPro

Coordenação editorial: Blenda Castro

Revisão: José Anildo Ramos Junior

Copidesque: Gustavo Favaretto

Versão digital: Amanda Tupiná

Capa: Amanda Tupiná

e-ISBN 978-65-254-0905-4

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Viseu Ltda.

contato@editoraviseu.com

www.editoraviseu.com

Dedico essas poucas palavras em especial ao grande grupo de trabalhadores das diretrizes de Umbanda sagrada, ao grupo mediúnico Instituto Umbandista Tenda do Caboclo, terreiro localizado na cidade de Palmas (TO), que há doze anos tive a honra em iniciar como médium fundador e dirigente. Quero aqui agradecer a imensa oportunidade que tive e ainda continuo tendo de aprender, aprimorar e acima de tudo a grande oportunidade de espalhar a caridade, fazer o bem a todos que buscam esse grupo e a oportunidade de divulgar a Umbanda sagrada por onde eu tiver que passar. Ao grupo umbandista Tenda do Caboclo, dedico amorosamente este livro.

Àqueles membros que já passaram e foram embora, mas que também deixaram seus aprendizados e foram instrumentos de aprendizagem para mim e para todos no grupo, também a vocês dedico estas palavras.

Dedico também aos fundadores da FECCAMTO, a Federação Tocantinense das Casas de Cultos de Matriz Africana e Afro-brasileira. Em nome da sua atual presidente e amiga querida Iyá Ifaloré Efuntolá Aniserè Roberta de Osoguiã, Ialorixá do culto tradicional africano, uma grande amiga de santo e da vida, a senhora também dedico estas poucas palavras.

Também não poderia deixar de dedicar este livro a uma guerreira que tem sido muito importante na minha caminhada espiritualista, tanto como amiga quanto irmã no santo, Iyá Isa Selé, Ialorixá do Candomblé do Ketu, a senhora dedico também este livro.

Ao IBV, Instituto Buscadores da Verdade, em memória de sua fundadora e amiga, Yara Claussen, no grande movimento e trabalho feito no campo da espiritualidade, com valoroso trabalho na Capscimentria, dedico também este singelo livro.

Dedico estas poucas palavras no agradecimento a todos que de certa forma me auxiliam nesta caminhada espiritualista. À minha família, em especial, aos meus filhos e à minha esposa, dedico estas palavras que são frutos de muito aprendizado nesses doze anos de lutas. Um obrigado sincero a todos.

“A evolução que tanto buscamos tem partida e chegada a partir de nós mesmos”

Gildener Sousa

Nota do autor

Meus caros amigos leitores, é com muita gratidão e honra que vos entrego esta pequena e singela obra literária. O intuito sempre foi trazer um pouco de esclarecimento em relação a nossa amada religião de umbanda.

Eu me chamo Gildener Sousa, sacerdote de Umbanda Sagrada, fundador e dirigente do Instituto Umbandista A Tenda do Caboclo. Terreiro de umbanda sagrada localizado na cidade de Palmas - TO há 12 anos.

A Umbanda mudou a minha vida em todos os sentidos, desde que entrei em contato com ela minha vida deu uma reviravolta geral. Tenho muito orgulho da fé de umbanda, pois ela me proporcionou a vivenciar todas as experiências mais evolutivas da caminha até aqui.

Foi também a fé e o amor da religiosidade de umbanda que me fez escrever este livro, no intuito de trazer um lampejo de conhecimento para todo aquele que procura vivê-la com conhecimento e verdade.

Esta obra não é o senhorio da verdade, mas apenas trazer interrogações para quem busca conhecer a nossa amada religião.

Sou natural da Cidade de Loreto - Maranhão. Desde os meus 17 anos de idade mudei-me para a cidade de Palmas, a capital do estado do Tocantins. Desde então me entreguei a busca para conhecer a fundo a religião de umbanda.

Desde 2010 tornei-me sacerdote de umbanda sagrada, assim vivo integralmente para a religião. Buscar os ensinamentos e conhecimento das liturgias de umbanda sempre foi o meu foco desde então.

Com o amparo dos orixás e de Deus acima de tudo, caminharemos sempre para alcançar os universos que nos esperam além desta vida física.

Introdução

Caros leitores, antes de tudo, deixo bem claro que todas as colocações nas páginas seguintes não são de foco filosófico, sociológico, tampouco têm um intuito de teologia aplicada. São mais relatos de vivências e experiências próprias, como sacerdote de Umbanda sagrada.

No início tudo são flores, todo mundo é lindo, todos têm um grande sorriso nos rostos e suas palavras brotam como adubos em plantio maduro e seguro num campo de plantação que aparentemente é de sua dominância por completo. Uma estreita linha de aproximação se cria e uma longa e bela estatística se consolida em poucos instantes.

Nos terreiros de Umbanda de hoje em dia é um entra e sai constante de pessoas, isso mesmo, constante, assim como as vidas quase vazias dos irmãos que procuram um terreiro atualmente. Apesar dos sorrisos iniciais, apesar da grande explanação de vontade, na verdade mais de cinquenta por cento são almas vazias de conhecimentos, vagam de terreiros em terreiros à procura de respostas de conforto e muitas das vezes de algo que nem mesmo eles fazem ideia.

São motivados pela vaidade, são guiados pelas oportunidades de algo acelerado, são munidos de respostas e conhecimentos do mestre Google, que infelizmente é uma escada abaixo para as diretrizes que a Umbanda ganhou nas últimas décadas.

Na maioria das vezes estão à procura de telhas para cobrir seus telhados, enquanto o alicerce de suas construções nem sequer saiu do papel. É uma corrida

contra o tempo que extrapola as hierarquias e confunde a realidade com uma ficção interna que chega a banalizar as estruturas de uma corrente antiga e mística, representada por uma infinidade de planos e conceitos sagrados que o homem da Terra ainda está muito além de compreender. O homem moderno, movido pela ganância, pela aparência e pelos resultados imediatos, está quebrando os laços de misericórdias e afeição entre os dois planos.

A banalização e a desconstrução do sagrado afetam diretamente a fé das pessoas. Elas acabam confundindo fé com comércio ou barganha e estão levando as diretrizes de Umbanda para uma banalização tão desenfreada que chega a assustar as cadeias de mentores e guardiões incansáveis na luta para que a ideia primária organizada por grandes seres de luz das colônias de aruanda, afirmada no astral antes mesmos da criação da própria religião da Umbanda como a conhecemos, não se perca no tempo pela ação dos irmãos desencarnados que ainda habitam zonas de sofrimentos e desordem auxiliados pelos médiuns encarnados. Estes têm um saber completamente torto do que se refere às normativas de Umbanda e assim estão conseguindo, a partir de suas dramaturgias interiores, deformar uma obra de tão grande apreço pelos seres de luz e pelos filhos que acumulam nos seus corações a bondade e a caridade verdadeiras que a Umbanda amada nos proporciona.

capítulo i

O mistério Umbanda

Em primeiro lugar, quero deixar bem claro que o intuito deste livro não é impor nenhuma verdade absoluta e tampouco desprezar qualquer outra fonte de verdade que porventura possa entrar em contato. Discorrerei nestas páginas apenas experiências vivenciadas por mim e convicções mais pessoais do que litúrgicas. Espero apenas ser um pequeno lampejo ou um estalar para o despertar da consciência em busca do conhecimento referente a tudo que nos rodeia, sobretudo da espiritualidade no geral.

Quando se fala de Umbanda na verdade, quando começou a se falar de Umbanda no Brasil, eram muitas as perguntas sem respostas e eram muitas as invenções e conspirações que levaram a nossa Umbanda amada para uma verdadeira queda livre no passar das décadas. Associada ao culto ao demônio e a práticas de magia negra, entre outras associações com o teor pejorativo, no caminhar dos anos muitas dessas ligações se enraizaram e quase afogaram por completo o culto da Umbanda.

Toda religião tem seus mistérios, tem suas arestas que não podem ser explicadas a não ser pela fé, não seria diferente com a Umbanda. Os mistérios da Umbanda vão muito além do seu nascimento na matéria, os mistérios da Umbanda percorrem espaços e tempos muitos antigos que, só com olhar mais atento e com um coração verdadeiramente devotado à sua compreensão, é que poderemos começar a entender essa dádiva que é a Umbanda.

Uma religião que nasceu no meio do povo e para a necessidade do povo

certamente não passaria despercebida por aqueles que, na sua ignorância, acreditam firmemente que só eles trilham o caminho da verdade. Essa, que é considerada a mais nova religião do Brasil, genuinamente brasileira, apesar de tantos atropelo, incoerência e interpretações errôneas a seu respeito, conseguiu se erguer até os dias de hoje. Mas isso será assunto para mais adiante neste livro, a priori quero aprofundar nas minhas experiências e tudo que vivenciei nos mistérios da Umbanda.

Sem dúvida me declarar umbandista foi o maior acerto que pude vivenciar até aqui na minha existência. Me encontrei com a Umbanda em um momento bem peculiar da minha história.

A Umbanda possibilita a mais extraordinária experiência em que você pode ir ao encontro de um universo de possibilidades, ao vivenciar a Umbanda de dentro você se permite ser um paradigma misterioso e surpreendente, é como se você descobrisse um universo novo a cada dia. É se permitir vivenciar experiências e sensações que em nenhum outro lugar será capaz de sentir, porque são energias que vão além da nossa própria compreensão e que se deslancham numa simplicidade tão magnífica que não conseguimos nos desprender dessas egrégoras fantásticas que se criam em torno de nós.

Ser umbandista é conviver diariamente com o sobrenatural, é encontrar saídas para qualquer ocasião, é não ter um universo na sua frente, mas você ser o próprio universo.

A Umbanda te permite despir-se do véu da ignorância e se fortalecer no autoconhecimento que sempre vem junto às grandes virtudes e oportunidades.

São forças de tão grande valia que se calam no tempo, se perdem nos planos e renascem a cada alvorecer. Os grandes mistérios da Umbanda se confundem até

mesmo como a geração da própria vida como a conhecemos. Seus mistérios trazem a sabedoria que vivenciaram nossos ancestrais, a Umbanda nos revela a pluralidade da vida e a dualidade de tudo para se sustentar as formas que se manifestam.

Seus mistérios são ainda mais profundos que qualquer outra religião, pois viajam além de tudo isso, tão profundo é o seu nascimento que apenas a fé pode fazer com que tenhamos a certeza da sua existência. Por mais que alguém posso lavrar em atas de verdades, por mais sábios que sejam os construtores da vida, nunca serão capazes de definir com coerência e exatidão os mistérios da Umbanda, porque seus mistérios não foram feitos para ser explicados, mas sim para serem sentidos, vividos e contemplados na mais singela simplicidade e harmonia que se entrelaçam entre si em perfeita ciranda de exatidão e conforto. Apenas na fé que habita na morada mais interior dos seres, na qual a centelha da chama divina se revela, é que podemos afirmar a sua plena existência e comprovar em experiências e sensações os mistérios da nossa querida e amada Umbanda.

Poder contemplar a Umbanda com os olhos da simplicidade, poder reconhecer no outro as suas próprias inclinações, é reconhecer a existência plena dos seus mistérios. Poder ser parte das histórias de seus semelhantes, com a convivência madura e segura das suas próprias convicções, é experimentar diariamente a grandeza desses mistérios.

Sem dúvida todos nós procuramos no decorrer da vida algo para nos segurar durante as nossas fraquezas, as nossas dúvidas e para explicações daquilo que muitas das vezes não conseguimos entender sozinhos. As religiões, das mais diversas formas e cultos, acabam por dar um norte e até mesmo um sentido além do ânimo que precisamos para persistir nessa caminhada terrena que é tão embaraçosa.

Os mistérios da Umbanda são páginas de uma vida em branco que você se apossa, conhece, vivência, se transforma e as expande no grande teatro da

sagrada passagem terrena.

São mistérios de tamanhas profundezas que só quem não tem medo de se afogar nas águas do teu próprio passado é capaz de compreender essa premissa de dualidade que sobrevive no mundo, mas finalmente repousa em nós. Descobrir os mistérios da Umbanda é perceber sua capacidade de se reinventar a cada amanhecer, são mistérios que não precisam de descobertas e sim de vivências.

As chamadas manifestações espirituais, nas suas mais diversas formas e maneiras de se apresentarem, muitas das vezes confundem os leigos e aqueles que não se aprofundam na compreensão de suas raízes e suas atuações.

Os mistérios umbandistas se fazem tão necessários quanto a sua diversidade. Por se tratar de uma religião totalmente espiritualista e ter sua cosmogonia assegurada na ancestralidade, é preciso muito tempo de entrega, devoção e estudos com muito cuidado para se ter uma ideia aproximada do que realmente é a Umbanda e os seus mistérios.

Por se tratar de curas, trabalhos, manifestações, entre outras nomenclaturas, a Umbanda atua livre e arduamente nos dois planos da nossa existência, tratando dos assuntos não só da raça humana, mas também de todos os seres que existem tanto no plano da biosfera quanto no plano psicosfera, para atender as demandas e passar suas mensagens às entidades ou aos seres elevados que se utilizam de toda a natureza cósmica e universal para concluir seus trabalhos. Daí está a dificuldade que temos nos tempos modernos de compreender a nossa amada Umbanda.

“O ar que vos cerca, impalpável como nós, carrega o caráter do vosso pensamento; o sopro que exalais, por assim dizer, é a página escrita de vossos pensamentos.; elas são lidas, comentadas pelos Espíritos que vos esbarram sem

cessar; são as mensagens de uma telegrafia divina à qual nada escapa.

Espírito J. Sanson. O céu e o inferno

Nos tempos antigos, quando a Umbanda começou a se moldar e ganhar vulto como religião no plano físico, visto que no plano espiritual já se tinha passado por todo esse processo de levante e necessidade, tanto dos encarnados, que precisavam com uma certa urgência de uma banda de espíritos de luz para nos conduzir com mais clareza e sem dogmas arcaicos, quanto da espiritualidade, que estava ansiosa para executar os belos e complexos trabalhos de Umbanda, mas com uma simplicidade tão interessante e não compreendida que levou os cultos da Umbanda a uma decadência por conta da ignorância de seus primeiros praticantes que se deixaram levar pelas críticas preconceituosas e discriminatórias das ditas visões religiosas majoritárias e dominantes da época, visto que por falta da descobertas das complexidades da própria religião e por falta de conhecimento que trazia a mudança como o caminho para a evolução, muitos dos praticantes chamados de pais e mães se viram a aceitar a Umbanda como uma cópia cristã baseada em dogmas que não a representavam, mas que se acreditavam ser o caminho certo, sendo assim levaram a Umbanda a pedir socorro para as espiritualidades, e certamente foi atendida.

Vendo a Umbanda como uma religião nova, recém-chegada no plano físico, os seus praticantes não conseguiam compreender as suas formas de atuações e não conseguiam conduzir com uma coerência própria, abrindo assim o leque para interpretações próprias e na maioria das vezes sem nexo algum, o que contribuiu e muito para a banalização dos trabalhos dito como Umbanda.

Levando para a sociedade brasileira, que já nascera no berço preconceituoso e intolerante, a demonização da Umbanda não demorou a chegar. Com isso também veio toda a corja de perseguições imagináveis contra seus seguidores. A Umbanda, que acabava de nascer no meio do povo para atender as demandas e necessidades da própria comunidade, começou a ser explorada e destruída pelos seus próprios praticantes (ressalva, muitos logo de cara entenderam o propósito da religião e foram martirizados por isso).

Por falta de esclarecimentos, de estudos e de uma base teológica, muitos se embrearam por caminhos duvidosos e foram associados infelizmente às práticas de Umbanda, isso acabou levando a Umbanda a passar pelos processos de reformas íntimas e que viu nos estudos doutrinários e sacerdotais um caminho para se manifestar verdadeiramente o que essa nova religião queria dizer. A Umbanda surge no panorama histórico do mundo em que a sede por dinheiro e as inversões de valores corrompiam praticamente todos os sistemas e as classes.

A grande sabedoria dos mentores espirituais que guiam a Umbanda até os dias atuais (pretos velhos, caboclos, exus etc.) influenciou beneficamente para que a cabeças dos novos praticantes dessa religião se abrissem para a importância do diálogo e da formação correta através de conhecimentos repassados pelos guias, mas também, não menos importante, pela formação sacerdotal baseada nos estudos e origens dos primórdios da religião. Assegurando assim a evolução de uma religião que nascera para contribuir com a caminhada equilibrada da evolução e credenciada com a lei de causa e efeito, respeitando o livre arbítrio e sendo respeitada a aplicação da lei cármica para que cada um tenha o que mereça e receba o que precisa para si e para os demais semelhantes.

É claro que ainda não chegou nem chegará o dia de a Umbanda se estagnar e parar de buscar meios e formas de sobressair as suas dificuldades, pois a mudança e a evolução caminham juntas nesse processo de interiorização de nossas próprias convicções e amadurecimento espiritual. A mudança de pensamento e os artifícios ritualísticos se fazem necessários para praticar uma religião miscigenada por culturas e elementos de diversas épocas.

A mudança traz o novo e o novo nos transforma e nos leva para uma mudança de comportamentos e para uma compreensão dos seus mistérios cada vez mais próxima de uma ideia original da espiritualidade regentes das cadeias de trabalhos da Umbanda. Se permitir mudar, se deixar levar por outra ótica, começar a ver as posições e as necessidades do outro, tudo isso nos permite ser mais compressivos e tolerantes ao tempo alheio.

Para entender os mistérios da Umbanda, precisamos entender primeiramente os nossos próprios mistérios, é preciso descobrir a verdadeira missão, a oportunidade e a necessidade de estarmos neste plano, buscando compreender os nossos próprios mistérios enquanto ser na escala evolutiva, isso nos permitirá começar a compreender o início dos mistérios da nossa amada Umbanda.

A busca, claro, deve ser feita cuidadosamente, pois, no estágio que nos encontramos, as facilidades e as oportunidades que estão constantemente perto de nós podem nos conduzir a cometer erros tão grandes como os que foram cometidos no passado, ou como outros ainda maiores, pois no passado o acesso às informações era negado e quase extinto, assim justificando muitos erros outrora. No entanto esses erros atualmente se tornam mais graves, pois temos todas as facilidades e disponibilidades ao nosso alcance, nos forçando assim a sermos mais vigilantes e cuidadosos com a nossa fé, pois não há justificativas plausíveis nos dias atuais a não ser a nossa própria falta de querência.

“Evoluir significa se refazer, soltar as vestes da ignorância e cortar o véu do desconhecido e se permitir refazer-se quantas vezes forem necessários.”

Gildener Sousa

Capítulo II

O espelho das almas

Vivemos tão movidos pela ansiedade que quase sempre não nos preocupamos com a verdade ou com o sentido das coisas tampouco com as consequências que nossos atos podem ter. Caso eles nos levem por caminhos difíceis e não desejados, sempre teremos algo ou alguém para culpar e responsabilizar (nunca é nossa culpa).

Culpar e responsabilizar seu ex-pai de santo ou sua ex-mãe de santo ou alguns de seus irmãos de terreiros se torna quase sempre a fuga daqueles desesperados que vagam pelos terreiros sem nada acrescentar e sem se dar conta da tamanha perda de tempo e de oportunidade que está sendo perdida ao não se reconhecerem como únicos responsáveis pelas suas quedas e infortúnios.

A Umbanda é tão complexa e perfeita que até nas nossas falhas se pode encontrar recompensa, sim, podemos e devemos aprender sobretudo com os erros que cometemos no longo jogo da vida terrena. Temos a oportunidade de aprender com os nossos erros, de mudar quando não mais for apropriado, de seguir por esse ou aquele caminho que esteja nos fazendo regressar no quesito evolução. E esse feito tão superior e surpreendente nas liturgias de Umbanda tem um nome: Exu.

Exu, certamente o arquétipo menos compreendido e mais martirizado de toda a grande e fantástica gama de linhas de entidades que atuam nas mais diversas vertentes de umbanda espalhadas pelo brasil e fora dele também, é doutrinador e aplicador implacável das leis cármicas e das leis do retorno, causa e efeito. É exu

que executa as mais difíceis e mais perigosas tarefas da espiritualidade para garantir a boa convivência entre os dois lados da evolução.

O Exu dentro da Umbanda se apresenta em infinitas facetas e infinitos arquétipos, porém mantém suas principais características inerentes a essa fantástica e complexa linha de trabalho dentro da Umbanda. A principal característica é seu caráter especular.

Quando o médium tem contato com essas linhas de trabalhos chamadas de linha de Exu, ele certamente já ouviu falar bem ou mal da entidade, porque é umas da linha mais falada dentro e fora do meio umbandista. Essa linha, assim como todas as outras linhas de trabalho da Umbanda, tem seu ponto de origem em uma das linhas de orixá que compõem uma das sete linhas básicas da Umbanda. O orixá Exu e o orixá Pombagira carregam o mesmo nome, mas não podem ser confundidos, pois são coisas distintas, pois orixá Exu é trono divino alocado em um trono da servidão divina e amparado pelo sentido das forças de desejo, vontade e vigor, o Exu entidade são espíritos evoluídos que trabalham e executa as leis dos guardiões elevados.

Assim como precisa experimentar e vivenciar os mistérios da Umbanda para compreendê-la, não é diferente para compreender Exu. Porém irei abordar nestas páginas uma visão de Exu pouco falado dentro dos terreiros, focarei nos trabalhos mais de dentro do terreiro por um olhar mais perto da doutrina e nas bordas mais artificiais que ocorrem dentro dos terreiros em uma forma geral o terreiro que sou dirigente e sacerdote há doze anos.

É com profunda tristeza que, como sacerdote e religioso, quase que diariamente preciso conviver com tamanha falta de conhecimento e de assimilação no tocante à linha de Exu e Pombagira.

Uma completa falta de preparo e desconhecimento das leis divinas que chega a assustar às vezes, vejo com preocupação as interpretações desequilibradas e tortuosas da visão de Exu dentro dos terreiros afora. Uma cadeia de descontrole de racionalidade e uma completa falta de respeito aos nossos guardiões.

Exu vem nos terreiros de Umbanda para confrontar as nossas tendências mais negativadas, Exu vem aflorar as nossas imperfeições para, através desse combate direto das nossas pequineses de alma, tentar repará-la, Exu vem nos mostrar como um refletor que clareia os recôncavos das nossas almas, para que tenhamos a coragem de enfrentar as nossas próprias tendências negativas a fim de repará-las e reprimi-las e de começar a curá-las.

Uma das mais fortes entre todas as outras formas arquetípicas que Exu pode se apresentar é a forma especular de agir através das nossas incorporações e manifestações nos trabalhos da linha de Exu. Essa capacidade, que é inerente a Exu, serve para, entre outras várias oportunidades, o próprio médium se curar do seu mediunismo.

Como Exu pode atuar no controle do mediunismo nos médiuns novatos? Seria até irônico uma pergunta dessa nos tempos de hoje, pois na maioria das vezes são os ditos veteranos que cometem os mais terríveis e descontrolados atentados contra a figura de Exu. Infelizmente o que se vê é uma grande leva de médiuns que só vão ao terreiro nos dias de gira de Exu e nunca se preocupam em estudar para conhecer e ter um domínio mais afirmado em relação à linha do povo de rua.

Certa e comprovadamente nesses anos de vivências dentro do terreiro posso afirmar que às vezes bate um desânimo em ver pessoas com capacidade e condições de buscarem informações acertada sobre o que é Exu, mas que preferem a ignorância do saber para não terem as famosas responsabilidades de médium, são filhos de santo que não entendem o que a Umbanda significa. São médiuns que saem por aí misturando e mistificando entidades das trevas com

Exu, e se não bastasse a ignorância do desconhecimento em relação a Exu, ainda descaradamente repassam uma visão distorcida da religião quando vendem Exu numa encruzilhada por um litro de cachaça, quando trocam os trabalhos de Exu por um prato de padê, ou pior ainda quando ganham dinheiro vendendo a figura de Exu em trabalho fictício e mistificador, como amarração, trabalhos de cunho sexual etc.

São pessoas descompromissadas com a verdade e com o bom senso que acabam levando para lama uma reputação sagrada que os médiuns sérios, muitas vezes, deram até sua própria vida para defender e zelar. São médiuns de caráter duvidoso que saem por aí se aproveitando das fraquezas e das ignorâncias de pessoas vazias de amor-próprio e de um total desconhecimento das leis de Deus. Uma afronta às leis de Umbanda e uma heresia aos mandamentos da divina lei de Deus.

É preocupante o crescente número de médiuns que recorre aos oráculos das mais diversas vertentes, fazendo umas misturas de ritos pagãos e culturas monoteístas de ritos politeístas, além de elementos cristão fazendo uma salada sem nexo com povos de culturas antigas, levando a umbanda a se desconfigurar. A seriedade que já conseguimos conquistar com muitos esforços de evidenciar os valores máximos das leis da espiritualidade, que sustenta no âmbito superior enquanto religião. Não podemos deixar prevalecer o achismo religioso. Uma realidade de total descontrole que infelizmente está fazendo com que Exu se torne instrumento de barganha e enriquecimento rápido nos púlpitos das igrejas neopentecostais e assume uma figura demoníaca que não lhe pertence e levando uma culpa que é dos médiuns invigilantes e ignorantes no tocante à espiritualidade de Umbanda.

Exu dentro da Umbanda é organizador das leis cármicas, Exu é guardião que trabalha nas zonas inferiores no combate direto com os seres das trevas, os magos negros e toda a ordem de obsessores. Exu na Umbanda está ligado a todas as forças da natureza, que chamamos de orixás, é conhecido como o orixá da comunicação e o mensageiro do astral.

Nos terreiros de hoje o mais importante para muitos médiuns é saber o nome da entidade da linha de Exu que ele trabalha, chega a ser uma fixação para saber logo os que dizem: qual é o nome do meu Exu? Da minha Pombagira? Sem se preocupar com o mínimo que é saber quem são essas entidades e o que elas fazem junto aos seus aparelhos mediúnicos nos terreiros de Umbanda.

E é justamente nessa questão que mora o declínio do médium, porque Exu, quando começa a agir nos aparelhos ou nos médiuns, põe para fora, ou seja, deixa vir à tona toda ordem de negatividades que aquele médium tem em seu interior, ali o exu age como um refletor de almas de espírito, o Exu expõe o médium para que ele possa ser confrontado com seus próprios melindres, nesse caso Exu aplica um dos seus maiores métodos de doutrinar um médium novato ou veterano, seu caráter especular fica bem evidente. (evidente para quem está devidamente preparado para observar esses detalhes que muitas das vezes nem mesmo o pai de santo do terreiro não consegue ver justamente pela falta de estudos e de doutrinas dos próprios pais e mães genéricas, assunto para mais adiante no livro).

Agindo assim, Exu obriga o médium a procurar estudar e se adequar a sua nova realidade, pois é de interesse do próprio Exu que o médium se jogue nos estudos e nas doutrinas para justamente poder concluir seus trabalhos outrora agendados para ambos, pois sem essa grande ferramenta, que é o esclarecimento das leis e moralidade de Exu na espiritualidade, o médium não é capaz de atuar com Exu nas esferas apropriadas.

Porém, como hoje em dia muitos médiuns não se importam com a religião nem com a responsabilidade que é ser médium atuante nos trabalhos de um terreiro, muitas vezes esse médium não entende nem aceita essa condição e, como já dito antes, procura logo algo ou alguém para depositar uma culpa. (Deve ser o pai da casa que não tem pulso, não consegue administrar nem mesmo uma doutrina de Exu, fica deixando as coisas acontecerem sem controle, ele devia ter expulsado fulano e cicrano que só quer aparecer, eu porque não pertenço a panelinha dele

sempre faço tudo errado, vou sair da casa e procurar um terreiro melhor.)

Assim começa literalmente a queda desse médium, a partir desse momento ele procura espalhar seu veneno mortal pelos quatro canto do terreiro e fora dele também, aliciando os novatos, criando situações e inventando intrigas e intrigas para que, quando ele sair do terreiro, encontre alguém para continuar sabendo das atividades da casa e ter mais munições para continuar atacando o terreiro o pai e seus ex-irmãos de santo. Pois quando exu escancara seu caráter duvidoso e ele não aceita essa condição, como uma oportunidade para se melhorar e evoluir e ser uma boa ferramenta para a caridade e para o auxílio a si mesmo na caminhada evolutiva, movido pelo ego, sai propagando inverdades e incoerências e acaba esquecendo de ser grato à casa e às pessoas que lhe acolheram naquele período em que ele andava sem orientação.

O que mais se vê nos terreiros de hoje são médiuns com pouco tempo de casa sem nenhuma formação ou sem nenhum conhecimento da espiritualidade, ainda mais sobre a entidade Exu, e sai por aí se achando um feiticeiro, um bruxo, um mago e agindo com um ar de superioridade só porque já recebe seu Exu de trabalho, começa a não mais participar dos estudos básicos obrigatórios, visto que seria a coisa mais importante a se fazer para dar o exemplo e ser reconhecido como um médium de boas verdades e merecimentos do posto que agora lhe cabe.

Quantas vezes já ouvi médiuns que tinham seis, sete ou mais anos de trabalhos dentro da Umbanda abrir a boca e dizer: não mexa comigo, eu sou filho de Exu, se mexer comigo, Exu mata.

Médiuns despreparados que vivem pegando aleatoriamente algumas parábolas do Google e acabam se confundindo com as informações atravessadas e sem nenhuma fonte de segurança, acabam por humanizar as entidades de tal maneira que se perdem no caminho da espiritualidade e praticam falhas e erros mais comuns conhecidos no meio umbandista.

Portanto, meus irmãos leitores, não há outro caminho para se tornar um médium confiante e consciente no que faz dentro e fora do terreiro a não ser o conhecimento e o respeito às leis da Umbanda. Não se tem uma cartilha de como ou quanto tempo você irá entrar em contato com as linhas de trabalho, sobretudo a linha de Exu, isso depende de cada um, de cada entrega, de cada compromisso.

Quando assumimos uma responsabilidade, seremos claramente cobrados por ela, pois os maiores beneficiados com ela sempre serão nós mesmos.

Ser umbandista é ser livre, conhecer Exu é conhecer a si mesmo, ser umbandista é ser liberto como o vento, às vezes furacão às vezes brisa, ser umbandista é se permitir ser guiado pela sua própria consciência.

Exu é o espelho que reflete as nossas almas, sua manifestação é o reflexo do que há em nós, suas maneiras de agir precisam ser compreendidas através da verdade interior e que só podemos encontrar com mais rapidez e exatidão através do conhecimento e sobretudo na vivência séria e respeitosa dentro do terreiro. Exu de verdade só se manifesta em ambientes sérios com pessoas sérias e com trabalhos sérios, ao contrário o médium está se enganando ou tentando enganar alguém.

“Somos refratários de nós mesmos, pois tudo que habita dentro de nós, reside fora também.”

Gildener Sousa

Capítulo III

O filho pródigo

Sem dúvida alguma, ser um líder religioso não é tarefa fácil, ser um dirigente e sacerdote de uma casa de Umbanda nos dias de hoje exige muita vocação, força de vontade e muita flexibilidade para lidar com as pessoas e sobretudo com os filhos de axé que aos poucos vem se achegando dia após dia. Conduzir com firmeza um trabalho espiritual requer muita atenção e paciência, precisa ser só ouvido na maioria das vezes e acima de tudo ter a consciência que na maioria dos seus dias, serão dias de tons acinzentados.

Uma das várias dificuldades encontradas por qualquer pai ou mãe de santo atualmente é o achismo e o empoderamento que os filhos que chegam trazem na bagagem, geralmente a grande maioria dos filhos que já passou por outras casas, por outras vertentes e já chega achando que sabe de tudo e não quer esperar seus momentos dentro da corrente mediúnica que já se encontra ali formada. Atender todas as demandas de todos os filhos, além da assistência, exige uma entrega integral do sacerdote, assunto para mais adiante neste livro.

Vamos tratar aqui neste pequeno capítulo um olhar mais apurado da visão direta de um sacerdote, claro, deixando bem claro que são mais as experiências vividas e presenciadas do meu próprio currículo como sacerdote, dentro das dominâncias da casa que conduzo há doze anos, agindo assim respeitando todas as outras visões, inclusive as contrárias às minhas convicções, pois o intuito é de despertar para o conhecimento e não expor uma verdade absoluta, que não é o intuito deste livro e nem é intenção das minhas exposições ortográficas.

Você que é sacerdote, quantas vezes já se viu obrigado a fazer algo contra sua vontade para agradar esse ou aquele filho, mesmo sabendo que ele está errado e mesmo sabendo que isso pode lhe causar muito mal-estar no futuro? Quantas vezes filhos já chegaram até nós com cinco pedras nas mãos exigindo que tomássemos decisões, exigindo que tomássemos partido sobre essa ou aquela situação e se você não fizer pode ser visto com maus olhos por esse filho.

Quantas vezes você, sacerdote, teve que parar de almoçar com sua família carnal, coisa rara para um sacerdote sério nos dias de hoje, para acudir um filho com problemas banais quase sempre envolvendo o ego dele, quantas vezes você precisou engolir as palavras para não ofender o filho, mesmo achando que ele merecia naquele momento. Quantas vezes você já viu na aura do seu filho ele mentir escancaradamente na sua frente, se vitimando para tentar esconder a culpa e você ter que abraçá-lo e confortá-lo para que ele se sentisse bem.

Essas e inúmeras outras situações são vividas diariamente pelos sacerdotes de Umbanda. Ser filho de santo é uma honra e uma grande responsabilidade também, ser filho de santo é sentar na mesa que não te pertence, é chamar de pai aquele homem que não é seu pai, ser filho de santo é entrar por uma porta e trazer com você toda carga de problemas, de pesares, de medo, de angústia, de descontrole, ser filho de santo é trazer com você uma lacuna de desconhecimento, ser filho de santo é despejar todo o fardo que você não consegue carregar sozinho, sem se quer nem perguntar se os ombros daquele novo pai têm condições de carregar, claro, como perguntar se pode, se quase sempre você está tão desesperado que não há espaço para esses questionamentos. São tantas as dúvidas e incertezas que nem sequer passa pela cabeça do novo filho se o pai é carne e osso ou metal como um super-herói metálico e vigilante vinte e quatro horas por dia.

Quando você se torna um filho de santo, você se entrega de tal maneira que se torna na maioria das vezes dependente desse novo pai de uma forma que não há mais horas nem lugar, pode ser de madrugada, pode ser às cinco da manhã, em qualquer hora ou lugar. É como se todos os seus problemas agora fossem

transferidos para seu pai de santo, “resolva para mim”; essas quase sempre são as situações.

Lidar com filhos de santo é uma tarefa e tanto, todos, quando chegam, trazem todas as suas negatividades, é verdade! Mas também trazem muita coisa boa, muitos conhecimentos, geralmente chegam com outras visões de Umbanda devido à linha que seguiam, podem nos ensinar muito sempre, assim como podem aprender também.

Porém vou aqui focar no chamado filho pródigo, ou aquele filho que ficou insatisfeito e resolveu sair do terreiro e falou demais, fez o que não devia, rodou em vários terreiros, falou muito mal do seu pai de santo da casa que lhe acolheu, mas depois de tanto rodar em busca de algo que nunca conseguia encontrar, resolve voltar e pedir agô e retornar para o terreiro.

Geralmente quando chega um novo filho ou filha querendo fazer parte do grupo mediúnico, cada casa tem seu próprio jeito e ritual de acolher esse novo membro, conforme as liturgias que a casa segue. Quando esse filho já vem de outras casas, geralmente ele chega ofendido, magoado, vitimizado e sempre com a razão, foi sempre muito injustiçado e não teve o valor reconhecido onde estava, mas agora alguém tinha indicado esse novo terreiro, tem um amigo que já frequenta e fala muito bem, então ele acha que vai se dar bem e resolve fazer parte da corrente.

Dirigindo um terreiro de Umbanda já há alguns anos pude passar por várias situações que muitas das vezes não entendia e saía à procura de respostas para os guias querendo saber o motivo daquilo estar acontecendo. Quantas vezes entrei em oração para os seres superiores pedindo que afastasse da minha casa esse tipo de médiuns que vinha apenas fazer confusão, causar um desconforto na casa, mas sempre tinham aqueles com essas características.

Depois de alguns anos pedindo, lutando e observando os acontecimentos, você acaba descobrindo que nada é por acaso. Partindo da premissa que a visão de pai de terreiro e a visão dos irmãos de santo nesses casos são completamente opostos, geralmente quando um filho pede um afastamento, quando são educados o suficiente para pedirem esse afastamento, porque na grande maioria das vezes o filho sai sem dar satisfação alguma, ele pensa que não deve prestar explicação ao pai porque certamente está sendo guiado pelo ego e as suas vibrações estão vibrando na faixa vibracional tão negativas que os cegam na maioria dos casos. Convivendo com muitos filhos durante todos esses anos pude notar que sempre há contradição nesses casos, o filho fica bem, tudo está bem até ser contrariado, quando o pai não faz o que o filho acredita que seja o certo, ele começa a movimentar por trás com outros irmãos que estejam geralmente mais fragilizados e acaba por vezes levando outros irmãos a cometerem o mesmo erro.

É nesse momento que devemos agir com cautela, com sabedoria e cuidado para não se cometer erros que venhamos a nos arrepender amanhã, um sacerdote precisa esperar o tempo certo para se posicionar, às vezes é preciso esperar pelo tempo, o tempo é grande mensageiro das respostas, quando o filho se vai por qualquer motivo que seja, precisa esperar o tempo que o filho precisa, para depois, ao analisar todos os fatos e em comunhão com a espiritualidade, encontrar a melhor saída.

Quando um fato desse ocorre no terreiro é uma avalanche de suposições e indagações desnecessárias, mas quase inevitáveis, pois estamos falando de pessoas e sempre haverá desavenças e contradição. Um filho sai do terreiro por vários motivos, às vezes por se sentir inútil, às vezes por não se adequar à corrente, às vezes por motivos de relacionamentos amorosos, às vezes porque o filho quer atropelar as ordens das coisas e não quer esperar o tempo certo nem respeitar as hierarquias porque se acha mais importante, mais poderoso que os demais e não aceita trabalhos que ele julga menor dentro do terreiro. Há casos que o filho também já se sente preparado para executar qualquer atividade dentro do centro, mas o dirigente pensa ao contrário e às vezes saem também porque cada um de nós procuramos um lugar, uma casa, estamos sempre a procurar algo na vida, às vezes aquela casa, por mais que seja boa, as pessoas amigáveis ou

tudo ali é correto, mas a pessoa não se encaixa nos trabalhos e acaba alçando voos para outros cantos. Isso também faz parte da ordem natural da vida.

O problema não para por ai, quando por qualquer motivo um filho deixa a casa e com tempo rodando outros terreiros, até mesmo em outras religiões, e não encontra aquele acolhimento que ele já tinha no seu terreiro do qual ele saiu e não estava vendo com clareza, e agora envergonhado pensa em voltar para a casa que até pouco tempo ele tanto falou mal e descobre que ouviu pessoas erradas, descobrir que tudo aquilo que seu pai fez foi pensando em ajudá-lo a ser independente e ser perseverante na fé, onde está o problema? Está nos outros filhos que agora vão confrontar o pai e pedir que ele não acolha aquele filho ingrato que agora pede abrigo novamente.

Outra vez volto a afirmar que o olhar de pai deve ser sempre mais cuidadoso com esses fatos do que o olhar dos outros irmãos, sabendo que isso vai trazer muitos problemas, mas um pai sério jamais irá fechar as portas para um filho que retorna à sua casa.

Qual o aprendizado nesse caso, quando um filho volta pedindo abrigo, para um pai de santo de Umbanda, certamente é o reconhecimento dos trabalhos bem executados e a certeza que ser pai é fazer o que for preciso para manter sempre o melhor para seus filhos, mesmo que temporariamente esse filho não o entenda no primeiro momento, mas se ele voltou é porque certamente não encontrou algo ou alguém que pudesse fazer por ele o que seu antigo pai já o fez.

Isso não deve ser visto nem usado para elevar o ego do pai ou da mãe de santo, mas sim para motivar e incentivar a seguir na caminhada das suas missões espirituais. Serve para fortalecer suas ações perante esse tipo de situações que é cada vez mais frequente nos terreiros afora.

Se estressar ou sair precocemente expulsando filhos quando cometem algum tipo de problemas dentro ou fora do centro não condiz com a realidade de pai de santo que leva a sério sua missão. Que pai seria esse se quaisquer problemas que aconteçam, em vez de enfrentar e resolver, prefere virar as costas e empurrar para outros os problemas? Volto a perguntar: que pai seria esse?

E ao filho pródigo fica a lição para que não cometa novamente esse tipo de atitudes e que volte suas atenções para os aprendizados e ser melhor como filho e irmãos, que o acolhimento por aqueles que outrora o filho tinha virado as costas sirva como lição que o verdadeiro amigo não é aquele que impulsione suas tendências, mas aquele que te dá oportunidades para mudar quantas vezes forem precisos.

Ninguém pode falar ou se colocar no lugar de pai de santo, pois só ele é capaz de mensurar suas abdicações para o bem-estar de grupo de pessoas com todas as suas diferenças e acima de tudo manter sua vida privada em segundo plano para garantir a vidas de seus filhos e familiares.

Se você tem um pai que leva a Umbanda verdadeiramente a sério, pense muito bem antes de sair, você pode se arrepender e nem todos são bons o suficiente para te abraçar novamente, e lembre-se de ser umbandista é confrontar seus próprios melindres, na Umbanda você não vai encontrar outro culpado para seus problemas, mas sim apontar você mesmo como fonte e origem das suas próprias inclinações para poder saná-las. Entender esse ponto dentro da umbanda é crucial para praticar essa religião de amor e caridade.

O filho precisa ter em conta que o pai não pode ser uma muleta para sua vida, um bom pai deve dar diretrizes para que o filho seja independente e consiga administrar sua própria vida.

Toda situação que traz alvoroço dentro do terreiro precisa ser tratada com todo cuidado, para não sair do controle e ter que se arrepender no futuro bem próximo. A melhor forma para resolver as desavenças é a comunicação de ambos os lados, antes de tomar qualquer decisão, procure seu pai e converse, isso é crucial.

“ Entre, conheça, cresça e se precisar sair. Saia pela porta da frente. Pois nunca saberá quando precisará retornar.”

Gildener Sousa

Capítulo IV

Demonização da Umbanda

Não é novidade para ninguém nos tempos de hoje, de toda gama de preconceitos e de intolerâncias, que a umbanda tem vivido e resistido desde quando foi conhecida como religião em 1908. Cabe esclarecer que antes de tudo, as perseguições e os enfrentamentos, no intuito de não deixar que as práticas que ficaram conhecidas como Umbanda, precedem ao seu reconhecimento pela legislação vigente da época. Sabemos que os primeiros relatos de uma consolidação nos moldes antigos da Umbanda se deram ainda no regime republicano e se confirmou com o reconhecimento definitivo no regime militar pelo presidente Getúlio Vargas.

Não me atentarei em datas ou regimes políticos neste capítulo, pois o intuito deste é discorrer um pouco sobre os impactos da demonização da Umbanda em cenário nacional e suas implicações dentro dos terreiros de Umbanda de hoje espalhados pelo Brasil afora. Volto a afirmar que todas as colocações deste livro são mais voltadas às minhas próprias vivências como sacerdote de Umbanda e não tem como objetivo impor nenhuma verdade ou substituir outras já explanadas por outras visões, o maior intuito destas páginas é o despertar para uma busca mais equilibradora de conhecimentos nas mais diversas visões de Umbanda que temos à disposição.

Neste capítulo tentarei expor um pouco as dificuldades que até hoje nós como umbandistas temos de nos declarar como praticante dessa religião, que deveria ser uma honra, um prazer você se afirmar publicamente como umbandista, mas sabemos que infelizmente o que impera é o medo de expor e expor suas convicções, medo de apresentar a sociedade como umbandista justamente por

causa da grossa casca de inverdades imposta sobre a Umbanda desde seus primórdios pelas religiões majoritárias e sobretudo pelas castas cristãs que imperaram na colonização do nosso país, que ditaram as regras de escravidão, dos sistemas políticos, e impuseram as normativas de quem é Deus na visão europeia nas terras do novo mundo.

Essa imposição devastadora e desenfreada igreja convencional, que levou milhares de vidas a serem ceifadas, nas fogueiras da santa inquisição, pelo martelo das bruxas, pelas cores de nossas peles e sobretudo pelas crenças preexistentes que não eram de conhecimento dos colonizadores que arrasavam sem nenhum respeito com o sagrado das terras conquistadas pela ponta da espada e pelo sangue inocente derramado, deixando um rastro de dor e destruição por onde passava.

Uma sociedade forjada nos berços da ignorância, alimentada com a sede do preconceito e aliciada por invenções diabólicas para imperar o terror, o medo e a subserviência pelas crônicas de um inimigo comum retirado de contos fantasiosos. E, empurrado goela abaixo nos seus fiéis e impondo às outras culturas livres dessas fantasias e delírios cristãos, que visa a conquista pela máquina sistêmica da política, e pelo poderio supostamente dado diretamente por Deus, para destruir e exterminar toda e qualquer forma de manifestações contrárias aos delírios de um suposto Deus vingativo, cruel e punitivo que se alegra com o extermínio de milhares de vidas apenas por seres livres e pensarem como ordena as leis naturais de sobrevivência e não se curvam a sua maior invenção já criada para assombrar o mundo e impedir que as pessoas busquem a verdadeira intenção e necessidade da vida terrena e espiritual.

Partindo dessa premissa de que a forte engrenagem cristã no combate a quaisquer formas de culto que não os descritos no seu livro salvador e sacro, a Bíblia, se reinventa a cada dia de acordo com a necessidade de quem a interpreta, claro que a umbanda que tem seu livro sagrado imutável que é a natureza em sua plenitude, (assunto para páginas mais adiante), esta verdadeira caçada contra a umbanda se iniciou logo nos primeiros relatos de manifestação

da Umbanda e se arrasta até os dias de hoje, mudando apenas as ferramentas por causa das modernidades que nossa sociedade vem passando dia após dia.

O esclarecimento apontado pelos nossos grupos de estudo, que são de longe as maiores preocupações dos dirigentes, sacerdotes e pais e mães de santo nos terreiros de hoje, é justamente retirar da cabeça dos filhos, que na sua grande maioria são ou já foram de berço cristão, a ideia da perseguição do demônio no seu dia a dia, ou seja, retirar essa ideia de que irá morrer e ir direto para o inferno para que seu espírito seja eternamente atormentado pelos demônios infernais, isso não tem sido fácil. Porque é uma problemática cultural, ou seja, uma raiz que vai brotando nas ignorâncias impostas desde nossos mais velhos e são passadas para os mais novos justamente pela imposição do medo do demônio.

Uma das maneiras mais cruéis e desumanas é colocar na cabeça das pessoas que essa ou aquela religião não pode ser levada a séria porque são servidores de satanás e foi justamente o argumento para frear o grande crescimento da Umbanda sobretudo nas décadas de 1950 a 1980, justamente quando as pessoas começaram a se esclarecer e compreender que havia outras formas mais limpas e menos amedrontadoras de ver Deus, então entram em campo todas as armas do sistema religioso cristão e político, contra as origens da crença de Umbanda por abordar os orixás e as crenças africanas contidas no seu culto e devido a maioria dos seus praticantes na época ser negra, eram negros resistentes e guerreiros que deram muitas vezes a própria vida para a sobrevivência da religião.

Com a associação da Umbanda a cultos satânicos, pela igreja e a crescente divulgação em todos os setores da sociedade de temas que diziam que a Umbanda era religião de preto e não deveria ser levada a sério, fez-se com que a nossa Umbanda amada sofresse um grande declínio durante mais de cem anos. As associações de culto ao demônio e às práticas de magia negra foram de tal maneira enraizadas no mental dos brasileiros que até mesmo aqueles que têm a oportunidade de conhecer a Umbanda com mais profundidade acabam por associar e ainda excitar o ódio contra os adeptos da Umbanda.

Mesmo um país laico nas suas estruturas legislativas, com uma ordenança maior que nos garante a legitimidade de práticas, como a Constituição Federal no seu Artigo 5º, não é o bastante para fechar a sangria gerada por anos a fio no coração da nossa Umbanda. Ainda nos tempos atuais vivenciamos barbaridades desde insultos e agressões física e moral aos umbandistas que são obrigados a conviver, como se estivéssemos cometendo algum tipo de crime. Vemos terreiros sendo atacados das mais diversas maneiras possíveis e o estado nas suas esferas, que tem o dever de punir e inibir esse tipo de crimes, acaba por ser omisso, revelando outro preconceito que está embutido em todas as esferas públicas: o preconceito institucional.

No ano de 2021, a Umbanda completa oficialmente 113 anos de luta e de reinvenções para suportar e superar as grandes perseguições enfrentadas com as grandes redes de religiões majoritárias. Hoje a umbanda é objeto de barganha nos palcos de espetáculos das igrejas evangélicas das mais diversas ramificações, vendendo e comprando as culpas e associando toda ordem de desgraças da vida dos fiéis às entidades da Umbanda, uma verdadeira epidemia de sacrílegos associada erroneamente aos cultos de Umbanda.

E nós, como praticantes publicamente do culto da Umbanda, precisamos nos preocupar cada dia mais com o bem-estar dos filhos, pois devido a essa grande intolerância e ao preconceito, por motivo dessa demonização dos ritos sagrados de Umbanda por parte dessas verdadeiras crenças financeiras que me ariscaria a chamar de bancos religiosos de extorsão e alienação dos desesperados e sem fé na sua própria capacidade de conhecer Deus e comandados, acabam por se vender pela espera de uma falsa salvação.

Os pais e mães dos terreiros de hoje ainda sentem arduamente na pele e na vida, por assim dizer, a grande maioria dos filhos de santo dos terreiros, quando perguntados qual sua crença, ou se dizem católicos ou espíritas, para se livrar do julgamento e das perseguições nos trabalhos e no meio social em que vivem. Infelizmente uma realidade que ainda vivemos por causa da herança covarde da demonização dos rituais de Umbanda.

Apagar uma mancha profunda como essa que foi impregnada como uma tatuagem desagradável como a demonização da Umbanda leva tempo e coragem, será preciso uma união do povo de santo para uma marcha em sentido comum, para vencer essa grande lástima do povo escravocrata que infelizmente infectou a Umbanda sagrada com a semente da mentira e adicionou em seus ritos seres folclóricos como se fossem verdades. Cabe agora a nós, pais, mães e filhos, nos unirmos em uma corrente segura de sentido único para combater e defender a Umbanda, as armas já estão em nossas mãos, o conhecimento e a seriedade das nossas atividades são a saída da informalidade e do anonimato, para que toda a sociedade veja e saiba o tamanho da riqueza de valores e virtudes que são carregado pelos braços da Umbanda.

As dificuldades que passamos hoje ainda são herança de uma sociedade aristocrata, que prefere se esconder por trás de falsas promessas e se sujeita a deixar de lado as próprias convicções para mostrar à sociedade uma falsa moral baseada na hipocrisia dos líderes que e escancaradamente não se envergonham de atiçar o seu veneno diabólico inerente a eles para recair sobre a inocência da Umbanda.

Ao falarmos sobre o século XXI, muitos logo apontam esse como a era da tecnologia, da razão e da ampla circulação de conhecimento. Sob tal quadro, fica difícil imaginar que a figura mítica do demônio tenha espaço na explicação do mundo ou no próprio imaginário das pessoas. Entretanto em pesquisas mais recentes têm -se demonstrado que o número de exorcistas, clérigos responsáveis pela expulsão de demônios, credenciados pela Igreja Católica, vêm crescendo de forma impressionante.

De fato, desde que o mundo é mundo, observamos que as culturas ocidentais e orientais elaboram formas de explicar as mazelas que nos afligem. Nesse esforço, a construção de uma figura maligna acaba assumindo os valores morais e comportamentos de menor prestígio em nossa cultura.

Nas religiões cristã, judaica e islâmica, o mal encarna a figura de um indivíduo que se opõe a Deus e busca atormentar a vida de todos os seguidores de tais religiões.

Para muitos especialistas, o desenvolvimento da figura diabólica é fruto das várias dualidades que permeiam o cotidiano do homem. O belo e o feio, a sorte e o azar, o certo e o errado, a vida e a morte compõem jogos em que um lado assume significação positiva e o outro, necessariamente, uma posição negativa. Dessa forma, não se enganam aqueles que acreditam que o universo demoníaco seja um traço singular às três religiões anteriormente citadas.

No século VI a.C., o profeta persa Zoroastro realizou a descrição de um ser chamado Arimã. Segundo as suas palavras, Arimã era o “príncipe das trevas” e travava uma eterna luta contra Mazda, o “príncipe da luz”. Segundo historiadores, esse valor da religiosidade persa acabou sendo incorporado pelos hebreus durante o famoso Cativeiro da Babilônia. Naquele instante, a interação com a cultura estrangeira deu origem ao “satan”, termo que em sua tradução literal significa “acusador” ou “adversário”.

Em um primeiro momento, o demônio hebraico não assume a postura estritamente aterrorizante que reconhecemos no cristianismo. Em várias passagens do Velho Testamento, ele surge como uma espécie de colaborador que recebe a autoridade divina para punir ou testar os fiéis seguidores de Javé. O sofrimento de Jó, que perdeu todas as suas terras e ficou adoentado, exemplifica esse tipo de postura que o demônio assume inicialmente no texto bíblico.

Por volta do século II a.C., a figura do demônio aparece em alguns textos apócrifos da tradição religiosa judaica. Sem assumir uma feição muito bem definida, os demônios são apresentados como seres malignos que desorientam os indivíduos e os levam a cometerem atos deploráveis. No final das contas, o lado

mais sombrio do imaginário religioso judaico esteve concentrado em descrições sobre o fim dos tempos. A fama do diabo apareceu mais tarde, com o aparecimento da religião cristã.

Chegando aos textos do Novo Testamento, autores como São João e São Paulo dedicam linhas e mais linhas em terríveis batalhas em que o Diabo trava uma intensa guerra contra Deus. Nesse instante, de criaturas efêmeras e indefinidas, os demônios passam a fazer parte de uma legião de seres espirituais malignos chefiados por um líder supremo. Em uma dessas batalhas, podemos destacar uma descrição em que Lúcifer e um terço dos anjos são expulsos dos céus.

No início do cristianismo, vários cristãos acreditavam que o demônio assumia a feição dos gladiadores e leões que os trucidavam nas arenas romanas. Somente no século IV, um concílio na cidade de Toledo descreveu minuciosamente o Diabo como um ser composto por chifres, pele preta ou avermelhada, com rabo e portador de um tridente. A partir de então, os relatos sobre experiências demoníacas ganharam força em uma nova leva de narrativas.

Assim, a figura do demônio assumia formas e logo seria portador de uma gênese individualizada. Em 1215, o Concílio de Latrão determinou que o Diabo e os demônios eram criaturas criadas por Deus que, por conta de suas opções particulares, preferiram se desviar da autoridade divina. Nesse contexto, ao mesmo tempo que o inimigo se tornava claramente reconhecido, outras histórias falavam sobre pessoas que se entregavam ao temível lado da obscuridão.

De acordo com pesquisas mais recentes, a disseminação dos cultos aos demônios surge justamente no efervescente século XIV. Em alguns países da Europa, a ordem dos luciferianos pregava a ideia de que o escolhido de Deus era Lúcifer, por este ter sido primordialmente designado como “o anjo de luz”. Na Itália, uma seita conhecida como “La Vecchia Religione” (A Velha Religião) organizava missas em que o pão consagrado era oferecido para os ratos e porcos.

Na Idade Moderna, o demônio era o maior acusado de conduzir as pessoas a praticar os atos heréticos combatidos pela Santa Inquisição. Manuais de exorcismo detalhavam ricamente as manifestações e formas de se expulsar o capeta. Em vários casos, reforçando o ideal de fragilidade da condição feminina, as freiras apareciam em público tomadas por demônios, pronunciando várias ofensas contra Deus e os homens santificados pela Igreja.

Após o Iluminismo, vemos que a preocupação com o demônio ganha uma ênfase menor mediante a disseminação das explicações científicas, principalmente no campo médico. No final do século XIX, a literatura romântica passou a incorporá-lo como um ser que representa a capacidade de o homem raciocinar livremente.

Um dos mais conhecidos exemplos dessa outra significação aparece na obra O Fausto, escrito pelo alemão Johann Wolfgang Von Goethe.

No século passado, a relação entre o demônio e o poder de conquistar padrões acabou sendo sistematicamente explorada na criação de boatos sobre artistas e celebridades do campo musical. Levando também à demonização de outros cultos, como a Umbanda, o Candomblé, culto a Jurema sagrada, entre outros.

“A necessidade que o homem tem nos dias de hoje de se livrar de suas culpas e despojar se de seus pecados acaba por levar uma grande parcela da humanidade à cegueira espiritual, que chega a assustar.”

Gildener Sousa

Capítulo V

Gladiadores e devoradores

Liberdade, transcendência e bidimensional, os três termos que mais se encaixam nas grades litúrgicas da Umbanda, liberdade porque o umbandista precisa ser livre para entender, compreender e se transformar em um ser melhor a cada amanhecer. O bom umbandista precisa estar livre do apego da matéria, praticar o desapego dos seus vícios e combater os questionamentos internos, entre outras questões.

Transcendente porque todo umbandista não se prende a padrões que podem rotulá-lo, o umbandista precisa ser além do seu próprio tempo, não se fechar e estacionar em único viés social ou espiritual, o verdadeiro umbandista não pode estacionar no tempo enquanto a própria Umbanda de refaz a cada dia.

Bidimensional porque a todo instante nós como umbandistas trabalhamos e atuamos em duas dimensões, nossos trabalhos espirituais sempre serão voltados para atender às necessidades do plano BIO e PSICO. No âmbito das atividades para psíquicas e extra espirituais, a umbanda nos leva a dominar as ações nos dois planos da existência básica como conhecemos. Daí a grande necessidade dos estudos aprofundados em tudo que é tocante à Umbanda.

Depois de mais de uma centena de anos, de lutas e libertações, tenho a segura convicção que o destino da Umbanda não depende apenas dos seres de luz do plano espiritual, o futuro da nossa religião depende também de nós, vai depender de como encaramos as coisas agora, vai depender de como agimos em relação a todas as arestas que a Umbanda nos possibilita. Ter um olhar mais apurado e

mais minucioso a absolutamente de tudo que toca e diz respeito a nossa crença é crucial para a sobrevivência da religião e para seu amadurecimento e sua consolidação firme no espaço social.

Zelar como uma joia rara. E depositar a importância que ela representa para nós, olhar, falar e cuidar devidamente da Umbanda será muitíssimo importante para que a Umbanda atravesse os momentos de crise e saia mais fortalecida.

Alguns umbandistas que se deparam com o título deste capítulo podem levar um susto, porque, vivenciando já há muito tempo a caminhada da Umbanda, sobretudo nos últimos anos, é assustador os casos de umbandistas, principalmente de muitos pais e mães de santo da atualidade, fazendo e causando atos que vão completamente contra as ideias umbandistas, e deixo bem claro que este capítulo pode ser uma das mais duros nas colocações.

Certamente a religião de umbanda é uma das mais belas organizações religiosas por diversos motivos, em primeiro lugar pela sagrada referência aos nossos ancestrais e pelo entendimento de um Deus único e supremo, Olorum (Deus), pela adoração e o respeito às forças da natureza, pela grande oportunidade que a Umbanda nos traz de vivenciar as mais belas e fantásticas experiências de contato com o plano espiritual. Esses e outros muitos aspectos que se resumem no respeito completo à vida humana e de todos os seres encarnados e desencarnados.

Manter esse equilíbrio funcionando exige uma grande responsabilidade de nós umbandistas e simpatizantes. Para que toda essa roda de possibilidade se encaixe e funcione com perfeição, é de suma importância a coerência de todos, dos nossos guias superiores de todas as falanges e entidades que labutam diariamente sem cessar e sem medir esforços para alcançar um equilíbrio sadio da Umbanda na sua pluralidade. Cabe também a nós encarnados e praticantes das diretrizes umbandistas zelar pelo patrimônio imaterial das leis de Umbanda. Sabemos a grandiosidade de muitos guerreiros que fazem e já fizeram pela nossa amada

Umbanda, um verdadeiro exército de gladiadores que se desdobram para manter a paz e a harmonia dentro dos terreiros.

Cabe ressaltar sempre a valorosa contribuição de grandes pais e mães que a Umbanda já teve para nos possibilitar toda essa grandiosidade que são as liturgias de Umbanda.

Gladiadores sim, guerreiros, que não fogem a luta, que não abaixam a cabeça e que estão sempre à disposição e prontos para se reinventarem assim que a Umbanda se fazer necessária, homens e mulheres que lutam contra o preconceito, a intolerância e uma grande gamas de desafios que a sociedade impõe diariamente sobre nós, umbandistas.

As grandes batalhas que todos os dias temos que enfrentar para disponibilizar o conhecimento, trazer as informações corretas, para assim ir desmistificando o que o passado e a sociedade julgadora impõem nos nossos primeiros comandante da nave umbandista, uma luta diária contra todo tipo de preconceitos, um mergulho constante nos estudos e na busca de conhecimento para ter que provar que somos dignos de praticar nossa fé, em um país laico. Imagina o esforço que os umbandistas de verdade têm que fazer para provar para a sociedade preconceituosa que as atrocidades que muitos praticam por aí afora não fazem parte dos ritos da Umbanda.

Umbanda é uma religião limpa, pura e com valores que não visam ao conforto financeiro, que não fazem distinção de posição social, que respeitam todos pela sua essência atímica e não selecionam aqueles que pagam mais, a umbanda verdadeira presa pelo apreço da vida em todas as suas obrigatoriedades. A Umbanda pura, levada a sério, não se perde nas encruzilhadas, não se faz acordos, não contraria as leis de Deus, não vai contra o livre arbítrio dos indivíduos.

Os verdadeiros gladiadores da Umbanda somos todos nós, pais, mães e filhos que seriamente se levantam contra todos e contra tudo que vem constantemente no intuito de nos rebaixar. Honrar esses valores, essa virtude de colocar a Umbanda em primeiro lugar é uma demonstração de sabedoria suprema. A força que recebemos dos nossos mentores são ânimos de coragem para todo dia ver a Umbanda mais limpa no horizonte.

Os verdadeiros guerreiros da umbanda são aqueles que lutam todos os dias para arrancar as raízes da demonização dos nossos cultos, para diferenciar os atos de magia negra erroneamente associada a nossos ritos, são aqueles que tentam levar às redes de comunicação as informações de verdade para que não divulguem contradições e inverdades como vemos quase todo dia.

Sabemos que, ao fazer isso, deixamos de lado muitos de nós. Deixamos praticamente nossa vida social, deixamos tudo em segundo plano para evidenciar os valores da Umbanda. E o pior de tudo, poucos se predispõem a ajudar, uns pelo medo de se expor, outros por não quererem assumir a responsabilidade. Com isso cabe aos gladiadores virarem trincheiras no enfrentamento a tudo isso e muito mais.

Mesmo assim ainda temos as liturgias, os rituais, e todas as doutrinas e o aprendizado que precisa ser repassado aos filhos e a toda a comunidade, os cuidados com a consulência, os banhos e energização do plano espiritual de toda casa e dos seus agregados.

Parece ser fácil tudo isso aos olhos daqueles que não estão diretamente ligados às desavenças, às perseguições que todos os dias temos que enfrentar para aqueles descompromissados chegarem no terreiro, ver tudo organizado e no lugar, usar, abusar e muitas vezes ainda sair maldizendo. Os trabalhos não começam uma hora antes das sessões, eles começaram há mais de cem anos e nunca mais pararam.

Por isso não acho exagero o termo gladiador, sinto que é apropriado para as grandes de demandas que enfrentamos sem cessar, sem contar também as demandas geradas pelo próprio corpo mediúnico justamente por essa falta de comprometimento de achar que Umbanda é feita só nos dias de gira. Não vou nem entrar aqui nos âmbitos pessoais que levaria mais três ou quatro capítulos, por esse motivo me atentarei nas observações gerais das minhas próprias vivências e experiências dentro do terreiro.

Os filhos de santo e as consulências, na sua maioria, não têm nem ideia do que seja esses apontamentos, porque a maioria procura a Umbanda apenas para sanar seus próprios problemas pessoais, chegam no terreiro apenas porque precisa melhorar isso ou aquilo, sem se preocupar com todo o universo que precisa ser movimentado, enfrentado e manipulado para seus pequenos problemas, e bastava ter fé em si mesmo, se resolvam, é necessário para que tudo isso venha a ocorrer.

Cabe então para aqueles gladiadores que são os médiuns de verdade, os mensageiros das leis de Umbanda, que tem um olhar mais amplo e mais universal, se atentarem para tal fato. Cabe a esses guardiões da verdade de Umbanda se doarem, não para serem reconhecidos, mas para garantir a continuidade da nossa fé. Entendam, amigos, a Umbanda é muito maior do que os meros olhos da carne conseguem enxergar, para ver a Umbanda verdadeira é preciso olhar com as expressões da alma.

Para falar da Umbanda, não basta ir às giras, não basta ler um livro, não é o bastante apenas pesquisas nas redes sociais, para se falar de Umbanda é preciso conhecer as leis que regem o estado brasileiro, é preciso estudar em profundidade as diretrizes espirituais que regem a codificação de Umbanda aqui no plano físico. Para se falar de Umbanda não é o bastante apenas conhecer a umbanda, é preciso ser a própria umbanda.

E para fazer parte da umbanda, é primordial, é essencial, que antes de tudo você se conheça primeiro, físico e espiritualmente. E não tem outro caminho para nos conhecermos verdadeiramente se não o conhecimento. É imprescindível o autoconhecimento para o entendimento da codificação da Umbanda sagrada.

Na contramão dessa ótica positiva da Umbanda, infelizmente existe uma grande parcela de pais, mães, filhos e simpatizantes completamente desatentos e desequilibrados, eles causam uma afronta à espiritualidade e às diretrizes da Umbanda. Uma grande leva daqueles que erroneamente se dizem umbandistas, praticando atos de bruxarias, de magia negra e uma grande e vasta lista de atitudes que envergonham e deturpam todos os ensinamentos da nossa Umbanda sagrada. Verdadeiras violações às leis divinas e as sagradas, mensagens e diretrizes da umbanda são cometidos por esses desavisados e despreparados. Verdadeiros abutres, magos negros ou kiumbas encarnados que distorcem, vandalizam e jogam na lama as origem e os esforços de uma religião tão perfeita como a Umbanda.

Os chamados devoradores da verdade e do bom senso, pessoas mal-intencionadas, leigos das normas religiosas, seres de almas mergulhadas na escuridão, espíritos atormentados pela própria ignorância que vagueiam maldosamente sobre a terra causando verdadeiros desastre à fé alheia. Espíritos impuros que visam a qualquer custo se darem bem, que vivem enlouquecidos a fim de arrancar dinheiro dos desavisados, dos perdidos na fé e daqueles de semelhante vibração. Devoradores de conhecimentos, artifícios da maldade que envergam nas trevas e que têm sem dúvida nenhuma uma grande parcela de responsabilidade dos percalços que a Umbanda tem sofrido e continua dia após dia sofrendo.

Pais e mães que escancaradamente, sem nenhum pudor, vendem falsos milagres, vendem o nome de pureza da Umbanda num verdadeiro mercado clandestino da desordem, pais e mães que contaminam as sagradas virtudes dos guias de luz para encherem seus bolsos através dos desequilíbrios dos fragilizados e dos que sintonizam com essas mesmas energias.

Covardes e leigos da espiritualidade que vivem para manchar o nome da verdadeira Umbanda com promessas vãs, que vivem falsamente vendendo o futuro em oráculos da vergonha, devoradores que picham as verdadeiras vertentes da Umbanda num vergonhoso banco de recompensas para si mesmos. Mercadores sem escrúpulos que praticam rituais desconexos e sem fundamentos algum, em âmbitos da sexualidade, com posturas tão desavergonhadas que chagam até a praticar sexo com o famoso cliente, supostamente incorporado, para resolver os problemas daquelas pessoas. Feituras de amarrações descabidas que vão contra tudo que a Umbanda prega e acima de tudo em confronto com a lei do livre arbítrio. Uma enxurrada de descompasso que freia todo o gigantesco movimento das umbandistas sérios no rigor de mostrar a Umbanda no sentido original e puro, um turbilhão de cargas energéticas que atrasam e aniquilam o bom senso e a verdade da espiritualidade.

Cavalo, um cavalo descabido, no uso figurativo da palavra, uma muleta dos destinos, uma trava na evolução, médiuns duvidosos que incorporam espíritos das trevas kiumbas, magos negros e toda sorte de obsessores que usam essas médiuns de mente fraca e que não se importam com as leis de Deus e com o próximo, para sair por aí usando nomes de entidades de luz do panteão da Umbanda, para se aproveitarem da força de seus nomes e usurparem a fé alheia.

Não é difícil de encontrar “médiuns” no sentido figurado, fingindo estar incorporados, com exu (tranca ruas, maria Padilha, sete encruza e por aí vai). Fazendo verdadeiras orgias, praticando atos de tão grande negatividade que espalham o ódio, a má visão da Umbanda, e que infelizmente esses atos trazem para a Umbanda uma responsabilidade que não é dela e acaba assumindo uma dolorosa culpa por causa desses mentirosos da espiritualidade.

Facilmente se encontram cavalos, se dizendo incorporados por Maria Padilha, Maria Molambos etc. Trazendo um arquétipo de prostitutas, de mulheres vulgares com promessas de arrumarem homens ou mulheres para satisfazer seus egos sexuais. Uma afronta a uma linha de trabalhadores de Umbanda que são

manifestadores da luz, da verdade e da ordem. Uma banalização da fé e da verdade umbandista.

Jogos de cartas, desenfreados em nomes de ciganas e ciganos, levam e já levaram muitos após revelações mentirosas e desconexas até mesmo a cometerem suicídio, fora os que perderam a sua fé por causa de médiuns trabalhadores das trevas santos devoradores da verdade.

Vivenciando experiências há anos como sacerdote, posso afirmar que não precisa ir longe para comprovar essas e outras citações muito piores, basta se virarem, basta olhar ao seu lado, ao nosso redor está infestado desses seres, basta abrir quaisquer páginas nas redes sociais que qualquer um pode comprovar as minhas indagações.

É com muita preocupação e temor que observo essas práticas descabidas e desonrosas com a Umbanda. A facilidade com que as pessoas querem assumir uma casa, montar um terreiro sem nenhum preparo, sem nenhuma estrutura espiritual, sem nenhum conhecimento, é assustador.

Médiuns que não se importam com o futuro da religião que vivem para saquear consulência, por perturbar a ordem natural das coisas, se precipitando, se autodeclarando sacerdotes, se apossando sem nem se dar conta de uma armadilha perigosa do baixo astral.

Não precisamos ir longe para ver em terreiros todo tipo de sacrifícios de animais, uma verdadeira matança desenfreada e sem sentido algum em nome de guias de luz da Umbanda, um derramamento de sangue inocente por uma suposta conquista desmerecida, uma agressão à natureza física e uma abominação às leis sagradas da Umbanda. A cura na Umbanda é dada e atingida por atos, por livre arbítrio. E por merecimento, por ganho de consciência de si próprio e não com a

matança de animais.

Os oráculos são artifícios da astrologia sintetizada, que em nada tem a ver com a Umbanda, nem cartas, nem búzios, nem adivinhações de sorte algum de oráculos são instrumentos de trabalho da Umbanda. Ela trabalha com o melhoramento merecido e continuado do ser, na retidão dos seus princípios. Oráculos são saltos no tempo que te impedem de vivenciar e aprender com a própria vivência. Além de ser um risco mortal a sua vida pelas interpretações por pessoas mal-intencionadas, que visam ao dinheiro, se há uma cobrança, é obrigatória que tenha uma resposta à altura da procura, justamente onde moram a armadilha e a confusão com a mistura desavergonhada com ritos de Umbanda.

Você pode até pensar: mas é o que mais se vê por aí afora, umbandistas recorrendo às cartas e búzios dentro da Umbanda. Sim, é que mais se vê por aí, porém temos que ter o cuidado para não misturar, nada impede que umbandistas recorram a esses artifícios, que são técnicas de astrologias, porém precisam ser desassociadas de ritos da Umbanda. Quando joga cartas com auxílios de uma suposta entidade para ganhar dinheiro ou para se aparecer no meio como o melhor pai ou melhor mãe, isso não pode ser caracterizado como ritos de Umbanda.

O que mais acontece é falta de estudo e de conhecimentos de novos pais e mães que não se preocupam com o bom andamento da Umbanda. Não se preocupam em aprender e ensinar seus filhos, levando informações desconexas e sem fundamento algum na teologia de Umbanda.

Nos novos rumos que a Umbanda está caminhando, com todos os aspectos das tecnologias, a nossa Umbanda ancestral certamente corre um sério risco de perder ainda mais suas origens fundamentais nesses novos tempos virtuais.

Uma triste realidade que a cada dia a nossa Umbanda está sendo associada a práticas controversas e sem fundamentos. Fica o alerta para todos os umbandistas que procuram terreiros sérios e que seja coerente com as leis da Umbanda.

Mesmo sabendo que a Umbanda é composta por elementos de várias religiões e culturas e ainda cada dia que passa novos elementos são adicionados, é preciso esclarecer que a Umbanda tem sua ideologia e sua cosmogonia singular que precisa ser levada em consideração para não nos perdemos nos caminhos da espiritualidade. Ser umbandista exige uma dedicação muito grande e constante nos parâmetros do conhecimento, pois a Umbanda se reinventa a cada novo amanhecer. E aquele que não consegue acompanhar a renovação da Umbanda não consegue cultuá-la com coerência responsabilidade.

“ Aquele que busca os caminhos da umbanda, mas não consegue desprender dos seus, não caminha na umbanda apenas vagas perdidos nas estradas”.

Gildener Sousa

Capítulo VI

Contemplação sagrada

“Tenha cuidado ao visitar a umbanda pela primeira vez,

você pode se apaixonar eternamente por ela.”

Autor desconhecido

Seria tão maravilhoso se todos vissem a Umbanda com os olhos que eu vejo. Todas as perseguições e toda ordem de preconceitos e intolerâncias desapareceriam do seio social. Muitas são às vezes que as pessoas deixam de conhecer a Umbanda por causa das falácias sociais, por medo das famosas macumbas, quantos e quantas deixaram de participar de um centro de Umbanda por causa do preconceito enraizado da família, dos amigos das instituições públicas e privadas em que trabalham.

Quantos e são numerosos os casos em que as pessoas preferem não visitar por terem uma ideia completamente errada das crenças umbandistas. Muito dessa culpa foi descrita no capítulo anterior pelos falsos umbandistas que jogam para a Umbanda sua visão distorcida e acabam juntando com toda a gama de pejorativas e demonizações que as religiões majoritárias já despejaram sobre nossa religião. Assim as pessoas acabam por terem medo da Umbanda, por acreditarem erroneamente que se trata de uma seita satânica de adoradores do diabo.

Não é muito difícil de se ver, inclusive até mesmo por próprios umbandistas que chegam a falar que a Umbanda não tem livro sagrado, que divide a Bíblia com os cristãos, e por isso muita gente não vai a Umbanda por não ter um livro sagrado e não ter uma teologia própria. Um verdadeiro engano e um absurdo de se pensar assim.

Se o catolicismo e os cristãos de modo geral seguem a Bíblia, os muçulmanos seguem o Alcorão, o judaísmo segue o Torá e assim por diante, como uma religião como a Umbanda não teria um livro próprio para estabelecer suas ideias e as normas de crenças? São essas indagações de muitos por aí afora. Às vezes nem nós como umbandistas não nos damos conta da riqueza da Umbanda, em todos os seus aspectos.

O livro sagrado da Umbanda é o livro mais admirado e mais perfeito que há entres os livros sagrados, pois o livro sagrado da Umbanda não foi feito por nenhum homem em nenhuma época remota da história. O livro sagrado da Umbanda foi esculpido pelo próprio Deus. O livro sagrado dos umbandistas é a própria NATUREZA.

Não há outra fonte de conhecimento nem de oportunidade de completar as maravilhas de Deus do que a própria natureza. Uma fonte inesgotável de sabedoria e aproximação de nós seres humanos com as espiritualidades e a divindade celestial.

Contemplar o sagrado da natureza nos permite caminhar pelos caminhos edificadores para nossa alma, saber ler esse livro na sua abundância é se transportar para dentro dessa fantástica viagem celeste, que nos permite sentir todo o seu pulsar.

O livro sagrado da Umbanda não traz revelação teocêntrica nem direciona para

essa ou aquela raça superior de vida, esse livro é direcionado a todos os seres que habitam neste e nos outros planos. São de interesse de todos os seres com as suas mais diversas condições de vida.

Quando um filho de Umbanda precisa entender as normativas de Oxóssi, adentra nas florestas para sentir a pujança dos caboclos, ali o filho toma posse no ludibriar fertilizante da vida vegetal, e extrai o alimento da sobrevivência da vida em sua plenitude. Quando o filho precisa de explicações da mãe Iemanjá, ele se joga nas águas da sabedoria, com o mesmo respeito como se estivesse paginando as folhas dos livros sagrados solidificados em papiro.

Sempre que o umbandista requer uma leitura do nosso livro sagrado, ele entra em contato com uma parte da natureza, pois todas as respostas estão dentro dela, ou seja, tudo que precisamos é olhar para a natureza e começar a olhar a parte que fica dentro de nós em primeiro lugar. As maravilhas desse livro sagrado que não são exclusividades da Umbanda, mas de toda a vida nas suas manifestações mais diversas.

Como são gratificantes os raios da manhã, poder sentir esse suave calor que aflora a vida no plano, como é salutar contemplar as estrelas na imensidão dos universos.

Como é reconfortante mergulhar nas cachoeiras e se refazer em todo sentido, como é enérgico subir a pedreira de Xangô e beber o bálsamo da justiça. Como são latentes as batalhas vencidas com o auxílio de Ogum. E ser curado com a medicina de Obaluayê.

Contemplar o sagrado da Umbanda é se encher de vida nova a cada amanhecer, são fortalecedores o perfume das flores, a brisa do mar, o silêncio da noite e o agito dos dias. O livro sagrado não pulsa só nos contatos naturais, mas também

nos meios artificiais e em tudo que há, pois provém da natureza, e somos parte tanto quanto todas as outras coisas desse sagrado livro universal.

Para aqueles que não conhecem a Umbanda, recomendo olhar em volta, pois tudo que há é a Umbanda na sua mais pura manifestação. Ser Umbandista é contemplar toda a vida em sua plenitude.

“ Ser umbandista é saber interpretar as fontes da natureza e compreender que somos parte dela. De modo que conseguimos viver e respeitá-la na sua infinita abundância”.

Gildener Sousa

Capítulo VII

O véu da ignorância

Somos o que mentalizamos e nos aproximamos daquilo que vibramos. Para ser, falar e representar a Umbanda, não bastam títulos nem formações sacerdotais, ou cargos de lideranças dentro das casas umbandistas. A Umbanda é canal fluídico que nos levas para todas as direções, zonas de existências e influências físicas e espirituais nas infinitas esferas de sustentação cósmicas e tem um amplo campo de atuações bidimensionais e uma complexa e fantástica interação dos mundos e dos seres.

Quando nos achegamos à Umbanda por qualquer motivo que for, precisamos acima de tudo lidar com nossos próprios demônios, teremos que confrontar com as nossas próprias inclinações e reconhecê-las como necessárias canalizações de mudança e transcendência de nossas almas. Encarar com naturalidade a dualidade e a eternidade da vida se faz obrigatório para seguir nos campos férteis da Umbanda.

Nem tudo são flores quando começamos a lidar com os nossos próprios defeitos, quão difícil é enfrentar nossas próprias imperfeições, como dói ter que assumirmos que somos falhos e ignorantes perante a vida que pulsa em nós e tudo ao nosso redor.

Como é doloroso parar de apontar algum culpado pelas nossas fraquezas e reconhecer que é inerente a nós mesmos, como podemos nos confundir ao buscar a Umbanda achando que tudo vai ficar bem e de repente tudo vira de pernas para o ar, porque isso acontece.

Essas e outras indagações pertinentes à Umbanda é que vamos discorrer neste capítulo.

Quase sempre estamos tão ligados aos nossos problemas e às preocupações pessoais que não nos damos conta da grandeza da Umbanda que nos rodeia. As nossas necessidades são tão prioritárias na nossa corrida terrena que na maioria das vezes esquecemos que tudo tem os dois lados, a dualidade da existência em tudo na vida. Quantas e quantas vezes fui e sou o tempo todo procurado por pessoas de outras crenças e até da Umbanda mesmo, desesperadas esperando um milagre no casamento, uma abertura de trabalho urgente e outras demandas tão fora da realidade que nem preciso citá-las aqui.

Muitos chegam à Umbanda e acham tudo lindo, se encantam no primeiro momento e logo depois vão embora. Porque as pessoas querem resultados imediatos, e não querem esperar o seu tempo, querem tudo que julgam merecedor sem claro ter esse merecimento. Aí se decepcionam, provavelmente foi para a Umbanda ouvindo a sociedade julgadora: vai lá que eles fazem uns trabalhos e você acha o que está precisando. Chegando lá descobre que não é bem por aí e sai atrás daquelas promessas falsas, pulando de casa em casa, de gente que não se preocupa com o nome da religião, muito menos seus ritos sagrados, e com uma cobrança desregrada sai fazendo toda sorte de sacrilégios enganadores.

“A Umbanda é forte para gente forte, ou seja, a Umbanda é séria para a gente séria.”

(autor desconhecido)

Força, é uma boa definição do aspecto geral dos cultos de Umbanda, tal como conhecemos. Ser um médium de Umbanda, ao contrário do que muitos pensam, não é só colocar o branco, se encher de guias e brajás e sair por aí bebendo, fumando e girando nos trabalhos, sem saber o motivo verdadeiros das giras, sem saber que tipo de entidades está recebendo ou até mesmo qual a finalidade de tudo isso, fica apenas se lançando no achismo que é uma sentença de muitos médiuns de Umbanda.

Caros amigos e amigas, para ser umbandista de verdade, com a seriedade que ela exige, é preciso perder o medo do desconhecido, é preciso se entregar sem medo das mudanças, sobretudo aquelas que passamos a vida empurrando com a barriga, protelando e esperando o momento certo. É preciso cortar as amarras da ignorância e nos jogar nos novos ventos das descobertas. Para ser um umbandista de verdade é preciso despir-se do véu tradicional dos dogmas impostos às nossas limitações, é preciso se reconhecer como único e capaz de ser aquilo que quisermos, quando quisermos. Precisamos parar de achar que apenas aquele fulano ou aquela sicrana é capaz de feitos tão grandiosos e que eu devo apenas seguir, porque eu não consigo alcançar tão belos feitos.

A Umbanda te obriga a fazer um mergulho dentro de você mesmo. Ela nos confronta diariamente com nossos maiores medos e temores, ela nos mostra que só através do autoconhecimento seremos capazes de nos reinventar para redirecionar nossas vidas nos rumos da evolução.

Temos que ter a capacidade de nos refazer sempre que necessário, precisamos entender que a vida é uma oportunidade de nos conhecermos para depois conhecer o próximo. Temos que encarar as lutas e desafios com a certeza de que tudo é preciso para que possamos amadurecer e vencer nossas próprias sombras.

Cortar o véu da ignorância é nos permitir mergulhar em algo novo, é poder tocar com mais suavidade as nossas intimidades, rasgar o véu da ignorância é tocar com a alma nossa ancestralidade e reconhecer seu valor em relação a nós mesmos. É experimentar uma nova experiência sem igual. Cortar o véu das ignorâncias é arrancar as peias que privam a nossa evolução, é soltar nossos

pensamentos para que sejam autônomos, é poder fazer nossas próprias escolhas e nos responsabilizarmos por elas.

Vivemos presos a dogmas e normas sociais mantidas por interesses políticos e religiosos, que têm o foco de nos conduzir para onde lhes for cômodo. Se libertar desses regimes é dar a alforria aos próprios pensamentos e dar voz às suas próprias escolhas.

Como é triste, às vezes, tachar a Umbanda como uma religião simples e que não precisa estudar, como vejo da boca de próprios pais de santo e promessas de futuros pais também. É com urgência que a Umbanda pede que seus praticantes abram sua mente para o que verdadeiramente é a Umbanda, pois ela se trata de uma complexa cadeia de ligações dos planos físico e espiritual, de uma maneira tão singular e tão própria que, por mais que estudemos, jamais dominaremos essa fantástica fábrica de conhecimentos e mudanças de posturas.

Uma ciranda entre a espiritualidade e a barreira terrena que nos permite a entrar em contato com as heranças dos nossos ancestrais e com a compreensão de nossa própria existência. É preciso fazer uma viagem mais profunda no nosso íntimo e começar ver a Umbanda do micro para o macro e não ao contrário. Ignorância é pensar que a Umbanda é simples, ela nos leva a uma verdadeira mudança de vida. Claro que para isso temos que estar aptos, dedicados e dispostos.

Quando quebramos o véu da cegueira espiritual e começarmos a ver a Umbanda com um olhar mais minucioso, veremos a grandeza desabrochar nas nossas vidas de uma forma tão própria e sublime que isso contagia nosso ser por completo numa vasta planície de conhecimentos e satisfação. Nunca mais seremos os mesmos a partir do momento que nós entregamos à verdadeira fé da Umbanda sagrada.

A Umbanda nos leva a navegar nas nossas intimidades e entrar em contato com o passado de nossas almas de uma forma segura e sutil, de nos manter equilibrados.

A Umbanda é muito mais que uma sessão de giras nas sextas-feiras, é muito mais do que fazer uma oferenda nas encruzilhadas, voltar para nossas casas e esperar o resultado. A Umbanda é por si só uma mudança de comportamento na nossa vida, uma oportunidade de fazer uma faxina interna e de descobrir como realmente somos no nosso interior.

Viver de verdade a Umbanda é livrar-se das cargas pesadas que nosso espírito traz de vidas passadas e que se arrastam no plano físico. É viver para despedir-se do invólucro da soberba e aprender a caminhar com a dignidade que nossas almas almejam.

Vencer o véu da ignorância é se entregar para uma vida sábia, galgadas as práticas da caridade e bondade.

O mundo que nos cercam é um emaranhado de zonas e planos espirituais com frequências energéticas diferenciadas que se conectam, mas não interferem em suas relações, ao menos que o indivíduo aja. Temos que baixar ou subir nossa zona de frequência para nos comunicarmos com outros planos. E para que isso ocorra com segurança e sem interferir no livre arbítrio tanto físico como espiritual é fundamental o conhecimento das leis da Umbanda.

Temos por obrigação, por ser umbandista, sermos multiplicadores das leis e da verdade umbandista, precisamos tomar posse de nossas responsabilidades como formadores de opiniões e arregaçar nossas mangas em prol dos estudos dos conhecimentos para que possamos ser uma ponte, um elo, um transmissor, um mediador das mensagens de luz dos seres supremos.

É nossa obrigação, quando nos afirmamos umbandistas, curar as nossas cegueiras, parar de olhar para nosso próprio umbigo e achar que já sabemos de tudo, só porque leu algo na internet ou um livro qualquer ou fez algum tipo de ritual dentro do terreiro.

Conhecer o mundo que nos cerca, sobretudo o plano espiritual, é matéria obrigatória para todos, dessa forma iremos aos poucos desmistificando e quebrando as barreiras do preconceito e da ignorância generalizada em relação à nossa linda e bela Umbanda.

“ Quebrar o véu da ignorância é reconhecer que somos parte de um universo vasto de possibilidades. É saber que cada um de nós é um próprio universo sobre outros e dependentes uns dos outros por afinidades e necessidade.”

Gildener Sousa

Capítulo VIII

Sacerdotes

Sacerdote, quando a gente ouve ou se depara com uma figura com esse codinome, de cara já associamos a uma pessoa santa, sem pecados ou alguém além da nossa compreensão. Quando olhamos para um sacerdote, logo imaginamos uma oportunidade de melhorar os nossos problemas. Quando entramos para um centro de Umbanda, de imediato a primeira figura a ser observada sem dúvidas é do sacerdote ou sacerdotisa.

Quem é o sacerdote dentro da Umbanda? Certamente, durante a minha jornada dirigindo um centro umbandista, pude experimentar diversas realidades no tocante ao sacerdote. Expresso neste capítulo um pouco das minhas próprias experiências e observações do meu campo de visão referente ao sacerdócio dentro da Umbanda, deixo claro que todas as colocações são unicamente para compartilhar minhas vivências e no intuito de chamar atenção de todo povo de axé para a importância dos estudos e do conhecimento dentro da Umbanda. Não se tratando de uma obra sintetizada na teologia de umbanda, mas sim minhas próprias observações.

Sacerdócio na umbanda é fonte de renúncias constantes. Pois o sacerdote é o sacrificador, o intermediário, aquele que facilita a nossa abordagem espiritual. O papel do sacerdote é de orientar e conduzir o fiel nos caminhos da vida para o encontro da nossa própria fé.

Na Umbanda não é diferente, o sacerdote tem um papel importantíssimo dentro dos terreiros. Na crença da Umbanda, todo sacerdote ou sacerdotisa faz a função

de pai ou de mãe, são os ouvintes, a palavra amiga, o consolo, o sacerdote sempre acaba sendo uma referência para a tomada de decisões. Se torna o ombro que ampara, que orienta e, em uma forma geral, acaba sendo além de orientador espiritual um conselheiro para todas as situações no dia a dia dos membros da casa.

Em uma visão mais apurada, quando o médium tem seu momento de fazer essa decisão de se tornar um sacerdote de Umbanda, muitas são as questões que devem ser levadas em consideração. Ser sacerdote de Umbanda atualmente não tem sido uma tarefa fácil, levando em consideração o que se tem hoje para uma formação sacerdotal. Particularmente vejo com muita preocupação os rumos que muitos dirigentes estão levando a Umbanda, a partir do momento que você se torna um formador de opinião, temos que tomar muito cuidado para não jogar a Umbanda na lata do lixo.

Quase a totalidade dos médiuns, filhos e filhas de santo de qualquer casa de Umbanda que for, não consegue mensurar o tamanho da entrega de um sacerdote, a correria e o egoísmo reinam absolutos nesses casos. A maioria dos filhos não enxerga tudo que um pai e uma mãe de santo sério têm que abrir mão para assumir esse compromisso com a religião. Deixar sua família em segundo ou terceiro plano, para se dedicar quase que exclusivamente para atender às demandas e às necessidades dos filhos. Na grande maioria das vezes é preciso largar da profissão, abandonar o emprego, passar a viver com o pouco que aparece no terreiro. Geralmente às custas de bazar e outras doações.

Olhando mais de perto, com um olhar sacerdotal, pude observar bem mais nesses últimos doze anos de sacerdócio as frases mais comuns dos médiuns com o seu sacerdote, “pai estou precisando agora” está entre muitas que conotam a afirmação do ego e é uma das mais utilizadas, o filho chega na casa quase sempre carregado de problemas, conflitos e muitas decepções, quando já vem de uma outra casa com costumes e liturgias diferenciadas. Então tudo são flores e essa demanda aumenta no mesmo nível que vão aumentando os filhos na casa. Sempre os seus problemas são maiores, mais urgentes, não se preocupam com

hora nem dia, não importa se o sacerdote pode, se está bem de saúde ou naquele momento ele se resguarda para sua família, a necessidade dos filhos sempre vem primeiro. Tudo tem que ser resolvido na hora.

Uma questão bem recorrente é a obrigatoriedade de saber de tudo e na hora que é questionado, como se o sacerdote fosse uma fonte inesgotável de saber e que, por ele ser um pai ou uma mãe de santo, tem a obrigação de saber de tudo, sanar as dúvidas dos seus filhos e muitas das vezes tem que bater com a sua postura e forma de ver as coisas, se o pai fala o contrário gera ali um dilema. Nem sempre os filhos querem esperar o tempo certo ou porque segue outro pai de santo na internet passa a não querer seguir as normas do terreiro, porque acha que a visão do pai de santo da internet, que não tem nada a ver com ele, é mais certa do que aquela do terreiro que o estendeu a mão e o ajudou e continua a ajudar nas necessidades do dia a dia. Isso se chama egoísmo e ingratidão e falta de sensibilidade com o sacerdote que renuncia a tudo para o seu bem-estar. É muito comum, quando isso acontece, o filho virar as costas para o terreiro e sair sem nenhuma gratidão, sair arrotando arrogância e sempre se vitimizando e causando desavenças entre os irmãos de axé.

Isso acontece claramente porque a maioria dos filhos não quer se entregar aos estudos, não busca se familiarizar com as necessidades que casa tem e não busca o bem comum. Quantas são as vezes e não são poucas que o pai de santo precisa engolir calado tantos desaforos e afrontas, pois o pai de verdade sabe que tudo aquilo é falta de amadurecimento e de auto espiritualização e, em vez de expulsar o filho ou envergonhá-lo, um pai sério de verdade dá outra oportunidade de crescimento. Mas claro que a decepção às vezes é grande, mas a fé e a missão de um sacerdote é mais que isso tudo.

Ser sacerdote é cumprir uma missão abençoada, tem sim seus percalços, mas a satisfação nas realizações de um bom trabalho e ver a esperança nos olhos das pessoas é o combustível que move um sacerdote de Umbanda, pois ao contrário do que muitos pensam ser sacerdote na Umbanda não pode ser encarado como status ou uma grandeza que o separa dos mais. Fico muito entristecido ao ver

sacerdotes egocêntricos que se acham o dono da verdade, que se comportam com arrogância e que acham que são mais importantes do que os filhos. Para ser um bom e sério sacerdote de Umbanda, primeiro de tudo, é preciso conhecer a própria Umbanda e incorporar os arquétipos de seus princípios e bases de sustentação.

É verdade que a sociedade infelizmente está cheia de falsos sacerdotes, que não prezam pela verdade da Umbanda, que não têm conhecimento dos ritos sagrados da religião e que saem criando formas e fazendo atos que não podem ser encarados como ritos umbandistas. Aqueles que se dizem pais e mães de Umbanda, que vivem a distorcer as diretrizes sagrada da Umbanda, que se infiltram na religião para ganhar dinheiro, exploram a fé alheia chegando ao cúmulo de chamar os fiéis que vão ao terreiro para buscar um conforto espiritual de clientes, se sujeitando a trabalhos de toda ordem negativa e covarde, um verdadeiro crime contra as diretrizes de uma fé que não pertencem e não compreendem o verdadeiro trabalho da umbanda.

O que leva um sacerdote a adotarem tais práticas que vão contra todas as liturgias da Umbanda? Na minha pequena opinião, são levados pelas facilidades que as redes sociais oferecem a pessoas não comprometidas com a fé genuína da Umbanda e a dificuldade que os médiuns que são guiados pelo estrelismo têm de seguir hierarquias. Então se aventuram, se autodeclarando sacerdote, sem nenhum amparo nem formação. Uma forma perigosa de empregar uma falsa Umbanda. E infelizmente esses falsos sacerdotes acabam por vender uma falsa esperança e manchar ainda mais uma religião que não aguenta mais ser tratada como elemento de troca e barganha por espíritos zombeteiros desencarnados e encarnados também.

Mas deixando de lado esse viés assombroso da ignorância de certos sacerdotes, o que leva um sacerdote sério, mesmo presenciando tais atos, a seguir em frente com sua missão e não desanimar com a fé. Tenho alguns pontos em evidência.

Primeiro a satisfação de ajudar o próximo, um sacerdote de Umbanda vive para poder estar sempre de prontidão para servir todos aqueles que o procuram. A alegria e o bem-estar que sentimos quando podemos ser úteis para nossos semelhantes não têm preço. São as mudanças que vamos acompanhando nos filhos, as melhorias que vão se concretizando no passar dos dias. E acima de tudo a fé. A fé que move e faz passar por cima de tudo, do preconceito, da intolerância. A fé que faz com que suportamos e acolhemos novamente no nosso seio familiar e espiritual aqueles que nos jogaram pedras e foram ingratos no passado.

Saber lidar com esses problemas faz com que você amadureça e tenha mais sensatez nas decisões e no bom andamento da casa. Sem dúvida o estudo e o conhecimento das leis da Umbanda e um vasto conhecimento da espiritualidade no geral fazem toda a diferença quando esses pontos chegam até nós.

Executar o ofício sacerdotal dentro da Umbanda é uma grande responsabilidade, que agrega uma grande felicidade, ser agraciado com as manifestações da espiritualidade todos os dias e cada dia você poder testemunhar as ações benéficas dos nossos guias espirituais não tem preço é libertador. Ser sacerdote é ser privilegiado com as bênçãos dos orixás todos os dias. São tamanhas a gratidão e a satisfação que não há adversidades que venham abalar nossa fé na Umbanda.

A Umbanda traz em si uma revelação íntima para seus seguidores, que é a oportunidade do autoconhecimento e assim uma chance de reparar nossos erros e levar nossa vida regrada à mudança e ao desapego das coisas materiais. É poder contemplar a paz e a harmonia que os mentores trazem em nome dos orixás, é se sensibilizar com a natureza.

A missão de repassar os ensinamentos e a divulgação das diretrizes da Umbanda estão nas mãos dos sacerdotes que levam a sério sua missão e saem em busca de sempre estarem se renovando e buscando ferramentas para que as mensagens da

Umbanda cheguem com toda sua verdade e sutileza a cada vez mais pessoas. E o sacerdote tem a obrigação de honrar com esses requisitos ao se lançar nessa jornada.

"O sacerdócio da umbanda é como um véu, só quem conhece os seus dois lados pode verdadeiramente vivenciá-lo."

Gildener Sousa

Capítulo IX

Problemas domésticos

Limpeza? Lavar banheiros para os outros? Eu, um médium, que já passei por vários rituais de formação dentro do terreiro, entregar senhas? Você acha mesmo que é para isso que me esforço tanto? Não vou desperdiçar o meu tempo que é valioso para servir de serviçal para gente que nem conheço. Já sou médium de atendimento, deixo esses servicinhos para os novatos.

Justificativas como essas são cada dia mais comuns nos terreiros de hoje em dia. São tantas que não caberiam em um único capítulo. A imaturidade e o desconhecimento das leis de Umbanda e a fraca formação mediúnica por faltas de estudo e humildade levam cada vez mais médiuns a se aventurar por esses enganos todos os dias nos terreiros afora.

Nestas linhas que se seguem, colocarei um assunto muito corriqueiro e bastante polêmico nas casas de Umbanda. Serão posições minhas observadas nas minhas próprias vivências dentro dos terreiros nesse período de sacerdote e dirigente de uma casa umbandista. Não tenho a pretensão de ser o dono da verdade, mas minhas observações podem ser a de muitos pais e mães nesse exato momento da lida de nossas casas.

Sempre que chega um médium novo na casa, sempre se mostra atencioso, prestativo, disposto e pau para toda obra. Porém com o passar do tempo, quando as oportunidades de fazer algumas preparações mais profundas ou quando o médium recebe a oportunidade de fazer seus recolhimentos e iniciações pertinentes a sua evolução para que ele possa atuar com mais presença e

constância nas atividades da casa, muitas vezes esse médium perde essa grande oportunidade para a vaidade e a arrogância. Às vezes ele não consegue deixar de lado certas inclinações da sua vida e acaba por evidenciá-las ainda mais, sendo certamente o início do declínio daquele médium. Sim, porque muitas são as vezes que essa oportunidade é dada para certos médiuns. Com o contato da espiritualidade e com uma obrigação, com fé, esses médiuns acabam por entender o que realmente vale apenas dentro e fora de um terreiro. Mas muitos não conseguem, preferem se autoproclamar que sabem tudo e não precisam mais de nada porque é o melhor em tudo.

E assim as atividades domésticas do terreiro são deixadas de lado. Não é mais importante participar dos estudos, não é mais preciso limpar o chão, não é mais tarefa sua se preocupar com a limpeza da casa, com os utensílios de trabalho coletivo, agora ele tem uma mala com as suas próprias coisas que ninguém mais pode tocar porque são materiais de trabalho dos seus guias, isso mesmo, dos seus guias, agora é assim que os chama, “meus guias”.

Sendo levado pelas vaidades e pelo egocentrismo, certamente esse médium, já que não tem mais tempo para os estudos básicos, não pode frequentar a casa em outros momentos em que a mão de obra pesada é obrigatória, pois tem seu trabalho, tem sua vida e já faz muito em chegar nos dias de consulência para incorporar o seu guia e trabalhar. Começa a observar mais a vida dos seus irmãos do que a sua própria, começa agora a dar conta das faltas de todo mundo até daqueles que ele gostava, pois agora todos não sabem trabalhar direito, ninguém agora é bom o suficiente para ele, nem aqueles que quando ele chegou na casa já fazia aquele trabalho há anos, não serve mais, pois ele faz melhor. É por isso que o pai de santo só o chama para executar todas as funções em qualquer atividade importante dentro do terreiro. E ainda como se não bastasse, faz questão de evidenciar isso e ainda dizer abertamente que fulano e sicrano não participam porque são médiuns fracos.

Assim ele fica tão envolto aos próprios acontecimentos da vida alheia que esquece a sua própria. Chegando agora a ter que lidar com diversas contendas

entre os irmãos e agora ele consegue se achar melhor e às vezes mais importante do que o próprio pai da casa que lhe acolheu e lhe ensinou tudo que sabe, chegando muitas vezes a questioná-lo publicamente e com um ar de soberania e desdenha no intuito de provar para si mesmo que agora ele sabe até mais que seu próprio pai de axé.

Os problemas domésticos dentro dos terreiros, como foi citado, são de longe um dos maiores problemas a ser enfrentado por todos dentro dos terreiros, pois a arrogância e a falta de humildade de muitos tentam transparecer que a Umbanda é como uma casta, em que uns são melhores e outros menores, um grande engano. Quando um médium tende a trilhar por essa abordagem, ele corre sérios riscos.

Certamente esse médium, quando não compreende o que significa verdadeiramente ser umbandista, em vez de evoluir, ser mais caridoso, mais humilde, ele passa a exalar egoísmo e isso fica nítido nas suas ações dentro e fora do terreiro. E assim todos começam a perceber sem nenhum dó, ele agora começa infelizmente a sofrer fortes quedas dentro do grupo mediúnico que ele frequenta. Então tem que escolher. Ou aceitar que errou, que foi uma escolha muito errada que fez, se arrepender e pedir desculpas e aceitar as consequências. Ou infelizmente a permanência dele ali fica insustentável.

Então, diante disso, o que fazer para se evitar problemas como esses dentro dos terreiros. Os estudos e o conhecimento das leis de Umbanda já dariam um começo. Mas não é o suficiente. Para ser um bom médium de Umbanda, o filho de axé tem que ter acima de tudo o seguinte: caráter de personalidade, ser caridoso e acima de tudo estar apto a aceitar a mudança em todos os sentidos da vida. Ser humilde é requisito fundamental para ser um umbandista de verdade.

O que são exatamente problemas domésticos? São as dificuldades que todos nós enfrentamos no dia a dia de um terreiro, para manter um ambiente limpo e agradável para melhor receber a comunidade e para uma boa energização para

todos os trabalhos de cunho mediúnico.

Por diversas vezes já ouvi o questionamento: por que não contrata um empregado para limpar a conga? Por que perder tempo limpando se todo mundo pode fazer uma vaquinha e pagar um salário para alguém fazer esses tipos de serviços?

Minha resposta é simples para essas perguntas. Só conhece o que é caridade aquele que a faz verdadeiramente. Limpar o chão do terreiro, limpar banheiro, tirar teia de aranhas, entregar senhas, recepcionista etc. são atividades tão importantes quanto qualquer outra dentro da casa. Tem a mesma importância daqueles que trabalham de outra forma, como incorporar, dar as consultas, o cambono, a firmeza, a curimba e demais. O médium precisa entender que ser da Umbanda é ser por inteiro, não tem trabalho menor nem melhor, apenas há trabalho.

Como e quem o faz não te rotula dentro dos terreiros. É rótulo para aqueles que não sabem o que é ser humilde de verdade, só para aqueles que não conhecem a espiritualidade de Umbanda. Só há rótulos quando aquilo que você foi buscar na Umbanda não faz parte dela. Você só fica rotulado quando você não tem capacidade de compreender o que significa a lei de pemba e não está preparado para dar um passo a mais no sentido da evolução espiritual. A doença que mais contagia os filhos de fé na Umbanda, e quando falo de filhos são todos, filhos, filhas, pais e mães de santo e demais cargos que à casa recorre, é o EGO. A necessidade de ser o melhor, de ser o mais importante e brigar por ciúmes leva a uma gama de descompasso que acaba por confundir o que é ser médium de Umbanda com achismo e melindres desnecessários.

Tive a infeliz oportunidade de presenciar na minha vida de umbandistas pais e mães separando filhos pelo seu poder aquisitivo e pelos Drs. que o médium possuía, fazendo assim com que os menos favorecidos financeiramente ficassem com trabalhos segundos eles menores e mais qualificados como doutores, que

tinha a preferência e as mordomias típicas de puxa-sacos que nem de longe pertencem à Umbanda.

Como é triste e vergonhoso ver aqueles que se dizem dirigentes ou sacerdotes de Umbanda a trilhar esse viés da ignorância a ponto de segregar pessoas a trabalhos dentro da casa pelos títulos que ele possui. Isso mostra o tamanho do despreparo de tais pais e mães, que infelizmente distorcem todas as leis de Umbanda e jogam o sagrado na lama da ignorância.

Um bom pai de terreiro não pode se sujeitar a tais maneiras de conduzir uma casa séria. Acredito que uma unificação de tarefas domésticas precisa ser adotada para todos os filhos, sem interessar o grau de mediunidade, sem olhar o tempo de casa, sem notar quais cargos o médium tem, sem olhar os títulos nem a posição social, muito menos financeira. Todos precisam executar as tarefas domésticas, estas que mostram o tamanho do respeito e grau de entendimento que esses filhos têm em relação à Umbanda.

A beleza da Umbanda é infinita. Ao contrário das religiões tradicionais como conhecemos, a Umbanda não segrega jamais, se porventura acontecer isso dentro da sua casa, pode ter certeza que não se trata de Umbanda. Seria muito fácil contratar alguém para fazer a limpeza e as tarefas ditas como domésticas dentro da casa. Mas as diretrizes da Umbanda, que são as entidades de luz, acreditam que as tarefas pequenas dentro dos terreiros ajudam a passar pelas provações e nos tornam incluídos e juntos na mesma realidade, fazendo lembrar sempre da importância da humildade e de mostrar que o exemplo vem de todos. Não adianta o pai, o pastor, o padre, o rabino falar de humildade, só nas palavras e nada nas mãos. Já dizia a grande Madre Tereza de Calcutá, “As mãos que ajudam são mais sagradas que os lábios que apenas rezam”.

Não é vergonha nem demérito fazer as tarefas domésticas nas casas, mas sim é uma mostra de respeito e de humildade daqueles que mais conhecem, que mais compreendem e que mais entendem verdadeiramente o que é ser umbandista de

verdade, pois quanto mais você conhece mais humildes deve ser. Quanto mais você recebe, mais deve servir.

A Umbanda não é baseada em submissão nem servidão, mas sim em uma troca harmônica de saberes e responsabilidades que nos traz um acolhimento e uma paz interior que não dá para descrever, apenas é sentida e multiplicada para os que chegarem depois de nós.

Então, meus irmãos, não percam tempo com esses enganos e se entreguem verdadeiramente à espiritualidade, e será certamente bem acolhido pelos nossos amigos espirituais, que sempre zelam por nós.

Capítulo X

Impasse espiritual

Não! De forma alguma, homem incorporar NANÃ é quizila na certa. Nanã recusa ser sua mãe de cabeça dentro do roncó se tu não fizeres o que ela pede. Você está maluco! Seu Tiriri não suporta e não aceita que ninguém chame ou incorpore Pombagira se ele estiver em terra. Tu és filha de Iansã, por isso que tu não podes comer abóbora. Se não for um bom whisky, seu Tranca Ruas não bebe. Se o rapaz não colocar a saia dela, usar batom e pintar as unhas, a Maria Padilha não desce.

Quem de vocês que nunca ouviu pelo menos uma dessas frases feitas dentro do terreiro que frequenta ou por algum outro ou outra praticante da “Umbanda”. Quem nunca foi orientado a não fazer isso e muito mais coisas desconexas em nome de orixá.

Pois bem, vamos falar um pouco neste capítulo sobre ocasiões bem corriqueiras nos terreiros afora. Um dos maiores erros que comentemos e uma agressão contra nossa religião é confundir a Umbanda com Candomblé ou com outras vertentes de matriz africana ou cristã. Sim, a Umbanda tem elementos de várias culturas religiosas. Mas elementos e muitos desses elementos são vistos, entendidos, compreendidos e fundamentados teológica e espiritualmente de maneira completamente diferente de como são vistos e cultuados em outras convicções religiosas.

Um erro gravíssimo é pais e mães ditos de Umbanda fazerem assentamentos, recolhimentos baseados nos cultos de orixá de religiões diferentes, como se fosse

ritualística da Umbanda. Ora! No Candomblé, por exemplo, existem as quizilas de orixá. Mas por que eu como umbandista tenho que me preocupar com isso? Por dois motivos básicos.

Primeiro, quando eu não conheço a religião que eu alego ser seguidor, porque se eu conheço a Umbanda logo saberei que tudo que se refere a ela tem seus próprios fundamentos. A Umbanda não pode se aventurar em se preocupar com quizilas ou lendas de orixás típicas de uma outra religião. Não podemos nem tem fundamento para achar que é a mesma coisa orixá de Umbanda e orixá de Candomblé. São arestas opostas que vão contra a base fundamental da religião. Pois bem, orixá nos cultos de nação africana são deuses manifestados absolutos, são crenças pagãs e politeístas que em nada encontram fundamento na Umbanda, que é uma religião monoteísta e cristã, além de brasileira genuinamente.

Para se declarar umbandista, é preciso verdadeiramente conhecer suas origens e fundamentos, além de ser preciso olhar a Umbanda com um olhar mais libertador, fatores importantíssimos dentro do culto e das liturgias umbandistas.

Em segundo lugar, observa-se a falta de interesse e de responsabilidade de certos seguidores da Umbanda com sua história e com seu propósito para todos em seu contexto geral. A falta de informação, o desleixo e a falta de responsabilidade e de conhecimento da própria religião levam a seguir esses e muitos outros enganos.

Pois bem, se a Umbanda é manifestação do espírito para a prática unicamente da caridade, por qual motivo então as entidades de graus elevados que sustentam a Umbanda se importariam com tais afirmativas elencadas no início deste capítulo? Por que uma Pombagira por exemplo se importaria de seu aparelho mediúnico estar enfeitado como apetrechos femininos? O que mais tem valia nas manifestações? Suas aparências físicas ou seu trabalho sublime e importantíssimo para nossas vidas?

O que fica evidente observando a movimentação de muitos nos terreiros de Umbanda é que não se preocupam com o que estão fazendo ou falando acerca da nossa linda religião. Ora, se temos no culto de nação vários deuses de diferentes características e se cultuam como deuses supremos com seus aspectos positivos e negativos, visto que em seus fundamentos são oferecidos os sacrifícios de animais para uma boa comunicação e proteção dos orixás, por si só já bastava para se ter uma ideia de quão grandes são as diferenças entre os cultos de nação e Umbanda.

O nome é o mesmo, orixá, mas com um entendimento e um fundamento completamente diferentes. Orixá na Umbanda é o nome que se dá para as forças sagradas da natureza. São os raios cósmicos provenientes do grande Deus universal. Orixás são energias fundamentais para se manter a vida como conhecemos.

Agora as entidades são espíritos que já passaram pela roda das encarnações e agora trabalham a partir das egrégoras de luz para o auxílio dos encarnados e desencarnados nos caminhos da nossa evolução.

Essa questão, que entidade fulana e entidade sicrana não se dão bem dentro dos terreiros, é a mais pura falta de conhecimento e de desrespeito à espiritualidade. Uma forma grotesca de agir. Mostra um total despreparo quando vem de um sacerdote e uma falta gravíssima quando vem dos filhos.

Entidades reclamam da bebida ou da roupa que o seu aparelho esteja usando, ou guias incorporados falarem piadinhas ou tecer comentários preconceituosos em relação a outras entidades ou médiuns, tudo isso demonstra uma falta absurda de liderança e preparo para um umbandista.

Qual seria a lógica de um Exu, grande mensageiro e guardião, se recusar a permanecer no mesmo ambiente que um outro? É uma afronta contra as leis da evolução. Nossos guias de luz já superaram esses melindres e sentimentos de arrogância e negatividade. Todos os guias que trabalham na Umbanda não estão preocupados com essas picuinhas que ainda fazem parte do nosso convívio.

Nós, umbandistas, não podemos nos apegar a tradições de outras crenças, pois a Umbanda tem seus próprios fundamentos. Alguém pode dizer que não tem nada e cada um pode fazer o que bem quiser na sua casa, porque a umbanda não tem cartilha para dizer o que pode ou que não pode ser feito. Um verdadeiro engano. Não é bem assim que a banda toca. A Umbanda tem suas liberdades e é de fato verdade, porém é preciso se observar bem alguns tópicos que, muitos munidos com essa desculpa de que cada um faz o bem que quiser e ninguém tem nada com isso, acabam deixando de lado.

É fato que a umbanda não tem cartilha, como o catolicismo tem uma única maneira de celebrar a missa e cada ritual, pois já são dogmas e rituais escritos que não podem ser alterados, então em qualquer lugar do planeta será sempre da mesma forma. Porém, como já foi citado em capítulos anteriores, a Umbanda não recorre a essa forma de liturgia, pois o seu livro sagrado é mais amplo, é a própria natureza. Sendo assim a natureza se manifesta de infinitas formas em lugares diferentes. Então temos que nos adequar às manifestações da natureza.

Vendo por essa premissa, precisamos nos atentar não naquilo que pode ser feito na Umbanda, mas para o que não se pode fazer dentro das Umbandas.

Como saber o que não pode fazer? Primeiro vêm os estudos, conhecer a religião que pratica é fundamental. Todo umbandista precisa ser amante da leitura, a Umbanda que conhecemos hoje é completamente diferente das Umbandas de cem anos atrás. Então o que não devemos fazer dentro da umbanda? Tudo aquilo que fere o direito do seu semelhante, tudo que for contra o livre arbítrio e tudo aquilo contra os fundamentos da liturgia da Umbanda. Agora, para saber o que

são fundamentos, é preciso que você estude, conheça, busque saber o máximo que tiver condições sobre a Umbanda. Fazendo assim, certamente você não será enganado por falsos pais de santos e por pessoas que se passam por umbandistas para explorar a boa vontade do próximo e a fé alheia.

A única forma que temos de nos defender de falsos sacerdotes é o conhecimento, sem ele somos presas fáceis para o charlatanismo, que cada dia cresce mais no nosso meio.

Essa história de que o orixá fulano não gosta de gente de certas características, que o orixá vai ficar bravo e pode acabar com sua vida, se você ouvir essas conversas de pais e mães que se dizem de Umbanda, desconfie e saia imediatamente, pois certamente não se trata de uma casa de Umbanda. Até porque o orixá na Umbanda não fala, porque orixá na Umbanda é energia, quem trabalha na Umbanda são as entidades que também não estão preocupadas com essas imperfeições da mente humana ainda em estado de desequilíbrio.

O que as entidades realmente fazem é nos oportunizar formas de crescimento e amadurecimento de nossos espíritos. Se soubermos reconhecer essa oportunidade, certamente esses medos e essas faltas de saber vão ficando cada vez mais perdidos nos tempos, com isso o charlatão não terá como nos enganar com sua ignorância absoluta em relação à Umbanda.

“O banquete farto dos falsos sacerdotes nada mais é que o medo das pessoas de mudar e reconhecer que só você mesmo é capaz de redirecionar a sua vida, quando você se oportuniza. E que o sacerdote não é seu dono nem seu caminho e sim seu auxílio para uma mudança mais acertada que depende unicamente de você mesmo.”

Gildener Sousa

Capítulo XI

A fonte das lamentações

Quem de nós já conviveu ou convive com uma ou mais pessoas que reclama de tudo, nada está bem, tudo que acontece não está do jeito que elas querem. Nunca nada é o suficiente. Todo mundo não presta para essa pessoa. Nada ou ninguém serve para fazer nada para essas pessoas. Sempre vive de mau humor, sempre desrespeitoso e na defensiva. Nunca confia em ninguém. Pessoas que passam o dia reclamando da sua vida.

Certamente pessoas que passam a vida alimentando esses sentimentos acabam por emanar energias muito densas e, com o passar do tempo, se nada for feito, uma egrégora de negatividades se forma sobre a aura dessas pessoas que a impede de ver a vida, as pessoas e as situações do dia a dia com outros olhos. Acabam por se acostumar a viver os dias em tons de cinzas, se tornando uma pessoa amarga e sendo indesejada a sua presença em qualquer situação.

Quantas e quantas vezes nós, pais de terreiro, recebemos filhos com essas características, muitos, com o passar do tempo e com a entrega nos estudos e na disciplina que a Umbanda oferece, acabam por melhorar. Acabam por reconhecerem que precisam mudar de postura e faixa vibracional. É muito gratificante quando isso acontece e você percebe que teve uma pontinha de responsabilidade ali.

No entanto, infelizmente, isso não acontece com todos, há sempre aqueles que preferem chutar o balde, virar as costas, adicionar as responsabilidades a terceiros e seguir na estrada dos erros, como se estivesse vivendo uma fantasia

ou uma cena de um filme que eles são os mocinhos.

Quantas vezes nós, sacerdotes, já tivemos de alguns irmãos da nossa própria casa as seguintes indagações:

O que eu fiz para os orixás? Por que tudo dá errado na minha vida? O que eles querem que eu faça ou o que eu tenho que pagar para as coisas começarem a dar certo?

Nossa! Sempre faço tudo que me pedem e as coisas começam a andar, mas de repente tudo volta à estaca zero?

Essas e muitas outras expressões são muito corriqueiras nos terreiros de Umbanda. Filhos e simpatizantes confundem a religião com um poço dos milagres ou uma banca de feira, que você cobra um preço e recebe o que quer. Quantas vezes nós, sacerdotes sérios, já tivemos que ouvir ou sofrer com esse tipo de filhos. Quando você aponta o caminho da automudança e merecimento para só depois as bonanças começarem a chegar. Quando orienta que o errado e o descontrolado não são as outras pessoas e sim ele mesmo. Nessa hora o seu pai não presta mais, não quer ver sua felicidade, nessa hora que descobre que a Umbanda não tem milagres e sim merecimento com mudanças de posturas, pensamentos e emanação positiva de energias, muitos preferem se aventurar com os falsos sacerdotes que vendem e enganam.

Muitos vão embora dos terreiros com as energias ruins, vibrando negativamente porque se julgam certos, melhores e merecedores, mas aquela casa negou isso a ele. Agora preferem sair criticando sem nenhum tipo de ética nem respeito por aqueles que lhe estenderam a mão, quando você mais precisou.

Isso ocorre muito porque infelizmente nossa religião é vista como uma válvula de escape para satisfazer o egocentrismo de muitos descansados que não gostam nem se importam com a verdade e com o que verdadeiramente toda religião deveria proporcionar para seus seguidores e afins.

Filhos que acham que são mais importantes que os demais, seres que vasculham todos os terreiros procurando milagreiros para satisfazer seus egos. Pessoas que tentam levar a vida com negatividades para mostrar que são fortes e que não precisam das outras para sobreviver.

Quando você, na posição de sacerdote, aponta o trabalho, a caridade, o estudo, a hierarquia, o autoconhecimento para aquele médium, ele começa a te olhar de forma diferente e tudo começa a incomodar. Qualquer decisão que tome não o agrada, ninguém pode fazer nada para você que vira puxa-saco. Ninguém pode lhe visitar porque é panelinha e por aí vai.

São pessoas desprovidas de gratidão e de amor-próprio, que preferem sofrer e apanhar da vida todos os dias a se tornarem humildes e viver o lado bom da vida. Certamente essas pessoas não conseguem se libertar das próprias culpas e medos. Não conseguem soltar as amarras das decepções. Não conseguem viver em uma sociedade real e criam mundos paralelos onde somente eles são os donos da razão. Acabam por viver a vida dentro de uma bolha de paranoias e desequilíbrios que vão se endurecendo por dentro, onde tudo é mais complicado. Uma simples tarefa do dia a dia é motivo de briga e raiva, abrindo assim diariamente lacunas no seu próprio perispírito para influências de seres de teor energético semelhante, quando passam a atuar frequentemente e moldar cada vez mais essa personalidade no intuito de levar cada vez mais para o profundo esses sentimentos. Acabam por permitir que inimigos de outras experiências de vidas comecem a atacá-los espiritualmente.

E com essas ações acabam por levar muitos aos estágios da depressão e até mesmo algo de maior teor contra a sua própria vida.

A recusa de aceitar que as coisas tendem a dar errado no seu dia a dia é resultado de suas próprias escolhas, acabam por impulsionar essas manifestações que levam o médium a se tornar verdadeiro escravo das desilusões.

A recusa de aceitar suas falhas e de trabalhar para essas mesmas é fruto de seus próprios atos. O que se torna uma eterna sentença que, por mais que todos que estão à sua volta percebam essas atitudes, se alguém as apontar, certamente se tornará um inimigo dali por diante.

O sacerdote por sua vez percebe sempre esses fatos e de maneira sutil tenta abrir os olhos, porém não é tarefa fácil e muitos acabam por desistir, pois lidar com esse tipo de médium requer muita sabedoria, pois terá que já ir sabendo que tem uma grande chance de nada dar certo e que certamente você sairá ferido, odiado ou algumas das vezes menosprezado. Mas a vida de um sacerdote não pode parar e sempre que preciso for terá que tentar mostrar àquele filho que o caminho precisa ser outro.

E qual seria o caminho mais apropriado? Muitos são os que procuram a Umbanda para resolver seus problemas, já que nada nem ninguém conseguiu antes. Vão com a sede de fazer uma ou duas oferendas para o Exu e já vai resolver tudo na sua vida. Como se entidades ou religião tivessem a obrigação de fazer tudo por ele na hora e no jeito que acredita ser o certo.

Quantos e quantas vivem mergulhados nas ilusões da vida. Médium, filhos ou simpatizantes que não fazem a mínima ideia do que se trata a Umbanda. E por isso acabam por viver numa verdadeira fonte de lamentações dentro e fora do terreiro.

A Umbanda não oferece milagres nem vive por barganha. Você não vai mudar sua vida se pagar para falsos sacerdotes para fazer trabalho algum para mudar sua vida. Nem na Umbanda nem em lugar algum. A pessoa só pode mudar de verdade quando aceita suas inclinações e se predispõe a lutar contra essas tendências. Além do mais, a Umbanda é uma religião que visa ao enobrecimento do espírito e ao desapego da matéria.

Pergunto então: se é uma visão que preza pela leveza do espírito e o desapego das ordens carnais e materiais, como pode vislumbrar em alguém o acúmulo de bens e certamente vem junto ao apego e fortalecimento do melindre?

Isso ocorre com bastante frequência, por culpa sobretudo de falsos umbandistas que destroem a Umbanda para satisfazer seus egos particulares. Encher seus bolsos com dinheiro sujo. Levando essas pessoas a infelizmente mergulhar ainda mais nas suas depressões e desilusões com a fé de Umbanda, fazendo assim o pula, pula de terreiros sem alterar nada em suas vidas.

Saber lidar com essas questões exige muito jogo de cintura para não levar as bases primárias da Umbanda para outro rumo senão as que são prezadas pelas suas liturgias próprias. São muitas, infelizmente muitas as pessoas que passam por essas turbulências o tempo todo em todos os terreiros de Umbanda no Brasil afora.

A Umbanda não é e jamais foi uma religião de pessoas perfeitas, aliás nenhuma religião deveria ser. A Umbanda serve como hospital para o espírito, acalento para a alma, por isso sempre haverá essas atividades, pois curar e tratar o espírito são funções da nossa Umbanda sagrada.

Na verdade, a Umbanda é manifestação do espírito para a prática da caridade.

“A umbanda é lugar de se religar a sua ancestralidade e de contemplar as possibilidades que a espiritualidade imortal pode nos proporcionar.”

Gildener Sousa

Capítulo XII

A ancestralidade

Quando falamos em ancestralidade ou ancestral, do nosso ponto de vista, já remetemos aos nossos avós ou bisavós, procuramos buscar sempre os mais velhos que na nossa sociedade são os parâmetros do nosso ancestral mais aceitos. O mais velho perante a nossa cultura é o mais sábio, é aquele que já vivenciou e aprendeu com os longos anos. O ancestral passa a ser aquele velho ou aquela velha que detém o conhecimento adquirido com o tempo.

Apesar de hoje os valores da nossa sociedade estarem cada vez mais opostos com os parâmetros filosóficos e sociológicos, essa ideia de mais velho, por mais que não a respeitamos como acontece nos dias de hoje, acaba por nos remetermos a essa ideia. E isso acontece em todos os sentidos, na vida familiar, na vida social e sobretudo na vida religiosa de cada um de nós.

A religião de Umbanda tem pouco mais de um século de consolidação nos seus parâmetros litúrgicos e doutrinários. O diálogo sempre foi a maior forma de repassar conhecimentos e de sustentação das suas origens. O papel da ancestralidade sempre ficou bem evidente dentro de qualquer terreiro, tenda ou casa de Umbanda. A religião por ser composta por elementos de várias outras culturas religiosas acabou absorvendo também vários aspectos de ancestralidade.

Quando falamos de cultura africana, pensamos nos moldes trazidos pelos escravizados de várias regiões do continente africano de onde a imagem do ancestral se localiza na figura do preto velho e da preta velha. Para a Umbanda de hoje existe esse gancho dentro dos terreiros que o vovô e a vovó são os

ancestrais que trazem o seu conhecimento através da simplicidade, da humildade e carisma do velho preto que está sempre disposto a nos entender e aconselhar nas nossas dificuldades e nos nossos despreparos enquanto espírito encarnado.

Já quando nós voltamos para outro viés da Umbanda mais brasileira, como a vertente xamânica dos nossos indígenas, nossos primeiros habitantes desta terra, a figura do ancestral se mostra no espírito do pajé, aquele ancião que detém a conexão com os espíritos da natureza e que através de seus rituais antigos consegue invocar os espíritos antigos que eles chamam de espíritos ancestrais, assim revelando as previsões, os ensinamentos e costumes dentro das aldeias. Na Umbanda é o caboclo que representa essa figura, a pajelança nos cultos de caboclo traz através dos conhecimentos dos caboclos mais antigos a doutrina como fonte obrigatória de entendimento das questões espirituais. Através desse chamado podemos entrar literalmente nas forças da natureza que são capazes de nos remeter ao contato com os nossos ancestrais mais primitivos.

Por outro lado, quando nos deparamos com elementos cristãos vindo da Europa com o catolicismo português, o conceito de ancestralidade muda. Nos damos conta que a ancestralidade também é algo divino. Daí surgem nomes fortes: Moisés, Noé, Abraão, Jesus entre outros. A ancestralidade está ligada à bíblia sagrada cristão e à bíblia judaica original. Dentro desse contexto, a Umbanda, que também se alimenta dessa fonte religiosa, resgata a importância da literatura e dos desdobramentos bíblicos para compreender também as origens de nossa própria ancestralidade.

“Quando os sacerdotes brancos chegaram à África, nós tínhamos a terra e eles a bíblia. Os brancos nos deram a bíblia, e disseram que rezássemos com os olhos fechados. Quando abrimos os olhos, eles tinham terra e nós a bíblia.”

Jomo Kenyatta

No contexto religioso e da Umbanda, entra a grande responsabilidade da mulher dentro desses parâmetros umbandistas. Acabamos por nos darmos conta de que na verdade a nossa ancestralidade pode se mostrar em diversas facetas. Vai depender do nosso grau de entendimento e de entrega para entender e compreender que somos ligados à nossa origem por diversos caminhos.

Dessa forma podemos certamente identificar que não importa como essa fonte de sabedoria chega até nós, mas como a recebemos e o que sobretudo fazemos com ela.

Podemos encontrar a ancestralidade da Umbanda sempre que conseguimos estar com o coração leve e puro para tocar a natureza. Essa natureza que nos é apresentada de inúmeras maneiras e formas. Ter contato com a natureza e com todas suas manifestações é tocar nosso próprio espírito ancestral.

A nossa ancestralidade se torna livre quando libertamos nosso próprio espírito. Que a aventurança se torne esperança e a esperança se transforme em amor. E o amor vire expansão constante. A ancestralidade rompe qualquer barreira de religião ou de compreensão humana. Ela está além das nossas compreensões e além de nossas tendências. O ancestral que habita em cada um de nós é fonte pura de evolução e mecanismos fortes de transformação de nossos pensamentos e certeza da evolução continuada.

Dentro dos nossos terreiros de Umbanda encontramos o elo que nos conecta com a nossa ancestralidade que é a disciplina, a coerência das atividades, a verdade, a caridade e a humanidade. São sem dúvidas espíritos que vivemos em busca de acertos e de melhorias para o nosso estado emocional e espiritual. A certeza da grandeza da nossa ancestralidade nos anima nessa jornada árdua que temos que enfrentar enquanto estamos aprisionados na matéria corporal. Mas o bom umbandista deve saber que nossas provações são oportunidades de

amadurecimento para nosso espírito.

Se conectar e saber lidar com nossa ancestralidade nos oportuniza a mais fantástica experiência com nossas próprias vivências passadas pelas quais nosso espírito precisa ser constantemente tocado.

Acompanhar a mudança dos tempos é conseguir encontrar forças e formas de se refazer para se transformar naquilo que nossa alma grita incessantemente.

Então, depois dessa pequena ilustração de como pode se manifestar a ancestralidade na Umbanda a partir de elementos de outras crenças que também permeiam a Umbanda, como a umbanda vê a nossa ancestralidade, o ancestral e tudo aquilo que vem antes de nós? Os primeiros que chegaram? Logo então a Umbanda reverencia seus ancestrais através dos orixás.

Ou seja, os orixás são nossa ancestralidade mais conhecida, que provém do nosso ancestral maior que é Deus.

A fonte ancestral da Umbanda é Deus, nosso pai primeiro, os orixás são manifestações divinas desse Deus supremo que chega até nós pelas ondas da natureza.

Não podemos esquecer que a Umbanda é monoteísta e que os orixás, além de nossos ancestrais, são o trono divino e o próprio Deus que vem ao nosso encontro, pois quem vive a Umbanda verdadeiramente vive em constante contato com a sua ancestralidade.

Capítulo XIII

O Todo Poderoso

“O egoísmo, o orgulho, a vaidade, a ambição, a cupidez, o ódio, a inveja, o ciúme, a maledicência são para a alma ervas venenosas das quais é preciso a cada dia arrancar algumas hastes e que têm como contraveneno: a caridade e a humildade.”

Allan Kardec

Nessa nossa jornada espiritualista, vivenciamos de tudo um pouco, nos deparamos com pessoas com boas intenções e outras nem tão boas assim. E dentro da Umbanda não é diferente. Nós, na qualidade de sacerdotes, já nos deparamos com situações que fogem dos parâmetros de Umbanda de tal maneira que chegam a assustar. Pais e mães de santo que se acham todo poderoso, que enchem a boca e dizem que vão retirar da coroa do filho os seus orixás porque foi ele que colocou. Pais e mães de santo ameaçando os filhos de morte com os exus, porque os que eles trabalham são poderosos e se ele quiser pode matar em segundos qualquer um que mexer com ele.

Também já presenciamos pais e mães de santo ameaçar que vão aprisionar os guias do filho se ele decidir sair do terreiro para outro centro qualquer. Pais e

mães proibirem os filhos de ler livros ou procurar na internet alguma coisa sobre seus guias, somente ele tem o poder de passar as informações. Quantas vezes esses tipos de pai e mãe não sabem responder o que o filho lhe pergunta e vem dizendo que não está na hora de ele saber dessas coisas ainda. Essas e muitas outras afirmativas fazem infelizmente parte do dia a dia de muitos terreiros.

Certamente sabemos que esse tipo de comportamento é praticado por sacerdotes genéricos, que não sabem sobre a religião um palmo à sua frente. Infelizmente são pessoas que não tem noção sequer do que estão fazendo. Pais e mães que não deveriam ser chamados por esse nome e muito menos estarem no meio da Umbanda destoando de uma religião tão magnífica como essa.

Também sabemos que muitos filhos e filhas atualmente se submetem a esse tipo de desequilíbrio. Com tanta informação a respeito, livros e a internet, tantos e tantos canais e plataformas de informações à disposição, a pessoa ainda se sujeita a uma coisa dessas. É errado um pai e uma mãe fazerem isso? Sim! Porém também acredito que mais errado ainda são os que permitem fazer assim. É injustificável que nos dias de hoje você seja ignorante e se permita passar por isso.

Pois, meus caros leitores, isso é mais comum do que imaginamos. Até onde chega o desequilíbrio de pessoas que não conseguiram acompanhar a evolução da religião e dos novos pais e mães que sequer dão contas do que fazem, pois sequer repensam ou tentam de alguma forma se redimir, o melhor que tinha a fazer era se refazer no tocante à espiritualidade. São como ervas daninhas que vão corroendo e transmitindo uma seiva venenosa que destrói as conquistas boas que muitos de nós levamos anos e anos a fio para conquistar para nossa Umbanda sagrada.

Fica um grande alerta para você que frequenta algum centro de Umbanda, lembre-se que você é uma pessoa livre e que tem seu livre arbítrio para fazer o que quer. Que você pode ficar em determinado lugar até você achar oportuno.

Ninguém pode te prender, te amedrontar ou te impedir de sair de uma casa, nem sob ameaças nem de forma alguma. Se você não sente mais que ali é o seu lugar, não precisa de motivos para isso, deve seguir seu coração. Mas também cabe a você procurar estudar e entender que as coisas não podem sair da normalidade. Agora saber onde é a linha que define essa normalidade é sua responsabilidade.

Nesse caso você pode me indagar: mas eu não sabia, porque no meu terreiro não têm estudos. Então você não pode dizer que frequenta uma casa de Umbanda. É qualquer outra coisa, menos Umbanda.

Muitos médiuns umbandistas não gostam de estudar sobre a Religião de Umbanda, assim como alguns sacerdotes não permitem que seus médiuns estudem e façam perguntas, questionem, evoluam em conhecimento e saber.

Muitos dizem que a Umbanda é caridade, amor e não é necessário estudo qualquer: “é só deixar o guia vir; é só deixar o Orixá encostar”.

Bem, em toda religião o estudo é fundamental para a sua compreensão. Não que esteja errado ver o lado da caridade, do amor ou da entrega, que realmente são necessários aos médiuns na incorporação, mas a Umbanda é muito mais do que isso.

“O estudo deve ser somado à dedicação prática da lida no terreiro (a prática da caridade e do amor ao próximo: solidariedade), unindo tudo isso como um conhecimento maior que pode tirar dúvidas, retirar confusões da mente, evitar o animismo, o exibicionismo (de médiuns e/ou de entidades), evitar que os consulentes vejam a Umbanda e seus guias como trocadores de favores/presentes, a clonagem do arquétipos dos guias (quando médiuns novos acabam, sem querer, copiando o comportamento dos guias do ou dos dirigentes), o comportamento grosseiros de alguns guias e médiuns, a ignorância de alguns

médiuns, e evitar que os espertalhões, que querem utilizar a Umbanda como um meio de ganhar dinheiro, o façam usando a ignorância de seus adeptos”.

Pai Etiene Sales

É nessa falta de entendimento e de compreensão de quais são as possibilidades da Umbanda que muitos se perdem nessa jornada que deveria ser magnífica. Assim como filhos preguiçosos que não querem estudar que não atentam para os fundamentos da religião, tambem como pais e mães despreparados para esse importantíssimo trabalho devocional que é o sacerdócio de umbanda, ser um sacerdote para a Umbanda é assumir os compromissos de zelar pela vida, de fazer o bem e a caridade sem olhar a quem e sem almejar a barganha. Infelizmente vemos muito do contrário disso. Vemos diariamente sementes fracas e não frutíferas tomando cada vez mais espaço no nosso meio.

Como podemos vencer esse obstáculo? Sendo perseverantes na fé da sagrada Umbanda. Sendo semeador da bondade e caridade. Sendo um buscador da verdade nas bases seguras dos conhecimentos. Sendo um sacerdote de verdade com a entrega e a renúncia que nos são necessárias para cumprir com dignidade e fé nossa tarefa junto à espiritualidade de luz.

Capítulo XIV

Meu Cargo, Minhas Regras

É sempre um dilema e uma incerteza muito grande para qualquer sacerdote de Umbanda preparar filhos quando o quesito são os cargos dentro dos terreiros.

A grande falta de compreensão do que realmente é um cargo de hierarquia dentro da Umbanda leva a desenrolar muitos problemas dentro das casas de umbanda. Certamente o sacerdote que conduz uma casa com ressalva alguns que não visam à doutrina e ao conhecimento e por vezes acaba por distorcer o que realmente é a Umbanda. Pois geralmente a pessoa chega sempre com cara de bom moço, de sofrido, de que onde estava não era reconhecido e que agora estar certo de que era ali o seu lugar.

Em uma casa de Umbanda séria, sempre tem aqueles cargos que são trabalhados e oportunizados para aqueles médiuns que carregam aquela característica e que o guia espiritual responsável pela casa acaba por orientar aquela predisposição. Dali em diante o sacerdote vai trabalhar com mais cuidado e, se for para ser aquele médium, irá passar por doutrinas especificas e rituais próprios daquele cargo.

Mas o que seriam esses cargos? Cargos de hierarquia dentro da Umbanda são oportunidades que é despontada com o andar dos desenvolvimentos do médium e que a espiritualidade achou viável por vários motivos, tais como: alimentar a autoestima do médium, às vezes por necessidade de se sentir responsável por algo, porque às vezes é a forma que o sacerdote achou de fazer uma boa mudança na vida daquele ser que talvez ninguém ainda tivesse oportunizado.

Enfim, são inúmeros os motivos que levam ao um médium a assumir um cargo dentro dos terreiros.

Ter médiuns assumindo esses cargos nos terreiros só acontece quando o sacerdote verdadeiramente é seguidor da Umbanda genuína. Pois quando a casa é conduzida por um sacerdote genérico, fica praticamente impossível de acontecer. Primeiro porque quando o pai ou a mãe da casa não segue a Umbanda de verdade, como deve ser feito por aqueles que sinceramente entendem o legado de um sacerdote, geralmente ele não presa pelos estudos e as doutrinas da Umbanda. E fica criando coisas e misturando tudo numa panela sem nexo e sem fundamentos. Dar um cargo como este precisaria de doutrinas e conhecimentos que certamente este tipo de pai não teria para repassar.

Outra coisa que não podemos deixar passar é o mal uso da religião em proveito próprio. Quantos pais e mães não passam esses conhecimentos com medo de que o filho saiba mais que ele, “uma tremenda ignorância e desrespeito pela umbanda”. Quando isso ocorre, certamente esse sacerdote visa apenas enganar as pessoas de boa-fé que vão à procura de ajuda e acabam por serem extorquidas por esses falsos pais.

Outro motivo bem comum de não ocorrer esses cargos é o ego do pai de santo por achar que só ele é dono da verdade, o grande sábio e que, se os filhos começarem a aprender, será melhor que ele. Um verdadeiro engano e mostra claramente o despreparo desses pais.

Qual seria a função desses cargos dentro de uma casa de Umbanda?

Seria no auxílio dos zeladores. Pois uma casa acaba por terem muitas demandas no dia a dia dos trabalhos e na ajuda dos irmãos que todo dia vão chegando. E um pai ou uma mãe sozinha não tem como atender a todas e por isso aqueles que

merecem essa confiança e formação podem estar trabalhando naquelas funções mais simples que não exigem obrigatoriamente a presença do pai da casa. Mas que ele possa ter confiança de entregar essa responsabilidade nas mãos daquele médium.

OE o que na maioria das vezes acontece quando o médium recebe esse cargo e passar a ser visto como um médium de hierarquia dentro da casa?

Alguns cumprem com alegria e maestria essa função. Que é tão importante para ajudar os pais e mães que no dia a dia acabam por acumular muitas funções. Já outros acabam infelizmente por assumir uma postura completamente diferente da desejada.

Alguns filhos quando se veem nesta posição deixam o ego subir à cabeça. E dessa forma se lançam numa caminhada muito triste e que certamente irá levá-lo ao seu declínio dentro do terreiro.

Primeiro porque começam a se achar mais importante que os demais. Começam a parar de fazer as funções necessárias dentro do terreiro, começam a vim somente em ocasiões importantes que vão precisar da sua presença, começam a não mais se importar com o básico, que é importante para a casa.

É com muita tristeza que vejo filhos que outrora eram bem-vistos, uma pessoa que você achava que podia contar sempre. Se enveredar pelos caminhos do egoísmo, da arrogância e do desequilíbrio. Esse filho passa agora a discordar de como muita coisa que seu dirigente faz ou fala, e como se não bastasse começa a atacar seu próprio pai, colocando e influenciando seus irmãos de santo contra seu próprio pai. Sim, aquele mesmo que te recebeu na sua casa de apoiou e te confiou essa função. Com o um ar de superioridade, começa a fazer várias contendas, intrigas e muita confusão desnecessárias dentro do terreiro. Tudo

estar errado, só ele estar certo, questiona tudo e ainda instiga a outros também a questionar e duvidar de tudo. Levando assim a infelicidade de muitos irmãos dentro da casa. Levando muitos a sair do terreiro e ficar sem apoio espiritual porque um médium que tem apenas um cargo agora se acha pai ou mãe e é melhor do que aquele que lhe ensinou tudo que sabe.

E Lamentavelmente esse tipo de médiuns dura pouco. Pois como disse o nosso amado caboclo das sete encruzilhadas: o ego é a destruição do próprio médium.

Quantas vezes podemos observar quando alguns filhos nem precisam ter cargo, mas apenas uma formação maior que cada casa pode oferecer. Às vezes um ritual, uma doutrina diferenciada dos demais já é o suficiente para aquele médium elevar seus egos.

A pessoa se acha o mais preparado, o mais importante e só ele pode e deve estar em tudo e começa a deixar de lado o mais importante. Primeiro as tarefas do dia a dia do terreiro, na maioria das vezes esse tipo de médium não gosta mais de participar dos estudos porque já se acham sabedores de tudo em relação à Umbanda. E como não fosse pouco, deixar de lado o mais importante, que é a espiritualidade. Tudo que se preocupa é a sua posição ou sua importância na casa, sendo insuficiente em todos os sentidos.

Quando isso acontece em uma casa, lamentavelmente é ruim para todos os lados. Para o médium em questão é ruim porque aos poucos ele vai perdendo toda a credibilidade e o respeito que todos ali tinham por ele. E ele passa a ser aos poucos afastando, de modo que fica quase sempre insustentável continuar na casa.

Para a casa é ruim porque fica um ar de incerteza e de inconfiabilidade muito grande. O pai ou a mãe acaba ficando receoso de formar outro médium e passar

pelas mesmas ou piores situações. Nesses casos fica muito difícil dos pais de santo voltarem a acreditar naquele filho e uma grande decepção toma conta dos sentimentos dos dirigentes, é uma decepção muito grande e nessas horas entra todo o sentimento de desistências. e é nesse contexto que o pai precisa buscar forças para se emendar reemendar e buscar forças para continuar a sua jornada.

“O cargo não define um médium e sim suas atitudes mostram quem ele realmente é.”

Gildener Sousa

Capítulo XV

De Gira em Gira

A gira é um dos rituais da Umbanda dos mais importantes para toda a vida mediúnica de um filho de santo. A gira é um ritual mágico, pois não tem uma definição específica, por mais tempo que você tenha de religioso, toda gira é única. E se refaz a cada dia. Por esse motivo é importante os estudos e dos conhecimentos constantes no quesito doutrina de Umbanda.

É na gira que o médium entra em contato com sua espiritualidade, na gira o médium é envolvido com sua ancestralidade e é na gira que todos os médiuns de Umbanda entram literalmente em contato com o mundo espiritual. É nas rodas de giras que quase todo conteúdo de doutrinas é adquirido. São nelas que aflora toda parte do sentir e do descobrir para as faculdades mediúnicas inerentes a todos os seres humanos.

Todo trabalho de Umbanda é bidimensional, no ritual da gira, com todo seus ritos e preceitos, somos literalmente uma ponte ativada para o contato e a manifestação com o plano espiritual. As giras têm a função não somente de propiciar a incorporação dos guias espirituais, mas também sobretudo de fazer com que médium entra em contato com suas próprias inclinações negativas e suas belas virtudes internas.

Mas já parou para pensar como se processa fisicamente e espiritualmente uma gira de Umbanda?

Você, amigo/a leitor, já conseguiu mensurar como se dar todo o mecanismo de uma gira de Umbanda?

Pois bem, neste capítulo trataremos sobre como realmente acontece uma gira.

Gira é uma oportunidade que praticamente todos que entram na casa Umbanda tem de descobrir um outro lado da espiritualidade que não conhecemos nas religiões ditas convencionais, pois as religiões mais evidenciadas deixam der o lado da espiritualidade por conta de seus líderes ou deixam para depois da morte.

Já na Umbanda o conhecer da espiritualidade é feito por nós mesmos. Cada um entra na sua própria conexão e cada um de nós tem suas próprias experiências individuais com sua parte espiritual.

Infelizmente nem todos têm o conhecimento devido sobre as giras e nem todos que se dizem umbandistas de fato os são. A gira é uma porta que abrimos para a mudança interior e para reparar nossos débitos espirituais. Mas nem sempre é isso que se vê constantemente, falsos sacerdotes sendo seguidos por um bando de encabrestados negativamente, falando e usando das giras de Umbanda para proveito próprio, para barganhar dinheiro e para esculhambar as leis da Umbanda sagrada.

Muitos são aqueles que fazem todo tipo de atrocidades em nome da religião de umbanda, recorrendo às giras, que é um ritual sagrado da umbanda, para benefício de cunho duvidoso.

Com um olhar mais apurado, vivenciando experiências em giras após pois giras, podemos observar muitos comportamentos exemplares, mas também muitos

hábitos que nadam têm a ver com a nossa Umbanda.

Muitos que se achegam nas casas espiritualistas hoje em dia não têm sequer uma noção mínima do que seria uma gira de Umbanda. São guiados na maioria das vezes pelo estrelismo, levado para as giras para literalmente fazerem competições de quem roda mais bonito, de quem está mais arrumado com a roupa mais pomposa, quem está usando mais guias ou encruzo, como se fosse algo que elevaria esse médium a um status mais alto.

Muitos entram nas baias de giras se preocupando apenas em como vai fazer nas horas de incorporações para roubar a cena, para “trabalhar” melhor que fulano ou sicrano. Quantos entram nas giras apenas para provar para o seu dirigente que já trabalha muito bom com seus guias espirituais e se bobear até melhor que o próprio dirigente.

Quantas vezes muitos entram nas giras apenas para torcer contra aquele desafeto, com o pensamento ruim, desejando que o outro caia ou faça algo para servir de chacota nas rodas de conversas depois que a gira acabar. E há aqueles que fazem essa chacota ali mesmo dentro da conga, sem respeitar nem mesmo a espiritualidade que ainda estão ali trabalhando, quanto mais seu dirigente e seus irmãos.

Quantas vezes filhos e filhas viram as costas para alguns guias espirituais só porque o médium que estar incorporado é desafeto seu. E quantas vezes o “incorporado” em algum médium sai cumprimentando todos, mas, quando chega em alguém que o seu médium não gosta pula, se vira e não o cumprimenta. Esse tipo de situação ocorre mais do que se imagina.

Quantas vezes já pude presenciar quando o guia chefe da casa desce para passar aquelas informações de doutrinas para todos, alguns filhos descontentes com

sacerdote ou outra questão que seja, sai para fora do terreiro fingindo estar passando mal, para não falar com o guia, mas certamente fica de ouvindo em pé para ouvir e depois sair falando mal da doutrina. Essa tática ocorre em praticamente toda gira de Umbanda.

E aquele que fingem estar dormindo para não ouvir certas verdades. Essa tática também é bem usada no Brasil a fora.

Há aqueles também que acham que o sacerdote é idiota e ignorante, que não vê o que acontece dentro da sua própria casa. Por exemplo, espera o pai incorporar e sai para cuidar de algum filho ou visitante que esteja precisando de sua atenção para ele “incorporar” e sair no terreiro chamando a atenção, e dando ordem, fazendo coisas que não são suas responsabilidades, colocando muitas vezes veneno na cabeça de alguns, desafetos, e muitas vezes querendo transparecer que ele sabe e pode fazer até melhor que seu próprio pai de santo. Geralmente esses são aqueles do capítulo anterior. Porque tem algum cargo ou uma função dentro da casa ou aqueles que não, mas não se conforma porque ainda não tem e não faz o que alguns fazem. acredito que nem precisa ser respondido estes questionamentos. seus atos já são as respostas.

Têm também aqueles que vão apenas para observar e depois sair falando mal dos irmãos nas rodas de fofocas no dia seguinte, quando não o fazem no mesmo dia via WhatsApp.

Por esses e muitos outros motivos que um dirigente precisa saber o exatamente o que está fazendo, para ter que passar por tudo isso e muito mais dentro da sua própria casa e ainda ter que aguentar na maioria das vezes calado essas situações. E olha que tudo isso ocorre em apenas uma única gira. Agora imagina no decorrer de um ano com giras todas as semanas dos meses. E sem contar o que acontece nos outros trabalhos à parte da gira. O senso de responsabilidade precisa ser grande. Além de estar o tempo todo na busca de novos conhecimentos e atualizações sobre a religião.

No entanto, tirando essas peripécias de alguns há médiuns fantásticos, têm aqueles que o pai pode confiar de olhos fechados, são raros, é claro, mas têm. Têm aqueles que são sempre obedientes, amigos, respeitosos, verdadeiros. Têm também aqueles são tímidos, que não falam nada, não se permitem quase nada dentro da gira. Têm aqueles fingidos também, que na frente são dóceis, mas quando viram as costas a língua despeja sem dó seu verdadeiro valor.

E por fim têm aqueles que conhecem verdadeiramente a Umbanda e que tratam todos os ritos como eles devem ser tratados. São aqueles comprometidos com a verdade, com a fé. São os filhos que buscam verdadeiramente a evolução através da caridade, do respeito e da boa vontade de ajudar no que for preciso. São aqueles que buscam o entendimento da religião e o sentido para a vida espiritual nas fontes da Umbanda.

São esses os herdeiros da nossa fé. São umbandistas de verdade que não se cansam de estudar e de buscar novas ferramentas para evoluir.

São aqueles que fazem um esforço para qualquer trabalho dentro da casa, que realmente entendem que não tem distinção de funções nem valores dentro de uma casa de Umbanda de verdade.

“A umbanda é apenas trabalho e como você se comporta dentro dela será como os outros os veem do lado de fora da mesma.”

Gildener Sousa

Capítulo XVI

A Bolsa de Valores

Você que frequenta um terreiro, uma casa ou centro de umbanda nesse Brasil a fora, com certeza já deve ter passado ou visto muitas desavenças por causa da questão financeira dos terreiros.

A parte financeira de um terreiro sempre é tema de muitas discussões, incoerências e às vezes chegando num extremo de até médiuns chegarem a sair por causa disso, e olha que são muitos. Mas a questão financeira bem como se refere o nome deste capítulo vai muito mais além disso.

Passando todo esse tempo na lida honrosamente como sacerdote espiritual e dirigente de uma casa de umbanda, posso afirmar que os problemas financeiros de um terreiro parecem mesmo em tese uma verdadeira bolsa de valores. São cheios de altos e baixos que levariam espaço de um livro inteiro, mas tentarei resumir em poucas palavras para não me alongar muito.

É sem dúvida a última parte do terreiro que é observada pelos médiuns quando chegam no terreiro e muitas vezes quando se deparam com esse assunto acabam por não saber tomar a melhor das atitudes.

Digamos que você, caro amigo leitor, chega hoje no terreiro pela primeira vez e logo de imediato já resolve se firmar como membro daquele centro e resolve participar da corrente da casa, assim como de todas as obrigações de um médium

recém-chegado.

Você começa a frequentar a casa várias vezes na semana, pois são muitos os problemas e as necessidades que terá de revolver para acompanhar agora sua nova vivência espiritual.

Quando você chega à casa está sempre limpa, um belo e limpo bebedouro com água gelada, as paredes sempre pintadas e harmônicas em energias. Você percebe que dentro da conga há diversas pinturas, imagens, quadros, referências de todo tipo de espiritualidade. Você se dá conta que para lhe atender o pai da casa usa alguns elementos. São alguns básicos: adeja, pemba, óleo de unção, ervas, fumo, bebidas, mirongas, velas, fósforos, águas de cheiro, essências, obi e muitos outros elementos ritualísticos. Sem contar com toda a vestimenta do sacerdote, do tempo disponibilizado ali. São feitos às vezes diversos rituais de emergências usando tudo que já tem ali mesmo no centro, sem que o médium se dê conta que tudo ali tem um custo financeiros e que não é de graça e nem cai do céu.

O filho também não observa que ali se gasta energia elétrica, água, que às vezes o terreiro é em área de aluguel e precisa ser pago, ele não se dá conta durante horas que fica ali que o banheiro que ele usa está sempre limpo, com sabonetes, creme dental, tudo nos conformes.

Esquece também que para funcionar a casa precisar de dispor de dinheiro para pagar o IPTU, taxa de vigilância sanitária, taxa de funcionamento municipal. Ali por muitas vezes ele almoça, toma um cafezinho aqui outro ali, muitas das vezes dependo do trabalho o filho precisa dormir no centro para dar continuidade ade um trabalho no dia seguinte. Aí vem a janta, um lanchinho, o café da manhã logo cedo etc.

Ele resolve tudo para sua vida, às vezes ainda nem dá um muito obrigado e vai embora como se nada tivesse acontecido. E assim segue sua vida naturalmente.

Ele não percebeu que em todo o tempo que o pai esteve ali envolvido com o médium, o pai de santo deixou de lado, toda sua família carnal, que certamente precisou dele, mas não pode ser atendido, pois estava ocupado cuidando de alguém desconhecido que lhe chega precisando de auxílio.

Ele não percebeu que antes de ele chegar à casa precisou passar por uma limpeza de ponta a ponta para que toda a harmonização estivesse perfeitamente adequada com os parâmetros para uma casa de umbanda e que o gasto com material de limpeza é muito grande. Ele não se deu conta que depois dos trabalhos ficou muita sujeira e que logo depois que ele foi embora, e o pai teve que lavar tudo de novo sozinho para esperar o próximo.

Certamente ele não se deu conta que antes dele já tinha alguém ali fazendo o mesmo ou algo ainda mais complexo. Ele não se deu conta que às vezes o pai precisou sair no seu próprio carro para fazer uma entrega em alguma encruzilhada, beira de rio, cemitério ou na mata, gastando às vezes uma gasolina que nem podia no momento.

Quantas vezes esse mesmo médium precisou acordar o pai na alta madrugada se dizendo que estava possuído ou manifestado algo ruim, até mesmo sofrendo de uma enfermidade que não conseguia resolver sozinho, e o seu pai de santo precisou sair às pressas na noite adentro para ir até sua casa e resolver tudo. Como era uma emergência, claro que tudo o que foi usado foi levado pelo pai. Sem falar do constrangimento de sair de casada casa na madrugada para ir socorrê-lo. Talvez aquele era o único momento que o pai tinha para aproveitar sua família durante muito tempo, pois vive praticamente em função dos filhos da casa.

Isso tudo com um único médium, imagina agora uma casa com mais de cem filhos, todos passando pelos mesmos problemas e alguns com outras enfermidades físicas e espirituais bem piores que essas citadas e que exigem muito mais do seu pai de santo. Agora imagina tudo isso durante uma semana toda. Um mês todinho. Agora imagina isso durante um ano. E se for dois anos, três, cinco, doze e por aí vai.

Esses e muitos outros aspectos não citados aqui, é o que mais acontece nos terreiros. A umbanda é uma religião que não cobra indulgências, não trabalha com dízimo e nem ofertas obrigatórias durante as sessões, ou seja, não é parte de seu culto a cobrança de dinheiro. Desse modo, então, como uma casa de umbanda se mantém?

Em casas de umbanda sérias, são exigidas apenas uma contribuição mensal dos filhos que fazem parte do corpo mediúnico e aceitam doações de acordo com o que as pessoas que recebem suas curas e querem agradecer de alguma forma, pois mesmo para os médiuns que são filhos fixos da casa, ainda assim são bem flexíveis as normas de contribuição mensal. Tomando sempre o cuidado para que ninguém seja exposto e nem deixar de ser cuidado normalmente por falta desse pagamento, pois a umbanda verdadeira não visa ao dinheiro. O sacerdote de umbanda não vive dela e sim para ela.

Uma pequena contribuição para pagar as despesas e materiais que a casa precisa se faz necessário para que a casa possa ter condições básicas para atender tantos os próprios filhos quanto a comunidade em geral.

Mas tem que se tomar muito cuidado, pois têm muitos falsos pais e mães que fazem da umbanda uma verdadeira bolsa de valores. Existem muitos falsos umbandistas fazendo da umbanda um banco para ganhar dinheiro a qualquer custo. Levando a umbanda a se tornar uma pedra de troca, de barganha, uma forma vergonhosa de destruir a umbanda.

Porém cabe a cada um de nós buscar mais informações através de estudos e na busca de conhecimentos para que não possamos ser enganados por esses falsos religiosos que agridem as leis da umbanda sagrada. Só com o conhecimento das leis da umbanda é que vai fazer com a umbanda seja realmente vista como ela é.

Na verdade, as dificuldades que um sacerdote sério passa para manter a casa aberta e nas condições físicas e espirituais quase nunca são vistas. A grande maioria das pessoas que passam pelos terreiros não se preocupam com essas partes de grande importância dentro dos terreiros.

Para um sacerdote assumir integralmente as funções de uma casa, com todas as normativas, necessidades, preparos e toda parte de cuidado com os filhos e com a comunidade em geral. Ele precisa abdicar de muitas coisas pessoais. Geralmente fica quase sem poder manter o emprego fora da casa. O pai deixa sempre sua família carnal em segundo plano para se dedicar a casa e os filhos que vão se achegando.

Para muitos isso não é relevante, e quando se fala de mensalidade ou contribuição muitos pulam fora e saem dizendo que o pai é mercenário. Por que que isso ocorre?

Geralmente porque esses filhos simplesmente vão as casa apenas para satisfazer seus anseios próprios e não se preocupam com os irmãos e tão pouco com a casa no geral. São filhos ingratos que acham que sempre estão com a razão e que ele não custa nada para a casa e por isso não precisa pagar por nada.

Há aqueles também que até pagam a contribuição em dia e fazem até questão deem mostrar para todos que pagam. Mas qualquer probleminha ou qualquer

coisa que lhe desagrada, suspende o pagamento e diz que não vai pagar nada por não estar usufruindo e que não vai dar luxo para o pai de santo.

Têm aqueles também que só mantêm em dia suas despesas até conseguir o que quer. Geralmente um emprego melhor, voltar com alguém etc. Assim consegue fazer aquele clássico afastamento dizendo que vai dar um tempo na religião e só volta quando tudo estiver novamente desmoronando e já volta com o dinheiro na mão, como se fosse um pagamento para o pai de santo. Como se o pai de santo não visse esses atos.

Também tem aqueles que não vão às reuniões e aos estudos para fingir que não sabe o que estar acontecendo e quando são indagados sobre apela mensalidade diz que não sabia.

No geral, manter uma casa de santo de pé com seriedade e responsabilidade exige muito. O pai precisa engolir muitos sapos. Faz isso porque sabe que muitos dependem daquela casa. E sabe também que a maioria dos médiuns de hoje não compreendem que uma casa não é aberta para o pai de santo e sim para eles mesmos. Qual seria o sentido de abrir uma casa para si mesmo? Todo benefício e as melhora que uma casa recebe quem mais se utiliza são os próprios médiuns. Mas a consciência humana é algo tão misterioso e às vezes tão vazia que fica a pergunta.

O que seria dos médiuns sem seus pais? E como seriam possíveis o aprendizado e o amadurecimento dos pais sem passar por essas provações?

“Os caminhos da umbanda são largos e retos para os puros de coração e são gélidos e estreitos para de corações endurecidos.”

Gildener Sousa

Capítulo XVII

Pai de Santo Sem Pulso

Vou sair dessa casa, já chega, esse pai de santo é fraco, não tem pulso, deixa os filhos fazerem o que querem. Não aguento mais. isso aqui virou foi festa mesmo, todo mundo faz o que quer e ele não faz nada. Só porque é da panelinha dele. São os queridinhos, os preferidos. Agora se fosse eu ou fulana ou sicrana aposto como ele tomava providência. Mas como são aqueles protegidos. Aquele bando de puxa- sacos, pode fazer qualquer coisa que ele finge que não vê pai de santo de meia tigela, fraco sem pulso para liderança.

São muitos os que chegam na tua casa, da mesma forma, sempre humildes e solistas, amáveis e quase sempre se vitimando. Geralmente são aqueles que já vagaram em vários terreiros e até mesmo por várias religiões em um pequeno espaço de tempo.

Chegam pedindo ajuda e nem mesmo querem saber se o sacerdote pode ou tem condições, já chegam no seu processo de vitimismo e já vai entrando de porta adentro e quer logo que sua vida seja resolvida imediatamente.

Geralmente já chegam logo jogando para o pai de santo que já tem forças, mas que na outra casa já trabalhava, apenas não deram a devida oportunidade e por isso saiu de lá. Que já tem seu Exu de trabalho que você pode contar com eles para tudo e certamente por um tempo é justamente, “ou melhor aparentemente”, é o que acontece. Eles estão em tudo todo evento, sempre querendo ajudar e certamente o coração do pai e enche de alegria porque apareceu um médium bom de verdade. Só que não. NOSSA FINALMENTE UM MEDIUM BOM DE VERDADE. Só que não.

Por um certo tempo esse tipo de médium é gentil, amável até te convence que gosta de você e dá sua família carnal. Chega em pouco tempo falar que ama seus filhos carnais, enfim se torna parte da família. Aí você começa a confiar, pois ele ajuda o tempo todo, muita das vezes entra até em contendas com outros por causas dele ou dela. Chega às vezes até optar por esse ou aquele médium muitas vezes induzido por esse tipo de pessoas e acaba por causar grandes confusões.

Mas logo você começa a perceber atitudes em relação a esse médium que te deixam preocupado. Com o passar do tempo esse tipo de médium começa a achar que é mais importante que os demais, que tudo ele tem que estar presente. Que a palavra dele é a certa, começa até mesmo a querer questionar o que o pai ou a mãe do terreiro faz ou deixa de fazer com relação aos outros irmãos e em relação a ele mesmo. E se o pai não obedece, começa a sair nos bastidores falando que o pai de santo é fraco, que não tem pulso com os filhos.

Chega no estágio que tudo o que os outros fazem não está bom está bom e começa a querer colocar uns contra os outros o tempo todo, com ciúmes, se achando que já sabe de mais que insubstituível e tudo mais.

Começa a se meter nas decisões que só cabem as dirigentes da casa, e se o desagrada começa a fazer fuxicos e levantar falsos testemunhos dos irmãos do pai de santo e por sua vez fica insustentável sua permanência que acaba por sair da casa por puro orgulho e mesquinhez.

Mas esse tipo de médium mesmo quando sai não para de importunar. Continua sempre dando um jeito de ficar sabendo do ocorrido dentro da casa para continuar com seus ataques ao pai e aos seus irmãos que segundo ele não gostavam dele.

E assim vai seguindo até chegar o dia do arrependimento e pedir para voltar para casa que tanto ele feriu.

Na maioria das vezes esses tipos de irmãos não têm a mínima noção do quanto ele pode ferir seu pai de santo. Ele muitas das vezes não consegue compreender que fez muito mal há muitos dos seus irmãos. Ele não consegue assimilar que ele mesmo foi muito ferido e que perdeu uma grande oportunidade de evoluir e fazer sua caminhada dentro da umbanda com muita tranquilidade. Porque quase sempre são grandes médiuns de uma capacidade gigantesca mediunicamente falando.

Eles agora não conseguem ver que ele estar no mesmo lugar daqueles que ele tanto julgou, humilhou e tentou de todas as formas afastar do terreiro ou descredibilizar. Ele agora pede o mesmo perdão que o outro estava pedindo e ele com sua arrogância achava que o pai deu o perdão porque era fraco ou sem pulso.

O tempo é o relógio da alma e devemos nos atentar para isso, pois cada um de nós temos a nossa própria visão, ou seja, visões diferentes da mesma situação, porque estamos juntos, mais temos posições e missões diferenciadas, e não tem como um pai de santo tomar decisão alguma baseada em ideia ou achismo de outros médium. O compromisso e a missão são bem diferentes de um pai para um filho. Por isso que quase sempre eles têm opiniões diferenciadas.

Dentro de um terreiro as situações de discordâncias e de difícil resolução são oportunidades que nossos guias nos oportunizam para nossa própria evolução individual e coletiva.

Quem seria um pai de terreiro? Para que serviria um sacerdote se tudo de errado ou de falhas que seus filhos cometessem nas dependências do seu terreiro fossem

pedidos para se retirar dele? Seria um fraco pai de santo realmente, seria aquele que não teria pulso para lidar com a situação e preferia mandar embora do centro. Nesse caso, sim, seria um pai de santo sem pulso, sem coragem e sem responsabilidades com a fé e com as diretrizes da umbanda.

Quem pensa ao contrário da isso certamente não tem a mínima noção do que são as leis da umbanda. Não conhece a umbanda por dentro, apenas a parte artificial da umbanda. E não consegue acompanhar a lei da amorosidade, que são raios inquebráveis da umbanda sagrada.

Caros amigos leitores e médiuns, quando vocês se depararem com situações como essas, em vez de sair julgando seu pai de santo, tente se colocar no lugar dele. Tentar ver mesmo que por alguns instantes pela visão do amor da umbanda. Lembre-se que hoje você julga e amanhã poderá ser julgado.

Então para que isso não venha a ser um problema para sua vida, tente manter suas boas vibrações e fique atento apenas às atribuições que lhe foram delegadas. Deixando o restante para quem tem essa competência.

Pôs certamente esse médium que passar por essa tribulação em qualquer terreiro, ao voltar, ele não consegue nas maiorias das vezes ser o que era, pois os irmãos já têm uma certa resistência, pois lembrará bem das ofensas e o mais importe não tem a confiança de seu pai de santo. Ele vai te tratar bem, cuidar muito bem da sua vida mediúnica, mas nunca mais terá aquela confiança e sempre ficará com o pé atrás com você, pois só quem já foi traído pelo um amigo saberá o quanto dói e é difícil de se livrar desse sentimento.

“Só quem vive uma realidade, pode plenamente compreender as suas mais amargas solidões e suas mais vibrantes alegrias.”

Gildener Sousa

Capítulo VXXVIII

Incorporação Tsunami

A incorporação é uma dentre os mais de cem tipos de qualidade ou de manifestação mediúnica catalogada e conhecida em todo o mundo. Na religião de umbanda, é uma das mais conhecidas durante toda a vida mediúnica dos médiuns umbandistas. Aa incorporação dentro dos terreiros, casas ou centros espiritualistas são na maioria das vezes a coisa mais esperada pelos médiuns quando fazem parte dessa vertente religiosa.

A incorporação realmente é uma manifestação espiritual fantástica e um dos carros- chefes da umbanda sagrada. É a maneira que possibilita o contato com o lado espiritual das nossas vivências. É através das incorporações que os guias espirituais se manifestam, e passam seus conhecimentos e seus conselhos sempre no intuito de que cada dia mais possamos evoluirmos juntos a grande seara das leis divinas.

A incorporação é uma faculdade mediúnica que nem todos os médiuns podem despertar no seu convívio espiritual, mas, quando se trata de umbanda, quase todos os que frequentam essa religião podem sim manifestar esse tipo de mediunidade.

Porém temos que tomar alguns cuidados para que a incorporação aconteça. E são justamente esses cuidados que muitos irmãos não conseguem e nem querem tocar para que tudo transcorra com naturalidade e com verdade. De acordo com o Pai Lennon de Oxóss:

A incorporação se dá quando um Espírito do outro plano se aproxima do médium e se conecta com esse médium através de seu mental, quanto mais próximo do ser humano e quanto mais seus ideais, pensamentos e características forem semelhantes a de seu médium, mais fácil e mais tranquilo se dá a incorporação.

Quando estamos sendo animados por um Espírito ele não se apossa do corpo e nem do mental, o Espírito não invade nosso corpo entrando e expulsando nosso espírito/alma, se isso ocorre-se morreríamos, pois um corpo não vive sem sua alma, lembrando também que dois corpos não ocupam o mesmo espaço.

Quando estamos incorporados formamos uma Terceira energia, que é a energia do Médium + a energia do Espírito = a terceira energia, cada qual com suas características e trejeitos, por isso cada médium tem suas particularidades, dentro dessas possibilidades temos os médiuns inconscientes, os médiuns semiconscientes e os médiuns conscientes. Sendo a grande maioria de médiuns conscientes. Os médiuns inconscientes estão praticamente escassos e em extinção, isto devido a evolução que nossa Umbanda tem tido ao longo dos anos. Podemos afirmar também que a maioria dos médiuns são conscientes devido ao aprendizado que se tem, pois temos que a mediunidade está para o ser humano em caráter evolutivo e de aprendizado, como inconscientemente iria fazer isso? Com a consciência de tudo que acontece à sua volta, com certeza será muito maior o aprendizado com o guia espiritual.

Pai Lennon de Oxóssi.

A incorporação sem dúvidas é fantástica, uma forma de praticar a caridade, de manter o contato com a espiritualidade e é um caminho para evolução nossa como ser.

Porém me atentarei nestas poucas linhas a descrever o que mais ocorre dentro dos terreiros de umbanda pelo Brasil a fora e que muitas das vezes não são conversadas ou corrigidas, por falta de compreensão dos dirigentes ou por pura ignorância dos médiuns.

Geralmente você vê médiuns que chegam anos terreiros alvoroçados para incorporar logo, e querem de qualquer custo desenvolver suas mediunidades para já começar a incorporar, e trabalhar e ajudar a casa, porém sabem que para isso precisam de muito estudos, conhecimentos, desenvolvimentos e maturidade para que a incorporação venha se dar de maneira natural e coerentes. Esses irmãos que sabem realmente o que querem, respeitam a espiritualidade e que sabem esperar o seu tempo para que tudo ocorra com tranquilidade, geralmente conseguem grandes avanços nos seus campos mediúnicos e na sua jornada evolutiva.

Já aqueles apressadinhos que não conseguem esperar seu tempo, que atropelam os estudos e doutrinas, aqueles que vão com muita sede ao pote, tendem geralmente a fracassar na sua buscar por uma espiritualização mais acertada. Motivo esse que leva o médium a não compreender que o tempo da espiritualidade é diferente do nosso e precisa sempre de cuidado, conhecimentos, comprometimento, assiduidade e responsabilidades nos trabalhos que envolvem toda parte da umbanda, e não seria diferente com a incorporação.

Aqueles ditos médiuns apressadinhos, não buscam durante a sua jornada doutrinária uma preocupação com o bem-estar de si mesmos mesmo nem dos seus irmãos da casa. N e na grande maioria das vezes não compreendem e nem entendem a necessidade de esperar seu tempo para tudo dentro de uma casa de umbanda.

Geralmente eles querem logo se lançar nas incorporações sem um mínimo de conhecimentos ou cuidado que esse ato exige. Com a ganância de girar logo como os veteranos já giram. De fazer o que os outros os outros já fazem, o que

acaba por deixarem de lado o bom senso e a responsabilidade.

Esse tipo de médium, certamente irá cometer inúmeros erros durante o processo de adaptação naquela casa e que nem sempre ele vai conseguir continuar por causa da grande decepção que ele mesmo se dará. Quando ele se joga sem querer ouvir a doutrina, sem esperar e sem querer seguir o tempo normal da espiritualidade, certamente ele cai no famoso ato que acaba muitas vezes sendo tachado por isso de. médium da mistificação. Por que ocorre isso com ele? Porque um médium sério e compromissado com a fé e com a religião deve saber que incorporar é consequência da sua entrega e do seu comprometimento espiritual.

Para uma boa incorporação e para uma segurança tanto para se quanto para os demais médiuns, que poderão ser beneficiadas pela incorporação, as bases doutrinárias, o conhecimento e a manutenção das energias devem vir em primeiro lugar, só depois é que terá que se preocupar com a incorporação.

Caso contrário, esse médium cai no grande erro que aqui chamo pejorativamente de Médium Tsunami. É aquele médium que não consegue controlar suas manifestações, alegando que é inconsciente e não ver nada quando o guia desce. Que não consegue ter controle e que é o guia que faz com ele faça tudo aquilo.

Geralmente, essas incorporações são brutas, perigosas e desequilibradas. É o resultado do mediunismo descontrolado e da mistificação, que é uma necessidade pessoal de ser vista e de achar que todos devem ter medos das suas incorporações, que seus guias são violentos e devem ser respeitados a qualquer custo. Este tipo de incorporação dever ser freada por algumas razões básicas.

Primeiro, porque esse tipo de truculência não tem nada a ver com incorporação forte. Nada mais é que o despreparo do médium, que certamente desconhece o

que é literalmente a incorporação e seus domínios.

Segundo, porque essa forma de tentar provar para casa, para os seus irmãos que sua incorporação é mais forte, mais violenta ou melhor do que os demais, apenas mostra para todos o quanto aquele médium vive em volta do egocentrismo, de tal maneira que não consegue perceber que que tudo isso não passa de mistificação. O que seria isso? Um arquétipo criado e interiorizado para uso e interesses próprios que nada tem a ver com a espiritualidade. A preguiça de estudar, ou o interesses de estar sempre em evidências dentro do terreiro acaba levando-o a acreditar que realmente seus guias são daquele jeito e que, se mexer com ele, o guiar vai piorar e fazer bagunça.

Em terceiro lugar, esse tipo de atitudes pode provocar sérios problemas dentro de uma gira. Além de poder machucar o próprio médium, ele pode machucar outros irmãos que porventura estão na gira no mesmo tempo. Também na sua maioria das vezes acaba por atrapalhar toda a energia dos trabalhos, pois aquela brutalidade toda acaba chamando a atenção de todos que por sua vez perdem a concentração e deixam a corrente se quebrar. Esse médium tsunami fica o tempo todo trombando nos irmãos, se jogando no chão com violência e além do mais com frequência acaba por atrapalhar as doutrinas e todo o caminhar de um trabalho.

Em quarto lugar, esse tipo de violência não é trabalho e nem incorporação de umbanda. Às incorporações de umbanda as vezes o médium munido com as correntes energéticas dos guias pode girar sim. E às vezes com muita velocidade, mas para isso o médium deve estar muito bem -preparados e certamente sendo conhecedor das suas limitações para não ultrapassar o limite da realidade e cair na mistificação.

Para isso o médium deve já ter passado por desenvolvimentos, doutrina e muitas formações. Além de saber exatamente que a umbanda não tem nada a ver com exibicionismo. Que isso é coisa de pessoas que não sabem o que querem dentro

de casa de umbanda e vivem em um mundo particular em que não conseguem assimilar a sua própria necessidade de aprender e conhecer pelo menos o básico sobre as incorporações e sobre as leis da umbanda.

“Nossa vamos sair da frente o médium tsunami acaba de entrar na gira”

Esse tipo pito de comentário é frequente entre os irmãos que já conhecem aquele médium. E não há o que pai de santo possa fazer. As situações se repetem gira após gira. Fica muito difícil de doutrinar uma pessoa que já tem uma formação concreta, que não aceita mudanças e não estar apto a novas experiências e que preferem remar contra a correnteza apenas para satisfazer seu ego.

As incorporações na umbanda são feitas com leveza e tranquilidade, pós são espíritos de alto grau evolutivo quem incorporam em médiuns que também vibram em energias benéficas, claro que os médiuns ainda não alcançaram graus evolutivos como os nossos guias espirituais já os tem mas quem tem a sede do conhecimento, e do comprometimento, do aprendizado e a preocupação com a religião e assim por diante com os caminhos que esse ato vai percorrer, certamente vai te levar longe.

As incorporações vivenciadas na umbanda devem ser encaradas com o máximo de responsabilidade e cuidado, pois você nunca sabe o que pode acontecer, o “orai e vigiai” sempre deve estar em ser alerta permanente para todos, já que. Pois você só vai incorporar espíritos ou entidades de acordo com suas vibrações. Por exemplo: Se vocês estiverem de mal humor, com raiva de alguém dentro do terreiro, com insatisfação com a casa e estar ali apenas por birra mesmo, claro que suas incorporações serão grotescas e grosseiras, pois você dará vazão a espíritos de energias semelhantes e irá se passar por um guia que além de usar a cabeça do médium que já está em desequilíbrio, pode enganar muitos dentro dos terreiros. Esse tipo de atitudes com o passar dos tempos vai se enraizando dentro de você, que acaba por acreditar que tudo aquilo é verdade.

Quanto mais conhecimentos, quanto mais entrega na espiritualidade, quanto mais você buscar compreender do quer realmente se tratam as incorporações dentro da umbanda, mais elas serão sutis. Pois veja: as entidades que incorporam nos médiuns dentro de uma casa de umbanda, mas friso bem, claro se for realmente uma casa de umbanda, são espíritos de altíssimo grau de evolução. E como tal não há fundamentos para chegarem e incorporarem em um médium esbravejando, socando e rosnando feito um lobo raivoso. Não se tem conhecimento de fundamentos que um guia de luz chega em terra ameaçando alguém ou transferindo medo aos demais. Não é fundamento de umbanda que depois das incorporações o médium fique sofrendo, se jogando no chão e gritando como se estivesse sido atropelado por um caminhão.

Incorporar é uma das fases da mediunidade de umbanda que tem e precisa ser levada a sério. Com muito estudo e conhecimento para se evitar a mistificação que leva certamente ao declínio mediúnico de um médium.

Quanto mais afinados em harmonia energéticas, em intenção e renúncias para as mudanças necessárias para a evolução do ser, mais equilibrada e sutil serão suas incorporações, pois a ligação de pensamentos e conhecimentos é o elo que ampara e harmoniza essa manifestação mediúnica tão expressiva dentro das casas de umbanda.

“A forma em que expressa as suas incorporações, demonstram o grau de conhecimento e de evolução mediúnico que o médium possui.”

Gildener Sousa

Capítulo XIX

O Elo Motivador

O quanto é triste e desmotivador ver pais e mães fechando as suas portas. Desmotivados com os acontecimentos dentro das suas casas, por todo tipo de comportamentos e preconceitos, intolerâncias, atos isolados dentro dos próprios terreiros, além da falta de apoio do poder público e de todas as gamas de desrespeito que ocorrem com um pai ou uma mãe de santo dentro da nossa umbanda. Além de tantas outras coisas que acabam levando muitas vezes a muitos sacerdotes e sacerdotisas a deixarem seus caminhos espirituais, e abandonarem suas crenças e fecharem suas portas.

Só quem vive o outro lado da religião é quem sabe como são grandes as dificuldades que os pais de santo passam para manter sua casa aberta e receber todos sem distinção. Quando você fica de fora é fácil julgar, tecer comentários negativos e tudo mais sobre a casa, sobre aquele pai. Ora você na sua casa pode é fazer seleção, só entra na sua residência quem você deixar, pelas afinidades, pelo seu gosto e pelos seu interesse. Já na casa de umbanda o pai e a mãe que cumpre com seriedade a religião não lhe cabe essa escolha. A única escolha é ajudar a todos que baterem na sua porta.

Claro que são muitas as decepções, ingratidões e toda gama de afronta que um pai e uma mãe sérios passam para conseguir manter sua casa de portas abertas. Porém, diante de todo esse cenário, que na maioria das vezes quase ninguém consegue ver, o que motiva um pai a passar por cima de tudo isso e mesmo assim continuar de pé e não desistir?

São basicamente três coisas que não deixam isso acontecer. Em primeiro lugar a sua espiritualidade. Quando você é comprometido com a espiritualidade, quando você respeita e compreende que tudo, tanto as coisas boas quanto as más, são resultados de uma evolução e fazem parte da caminhada do aprendizado de nossas vidas. Isso se torna compreensivo, pois para um pai de santo que leva a sério sua missão, ele não pode esperar só coisas boas, mas precisa entender que as provas e as tentações serão muitas, justamente para testar o quanto você é comprometido com a fé que escolheu e com a missão que está a sua altura.

A segunda é o pai ver a alegria e a satisfação no rosto daquele filho ou daquele consulente que recebeu uma ajuda, ver a gratidão daquelas pessoas que foram curadas e você saber que fez parte disso de alguma forma, mesmo como apenas mediador, pois é isso que somos, todo médium é o mediador, a ligação ou até mesmo uma ponte que interligam aos planos e consequentemente que liga a espiritualidade a nós, que precisamos cada vez mais de seus auxílios. Ver essa magia acontecer, e poder saber que se você é útil de alguma forma para alguém, não tem preço, nessas horas toda a insatisfação e todo o sentimento de rejeição vai embora e você novamente se mergulha na infinita espiritualização de que somos feitos e nada mais importa, apenas o bem comum.

Em terceiro lugar, segundo o meu próprio julgamento, a capacidade de nos reinventarmos diante dos problemas. Por quer quando você lida com um problema alheio, dentro do contexto umbandista, aquele problema se torna seu também. E ali certamente você aprende, amadurece e encontra forças que nem imaginava que tinha. A satisfação de fazer o bem e de se sentir parte daquele bem faz com quer o pai de santo se reinvente, se transforma ao mesmo tempo que encontra formas e maneiras de continuar a levar a grandeza da umbanda para todos aqueles que ainda não a conhecem e para todos que precisam dessa luz na sua vida.

O que mais motiva um pai de santo a seguir em diante com sua missão é saber que mesmo sofrendo ingratidões ou sendo de alguma forma perseguido ou desrespeitado. É a grande alegria e o prazer que ele sente quando pode ajudar

alguém de alguma forma.

O elo motivador é a esperança de dias melhores e a confirmação diária que esse é o caminho. É manter a certeza de que tudo nessa vida é passageiro e nada estar estabilizado, tudo pode ser modificado conforme nossas escolhas e nossos atos.

O elo que nos motiva é a presença constante da nossa fé. É aquela paz interior que não se pode ver nem tocar, apenas sentir, viver e emanar. O elo motivador para o pai de santo é a perseverança de perspectivas de dias melhores é a sutileza nos comandos da natureza e a paz interior que essa religião pode te proporcionar.

O acreditar no outro, e sentir que o bem-estar do teu irmão também precisa ser o seu, a sua fé é revigorante. Poder sentir e ser complacente com a dor do outro é o que nos motiva a seguir em diante. Poder nos colocarmos no lugar do outro nos conforta e nos leva a perdoar, porque sentimos e compreendemos que somos todos iguais apesar das diferenças. O sentir que ainda somos falhos e nos motiva a lutar sempre para conseguir evoluir.

“O elo mais motivador da vida é saber que mesmo sendo falhos somos capazes de sermos melhores.”

Gildener Sousa

Capítulo XX

O Mestre e o sacerdote

Etimologicamente, a palavra “mestre”, segundo Closs na obra de que trata do assunto, deriva do latim magister, que significa professor, ou seja, aquele que professa algo, que se dedica à arte de ensinar. Ser mestre é ser “‘perito”’ em determinado campo do conhecimento, instrutor, orientador, guia, conselheiro, mediador, pacificador, amigo e companheiro. Ser mestre é ser muito mais do que apenas bacharel, licenciado, professor, docente ou educador. Ser mestre é saber compartilhar experiências e saberes.

O sacerdote de Umbanda é uma pessoa comum, que vive os mesmos conflitos e dificuldades que todas as outras pessoas e, ao mesmo tempo, vive a mediunidade de incorporação e a missão de conduzir uma comunidade. Por isso, muitos dirigentes espirituais têm dificuldade em aceitar ou compreender seu sacerdócio. O sacerdote é aquele que recebeu as ordens sacerdotais e que ministra os sacramentos da religião.

Comparar um sacerdote com um mestre a meu ver é um engano. O mestre é alguém que por obrigação do título não pode cometer erros nem tão pouco deve ter dúvidas naquilo que defende ou se propõe. O mestre já foi moldado e reformado pelo tempo e não lhe cabem erros.

O mestre é um professor maioral, dominador daquilo que defende. O mestre é o soberano, pois só assim terá discípulos. Na religião de umbanda não cabe a figura de mestre, mas sim de sacerdote. Os seguidores não devem ser discípulos do sacerdote, mas sim discípulos da própria religião, pois. Pôs nesse contexto a

religião é o próprio mestre e o sacerdote é um eterno aprendiz, assim como os demais.

O sacerdote, ao contrário do que muitos pensam, não é aquele que sabe de tudo e deve saber de tudo para sanar todas as nossas dúvidas a qualquer momento. O sacerdote não é aquela figura que deve ser exaltado em pedestal superior.

O sacerdote de umbanda é uma pessoa comum, que, em vez ao invés de primeiro aprender tudo, apesar claro de ter que passar por diversas formações, ele aprende diariamente assim como todo umbandista.

A escola de umbanda é certamente uma fonte inesgotável de conhecimentos. E o sacerdote de umbanda deve ser um eterno zelador dessa fonte, assim como deve ser alimentado por ela. Ser sacerdote é uma eterna batalha com sua própria consciência, pois a vida e as situações são eternos cobradores de suas atitudes.

O sacerdote de umbanda não é formado por ser ou por ter as características de um mestre, mas sim por compreender uma missão espiritual.

O sacerdote não deve ser visto e encarado como um mestre supremo, porque o sacerdócio vai além de auxiliar e ensinar alguém sobre algo. A primeira lei sacerdotal é respeitar o livre arbítrio. Ele reza, ele ora, ele faz preces por seus seguidores, ele apontar o caminho, a direção. Interceder, orientar é nossa obrigação, mas evoluir é tarefa de cada um, pois.

Pôs a missão do sacerdote, assim como do mestre, porém com arestas diferenciadas, é a orientação, ficando à escolha de cada um decidir pelos seus próprios caminhos.

O sacerdote não é um mestre por ele não ser perfeito e nem poderia ser. Se assim o fosse não teria sentido na sua missão, seria nula toda a sua experiência. Ele aprende, ele evolui junto com os demais. São os aprendizados na jornada que vão fazendo o sacerdote a madurecer e compreender suas próprias imperfeições.

O sacerdote não pode esperar se tornar um mestre para ensinar algo. Se assim fosse não teria sentido algum, pois é na caminhada que se evolui e não na no fim dela. Engana -se quem acha que ser sacerdote é ser dominador de todo saber. O sacerdócio na umbanda é uma oportunidade de crescimento e amadurecimento de nossas almas. São tantas as dificuldades e as precisões que o sacerdote necessita para adquirir o amadurecimento suficiente para conseguir ir diante sem se corromper e sem se deixar ser levado pelas palavras vãs e pelas companhias duvidosas, que é preciso uma vigilância constante para que seus cobradores tantos físicos quantos espirituais não o atrapalhem na missão.

O sacerdote é a resistência e a certeza da continuidade da nossa amada religião, sendo entendedor de todas as suas dificuldades e beneficiado pelas grandes virtudes que a umbanda pode nos proporcionar. Ser sacerdote é poder compartilhar experiências, é poder aprender juntamente aos desafios que surgem durante a jornada umbandista.

A grandeza do sacerdote não estar na sua capacidade de saber e ensinar tudo que sabe, mas sim em viver e experimentar as descobertas que o cargo lhe apresenta. É amadurecer e aprimorar seus conhecimentos vivenciando situações adversas no seu dia a dia.

Vejamos então as colocações a seguir.

“Ser sacerdote é viver mil vezes em apenas uma vida, é lutar por causas perdidas, é desconhecer a palavra recompensa apesar dos seus atos.

Ser sacerdote é caminhar na dúvida cheio de certezas é correr atrás das nuvens num dia de sol e alcançar o sol num dia de chuva.

Ser sacerdote é chorar de alegria e muitas vezes sorrir com tristeza é cancelar sonhos em prol de terceiros é acreditar quando ninguém mais acredita é esperar quando ninguém mais espera.

Ser sacerdote é identificar um sorriso triste em uma lágrima falsa, é ser enganado e sempre dar mais uma chance é cair no fundo do poço e emergir sem ajuda.

Ser sacerdote é se perder em palavras e depois perceber que se encontrou nelas, é distribuir emoções que nem sempre são captadas.

Ser sacerdote é construir castelos na areia, vê-los desmoronados pelas águas e ainda assim construir outros.

Ser sacerdote é tentar recuperar o irrecuperável é entender o que ninguém mais conseguiu desvendar.

Ser sacerdote é estender a mão a quem ainda não pediu é doar o que ainda não foi solicitado.

Ser sacerdote é ter a arrogância de viver apesar dos dissabores das desilusões, das traições e das decepções.

Ser sacerdote é ser pai dos filhos dos outros e muitas vezes não ser dos seus é amar igualmente e nem sempre ser amado.

Ser sacerdote é ter confiança no amanhã e aceitação pelo ontem é desbravar caminhos difíceis em instantes inoportunos e fincar a bandeira da conquista em meio à derrota.

Ser sacerdote é entender as fases da lua por ter suas próprias fases. É ser "nova" quando o coração está à espera de filhos de Santo, ser "crescente" quando estes filhos batem à sua porta, ser "cheia" quando já não cabe tantos filhos no Ilê e "minguante" quando muitos desses filhos vão embora cortando seu coração ao meio com injúrias e falsas palavras.

Ser sacerdote é voltar no tempo todos os dias e viver por poucos instantes coisas que nunca ficarão esquecidas.

Ser sacerdote é cicatrizar feridas de outros e inúmeras vezes deixar as suas próprias feridas sangrando e doendo.

Ser sacerdote é chorar calado as dores de todo mundo e em apenas um segundo estar sorrindo.

Ser sacerdote é subir degraus e se os tiver que descer não precisar de ajuda é

tropeçar, cair e voltar a andar sozinho.

Ser sacerdote é acima de tudo um estado de espírito é ter dentro de si um grande tesouro escondido chamado FÉ e ainda assim dividi-lo com o mundo, mesmo que o mundo não mereça, sem esperar nada em troca!

Sacerdote neste texto se refere a todos os Sacerdotes e Sacerdotisas dos cultos e religiões afro-brasileiras e de matriz africana.”

Autor desconhecido.

“Ser sacerdote é iluminar a escuridão que habita no outro, mesmo que esta faça morada em ti.”

Gildener Sousa

Capítulo XXI

Amores de Santo

Caros amigos leitores, volto a afirmar que as colocações citadas neste capítulo são percepções e vivências próprias, que nada têm a ver com imposições ou tentativa de direcionar nenhuma verdade. São apenas divisões de experiências como sacerdote e não têm teor teológico.

Conviver em comunidade é sempre uma tarefa difícil, ainda mais se tratando de uma comunidade religiosa como a umbanda, que sempre foi uma religião de contato. A umbanda é uma religião que comporta uma vasta lista de diferenças e é recheada de diversidade.

É praticamente impossível não existir relacionamentos, sobretudo os amorosos, dentro de uma casa de umbanda. E certamente esse assunto é um dos mais delicados, para não dizer polêmico. Os relacionamentos dentro de uma casa umbandista é tema para um livro inteiro. Porém, seguindo a ideia desta obra, me atentarei em resumir em poucas palavras esse que é um dos assuntos mais emblemáticos e perigosos dentro de um terreiro.

Emblemático porque não é proibido se relacionar com um irmão de santo, não tem uma regra nem uma cartilha ou algum tipo de normativa que proíbe esse tipo de relacionamento. Emblemático porque se trata de um relacionamento com o seu irmão de santo. Soa meio estranho. Emblemático porque arrumar um relacionamento não é o foco da religião de umbanda. Mas isso também não impede que aconteça.

Emblemático porque é notório que se apaixonar faz parte da vida humana, se relacionar-se é um ato natural deste nosso tempo terreno. É certamente emblemático porque quase sempre um relacionamento amoroso dentro de uma casa de terreiro vem carregado de uma avalanche de problemas seríssimos.

Perigoso, porque pode acontecer e muitas das vezes os envolvidos não conseguem ter maturidade suficiente para lidar com essa situação. Ai já viu os problemas para a casa tentar resolver.

É fato que ninguém, nem mesmos os sacerdotes, podem evitar esse tipo de envolvimento dentro de suas respectivas casas. Porém cabe a ele ditar algumas regras básicas de boas convivências para se evitar o máximo que puder de problemas relacionados a relacionamentos amorosos que possam trazer complicações futuras.

A umbanda preza sempre pela família e pelos bons costumes sociais. Quando chega uma família inteira para fazer parte de um terreiro, é sempre uma alegria para toda casa. Claro se isso se tratar de uma casa séria de verdade, pois quando os filhos já chegam comprometidos fica mais difícil de se envolverem com seus irmãos no santo. Mas também isso não é uma regra fixa. Há sempre as exceções.

A recomendação no seu âmbito geral da umbanda sagrada é que se poder evitar relacionamento que se evite. Para justamente tentar evitar diversos problemas na corrente mediúnica.

Por que devemos evitar ao máximo esses tipos de relacionamentos entre os irmãos?

Primeiro porque, quando participa de uma corrente ou uma egrégora mediúnica, você está em volto de energias muito sutis e que qualquer alteração é crucial no seu desenvolvimento mediúnico.

Para se desenvolver mediunicamente com segurança e equilíbrio é fundamental que seu pai de santo ou sua mãe, ou até mesmo os médiuns que tenham cargos hierárquicos e que são responsáveis pelo seu desenvolvimento, jamais poderá se envolver amorosamente com você. Isso porque, pelo fato que quando você se envolve amorosamente com alguém, é natural que você queira ajudar, privilegiar ou até mesmo tomar partido no que se refere a várias ocasiões.

Sem falar que você corre o sério risco de se envolver em contendas e problemas junto a todo o corpo mediúnico. Porque certamente você vai estar sempre do lado da pessoa amada e nesses casos acaba por tomar decisões que não serão as mais acertadas. Dessa forma você corre um sério risco de jogar todo seu desenvolvimento de anos literalmente no lixo e fazendo assim você não será visto com será com bons olhos pelos outros irmãos. Sem falar que você que é pai, mãe ou médium de cargos importantes dentro da casa e, que acaba por se envolver com seus irmãos, logo será criticado, pois certamente a casa se for uma casa séria certamente tem um regimento interno que traz essas diretrizes, complicações e cautelas para se evitar esse tipo de relacionamento.

Caso isso ocorra, você corre o sério risco de colocar seu nome em baixa e acaba por colocar a casa e seus dirigentes também no âmbito da desconfiança, infelizmente. Surgem os seguintes questionamentos: o pai de santo permite, só porque é o queridinho, tem um cargo alto dentro da casa. Será que o pai de santo não está vendo? Essas e muitas outras indagações se tornam corriqueiras dentro do grupo, levando a uma grande instabilidade para muitos. E claro, os mais prejudicados serão certamente os envolvidos devido as energias que tendem a desarmonizá-las.

É expressamente proibido pelos fundamentos da umbanda sagrada um pai ou uma mãe de santo se envolver amorosamente com seus filhos. Fica completamente na contramão da liturgia de umbanda um ato dessa natureza. Quando você se torna pai ou mãe de um filho você cria um vínculo de energias paternal e maternal, tornando assim um grave erro se isso porventura chegar a acontecer.

Em primeiro lugar, a egrégora daquela casa passa a se tornar densa e fica vulnerável a interferências de energias e seres negativados, que buscam apenas uma brecha dessas para causar desordem e desequilíbrio em toda parte da casa. E é questão de tempo para aquela casa se tornar um ambiente negativo e todo o projeto da espiritualidade infelizmente se tornará prejudicado.

Assim também como aqueles filhos que têm no seu currículo mediúnico obrigações e cargos de confiança não podem se envolver com seus irmãos, que nessa ótica são seus responsáveis mediunicamente falando, justamente podem acontecer as mesmas situações citadas no parágrafo anterior, pois gerará uma instabilidade grande em todo o corpo mediúnico.

No entanto, quando isso vier acontecer, você precisa ser maduro o suficiente para lidar com as consequências desta decisão. Pode ser que este relacionamento venha a se tornar duradouro e harmônico. Quando isso acontece, é muito bom e têm muitos irmãos que se conhecem em uma casa de santo e acabam por namorar, casar e formar uma bela família. Quando isso ocorre é bem-visto pelos olhos da espiritualidade e pela casa inteira também, porque não se trata de um relacionamento doentio e sim de relacionamento sério.

O que nunca deveria acontecer, mas infelizmente é o que mais acontece em qualquer terreiro espalhado pelo Brasil a fora, são esses envolvimentos motivados pela o simples desejo sexual. Os irmãos se envolvem sexualmente uns com os outros sem nenhum compromisso ou respeito pelos seus irmãos ou pela religião. E assim acabam por se relacionarem em relacionamentos vulgares e

sem intenção de ser algo sério e duradouro.

Irmãos que mergulham nos relacionamentos só pelo prazer da carne e um dia estão todo dia estar aqui com outro ali e criam uma rede de envolvimentos descontrolados que acabam por gerar uma onda de contendas, desavenças e muita desarmonia na casa inteira.

Primeiro porque começa uma onda de ciúmes e acusações desenfreados, pois a umbanda é uma religião de contato e uma hora ou outra estão juntos. Nesses tipos de relacionamento não se cria muito desconforto para o sacerdote e toda a família espiritual. Uma das maiores causas desses problemas é que quase sempre os irmãos misturam vidas pessoais e espirituais envolvendo os relacionamentos. Quando estes terminam, a coisa fica pior.

É claro, não só dentro da umbanda, mas em qualquer grupo social, existem as preferências de companhias com afinidades energéticas. Vai sempre ter dentro da casa, irmãos que se gostam mais, irmãos se dão melhor com uns e com outros não, por questões de afinidades mesmo. Porém quando acabam por exemplo um relacionamento, esses grupos de afinidades começam a ficar uns contra os outros grupos, gerando assim brigas, fofocas, acusações e muito desrespeito físico e espiritualmente dentro da casa. Quase sempre um fica todo odiado, e cheio da razão que não escuta mais seus pais de santo e não pensam duas vezes em, e primeira coisa que pensa e faz e sair da casa, porque não consegue mais conviver na presença daquele ou daquela que até poucos dias fazia juras de amor eterno.

É justamente isto que o pai de santo queria evitar se posicionando contra esses envolvimentos. Mas o pior de tudo é que não param por aí, infelizmente. Quando acontece e chega a este ponto, muitos irmãos se posicionam para um lado que lhe for mais cômodo, estar errado poque ninguém deveria se intrometer nesses casos, mas na umbanda a gente se torna tão próximos uns com os outros que nós achamos no direito de palpitar. Causando assim um mal ainda maior.

Quando falamos de amores no terreiro, o chamado amores de santo, é preciso ser enfrentado com muito cuidado e responsabilidades para se evitar muitos problemas, sobretudo na parte do desenvolvimento mediúnico. Para se lançar em um relacionamento, você precisa ter um bom amadurecimento para não misturar relacionamento pessoal com relações do terreiro.

Vivenciando os rumos de muitos relacionamentos no decorrer desses doze anos como dirigente de casa de umbanda, já vi muitos desfechos não tão positivos de amores e paixões entre irmãos de santo.

O que mais acontece quando você se envolve com seu irmão de santo na grande maioria das vezes é você querer mudar os hábitos do seu parceiro ou parceira dentro das atividades do terreiro. Certamente os irmãos envolvidos têm cargos diferenciados e na assiduidade de atividades específicas, que impedem que o casal esteja sendo no mesmo dia e no mesmo trabalho no terreiro, ocasionando assim conflitos entre ambos.

Pois geralmente entram em jogo os ciúmes e as desconfianças em relação ao seu parceiro/parceira. É justamente nesse momento que começam os conflitos dentro do terreiro por causa dos relacionamentos.

Começam as fofocas e insinuações descabidas e você agora se perde o foco espiritual e uma cegueira desenfreada e todos que se aproximam do seu namorado ou namorada é motivo de ciúmes, de contendas e desconfianças que vai gerando uma egrégora de negatividades que vai te envolvendo e cada vez mais você começa a ficar distante da espiritualidade e de seu compromisso com a casa e com suas responsabilidades com a liturgia da casa.

A partir desse ponto você não está preocupado com seus desenvolvimentos e até mesmo de seus dirigentes você começa a desconfiar. Chegando a causar incômodo até mesmo com seus parceiros.

Levando assim ao término do relacionamento, ocasionado daí para a frente a parte mais difícil de um relacionamento dessa natureza.

Quando um relacionamento amoroso entre os irmãos termina, quase sempre não fica uma boa convivência, entre os dois e até mesmo com seus irmãos da casa. Com o término se forma agora duas turmas, um fica do lado de um e a outra fica do lado do outro, em um leva e traz de fuxicos e fofocas, levando a casa a ser obrigada a se envolver em algo tão particular que não teria a necessidade por ser tão particular. QE qualquer decisão que o pai venha a tomar em relação a situação, sempre uma turma vai ficar insatisfeita com o pai de santo. O porquê e o deus grego de antes agora e Judas e tudo e qualquer um que venho se opor a você se torna seus inimigos.

Você não consegue mais agora ficar no mesmo ambiente que seu ex. e nesse momento, de duas, uma, ou você sai da casa sem levar em conta toda a ajuda que já adquiriu lá, sem nem se importar com o que realmente você foi buscar naquela casa, pois deixou tudo de lado por uma paixão sem foco.

Quando você sair, leva com você todo esse ódio e rancor da pessoa e uma grande carga de desequilíbrio que te consome por dentro e te leva a estacionar novamente na base da evolução espiritual.

Quando resolve, apesar de tudo, ficar na casa com a mesma pessoa, a convivência vai se tornando cada vez mais insuportável, levando até a envolver os guias espirituais nessa falta de controle sua e irresponsabilidade, pois quando você estar incorporado o “seu guia” não cumprimenta aquela pessoa, quando não

sai falando mal daquela pessoa como se o guia espiritual compactuasse com esse comportamento desprezível. Elevando assim a sua vibração para um patamar muito perigoso e sujeito a influências dos seres negativos a todo instante.

São por estes e muitos outros problemas que se pede para evitar um relacionamento entre irmãos no santo. Ou se não poder evitar, que seja algo sério, duradouro e respeitoso em todos os níveis de convivências. E se por outro lado vier a ter um término, que seja maduro, responsável com relação às suas escolhas, que não transfira para ninguém uma responsabilidade que é sua.

É com muita frequência que os relacionamentos não conseguem ir para a frente porque os envolvidos não conseguem separar o que é vida pessoal e vida espiritual. E acabam por trilhar caminhos tortuosos e muitas vezes desagradáveis.

É muito gratificante quando acontece um relacionamento dentro da casa que é levado a sério e se torna uma coisa duradoura, respeitosa e equilibrada. Mostra que os irmãos estão crescendo e evoluindo com os aprendizados dentro da casa, servindo assim de exemplo para todos.

“O amor pode ser o seu pior algoz, se você não souber amar.”

Gildener Sousa

Capítulo XXII

A Semente da Segregação

A inconformidade, o egoísmo, a incapacidade de inclusão, o achismo e a falta de compreensão referente o que significa a liturgia umbandista, são fatores relevantes quando um irmão cai no desequilíbrio da segregação religiosa.

A umbanda é uma religião de mistérios incompreendidos para quem não se permite descobrir a sie mesmo.

Segregação é o ato de segregar, de pôr de lado, de separar, isolar ou apartar. Segregação é o processo de dissociação mediante o qual indivíduos e grupos perdem o contato físico e social com outros indivíduos e grupos. Essa separação, ou distância social e física, é oriunda de fatores biológicos e sociais, como raça, riqueza, educação, religião, profissão, nacionalidade etc.

Nos fundamentos da religião de umbanda todo seu centro de consolidação da liturgia sagrada é baseado na caridade, é no livre arbítrio do ser que navega nas águas da umbanda sagrada. Qualquer coisa ou forma que saia das arestas da caridade e da humildade não se configuram como ritos de umbanda pois essa religião tem a capacidade de reli cari, religar o homem com Deus, através da prática do bem absoluto, permeando os leves e saborosos leitos da caridade.

O principal intuito de um grupo religioso é o repasse de conhecimentos, de experiências e vivências espirituais e físicas para a ampla expansão da

consciência e da evolução coletiva. Nas bases litúrgicas da umbanda sagrada a segregação é inadmissível. Separar, excluir, isolar não representa nenhuma base teológica nem espiritual da umbanda.

As vivências e experiências coletivas são de uma grandiosidade e atribuem uma importância muito grande na quebra das nossas convicções negativas e empregadas na nossa vida pelas gamas de preconceitos, racismos e diferenças sociais motivados pelo sistema de segregação de poder e conhecimento social.

Quando nos voltarmos para a prática das liturgias umbandista, compreendemos a necessidade de agregar cada vez mais para conseguirmos acumular conhecimento e experiências para que possamos compreender o verdadeiro sentido do viver socialmente.

A umbanda é uma religião livre, a liberdade é sinônimo de confiança e oportunidade de busca de um caminho melhor para a nossa vida, nas experiências espirituais. Quando um membro de uma casa, de um terreiro ou de um centro umbandista opta por este mecanismo de desequilíbrio, certamente este precisa de cuidados urgentes, pois não é pertinente é nem tão pouco faz parte das diretrizes e dos fundamentos da nossa umbanda sagrada.

Quando um irmão, um filho, ou quem quer que seja, insiste em deixar de lado, ou lutar para que um ou outro fique de fora de seus grupos de estudos ou de tarefas que envolvam, estudos, aprendizados, novas experiências ou qualquer outra maneira de evoluir e compreender nas mais diversas formas possíveis o mecanismo de evolução Sim é segregação.

Quando você começa a segregar seus irmãos, é um claro aviso e demonstração que você está vivendo baseado na restas do desconhecimento e do desequilíbrio espiritual, pois a segregação espiritual eleva e inflama perigosamente o ego

pessoal, o que para um médium de umbanda é demérito sem precedente.

Você fica primeiramente vulnerável a quaisquer forças dos seres negativados que rondam nossos atos ininterruptamente. O sentimento de segregação nada mais é do que nossa insatisfação com nossos irmãos, é a falta da capacidade de compreender e entender a oportunidade que a espiritualidade nos oferece de vencer nossas lacunas inferiores e uma forma de oportunizar o nosso melhoramento íntimo. O sentimento de segregar vem com a insatisfação da maneira como que conduzimos nossa vida, pela falta de capacidade de admitir que estamos precisando de ajuda e muita coisa está errada em nós mesmos.

O irmão ou a irmã que comunga de um grupo religioso, muitas vezes não entende que o que procuramos no seio religioso é a oportunidade de conviver com nossos semelhantes com suas diversas diferenças, justamente para entrarmos em contato com tudo aquilo que vem trazendo uma carga de desarmonia em nós.

O convívio coletivo em determinadas atividades em seio religioso, traz a oportunidade de conhecer e reconhecer no outro as nossas próprias imperfeições. É com essas experiências que conseguimos encontrar uma saída para se reinventar e superar as nossas tendências inferiores.

Quando você segrega, você tira a oportunidade de alguém de conviver com você e certamente você poda a oportunidade de aprender e evoluir através da convivência. Quando você segrega, você demonstra claramente que não está preparado para participar, ou fazer nenhum tipo de atividades que venha a envolver a vida alheia. Como na umbanda o foco maior é o aconselhamento pessoal e nos atendimentos para tentar fazer com que os nossos irmãos que estão passando por desajuste espiritual e muitas das vezes desorientados na caminhada de vida terrena. Se você é um trabalhador e que intimamente está em outros momentos, causando movimentos de segregação, deve imediatamente ser retirado dessas atividades, pois é você que precisa de auxílio e não tem condição

alguma de ajudar, pois é você que precisa de ajuda.

A umbanda oportuniza a todos que querem se compromissar com a verdade e com a evolução de suas almas através da caridade. Sem caridade não há salvação, já dizia o mestre Jesus, pois a semente da segregação traz discórdia, infortúnios e gera um desequilíbrio espiritual para quem o pratica, assim como para quem é envolvido neste ato de puro egoísmo e falta de humanidade pessoal.

A semente da segregação traz ao médium o descontrole e a descida escalonada de vibrações que rompem com todas as características mediúnicas junto ao grupo que frequenta.

Nas práticas umbandistas, o tesouro mais valioso é a humildade e a caridade pura. Sem essas práticas suas atividades mediúnicas são nulas quando se referem a evolução e às perdas dos karmas, pois a lei do retorno é implacável e certa.

Se hoje você segrega, amanhã será segregado. E será que você estará pronto para vivenciar o outro lado da moeda que você mesmo criou? esta indagação quase sempre passa despercebida, porque o egoísta jamais se imagina no lugar do outro. Lhe falta a ele empatia, lhe falta humildade e conhecimento.

A empatia deveria ser um sentimento e uma posição constante na vida de todo umbandista, pois se posicionar no lugar do outro te permite perceber e compreender que o mundo também gira fora da bolha que criou e imaginou como queria que a vida de todos que os rodeiam deveria ser. Empatia é a condição que todo médium verdadeiramente comprometido com leis da umbanda deveria vivenciar todos os dias, para assim evitar o julgamento desrespeitoso e incoerente com as verdade reais e não sair destruindo capacidades e oportunidades baseadas no seu próprio descontrole espiritual.

A segregação é a forma grotesca que o médium o tem de absorver suas próprias frustrações íntimas e se tornar egoísta o bastante para se achar que o único e verdadeiro dono da razão é ele mesmo. ÉE uma forma desequilibrada de acreditar que ele é melhor que os demais e tudo que ele pôr a mão será melhor que seus irmãos.

A segregação no âmbito religioso é a degradação daquilo que foi adquirido com muito esforços e confiança por parte de seu sacerdote e que você, literalmente possuído pelas suas mazelas de alma, tratou de fazer mal uso em benefício próprio.

Os fundamentos da umbanda são literalmente e absolutamente contra esses pensamentos e atitudes. A agregação, sim, este é o pilar de força da religião. Quanto mais for agregado, mais será o benefício e mais amplas serão as benfeitorias em âmbito geral.

Não á limites e nem critério selecionador para vir a somar na umbanda, a simples presença sua já é motivo de alegria e de possibilidade de mudança. O coletivo é um dos colegiados mais preciosos da umbanda.

Se policiar e ser empático é critério firme para se tornar um trabalhador da espiritualidade, pois sem essas ferramentas você ficar sempre nas sombras da evolução. Sem erguer seus medos e suas inclinações, você não será capaz de curá-las para que no futuro possa auxiliar a curar os outros.

“ Proponho uma reflexão sobre empatia. Você sabe o que é ser uma pessoa que tem empatia em relação aos outros? Significa a capacidade psicológica depara sentir o que sentiria uma outra pessoa. É o ato de se colocar no lugar do outro

sem julgamentos, ter um bom entendimento sobre o sofrimento e as dificuldades do outro. Respeitar a dor do outro. Silenciar quando não puder auxiliar. Empatia é tratar as pessoas dentro das regras do respeito. Empatia é a lei do ouro que diz que devemos tratar o outro como gostaríamos que fossemos tratados. Empatia é a caridade prática e consoladora. Empatia é doar doses de generosidade e compaixão em relação às dores e dificuldades de nossos semelhantes.

Isso é uma qualidade que nossos guias e mentores nos ensinam constantemente com seus exemplos e atitudes em relação ao próximo. Sabe o amar uns aos outros como eu vos amei? Exatamente assim.

Em toda a gira nos deparamos com guias abnegados em auxiliar os consulentes e aos médiuns que vem buscar a boa palavra, com uma paciência invejável.

Como é espetacular observarmos o afeto, o carinho de um Preto Velho, a palavra de encorajamento de um Caboclo, a verdade necessária nas palavras do Exu e da Pomba gira, aquela dose extra da alegria do Ibeji, a palavra centrada e justa de Xangô, e a coragem de seguir adiante nas palavras de Ogum, que nos ensina a sermos fortes perante as batalhas que a vida nos coloca, e cada guia vem trazendo consigo tanta coisa boa, tanta doação ao próximo.

E será que estamos aprendendo e aplicando seus exemplos no dia a dia, no tratar com o nosso próximo? Responda, meu irmão, para si mesmo.

Parece tão fácil, quando observamos a postura de nossos guias e mentores.

Mas por que será que quando temos a oportunidade de seguir vossos exemplos, somos tão pouco generosos?

Por que somos tão impacientes, perante o manifesto da dor alheia, do desequilíbrio, da revolta? Afinal de contas a Umbanda está para dar remédios aos sãos?

Com certeza não! A Umbanda é o grande hospital das almas, nunca se esqueçam disso, é praticamente uma das máximas doutrinárias da Umbanda.

Meus irmãos de jornada, é fácil lidar com aqueles que comungam de nossa fé, de nossos pensamentos, é muito fácil lidar com as pessoas boas, gentis, os que nos são iguais.

Mas e com os adoentados do espírito, com os endurecidos, os irascíveis, os irracionais? OQ que fazer com essas pessoas? Abandoná-las, ignorá-las em seus mundos escuros? Jogá-las como folhas secas ao vento? Que mérito há?

Somos ou não soldados de Umbanda, ou somos soldados covardes perante as divergências e dificuldades? Dizem que onde entra um médium de boa vontade, uma luz lhe acompanha, ele é a lamparina que ilumina os caminhos escuros. Honestamente me entristece saber que muitos médiuns estão se esquecendo do verdadeiro propósito de ser um médium de Umbanda. Reflitam, está aí no dia a dia é só observar como alguns médiuns têm se comportado uns com os outros.

Vocês já pararam para refletir o trabalho dos guias e mentores nos campos umbralinos que descem constantemente na tentativa de trazerem um irmão a redenção e à libertação, vocês já pararam para pensar o quanto é difícil o trabalho dos guardiões da lei que cuidam de espíritos altamente trevosos, e cegos em seus mundos obscuros? Vocês já pararam para pensar no caos que seria se fossem como nós tão pouco generosos e sem paciência? Não vamos

esquecer que somos vossos discípulos e um dia seremos mestres. Reflitam.

A palavra é a navalha da alma, a palavra deveria ser dita apenas para edificar. Mas infelizmente algumas pessoas têm usado para destruir, arruinar, debochar, humilhar e denegrir”.

Cristina Alves

Templo de Umbanda Ogum 7 Ondas e Cabocla Jupira.

“A segregação é o bailar tortuoso da alma, que trilha em gélidos e estreitos caminhos do egoísmo. Enquanto podia sadiamente percorrer largas é purificadas estradas da evolução.”

Gildener Sousa

Capítulo XXIII

Evangelização Umbandista

“ “Aqui inicia-se um novo culto em que os espíritos de pretos velhos africanos, que haviam sido escravos e que desencarnaram não encontram campo de ação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas quase que exclusivamente para os trabalhos de feitiçaria e os índios nativos da nossa terra, poderão trabalhar em benefícios dos seus irmãos encarnados, qualquer que seja a cor, raça, credo ou posição social. A prática da caridade no sentido do amor fraterno, será a característica principal deste culto, que tem por base o Evangelho de Jesus e como mestre supremo o Cristo.”

(Caboclo das 7 Encruzilhadas, 16.11.1908).

Como se observa no relato histórico acima destacado, o Caboclo das 7 Encruzilhadas - o qual, através da mediunidade de Zélio Fernandino de Morais, trouxe ao plano material a Umbanda - estabeleceu o Evangelho de Jesus como base da nova religião, além de proclamar o próprio Cristo como seu mestre supremo.

Todavia, muito mais importante que ter a imagem de Cristo em destaque nos altares dos templos, o estudo e a prática do evangelho do Mestre deve ser atividade comum e permanente dentro de uma casa de Umbanda.

Sem o estudo e a prática dos ensinamentos de Jesus, a casa está fadada à ruína.

Não à toa, nossos queridos Pretos Velhos, quando manifestados, abençoam seus filhos em nome de “Nosso Senhor Jesus Cristo. Igualmente, a Linha dos Baianos tem por padroeiro Nosso Senhor do Bonfim, que nada mais é que a representação de Jesus sincretizado.

Com o processo de décadas de demonização da umbanda por parte da igreja católica, durante o levante da umbanda no Brasil, muitas das características fundamentais da religião foram ficando no esquecimento, chegando ao ponto de até mesmo os próprios umbandistas a acreditarem em várias injúrias que foram erroneamente e propositalmente adicionados para a umbanda.

O grande exemplo disso é a questão do evangelho de Jesus nos ensinamentos e fundamentos das liturgias umbandistas. Os próprios umbandistas, em uma grande maioria, desconhecem o teor básico da teologia de umbanda. Chegando até a acreditar que a teologia é feita de psicografia ou psicofonia através dos guias espirituais.

Por este motivo são pouquíssimos os médiuns de umbanda que se atentam a leitura das escrituras sagradas dos evangelhos de Jesus. Uma boa parte é pura ignorância mesmo, outra parcela por desconhecer a própria religião.

Quando se fala que a umbanda é cristã, na maioria das vezes isso causa um susto, uma reação imediata e muitas das vezes pelos irmãos que comungam da própria umbanda. Vejo com muita tristeza irmãos umbandistas em pleno o século 21 vivendo presos a ignorância do passado.

Alguém pode perguntar, pois bem, se a umbanda é cristã, por que não segue a Bíblia?

Antes de responder, temos que entender o que é a Bíblia. Precisamos ter em mente que a Bíblia não é um livro de histórias, a Bíblia é um conjunto de livros de teologia. E essa teologia fala de Deus, porém não foi Deus quem a escreveu, mas sim o homem. Escreveu para falar de Deus, mesmo que inspirado por Deus, o homem em seus diversos aspectos, tempos e culturas, com suas próprias conclusões do que se refere a Deus na sua visão particular do que é Deus para si.

A Bíblia pode ser dividida em duas partes. O velho testamento, o judaísmo, e o novo testamento, o cristianismo. A problemática é devido a interpretação dela. A Bíblia, quando é interpretada por fundamentalistas, ela serve para agredir tudo e todos aqueles que vai contra a sua interpretação. Você se torna fundamentalista quando interpreta sem contextualizar a palavra. Daí você diz: a Bíblia é a palavra de Deus, então Deus não erra, sendo assim a Bíblia não pode errar. Um erro grande e comum para muitos umbandistas dos tempos de hoje.

Para nós, umbandistas, o evangelho do novo testamento serve de base histórica e de liturgias cristãs para os fundamentos da nossa crença. Negar isso é ir na contramão das ideologias umbandistas que também são cristãs. Apesar de sempre elucidar que a o livro sagrado da umbanda é a natureza e é uma grande verdade, deixar de lado essa aresta é deixar uma grande e importante parte da umbanda de fora da sua magnitude.

É dever nosso como sacerdote trazer os esclarecimentos para os filhos seguidores da umbanda e para toda a sociedade de modo geral. O umbandista de verdade não pode se preocupar apenas com as giras, com nomes de suas entidades, mas é primordial que venha em busca de conhecimentos, sobretudo das bases teológicas e filosóficas da religião.

O sincretismo é uma prova muito evidente dessa parte cristã da umbanda, apesar de ter a mesma referência dos santos com os orixás de culto de nação. O sincretismo dentro da umbanda tem muito mais do que apenas comparações de santo católico com orixá africano. Tem também o elo que permeia essas duas

crenças, que são totalmente diferentes nas suas liturgias e ritualísticas, porém se aproximam pelo evangelho de Jesus, que traz a mesma mensagem de amor e caridade.

A Bíblia por si só não entra como único livro sagrado da umbanda por alguns motivos. O primeiro é que, a bíblica como conhecemos é uma coletânea de livros de diversos tempos históricos e diversas culturas e civilizações já extintas e muito mais. O segundo ponto se refere em que tanto ao cristianismo, assim como a umbanda e a outras crenças cristãs, que reconhecem apenas o novo testamento para seguir como a palavra de Jesus, pois o velho testamento é mais antigo do que possamos imaginar. Pode se datar alguns escritos de três mil anos antes de Cristo. O pentateuco por exemplo, que são os cinco primeiros livros da Bíblia, serve de base para a Torá. Vamos entender um pouco mais sobre essas ligações.

A história de como Deus tratou os humanos desde a criação até a morte de Moisés. Conforme podemos averiguar em Genesis e Deuteronômio. O conjunto de regras da Lei de Moisés em Êxodo a Lei tem mais de 600 regulamentos. O mais conhecido deles é a Shema ou confissão judaica de fé. Um trecho da Shema diz: “Ame a Jeová, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de toda a sua força. Jesus disse que “esse é o maior e primeiro mandamento”. Segundo Mateus Evangelista. O nome Jeová, que aparece 1.800 vezes. A Torá não proíbe usar o nome de Deus. Pelo contrário, ela tem mandamentos que exigiam que o povo de Deus falasse seu nome. — Como podemos observar em Números e em Deuteronômio.

Já partindo para as liturgias e práticas dentro dos terreiros em todo Brasil, é umas das práticas mais comum são as orações e devoções dentro das casas umbandistas é muito comum. Todo umbandista rezas as orações ditas como exclusiva dos católicos. Fazem penitências e promessas, assim como os católicos. Outro ponto que afirma fortemente essa evangelização da umbanda como evangelho de Jesus é a comemoração das datas santas do cristianismo católicos dentro dos espaços da umbanda, Sendo até mesmo levando a se

comemorar as datas dos orixás com a mesma data dos santos da igreja católica.

Vejamos então.

“Os ensinamentos de Jesus, assim como a Umbanda, são simples e destituídos de fórmulas e símbolos complicados. Ademais, Jesus não exigia dos homens que se tornassem santos ou heróis, sob a influência de seus ensinamentos. Ele ensinava a realidade dos céus no meio da vida comum, nas ruas, vielas, campos, lares, sob as árvores, ou à beira de praias. Jesus teve sua convivência por escolha entre o povo aflito e sofredor, sedentos por amor e um pouco de carinho em vez de estar entre eruditos, políticos, ou entre as complicações religiosas do mundo. Seus ensinamentos eram simples, compreendidos por todos, e eram gravados com letras de fogo no coração de cada um. Ensinamentos compreendidos e aceitos pela simplicidade das verdades inesquecíveis como:

“Ama a teu próximo como a ti mesmo”

“Faze aos outros o que queres que te façam”

“Quem se humilha será exaltado”

“Cada um colhe conforme suas obras”.

Jamais, outra regra de reforma íntima tão singela e espiritual poderia permear a Umbanda, cuja doutrina é tão simples, desprovida de pompas, lógica e libertadora. Nenhum outro Mestre que viveu entre nós conseguiu em poucas palavras e em tão pouco tempo expor um código de moral tão elevado (Evangelho) aos humanos. A Umbanda não pretende isolar-se na interpretação pessoal do Evangelho tão bem esposado e explicado pelo Espiritismo, aliás não devemos nos esquecer que as explicações contidas no “Evangelho segundo o espiritismo, foram dadas por espíritos iluminados; portanto ser espírita é seguir os ensinamentos dos espíritos, o que nós umbandistas também fazemos. Só não adotamos o termo “Espírita” para designar nosso movimento religioso, pois os Kardecistas já o fizeram. Somos umbandistas, mas aceitamos de coração nossos

irmãos espíritas. Adotar a literatura espírita não quer dizer praticar espiritismo, mas sim nos educarmos nas mensagens edificadoras dos nossos irmãos espirituais que ali militam. Adotando o Evangelho segundo o espiritismo, em nossos templos, contribuiremos para a libertação das pessoas, e contribuindo para a única maneira de nos espiritualizarmos, que é a "educação". Nós, umbandistas, devemos ter como objetivo a redenção dos espíritos através de uma conscientização contínua das verdades eternas contidas no evangelho de Jesus, sem aguardar o milagre da santidade instantânea. O umbandista deve interessar-se profundamente pelo seu aperfeiçoamento e não eleger e confiar somente nos ensinamentos dos mestres e doutrinadores. Não basta querer ter sua vida resolvida, crer numa vida espiritual eterna se ainda não se converteu às verdades e aos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Evangelizar não se trata apenas de um conjunto de preceitos pregados a outras pessoas, mas sim interiorizados e vividos no íntimo de nossa alma, assim como fez Jesus, pois ele pregava, mas praticava todos os seus ensinamentos. Jesus não estabeleceu nenhum culto, nem pregou nenhum tipo de poder a multidão; não criou castas e nem outorgas sacerdotais; não pregou aprisionamentos de espíritos; não ensinou a retornar nenhum mal que nos fizessem, e muito menos, não nos deu fórmulas mágicas para que pudéssemos nos beneficiar egoisticamente, promovendo facilidades materiais ou espirituais. Ele nos pregou o amor, o perdão, a redenção pela fé, e foi muito claro quando nos disse:

"Quem quiser salvar-se, pegue de sua cruz e siga-me".

Jesus deu um toque sutil em todas as situações humanas e espirituais, operando o verdadeiro milagre da nossa reforma íntima transformando angústias, fracassos e desesperos em bênçãos para o caminho do céu. Em vez de menosprezar a vida, nos ensinou que ela é um instrumento necessário para o aperfeiçoamento da alma. Transformou dores em bênçãos, choros, sofrimentos e aflições em bem-aventuranças eternas. Nenhum suspiro, dor, ou lágrima serão perdidos ante o Divino Criador. Existe uma simbiose; uma sintonia moral entre a Umbanda e o Evangelho. Ambos requerem a redenção humana. Ambos valorizam a vida humana, nos ensinando que devemos viver tudo o que Deus nos proporcionou com disciplina, e não ver a vida simplesmente como condição expiatória ou apenas sofredora. A Umbanda, portanto, é o caminho a ser trilhado pela humanidade, e o Evangelho é a luz que ilumina o caminho, facilitando a nossa vida. Nós, umbandistas, não devemos aguardar a

aproximação do Evangelho, mas sim buscá-lo e vivenciá-lo em toda sua plenitude, como norma a ser seguida, a fim de nos desvencilharmos das ilusões e dos sofrimentos humanos, encontrando um caminho curto e seguro que nos levará a Deus. O Evangelho é fonte criadora de homens incomuns em caráter amor e igualdade. Não é egoísta, mas sim altruísta; não se exalta, mas cria humildes. Deixa o ser humano terno e não cruel. Pacífico e não armado. O Evangelho será a pátria dos homens santos. Os gigantes de espiritualidade, vencedores de suas mazelas e paixões. Todos os problemas do mundo serão solucionados pela leitura e prática do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, o porto mais seguro da espiritualidade superior. Nós, umbandistas, devemos usar dos recursos materiais que Deus nos proporcionou, que chamamos de "arsenal" de Umbanda, com disciplina, bom senso e espírito crítico, sempre que necessário ajudar a qualquer irmão, mas desde que este, naquele momento, não se encontra em condições de ser doutrinado ou transformado. Após o equilíbrio dele devemos proceder a sua evangelização, para que o nosso irmão continue seu caminho no plano terreno com equilíbrio e não venha a cair nas malhas das adversidades internas e nem dos nossos irmãos das trevas. Em nossas palestras elucidativas e evangelizadoras devemos nos abster de excessos de melodramas, exposição de conceitos e parábolas através de suspiros, palavras trêmulas e expressões compungidas. Devemos ter uma oratória simples, objetiva, sincera, assim como Jesus fazia, falando com o coração e não preocupado se as pessoas estão te admirando pela rica eloquência. Então, meus irmãos, mãos à obra, na edificação evangélica do nosso espírito imortal, pois só assim estaremos contribuindo para o nosso aprimoramento e elevação espiritual. Lembrem-se do iniciador da Umbanda, em 1.908, o S.r. Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando nos exortou:

"Que o desenvolvimento do médium fosse com base na Evangelização contumaz"

"De quem sabe aprenderemos e os que nada sabem ensinaremos."

Tenda Espírita Fé e Amor

Deixando bem claro para todos os leitores, que cada capítulo deste livro foi feito a partir de uma ótica pessoal e de vivencias próprias de minhas experiencias pessoais enquanto sacerdote e dirigente de uma casa umbandista. Sempre afirmando que não tem cunho teológico e a única intenção destas páginas e chamar a atenção dos irmãos umbandistas para a importância dos estudos para o conhecimento de nossa fé.

Capítulo XXIV

A Fé e A Ciência

O que todo mundo fala não importando a crença que se professa no chamado mistério da religião é O mistério de Deus que faz com que as crenças sejam sustentadas por tanto tempo. Porém pode ser também a não aproximação do fiel a este mistério que vem afastando muitos do caminho de várias crenças. O que seria esse mistério? Para quer tanto mistério? Por que a espiritualidade não revela logo de uma vez e acaba de uma vez por toda com esse mistério? O que está contido em todas as crenças, desde as mais arcaicas assim como os novos conceitos de fé da atualidade? Somente no século 18 e principalmente nos dois séculos seguintes é que se começa a falar das explicações racionais para o mundo e de que ele não seria uma justificativa apenas da existência de Deus, a separação de fé e ciência começa no iluminismo. É também neste período que aparece o ateísmo. O filósofo iluminista francês Voltaire, desafia a Igreja e seus dogmas e já em 1859, quando Charles Darwin publica a obra Origem das Espécies, a ciência começa a ganhar um espaço cada vez mais independente das crenças religiosas. Darwin descreve a evolução das espécies, como surgiram os animais e plantas e como eles evoluíram sem mencionar Deus. As explicações científicas para a vida são cada vez mais frequentes, a partir daí, não por acaso, surgem a Medicina, a Química e a Biologia.

Um mundo antigo, onde apenas a palavra de seu líder e as mensagens que ele trazia ao seu mero prazer, vontade e interesse era a única verdade que uma determinada civilização tinha de fé. Assim foram construindo as famosas parábolas dos mistérios da fé.

Desse modo cada crença com suas suposições e suas maneiras de aprisionar os

seus seguidores como eram convenientes para o sistema da época o faziam.

A crença em um único Deus surgi no panorama social de muitos desequilíbrios e incoerências no tocante a religião, pois há milhares de anos, povos e civilizações foram adicionando deuses e crenças antigas que até não encontraram suas explicações racionais para tal. Com o surgimento do raciocínio da ciência e da separação da ciência e da religião, uma outra grande lacuna foi aberta no que se refere aos mistérios da fé.

Antes de responder aos questionamentos do primeiro parágrafo, vamos entender um pouco mais sobre os mistérios da fé. Na visão de algumas crenças em maiores evidências nos dias de hoje o mistério da fé ainda é um tabu.

Cada crença, cada seguimento de fé ou cada religião no mundo afora se sustenta objetivamente na perpetuação dos mistérios que envolvem os caminhos da alma humana no sentido espiritual, pois praticamente a sociedade em geral crê em uma existência eterna da alma de alguma forma. Mas como sustentar essa máxima? Sem uma evidência física e definitiva dessa imortalidade da alma. Cada religião se sustenta de uma forma. No catolicismo, que é uma grande religião cristã, o maior mistério que sustenta toda fé católica e a Santíssima Trindade. O que seria esse mistério?

O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério de Deus em si mesmo. É a fonte de todos os outros mistérios da fé, é a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental e essencial na hierarquia das verdades de fé. Toda a história da salvação não é senão a história da via e dos meios pelos quais o Deus verdadeiro e único, Pai, Filho e Espírito Santo, se revela, reconcilia consigo e une a si os homens que se afastam do pecado, conforme o catecismo da Igreja Católica, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. O apóstolo Paulo nos fala da alegria de sermos convidados a viver na mesma relação de comunhão e amor que existe entre Deus Pai e Seu Filho Jesus Cristo. Recebestes jesus um espírito de filhos adotivos, no

qual todos nós clamamos de Pai. O próprio Espírito se une ao nosso espírito para nos atestar que somos filhos de Deus, perseverantes na oração e solidários com os que sofrem. Já quando nós voltamos para o segmento protestante temos um outro mistério chamado de revelação. Os mistérios de Deus são verdades espirituais conhecidas somente por meio de revelação. Deus revela os Seus mistérios aos que obedecem ao evangelho. Alguns dos mistérios de Deus ainda estão para ser revelados.

A Umbanda, uma religião cristã e que possui em suas liturgias diversos elementos de culturas e crenças das mais diversas possíveis, como se comporta nesse sentido?

“A Umbanda é uma religião eminentemente espiritista e espiritualizada. Portanto, a fé professada pelos seus praticantes, médiuns em sua maioria, exige uma crença forte em Deus e na existência do mundo espiritual que interage o tempo todo com o plano material. Analogicamente, podemos comparar a crença umbandista à do cristianismo, que tem em Deus o Criador Supremo (Olodumare ou Olorum) e em Jesus o seu maior mistério (sincretizado com Oxalá). Mas, tal como no cristianismo há as coortes de anjos, arcanjos, querubins, serafins etc. Na Umbanda há hierarquias de Orixás que têm funções análogas, ainda que sejam enfocadas e cultuados segundo rituais próprios. Para entender a fé na Umbanda, é preciso mergulhar fundo em sua essência religiosa, porque um umbandista convicto não é uma pessoa contemplativa e interage o tempo todo com o mundo espiritual e com o universo divino, já que é, em si, um templo vivo e através do qual os Sagrados Orixás manifestam Suas vontades.

A fé, na Umbanda, é mais que uma questão de crença. É um verdadeiro ato de fé, pois um umbandista é o meio natural por onde a religião flui com intensidade e mostra-se em toda a sua grandeza e divindade, ainda que de forma simples e adaptável às condições do seu adepto. A fé, na Umbanda, transcende e torna-se um estado de espírito através do qual são realizadas as em giras ou sessões de atendimento das pessoas necessitadas de auxílio espiritual e de orientação doutrinária e religiosa. Fé, na Umbanda, é sinônimo de trabalho em prol do

próximo, de evolução consciencial e transcendência espiritual para os seus adeptos e seus médiuns praticantes.

A fé é ensinada como a integração da pessoa ao seu Orixá Regente, que é sua ligação superior com Deus, com Olodumare, o Senhor do nosso destino e da nossa vida. Crer em Deus e nos Seres Divinos manifestadores dos Seus Mistérios Sagrados é natural para nós umbandistas e dispensa maiores esforços nesse sentido, já que a mediunidade é o meio mais rápido de integração com Ele e Seus manifestadores, os Orixás.

Para Rubens Saraceni, “A Umbanda é Sagrada porque é uma religião onde os mistérios de Deus têm uma feição humanitária e estão voltados para nossa evolução e nosso amparo espiritual, assim como de todas as pessoas que frequentam seus templos, também denominados de tendas. Cremos em um Criador Supremo; cremos na existência das hierarquias divinas; cremos na manifestação dos Sagrados Orixás através da incorporação de suas vibrações mentais; cremos na existência do mundo espiritual; cremos na interação deste mundo superior com o nosso mundo material. Enfim, a fé, na Umbanda é mais que uma questão de crença, é um estado de espírito e é muito mais que o ato de crer em Deus, é o ato de realizar-se Nele.”

Se tentarmos responder aos questionamentos do primeiro parágrafo deste capítulo, seria uma tentativa audaciosa pela grandiosidade do tema, pois fé e ciência são dois campos amplos, enigmáticos e fundamentais para todos nós. A ciência por sua vez é uma busca de reconhecimento social e pessoal, uma briga direta com adversários sedentos pelas mesmas conquistas. É uma realização física de memorável importância para nosso plano, é claro. Porém serve também para manifestar um certo ego particular que às vezes nos cega e nos empurra para a descrença de algo maior do que tudo que somos e seremos.

A fé é algo que vai completamente na direção oposta. A fé é uma realização íntima, um acalento para alma e para o espírito, para que possa suportar e passar

por todas as provações e dificuldades com esperança de algo melhor além dessa vida física. A fé é o sentimento mais puro que não procura alegorias sociais. Ela traz a paz de espírito e autoconfiança nas forças naturais e busca sempre o contato mais próximo com o divino.

Praticamente a ciência vive quase na sua totalidade na tentativa de provar que a fé é falha e nula. Já a fé pelo outro lado reconhece a importância da ciência na vida das pessoas, e luta na tentativa da consciência de que nada impede que a ciência e a fé caminhem de mãos dadas, pois são sedes sanadas pelas águas do mesmo oceano.

Então por que as entidades que labutam na umbanda, não chegam e revelam todos os mistérios envolvidos pela nossa fé? A resposta é simples e clara. Nós, encarnados que ainda labutamos no plano físico, ainda revestidos pelo elo da ignorância, não somos capazes de compreender toda a grandiosidade dos mistérios que envolve a fé. Mais correto seria nos apresentar a fé para ano passo que cada um de nós adquiramos conhecimento e amadurecimento suficiente para aos poucos entrarmos em contato com seus mistérios, pois através da vivência na fé em Deus e tronos irradiadores de luz somos capazes de compreender a graciosidade que carregamos dentro de nós, que é a centelha divina que habita em nós.

“A fé é fagulha que falta para o amadurecimento dos espíritos ainda endurecidos pela incredulidade.”

Gildener Sousa

Capítulo XXV

Ingratidão de Santo

Somos seres que experimentamos as experiências temporais físicas para adiantar nossas buscas de melhoramento espiritual. Temos em nós a capacidade de vasculhar mundos inteiros dentro de nós para nos ajustarmos com nossas deficiências e imperfeições. Um destes caminhos é a religião, certo de que a religião por si só não ajeita espíritos desequilibrados, mas propicia momentos e experiências que poderão vir a nos confrontar com as imperfeições que há em nós.

A religião pode proporcionar momentos ímpares e necessários para que nossa jornada física se torne um caminho muito amadurecido para nossa evolução. O livre arbítrio é uma garantia que a espiritualidade superior nos oportuniza de poder escolher e poder desistir do que acharmos melhor para nós. Mas nos garante a responsabilidade de arcar com as consequências de nossas escolhas, Pois todo ato tem sua consequência inevitável, bom ou ruim seremos sempre confrontados conosco mesmo.

O que tem de errado então? No livre arbítrio não há nada de errado, mas em nós sim. Somos seres ainda imperfeitos e estamos no momento atrelado à matéria justamente para trabalhar essas imperfeições. Nosso espírito ainda estar mergulhado nas negatividades e endurecidos pelos preconceitos e ainda somos alimentos fértil para o nosso egoísmo.

E se ainda estamos assim, certamente teremos dificuldades para compreender toda a grandiosidade das estruturas que estão à nossa disposição para o caminhar

da evolução. Compreender, entender e ainda aceitar certos conceitos para muitos é como se fosse uma prisão, Pois o iluminismo da humanidade veio justamente dizer ao homem que ele é dono de si mesmo e que não precisa se preocupar com o que vem depois.

O homem passa então a buscar respostas nas próprias convicções e razões para saciar suas próprias necessidades. Sendo assim inconsequentes com suas vidas e com as vidas de quem dependem dele.

A religião veio neste contexto para formar o pensamento do homem e conduzi-lo ele para caminhos que eles não conhecem e nem se preocupam em conhecer, Pois a salvação era apenas seguir as normas e pagar o que lhe pediam em nome de Deus. E assim as religiões foram se tornando um banco cheiros de tesouros e os homens, escravos da própria fé.

A história das religiões é matéria para muitos debates, então me atentarei apenas a alguns tópicos de uma visão da religião de umbanda no que diz respeito às ingratidões como ferramenta de desequilíbrio para os que professam a fé umbandista.

Ser ingrato tem a ver com ser humanista, porque o humanista atribui suas vitórias a ele mesmo, e não a Deus. O ingrato não reconhece que, sem Deus, ele(ela) talvez não estivesse nem vivo.

A ingratidão também tem a ver com idolatria. Geralmente as pessoas ingratas têm dois comportamentos extremos: “amam” a ponto de idolatrarem a pessoa “amada”, e quando descobrem os defeitos (naturais) da pessoa, passam a desprezar e se tornam totalmente ingratos.

O ingrato esquece com muita facilidade… não as coisas ruins, mas esquece as coisas boas que fizeram por ele(ela).

O ingrato vive no seu mundo, busca apenas os seus próprios interesses. É um tipo de pessoa que se torna cega (cego) para o amor (e doação) de quem está ao lado.

Outra característica da personalidade do ingrato é a desobediência que leva à rebeldia…a rebeldia… e à infidelidade. A infidelidade.

Como o ingrato acha que sabe das coisas, ele (ela) não ouve a mais ninguém, não aceita conselho de ninguém, não considera ninguém capaz de liderá-lo(a) ou de aconselhá-lo(a), o ingrato finge aceitar, mas na verdade, ele(a) não aceita se submeter a autoridade, porque ele(a) realmente acredita que sabe o que é bom para si.

A ingratidão também tem a ver com a falta de educação. Podemos ser treinados desde a infância a ter um comportamento grato, isso ocorre no processo de educação de uma criança. Quando ensinamos uma criança a dizer obrigado para as pessoas que lhe servem, ou lhe ajudam, estamos lhe ensinando a ser grata.

Um sacerdote umbandista convive todos os dias com ingratidões dentro dos terreiros. Uma corrente mediúnica é formada por um agrupamento de médiuns que se propõe a trabalhar e se desenvolver espiritualmente. As idas e vindas dos adeptos nos terreiros, não é problemas, mas sim a forma como tudo isso ocorre. Geralmente de uma maneira não tão sutil que acredito que nem mesmo o próprio filho de santo às vezes não consegue perceber o que estar a fazer.

Quando um filho chega em uma casa de santo, pela primeira vez sempre vem cheio de expectativas, carregado de inseguranças e às vezes munido de comparações e vícios. Com o passar do tempo você fica enfadado porque a Umbanda é uma religião que vai te confrontar o tempo todo. Vai fazer o filho enxergar seus próprios defeitos e com o conhecimento e a dedicação e vontade de evoluir fará com que você tenha êxito nas melhorias que todos nós temos que passar.

Porém nem todos conseguem entender e compreender as suas próprias necessidades, Se tornando uma pessoa segundo ela mesma mal compreendida. Começa a se queixar que que não foi chamada para nada. Que os outros irmãos não o compreendem, que tudo que faz não serve, enfim começa a citar várias situações que venha fazer ou tentar colocá-lo como vítima. Isso ocorre quando o filho já não se enquadra mais com os preceitos da casa. O filho não buscar mais as ideias da Umbanda genuína e tenta mostrar algo que se sustenta. É inevitável que esse filho venha a trocar os pés pelas mãos.

O que todo filho de santo precisa é de empatia, se colocar no lugar do outro para tentar compreender as razões de o porquê de todo esse processo. Só cobrar, pedir e exigir não faz o filho evoluir. A ingratidão dos filhos são coisas corriqueiras, porém para seus pais e mães de santo pode ser uma dor muito profunda, pois quase sempre ele deposita muita fé e respeito no filho. E quando este filho sai difamando e jogando pedras, tenha certeza de que você sair causando muita tristeza e ingratidões.

“A ingratidão é a semente do egoísmo, que aos poucos te consome por completo.”

Gildener Sousa

Capítulo XXVI

Problemas Pessoais e Vida de Terreiro

Ser sacerdote de umbanda é uma oportunidade ímpar de aprendizagem e de evolução, pois as demandas que chegam até nós, sacerdotes, são encaradas com responsabilidade e com verdade, nos tornando uma pessoa cada vez mais preparada para enfrentar todas as adversidades que são colocadas nas nossas vidas.

Trataremos nesse capítulo de um assunto muito polêmico e muito mal compreendidos pela maioria dos umbandistas. Sempre deixando bem claro que todos os capítulos desta obra se trata de experiências e de vivências próprias como sacerdote de umbanda sagrada. Não tem foco teológico nem idealizador, apenas para elucidar a busca do conhecimento a respeito da umbanda.

Ser umbandista requer mudanças. É fato. Sem mudanças não há conquistas e sem as conquistas não há evolução. Então vamos lá:

Praticamente ninguém que vive sua crença católica se lamenta ou sai desabafando suas dores, suas angústias ou suas perdas para o padre de sua comunidade religiosa. Assim também não ocorre com os protestantes evangélicos, pois quando seus fiéis têm qualquer tipo de problemas pessoais são orientados a procurar diretamente os profissionais da ária de atuação específica. Pois ficam para o padre e para o pastor apenas as orientações espirituais para que tens que seguir à risca. Tirando assim é claro toda a responsabilidade de qualquer coisa errada que venha a acontecer com o fiel.

Então por que que isso não ocorre com os sacerdotes da umbnada? Acontece por vários motivos. Vamos tratar de alguns assuntos mais relevantes para o momento.

Na Umbanda a questão sacerdote e fiel, vai muito mais além do que apenas quantidade e recolher dízimos. Na Umbanda o relacionamento de ambos são entre laços espirituais e são mais humanizados do que qualquer outra religião encontrada em nosso país. Na Umbanda sagrada, quando os fiéis, chamados de filhos e filhas de santo, entram para o corpo mediúnico, começa ali uma história de parceria, cumplicidade e, mais importante, nos tornamos família, chamada a família do axé.

Os problemas, as atitudes, as conquistas e derrotas de cada um em particular são cuidadosamente acompanhadas e trabalhadas pelo pai de santo da casa. Ou seja, os problemas e as alegrias dos filhos passam a ser os problemas e a alegria do sacerdote automaticamente.

Voltemos aos exemplos: na maioria das vezes que o fiel católico ou evangélico se separa do seu marido/sua esposa, os seus sacerdotes nem mesmo ficam sabendo, pois são muitos fiéis e na sua maioria não são próximos o bastante para compartilhar essas experiências. Ai a vida da comunidade religiosa em específica parece sempre andar de bem a melhor, pois não há fofocas que a fulana se separou de fulana, ou se sicrano fez isso ou aquilo, porque na grande maioria das pessoas nem se quer se conhecem com exceção das famílias e mais próximas.. Apenas convivem anos domingos por algumas horas e depois o que elas fazem fora dali não é importante para ninguém.

Já na Umbanda é totalmente ao contrário. Seus seguidores vivem em comunidades e convivem muito tempo juntos, pela normativa dos próprios trabalhos da doutrina umbandista, pelas oportunidades que os fiéis da religião de

Umbanda têm em se transformarem e se descobrirem quem realmente são. E pela dinâmica primordial da Umbanda, que é a caridade, pois de uma certa forma isso nos colocam cada vez mais perto um do outro. E se têm pessoas e com um convívio constante, certamente teremos mais demandas para resolver.

Seria muito mais fácil, agir como os católicos agem, ou como os evangélicos na sua maioria agem. Só se preocupar com as coisas espirituais e tudo que for fora disso, deixem que cada um resolva do seu jeito e com quem lhe achar oportuno. Seria mais fácil sem dúvida. Mas será que fariase faria sentido? Se assim o fosse não seria Umbanda.

A grande magia da Umbanda são as próprias pessoas. Com suas diferenças e suas opiniões distintas. A grande magia da Umbanda é justamente os conflitos internos que cada um de nós temos que enfrentar para superá-los e nos melhorarmos com a pessoa. Do que serviria a Umbanda se fosse diferente do que é? Porém tudo demais por melhor que seja se torna veneno. E essa máxima precisa ser entendida com muita atenção para que nós, fiéis da Umbanda, não cometemos erros grotescos em relação à nossa fé.

Ser umbandista certamente é uma dádiva, pois te proporciona a vivenciar vários questionamentos internos que podem fazer toda a diferença de quem somos e o que estamos fazendo com a nossa vida terrena. É certamente um lado muito bom da religiosidade de Umbanda poder contar uns com os outros para conseguir seguir em frente e superar todos os obstáculos que a vida vem a nos oferecer.

No entanto muitos umbandistas comentem um grave erro quando chegam a participar de grupo mediúnico de um centro de umbanda. A mistura dos problemas pessoais com os problemas de dentro do terreiro. Muitos dos filhos, quando algo lhe acontece na vida pessoal, mesmo que isso venha acontecer por invigilancia, acaba por misturar as duas coisas, levando este filho a ocorrer em vários problemas.

E isso vem acontecer justamente quando envolve outros irmãos do mesmo terreiro. Problemas que acontecem há acontecer no âmbito familiar, amoroso, pessoal, de trabalho etc., por descontrole do médium, e acabam por misturar e seus problemas pessoais com a vida do terreiro.

Pelo desconhecimento da doutrina e por achar que o terreiro tem a obrigação de resolver todos os seus problemas, ele chega a misturar tudo e causar assim muita confusão.

Então como evitar esses tipos de problemas?

Quando você chegar em um terreiro de Umbanda, antes de tudo você já chega contaminado, vendo a Umbanda com um olhar de uma outra crença e de uma ótica muito pejorativa que infelizmente a sociedade preconceituosa nos imprime o tempo todo. Você chega achando que não precisa fazer nada, apenas pedir que a religião tem o dever de tirar todas as suas dúvidas e resolver todas as suas demandas, sejam elas quais forem. Mas na verdade, não é assim que se processa a vida de terreiro. Ela exige muito de seus adeptos a débitos e é uma longa jornada para conseguir manter sua vida com um certo equilíbrio.

Não há milagres que vão virar sua vida de um dia para a noite. Tudo precisa ser feito com cuidado, tempo, automudança interior, abandono de velhos hábitos e uma consciência mais ampla para uma nova compreensão da vida.

Relacionamentos e problemas pessoais que venham a envolver outros irmãos do mesmo terreiro quase sempre vêm a acarretar problemas graves na vida desse médium, se ele não tem o cuidado de se policiar e vigiar suas atitudes. O descontrole e os desconhecimentos da lei de Umbanda vem ao encontro do

fracasso daquele filho, que não consegue se adaptar à sua nova escolha, pois não bastar apenas entrar para a Umbanda, É preciso se transformar nos princípios da religião.

Fica aqui um alerta para os novos adeptos débitos: que a Umbanda se faz a partir das transformações que são feitas a partir de nós mesmos. A umbanda não é nada que você vai encontrar fora. Ela só será encontrada quando buscada dentro de nós.

“A umbanda é uma fonte de sabedoria, e seu enderenço é nossa própria intimidade.”

Gildener Sousa

Capítulo XXVII

Cuidado! Meu Orixá É Mais Forte

Quantas vezes você já ouviu essa expressão: toma cuidado, pois meu orixá é mais forte e mais poderoso, se eu quiser ele acaba com você rapidinho. Posso garantir que bastantes foram as vezes e infelizmente ainda teremos que ouvir tamanho despautério. Isso acontece não raramente nos dias de hoje, infelizmente, pelo desconhecimento dos próprios filhos de Umbanda do que realmente é orixá.

Orixá é a manifestação do próprio Deus. É as essências divinas que chegam até nós pelas energias da natureza. Nós, enquanto umbandistas, precisamos olhar o orixá com um olhar umbandista e não a partir de outras crenças que de nada têm a ver com os orixás. É muito comum umbandistas quererem apresentar e justificar os orixás a partir de uma ótica completamente inadequadas.

Orixá na Umbanda é a própria manifestação da natureza, uma força direta do trono divino de Deus. É Deus nas próprias vibrações naturais que chamamos de orixá. Na Umbanda orixá não é um Deus nem um homem nem mulher. Orixá é a essência divina, orixá é a manifestação do sagrado que há em cada de nós. Orixá é fonte de vida, luz e caminho para a humanidade.

Então por que que ainda têm médiuns de Umbanda falando e afirmando que o orixá dele vai matar fulano, que o orixá dele é mais forte que o outro irmão. Simples ignorância e desconhecimento do que realmente é o orixá.

São os famosos médiuns umbandistas genéricos, que não conhecem a sie mesmos nem conhecem a Umbanda. São pessoas preocupadas com as aparências e com o seu próprio ego. São médiuns que infelizmente não deveriam estar no seio sagrado e puro da nossa Umbanda. São aqueles que não procuram estudar, nem mudar as suas perspectivas de vida, são aqueles que se acomodam com suas misérias e aprendem apenas a se lamentar e se esconder por traz de um suposto orixá inexistente.

São filhos da Umbanda entre parênteses, pois ainda não se despiram da roupagem de outras crenças, que ainda não compreenderam que a Umbanda é uma religião de liberdade e mudança de pensamento e de atitudes. São infelizmente aqueles médiuns endurecidos pelo egoísmo e que não têm nada a somar com a grande alavancada de compreensão que a Umbanda nos mostra diariamente. São médiuns afundados na vaidade e nos descontroles de vida. E que assim promovem uma Umbanda que nunca existiu para saciar suas próprias incapacidades de mudar o jeito de viver e ver a Umbanda como ela realmente é.

São pessoas que atribuem suas incapacidades, suas demências e suas fraquezas aos orixás, já sendo que nem eles mesmos conseguem distinguir o que realmente são os orixás. São aqueles que se escondem na humanização dos orixás para satisfazer seu próprio desequilíbrio como ser pensante.

Quantas vezes você, umbandista, fez sacrifícios de animais para orixá e o que é pior com intenções negativadas, para fazer amarração e outras coisas ainda piores. Não é difícil ver umbandistas mergulharem nos oráculos em nome de orixá. Um tremendo desconhecimento das próprias origens e fundamentos que a Umbanda traz no decorrer de sua criação.

Nos dias atuais, com tanta informação ao nosso alcance, a desinformação infelizmente ainda reina no meio umbandista, sendo alavancada pelos prazeres pessoais e motivados pelos falsos milagres propagados por falsos pais e mães que de nada têm a ver com a nossa Umbanda. Uma desinformação que vai

contra toda egrégora de luz que formam os pilares da Umbanda.

Temos também que dar a Cezar o que é de Cezar. Uma grande parcela de culpa é sem dúvida desses sacerdotes desequilibrados que não representam a Umbanda, mas também são daqueles mal-intencionados que os procuram para saciar seus egos mais primitivos. Pessoas de caráter negativos e cheios de intenções maldosas, que não se preocupam com o livre arbítrio dos seus semelhantes e que pagam fortunas para saciar seus desejos sórdidos e maquiavélico. São os verdadeiros abutres da sociedade que se disfarçam de religiosos para difamar, extorquir, degradar algo tão sagrado como a Umbanda e seus ensinamentos. Uma verdadeira fonte de maldades e anarquia contra todo o trabalho da espiritualidade luminosa que a Umbanda tem a honra de propagar.

Dentro dos centros da Umbanda, apesar de tantas informações que nos chegam, ainda têm muitos daqueles que preferem fechar seus olhos para a mudança, aqueles que se enveredam pelas artimanhas dos obsessores, pois são pessoas que cresceram e amadureceram com um pensamento de culpar os outros e até mesmo colocar a culpa de seus fracassos na espiritualidade. Aqueles que culpam o demônio, a Pomba gira, o Zé Pelintra etc. pelos desequilíbrios e falta de coerência. Aqueles que vivem dominados pelos vícios de toda ordem e que não conseguem aceitar a responsabilidade por seus atos. E se enveredam pelos caminhos das facilidades e pelas estradas da desinformação e acabam por praticar um verdadeiro atentado contra sua própria existência.

Vejo com muita tristeza umbandistas com os pescoços cheios de guias e brajás, ameaçando os irmãos com seus orixás e guias, e ainda pior sendo apoiados por pais e mães despreparados para tal função. Médiuns que mesmo trabalhando em uma casa de caráter confiável ainda se envergam por esses caminhos.

É preciso que os pais e mães do santo de Umbanda tomem uma postura de esclarecer e mostrar a verdadeira Umbanda para esses filhos, que certamente ainda andam perdidos e que essas atitudes podem conotar uma fuga e um

despreparo muito grande. Pode ser que esses filhos estejam precisando de uma orientação séria e definitiva. Ou também pode ser que esses filhos sejam espelhos de seus pais. E o que quem precisa mudar na verdade são as atitudes de seus pais e não dos filhos, pois o exemplo tem quer partir de cima.

Enquanto ainda estivermos mergulhados nessa podridão de pensamentos, quem mais perde infelizmente é a Umbanda, pois essas atitudes e formas de agir difamam e vão totalmente contra as leis da Umbanda sagrada.

Atitudes como essas de ameaçar alguém com seus orixás ou entidades de trabalhos apenas mostram para quem realmente é umbandista es o seu grau de desequilíbrio e despreparo diante de toda a imensidão que os ritos da Umbanda podem nos apresentar. E certamente quem conhece as liturgias da religião, os fundamentos e os ensinamentos, não se deixa a amedrontar com essas falácias descabidas, de alguém completamente perdido no seu próprio mundo.

Um sacerdote que preze tem o dever de orientar, umas das funções é mostrar o caminho da fé de Umbanda. Quando se nega a isso, por qualquer que seja o motivo, ele você também é responsabilizado, por isso. Pois é de responsabilidade do sacerdote o esclarecimento e o rompimento desses dogmas completamente descabido em relação à Umbanda. Cabe ao pai e à mãe de santo de umbanda, desmistificar e mostrar o verdadeiro caminho da fé umbandista para aqueles que permanecem trilhando as estradas descompassadas da religiosidade de Umbanda.

No entanto também cabe lembrar que cada indivíduo é ímpar e que responde por sie só. É de responsabilidade de cada um de nós escolher fazer nossas mudanças. Por mais que tenhamos a oportunidade de mudar, se não há reconhecermos e não fizermos nossos esforços para aceitar essas transformações, que devem ser íntimas, e pessoais de nada adianta, pois cabe a nós somente a nós escolher e optar pelas escolhas que vão modificar a nossa vida. E que podem nos fazer evoluir ou decair ainda mais nas escadarias das almas.

Somos seres em processos de evolução, o erro ainda faz parte de nós, assim como faz parte de nós também, a evolução, através de nossas escolhas, e de nossas atitudes e de formas de pensamento ou atos físicos. Culpar alguém ou as entidades não é o caminho correto a seguir, nem tão pouco ameaçar alguém com forças e seres que nós mesmos desconhecemos também não sábio.

“O que para nós é a reflexão de que somos aquilo que vibramos, todo mal causado aos nossos semelhantes, causaremos a nós mesmos.”

Gildener Sousa

Capítulo XXVIII

Paixão de Pomba gira

Falaremos neste capítulo sobre um assunto polêmico, perigoso e muito absurdo, mas que infelizmente acontece nos terreiros de Umbanda, Candomblé, Terecó e outros. Deixando bem claro que todas as informações aqui citadas são de cunho pessoal e por experiencias vividas em doze anos de sacerdote de umbanda sagrada. E que a maior intenção dessas linhas é o esclarecimento sobre a doutrina de umbanda.

A Umbanda é uma religião genuinamente brasileira, e apenas por ser uma religião só pratica o bem acima de qualquer coisa. Nos fundamentos da Umbanda assim como na sua carta magna, são tratados os esclarecimentos para a mudança da vida de seus seguidores e todos aqueles que vem à sua procura. Só através do conhecimento e do esclarecimento espiritual, no sentido de desmistificar ou retirar toda uma carga negativada e pejorativa que vem sendo colocada na umbanda desde período de sua construção e infelizmente até na atualmente ainda se vê muita falta de informação a respeito da crença umbandista.

As tradições religiosas que se julgam detentoras da verdade e afirmam como um único caminho para religar as pessoas a Deus, vêm imprimindo na sociedade verdadeiras afrontas e inversões de valores sobre a crença da Umbanda, que chegam a amedrontar e deixar a todos estarrecidos. Pelo tamanho do descaramento de pessoas não compromissadas com a fé de umbanda e pela clara envergadura preconceituosa social mantida pelo sistema político e religiosos das crenças majoritárias pela busca insaciável de encher seus bolsos de dinheiros, daqueles que estão com a fé enfraquecidas e na maioria das vezes pela

ignorância absurda que a sociedade vive atualmente.

Além de tudo isso e muito mais absurdos que nós umbandistas temos que conviver diariamente, a parte mais assustadora é ver aqueles que se julgam umbandistas a cometerem erros graves incompatíveis com a leis da Umbanda. Na minha visão, que não é lá muita coisa se comparando com grandes pensadores da história da religião, alguém afirmar que estar apaixonada por uma entidade de Umbanda, que a entidade se apaixonou por fulano o que os dois ali mantêm um relacionamento amoroso é coisa que simplesmente não entra na minha cabeça.

Mas esse tipo de coisa abominável na Umbanda acontece com muita mais frequência do que a gente podemos imaginar. Pais de santo sem caráter algum, “ou melhor aproveitadores, “induzir os filhos que é saudável, que é normal, uma Pomba gira, um Exu se apaixonar por ele. E que chega às vezes o cúmulo de fazerem cerimônia de casamento entre um filho de santo e uma entidade espiritual.

Não há palavras de nível acertado para falar sobre esse tipo de loucuras, de desequilíbrio total de ambas as partes, se não palavras mais duras e às vezes de baixo escalão, pois para nós que somos umbandistas de verdade, que prezamos pela verdade, pela caridade, pela evolução de nossos espíritos através da luz das entidades que auxiliam na Umbanda, esse tipo de atos é simplesmente uma aberração da pior natureza. Pois veja bem.

As relações amorosas que envolvem a sexualidade e as paixões, que são aos prazeres da carne, estão reservados a nós, espíritos encarnados que vivemos neste plano material da existência. As nossas relações amorosas fazem parte dessa nossa condição de evolução nesse estágio de nossas vidas.

Já as entidades que fazem a manutenção da Umbanda, que são entidades de luz, tais como Pomba giras, Exus, Caboclos, Boiadeiros, e todas as demais nomenclaturas de linhas de trabalhos, já superaram essas necessidades. O amor que as entidades sentem por nós, quando elas alcançam esses patamares de evolução, é o amor fraternal, de irmãos de luz para nós. Esperar de uma entidade um compromisso de paixão, tais como vemos por aí a fora, é simplesmente um descompasso fora da realidade absoluta. É você entrar pelo caminho de total desconhecimento sobre o plano espiritual. Um sacerdote que permite tal acontecimento, por mais que ele esteja falando ou afirmando no momento de uma incorporação, certamente não está com suas faculdades espirituais e mediúnicas nos caminhos do acerto, porque jamais uma entidade de grandeza de luz vai compactuar com tal atitudes em hipótese alguma. Vai contra toda proposta da Umbanda. Um médium afirmar que está apaixonado por uma entidade de Umbanda, ou uma entidade alimentar isso em alguém também foge totalmente da realidade da vivência religiosa e vai como uma afronta às liturgias sadias e evolutivas da Umbanda.

Esse tipo de comportamento configura um total desconhecimento desse pai de santo ou desse médium que se a sujeita a se submeter a tais absurdos. Amar uma entidade é uma coisa, um amor de gratidão, de respeito, de fraternidade. Agora se casar com uma entidade, manter um relacionamento amoroso é, no meu modo de ver a Umbanda, uma total falta de respeito e uma carência sem tamanho para ambos. Para o processo mediúnico de incorporação, é a mais grotesca forma de mistificação e manipulação das sagradas leis de Umbanda para alimentar o ego que extrapola tudo.

Esse tipo de comportamento, a meu ver, descredibiliza totalmente qualquer intenção dessas pessoas que se passam por umbandistas para alimentar seu ego e sua falta de caráter e respeito pelo que é sagrado. São como um câncer que destrói todos os esforços que os umbandistas de verdade vêm construindo ao longo deste século de consolidação da Umbanda no Brasil.

É destruir toda uma luta e conquista para desmistificar e separar a Umbanda das

associações negativadas que gratuitamente outras crenças vêm jogando sobre a Umbanda desde os primórdios da nossa fé. Cabe a nós, umbandistas verdadeiros e buscadores da verdade, lutar contra esse crime que assola infelizmente nossa religião. Se calar e virar as costas para esse feito é ser conivente com essas práticas. Se simplesmente virarmos as costas e fingir que nada é nossa responsabilidade, estamos deixando de praticar o bem a nossa fé, estamos perdendo a oportunidade de fazer o que qualquer umbandista de verdade deve fazer, que é lutar contra as perseguições e contra toda e qualquer afronta quem venham ser praticado contra nós. Isso mesmo, contra nós, pois quem é umbandista verdadeiramente, quando algo fere a Umbanda, nós também somos feridos.

Alguém que nesse momento esteja em algum terreiro presenciando ou vivenciando esse tipo de comportamento desequilibrado, repense seus conceitos, vai em buscar de conhecimento, pois essas práticas nada têm a ver com a Umbanda. Quando vivemos presos a esses credos doentios, somos manipulados pelos obsessores do baixo astral. Somos marionetes de magos negativados que vão lentamente consumindo nossas forças e nossas capacidades de pensar, de agir e de lutar contra essas práticas negativas que não podem ser associadas à Umbanda. Se acontece isso no seu terreiro, meu conselho é que saia e procure a Umbanda de verdade, porque certamente nesse local não se pratica a religiosidade de Umbanda e nem de fé nenhuma.

Ser umbandista na atualidade não é apenas cumprir um preceito, vestir o branco e bailar nas giras. Ser umbandista requer acima de tudo coragem para lutar contra as forças devastadoras que atuam contra as propostas renovadoras da Umbanda. Ser um umbandista nos dias de hoje é preciso fazer um esforço e ir à luta contra os aproveitadores, que manipulam as pessoas com as cobranças absurdas por trabalhos que nunca serão feitos. É lutar contra esse tipo de comportamento de falsos pais e mães de santo que vêm iludindo as pessoas com essa história de amoricos, de paixão e relacionamentos amorosos entre uma guia espiritual e um médium encarnado.

São coisas incoerentes, que não deveriam acontecer nas casas de santo, pois faltam conhecimento e doutrina para se evitar esse tipo de despautérios. Essas histórias de romance entre médium e entidade nada mais é do que o descontrole de médiuns e pessoas que desconhecem a Umbanda. É preciso que nós, enquanto umbandistas, vejamos nossos comportamentos e procuremos a enxergar a Umbanda com os olhos da verdade.

"O fardo do desconhecimento é um demérito para os voos que o espírito precisar alçar para evoluir."

Gildener Sousa

Capítulo XXIX

Um olhar umbandista para a Umbanda

Falar de Umbanda exige muita responsabilidade, adentrar nos domínios das simbologias e liturgias da Umbanda requer uma entrega singular, pois, mergulhar nesse universo tão vasto, que são as possibilidades dos fundamentos umbandistas, é fazer um mergulho dentro do seu próprio universo particular. Uma religião tão rica e tão complexa, cheia de possibilidades e de descobertas, é uma verdadeira viagem de conhecimento e de evolução.

No geral cometemos vários erros simples quando falamos da Umbanda, sempre nos remetemos ao ano de 1908 com Zélio Fernandinho de Morais, no Rio de Janeiro. Porém, para falar de Umbanda, é obrigatório mergulhar ainda mais profundamente na história das religiões e da própria humanidade. A história da Umbanda precede às datas dispostas nos livros didáticos ou nos relatos dos próprios praticantes da religião. Na atualidade os praticantes da religiosidade de Umbanda quase sempre já passaram por outras crenças religiosas. E no Brasil a formação da população no geral é devido todo ao processo de escravidão que se deu com a invasão do território brasileiro no ano de 1500 do nosso calendário e com a imposição do cristianismo aos indígenas que eram os nativos desta terra, e apara os povos escravizados trazidos pelos colonizadores portugueses, que comprovam e traficavam pessoas do continente africano.

A crença portuguesa do cristianismo foi sendo imposta impondo por onde passavam sua crença e sua ideologia de religião e obrigando as pessoas a acreditarem na visão cristã de salvação e de culto a Deus, deixando claro pela força e pela opressão que a única visão de salvação seria a pregada por eles. E assim o Brasil se tornou uma das maiores nações cristãs do mundo. Porém,

mesmo com todo o horror causado no Brasil pela colonização portuguesa, isso não foi suficiente para apagar a herança espiritual dos povos que já habitavam aqui e dos que vieram forçados naquele período.

Uma das heranças fortemente resistentes que enfrentou todas as perseguições sofridas e que ainda sofre até hoje no Brasil é a visão religiosa a partir de outras visões espirituais que não fosse a visão católica cristã, é a Umbanda.

Uma religião livre que respeita as pessoas como elas são, que prega a liberdade e a caridade como ferramenta de libertação, que respeita o livre arbítrio e vê nas experiências uma forma de evoluir através das vivências físicas e espirituais. Na Umbanda vivenciamos o olhar da criação por uma própria vivência.

Ser umbandista requer um apurado senso de responsabilidade e de convicção do valor da vida e da opinião de cada um que pensa e tem sua liberdade como um ponto de equilíbrio e de evolução.

Ser umbandista é declarar livremente o apoio à vida e às escolhas de cada ser nas suas próprias intimidades espirituais. Na Umbanda assegura- se um a liberdade, a igualdade e a unidade fraterna. Mas, assim como todo poder exige também uma responsabilidade, e isso não é segredo para ninguém, ser umbandista não é apenas ter liberdade, é respeitar as crenças dos demais e ser livre para se apresentar. Ser umbandista é acima de tudo ter uma grande responsabilidade em todos os sentidos no caminhar da evolução humana. Ser umbandista não é ser apenas um pregador das liturgias umbandistas, mas assumir uma posição de enfrentamento das perseguições, é vestir a camisa do não preconceito, é ser se tornar responsável pelas suas próprias escolhas.

Ser umbandista não é ser apenas religioso, é ser cristão, aquele que crê em Cristo, sincretizado em nosso Pai Oxalá. Ser umbandista não é ostentar uma

crença. É vivenciar a fé sincera. Ser umbandista não é ter uma religião especial. É saber que tem grande responsabilidade, para consigo mesmo e para com o próximo.

Ser umbandista não é querer superar o próximo. Ser melhor que teu irmão. É querer superar a si mesmo através da reforma íntima e de suas boas ações. Ser umbandista não é construir templos de pedra, embora precisemos, de um templo. É transformar-se em um templo vivo, aderindo sua alma, o seu coração em templo eterno. Ser umbandista não é apenas aceitar a reencarnação. É compreendê-la como manifestação de uma lei, da Justiça Divina, do caminho natural para o equilíbrio dual.

Ser umbandista não é só comunicar-se com os espíritos, porque todos indistintamente se comunicam, mesmo sem o saber. É comunicar-se com os bons espíritos, espíritos de luz, para melhorar a si, e ajudar o próximo a ser melhor também. Ser umbandista não é apenas consumir as obras espíritas/umbandistas para obter conhecimento e cultura, é transformar os livros e suas mensagens, em lições vivas para a própria mudança. Ter grande conhecimento sem, no entanto, vivenciar, é o mesmo que falar e nada fazer, esperando que alguém faça por você. Ser umbandista não é internar-se no Centro Espírita ou Terreiro, fugindo do mundo para não ser tentado. É conviver com todas as situações, com equilíbrio e sabedoria sem alterar-se.

Um umbandista consciente é umbandista no centro, no terreiro, em casa, na rua, no trânsito, na fila, ao telefone, sozinho ou no meio da multidão, na alegria e na dor, na saúde e na doença.

Ser umbandista não é ser diferente. É ser exatamente igual a todos, porque todos são iguais perante Zambi. Não é mostrar-se que é bom, e sim provar a si próprio que se esforça para ser bom, porque ser bom deve ser um estado normal dos “Homens” consciente. Anormal é não ser bom, o suficiente para viver em comunidade ou na sociedade.

Ser umbandista não é curar ninguém, é contribuir para que esse alguém trabalhe a sua própria cura, mediante seu próprio esforço. Ser umbandista, não é tornar o doente um dependente dos supostos poderes milagrosos de outros, é ensinar-lhe a confiar em Zambi (Deus), em Oxalá (Jesus) e nos Orixás (Divindades).; É ensinar-lhe a confiar no triângulo da religião que você, umbandista, escolheu, que se refere aos Caboclos, Pretos Velhos e Crianças que trabalham para o alto, elevando a fé, o amor e o conhecimento, no triângulo que trabalha para o nosso meio, aqui entre nós, o Exu, Pomba gira e Exu Mirim. E que é na fé, na vontade sincera e perseverante de melhorar a si próprio, para equilibrar o seu eu, e receber a cura, se caso merecer.

Ser umbandista não é consolar-se em somente receber. É confortar-se ao doar, porque pelas leis naturais da vida, “é mais bem aventurado dar do que receber”. E, por fim, ser umbandista, não é esperar que Zambi desça até onde nós estamos, é. É subir ao encontro d’Ele, de Zambi, elevando-se moralmente e esforçando-se para melhorar sempre, buscando sempre dar auxílio ao próximo e, a praticar do bem e da caridade. Isso é ser umbandista!

Entendam que a missão é sua. A missão não é do planeta. A sua missão não é ser nem se tornar alguém espiritualmente importante. Mas com certeza a sua missão é ser alguém espiritualmente completo para com você mesmo.

A partir dessa premissa, tomamos consciência da imensidão que rodeia a Umbanda, da imensa possibilidade de vivências e experiências renovadoras que a Umbanda pode nos proporcionar na nossa realidade religiosa e na busca pelo aprimoramento da nossa fé. Não adianta de nada gritar, expor ou se autoafirmar umbandista se nossas atitudes não correspondem com o que falamos. E o olhar como vemos a Umbanda é muito importante para poder compreendê-la na sua essência.

Quando deixamos outras crenças para nos tornar umbandistas, na maioria das vezes não conseguimos nos despir da roupagem que a antiga religião costumava nos imprimir como verdade e não conseguimos despir dessas formas de observar a questão de evolução, de Deus ou como entendemos as formas de evoluir ou decair na nossa espiritualidade.

Sem dúvida nos tornar umbandista não é uma tarefa fácil, nos é exigido muito. Geralmente temos muitas dificuldades de nos apresentar como tal porque, em quase sua totalidade, das religiões ditas majoritárias e principalmente as religiões de cunho cristão como catolicismo e evangélica renomada, trazem uma gama muito grande de facilidades para se chegar até Deus, te eximindo de responsabilidades, sociais e de alma, te levando para um único pensamento que supostamente seria o único correto a seguir e a compreender a espiritualidade. Responsabilizando todos e mundo a sua volta de suas fraquezas e lhe tirando o fardo da culpa e da responsabilidade.

Dessa forma é mais seguro garantir que os fiéis fiquem na congregação em discurso de intolerância e perfeição que não existe na realidade. E quando você deixa umas dessas religiões e vem para o seio da umbanda certamente irá encontrar muitos desafios.

Você irá encontrar barreiras duras pelos seguintes apontamentos. Em primeiro lugar pela forma que a religião de Umbanda encara a espiritualidade, não prometendo milagres nem salvação de sua alma, apenas por pagar o dízimo ou apenas por estar na religião certa. Na Umbanda não há esses discursos de que alguém ou ações de outrem possam lhe garantir a salvação. Na Umbanda aprendemos a ser e nos responsabilizar pelos nossos atos e somos diariamente convidados a confrontar nossas próprias imperfeições e trabalhar para que as lacunas negativadas venham a diminuir, tudo isso em um trabalho contínuo e sério, levando em contas todas as nossas histórias de vida, nossa capacidade de assimilar, além de nossas dificuldades de compreensão de imediato do que é ser um umbandista, pois só seremos mesmo umbandistas de fato quando conseguirmos separar religião de espiritualidade.

Em segundo momento, temos dificuldades de nos declarar umbandista pelo fato de estarmos acostumados que alguém faça por nós, aquilo que seria de nossa própria responsabilidade. De sempre que precisarmos de algo recorremos ao padre, ao pastor ou a outra figura religiosa qualquer e a garantia que com uma oração, uma oferta generosa em dinheiro ou em bens materiais teremos nossos problemas resolvidos. Já quando você se adentra nos terreiros de Umbanda (cabe aqui ressaltar, que estamos falando de Umbanda de verdade. Não essas falsas enganadoras, carniceiros da fé alheia, que enganam,, mentem e roubam o seu dinheiro), teremos que colocar a mão literalmente na massa, pois. Que precisamos trabalhar nossas imperfeições. Que teremos de assumir nossas responsabilidades. Que precisamos nos comportar não em receber, pedir, mendigar ajuda de alguém, mas sim fazer. Nesse momento muitos desistem da Umbanda, pois já estão acostumados com as facilidades da vida e promessas de salvação. A Umbanda não te doutrina na postura do medo, nem dos milagres infundados. Ela te mostra a realidade dos planos da vida e coloca de frente com das suas próprias tendências negativas e assim te mostra o caminho, te encoraja e acompanha, mas caminhar é tarefa de cada um.

O conhecimento sobre a umbanda, o estudo e a busca da compreensão da nossa própria ancestralidade, assim como respeitar e admitir que cada um pode encontrar o seu próprio caminho para chegar até Deus, ou mesmo para conseguir a tão sonhada evolução, se faz necessário para se trilhar um caminho seguro dentro dos fundamentos de umbanda.

Quando nos tornamos umbandista, precisamos ter um olhar mais apurado para as especificidades da Umbanda. A Umbanda precisa de um olhar umbandista para ser compreendida. Não podemos compreender essa liturgia maravilhosa da umbanda olhando-a com uma visão católica, não podemos jamais mensurar esse universo mágico a partir de um olhar espírita. Não entendemos a Umbanda olhando-a com o olhar de outras crenças. É claro que o olhar de outras crenças também é um olhar de Umbanda, mas não a define como tal. Ela agrega e transforma ao seu próprio jeito e maneira de ver a espiritualidade de acordo com o pensar de cada um.

Quando me declaro um umbandista de fato com todos os preceitos, direitos e deveres, eu passo a enxergar a religiosidade umbandista como algo mais próximo de mim. Eu deixo de imaginar como seria a espiritualidade e passo a conviver diariamente com ela como parte de mim. Quando eu me afirmo umbandista, cai de mim as vestes da ilusão, as vestes da ignorância, as vestes da espera e começo a agir para que o meu próprio mundo se movimente com as minhas escolhas, acertos, erros e aprendemos a partir de então.

A umbanda não nos pede muito, apenas pede que sejamos nós mesmos, sem crendices, sem desculpas, sem preconceitos, apenas que sejamos nós mesmos, sem julgar o próximo ou o mundo pelas nossas fraquezas, pois só nos consideramos fracos quando não conhecemos nossas próprias forças.

Então, meus caros, você, que é umbandista, já se perguntou como você está olhando a Umbanda? Fica aqui meu questionamento.

"Para vermos a umbanda como ela realmente é. Precisamos encará-la com os olhos do espírito, livre e apto a mudar."

Gildener Sousa

Capítulo XXX

Luz e trevas

"A luz e as trevas são coisas tão comuns em nossas vidas que as tomaremos como exemplo. É importante lembrar que ambas foram criadas por Deus e, em um sentido natural, feitas para a benção do homem neste mundo. A Palavra de Deus nos lembra disso, porque lemos: Eu formo a luz e crio as trevas (Is. 45:7). O ciclo de luz e trevas é necessário para um crescimento apropriado das plantas, para a devida acomodação de animais tanto diurnos quanto noturnos, e por último para o descanso e bem-estar do homem. Podemos ler, como exemplo: Dispões as trevas, e vem a noite, na qual vagueiam os animais da selva (Sl. 104:20). Quando Deus fez separação entre a luz e as trevas e assim estabeleceu o dia e a noite, Ele também nomeou portadores de luz – O maior para governar o dia, e o menor para governar a noite"(Gn 1:16).

W. J. Prost

A igreja cristã, sempre pautou suas verdades e suas pregações sobre os aspectos da luz e das trevas para representar a salvação da humanidade. Quem fosse de acordo com seus dogmas era levados aos céus e viveria apara eternidade no paraíso. Quem fosse contra seus ideais era condenado ao inferno, ou seja, às trevas incondicionais.

A ideia humanizada de luz e trevas consiste em uma eterna batalha do bem contra o mal. Simbolicamente os anjos de luz, seres celestiais que vivem gladiando contra os seres do submundo ou inferno, em uma batalha infindável contra os chamados demônios é assim a visão de trevas e luz de muitas crenças. E assim a luz carregada pelos anjos e arcanjos separa aqueles que vivem de

acordo com as diretrizes da igreja durante séculos para a morada definitiva que é o paraíso no céu. E os que tentam contra Deus, ou seja, contra a igreja, serão jogados nos mármores de labaredas de fogo e enxofre por toda eternidade, para serem atormentados pelos demônios para todo o sempre. Isso daria uma bela cena de filme de terror, seria cômico se não fosse a realidade de algumas religiões pelo mundo a fora.

Essa visão de trevas e luz, na qual a luz habita no alto e as trevas, no embaixo, nada mais é do que uma consequência das necessidades humanas de preencher suas próprias imperfeições. Uma forma de esconder o desconhecido de suas próprias almas. Uma tentativa de sobressair sobre os menos afortunados de pensamentos e garantir assim uma soberania de poucos sobre as multidões.

A escuridão que habita em mim é proporcional à luz que de mim irradia, pois, a dualidade da vida nos parâmetros de níveis de energias é as, são polaridades inerentes ao ser espiritual. Que hora habita na mátria hora apenas no espírito. A visão cósmica e simbólica de trevas e luz deveria ser para cada um uma bússola de condição para o entendimento da própria existência neste plano físico, em que a matéria densa nos permite o tempo todo nos mostrar que trevas e luz não é o oposto um do outro, mas uma outra parte das mesmas energias.

Pois partindo dessa premissa de afirmativa que a escuridão que as trevas geram seria tudo que é mal. Como explicar então o frescor de uma noite escura de inverno? Como então aproveitar a maravilha de uma sombra frondosa ao se deparar com uma tarde escaldante pelo sol em um dia de verão?. Como explicar então a dádiva da contemplação quando fechamos nossos olhos e essa escuridão nos invade, permitindo assim a meditar com uma paz interior tão plena que apenas a escuridão filha das trevas pode nos proporcionar. Sem relatar vários outros exemplos desnecessários no momento para ser gratos às sombras que alimentam silenciosamente toda vida da terra durante a noite e nos permitem recompor nossas energias gastas durante o dia no reino da luz.

Seria então mais prudente salientar que as trevas e a luz são complementos de uma mesma fonte de energia, pois, uma não existem sem a presença da outra e uma, mesmo que diferente, se completam e se faz necessário para que tudo possa coexistir.

Se tudo que vemos, sentimos e até aquilo que imaginamos e tudo aquilo que é desconhecido por nós é criação de Deus, por que então que seria diferente com a luz e as trevas?.

Cabe ressaltar que estamos falando da Umbanda, pois como pode proceder um umbandista sobre essas questões? Sabendo da liberdade que a Umbanda nos permite nas suas doutrinas, liturgias e rituais, para se manifestar referente a toda a criação. Como podemos então compreender essa questão com um olhar mais apurado dos recortes umbandistas?

A Umbanda é uma benção, ela é uma religião libertadora, que deixa suas seguidoras livres para ir ao encontro da verdade e das suas próprias descobertas através das experiências e vivências nos domínios da espiritualidade. Na visão umbandista, luz e trevas são concepções humanas, temos a compreensão que a dualidade conflitante que habita dentro de cada um, nós gritamos, pois somos aquilo que somos e não temos como fugir. Luz e trevas, bondade e maldade são dualidades inerentes a todos nós.

A Umbanda nos permite vivenciar essas experiências e fazer com que possamos amadurecer entendendo que somos o que alimentamos e o que geramos em nós. A luz que eu irradio só se faz necessário devido à escuridão que outrora habitava o mesmo espaço que agora mora a luz. E assim ao contrário também se faz.

Somos luz quando verdadeiramente praticamos a caridade pura, quando olhamos para o outro com empatia. Seremos luz sempre quando tocarmos os corações dos

outros como o nosso próprio. Seremos luz sempre que nos permitirmos evoluir e despir dos nossos erros.

Toda vez o que o perdão se aloja em nosso ser, certamente a luz ali faz morada. A luz é um estado emocional. Um raio brilha em nossa centelha sempre que olhamos para o próximo com ternura e sempre que nos colocarmos no seu lugar em vez, ao invés de aplicar o julgo.

Nesse sentido, a luz é um passeio de oportunidades, que nós, como recebedores do livre arbítrio, temos a condição de ser luz ou trevas, em um eterno bailar de sensações.

Assim também como podemos emanar luz, podemos ser trevas, se assim agirmos com essa sintonia. Toda vez que mergulhamos no mar das tentações, dos vícios e toda ordem de negatividades, vibraremos nas zonas negativas e consequentemente irradiaremos trevas.

Ser luz ou ser trevas é uma questão de momento e de estado energético. Sempre que agimos contra a liberdade alheia, estamos a espalhará espalhar trevas. Sempre que enganamos, mentimos, ou induzimos ao erro, assim como cometê-lo, somos irradiadores de trevas.

Então se olharmos a Umbanda a partir das premissas umbandistas, encontraremos a questão de luz e trevas com mais suavidade. Não precisamos nos enveredar nos caminhos do medo e nem do desespero de uma ótica de crença que não seja a umbandista, pois a luz e as trevas nada mais são do aquilo que vibramos o tempo todo. É algo que pertence a nós. Cabe a cada um alimentar aquilo que mais lhe convém.

Luz e trevas, o maior medo dos religiosos de todos os tempos. O assombro dos membros das religiões cristãs. É o trunfo da igreja convencional desde que o Messias Jesus de Nazaré morreu na cruz conforme está descrito na Bíblia, o livro sagrado do cristianismo.

“As trevas humanas,

são tão latentes quanto a luz,

pois, vivenciá-las é questão de escolha.”

Gildener Sousa

“A escuridão que habita em mim,

é proporcional à luz que de mim irradia.”

Gildener Sousa

Capítulo XXXI

Sacrifícios

Toda vez que falamos em sacrifícios, temos logo de cara a ideia de sacrifícios de animais, de ritual de magia negativa, entre outros pseudônimos que a sociedade já está arraigada como uma verdade absoluta. Porém me atentarei neste capítulo a de um outro tipo de sacrifício, um sacrifício que na maioria das vezes ninguém consegue ver, quando nos colocamos à disposição da Umbanda sagrada. Deixando bem claro toda colocação aqui é de cunho pessoal e a partir de vivências e experiências de doze anos como dirigente e sacerdote de umbanda sagrada.

Como já falamos em páginas anteriores, a Umbanda é uma religião rica em detalhes e uma grande oportunidade que temos para compreender e entender a dinâmica do plano espiritual. Assim também ricos são seus mistérios e fundamentos. Porém a Umbanda não é uma religião comum, porque ela não é apenas uma religião. Ela também é religião, mas não é somente religião. Ela é muito além das dimensões humanas e muito mais que apenas uma crença. Ela é uma filosofia e uma escolha de vida. Uma escolha livre, liberta com uma capacidade gigante de transformação pessoal e espiritual.

A Umbanda não é estagnada, porque ela se permite moldar-se, transformar e ser diferente infinitamente, de acordo com a mente pensante que a interpreta. Ela é mais do que apenas uma religião. Ela é uma transformação de vidas. Uma possibilidade de se reencontrar com sua própria ancestralidade.

Toda escolha que efetuamos no decorrer de nossas vidas, tem uma reação a esta

escolha. Muitas das vezes escolhemos caminhos e atos, mas esquecemos de mensurar o que pode ser gerado a partir dessa escolha. E muitas vezes não conseguimos conviver ou compreender o fruto de nossas próprias escolhas. Às vezes o fardo gerado a partir de nossas buscas não caminha em bom compasso com as ideias ou com as intenções que imaginemos.

Quando optamos em viver, ou participar de grupos religiosos, ou ingressar em uma filosofia de vida e principalmente se essas escolhas vão contra a visão social dita correta perante aqueles que se acham acima da verdade, gera uma cadeia de acontecimentos que nem sempre temos a condição de lidar com esses percalços.

Ser umbandista tem suas vantagens, mas também tem batalhas. Cada um de acordo com seu intelecto, seu conhecimento e sua entrega encaram de forma diferente essas batalhas.

Sacrifícios, somos obrigados a fazer sacrifícios para resistir e desmistificar toda a caga negativada que injustamente se recaiu sobre os ombros da Umbanda. Precisamos ser fortes para a cada amanhecer se manter de pé diante de tantas perseguições e desrespeitos, étnicos e religiosos sofridos gratuitamente pelos umbandistas e outros. Ser umbandista requer cautela e muitas vezes negar sua própria fé, motivado pelo medo do julgamento e pelas perseguições no ambiente familiar, de trabalho e no meio social.

Mas, ao falar de sacrifícios, entendemos por duas maneiras básicas, quando nos referimos aos sacríficos feitos pelos umbandistas na atualidade aos sacrifícios dos filhos de fé e ao sacrifício dos sacerdotes.

Quando você é filho de santo de um terreiro de Umbanda, muitas vezes você esconde para a sociedade, para o seu trabalho, e muitas vezes até no seu seio

familiar. Motivado pelo do medo de sofrer preconceito, ameaças e até perseguições no trabalho etc., tudo isso acaba ocorrendo devido ao nosso país ser um país preconceituoso em relação à raça, à religião e às orientações sexuais. Uma maldita herança do cristianismo machista e dogmático. Se declarar umbandista às vezes não é bem-visto ao seu redor. Por esse e por muitos outros motivos que muitos filhos de fé acabam por esconder sua crença, preferem dizer que são espíritas ou católicos para se livrar de possíveis perseguições.

Muitos filhos de santo, mesmo com toda essa gama de perseguições, ainda assim assumem sua crença e encontram coragem para lutar e superar todas essas brutalidades e ignorâncias em relação à sua fé. Esses são verdadeiros guerreiros que a Umbanda busca nesses tempos difíceis. Nunca foi fácil se autodeclarar umbandista no passado, pois a nação brasileira nasceu e ainda convive em um berço preconceituoso. Mesmo assim temos aqueles que vestem a camisa e não abaixam a cabeça para esses espíritos endurecidos que ainda caminham nos trilhos da ignorância, fazendo. E faz tudo que podem para tirar as cruéis manchas negativas que essa sociedade imprimiu injustamente na nossa bela religião. São esses valiosos sacrifícios que nós, umbandistas, fazemos diariamente em nome da fé e da espiritualidade. São esses valorosos irmãos que ajudam a manter nossa fé erguida e no caminho certo, apesar de tanta luta.

Quando você é sacerdote de Umbanda, que não tem como você esconder nem para seu trabalho, nem para sua família nem e nem tão pouco para a sociedade em geral, pois é sua cara que estar exposto diariamente para todos que vão ou para quem faz uma simples pesquisa no Google. Olhando por essa premissa, você consegue imaginar os sacrifícios diários que um sacerdote faz para se manter firme na fé e para continuar o legado umbandista que um sacerdote de verdade assume ao de jogar neste universo de infinitas possibilidades que é o universo de um sacerdote de Umbanda.

O luxo se é que podemos classificar assim adjetivalmente a escolha que o filho de santo tem de não se revelar ou declarar publicamente que é umbandista. Não cabe para o sacerdote, pois suas obrigações são diárias e sua exposição ao

público é inevitável. Ser sacerdote é uma missão, não uma escolha. É um legado e chamado da espiritualidade. Por esse motivo chamei este capítulo de “Sacrifícios”, pois se olharmos bem o que significa literalmente essa forte palavra, veremos que que se trata de ofício sagrado. Mais que isso, se trata de uma entrega evolutiva que as abdicações que temos que fazer em nome da fé, não nos causam nenhuma perda. Muito pelo contrário, nos traz fortalecimento. Através das escolhas e prioridades que temos no longo caminho sacerdotal, que temos a oportunidade de crescer como ser e evoluir como espírito eterno que somos. Sacrifícios são necessários para que o legado umbandista não se perca no caminho e nem seja desvirtuado pelos aproveitadores de momentos.

Para a maior parte da igreja católica e ortodoxa o sacrifício, em geral, consiste em oferecer a Deus uma coisa sensível, e destruí-la de alguma maneira, para reconhecer o supremo domínio que Ele tem sobre nós e sobre todas as coisas. Segundo as Igrejas Católica e Ortodoxa, a santa missa ou a divina liturgia é o sacrifício permanente da nova lei, deixado por, para ser oferecido a Deus pelas mãos de seus sacerdotes. A Santa Missa é o sacrifício do Corpo e do Sangue de Jesus Cristo, oferecido sobre os altares cristãos, debaixo das espécies de pão e de vinho em memória do sacrifício da Cruz.

O Sacrifício da Missa é substancialmente o mesmo que o da cruz, porque o mesmo Jesus Cristo, que se ofereceu sobre a Cruz, é que se oferece pelas mãos dos sacerdotes seus ministros, sobre os altares, mas quanto ao modo por que é oferecido, o sacrifício da Missa difere do sacrifício da Cruz, conservando todavia a relação mais íntima e essencial com ele. O Sacrifício da Cruz é o único sacrifício da Nova Lei segundo os cristãos, porquanto por ele Jesus Cristo aplacou a Justiça Divina, adquiriu todos os merecimentos necessários para nos salvar, e assim consumou da sua parte a nossa redenção. São estes merecimentos que Ele aplica aos fiéis pelos meios que instituiu na sua Igreja, entre os quais está o Santo Sacrifício da Missa.

A Missa chega a seu ápice com as palavras de consagração, momento em que ocorre o sacrifício propriamente dito.

As palavras da consagração do Pão e do Vinho na Missa Latina são, respectivamente:

HOC EST ENIM CORPUS MEUM | ISTO É O MEU CORPO

HIC EST ENIM CALIX SANGUINIS MEI, NOVI ET AETERNI TESTAMENTI: MYSTERIUM FIDEI: QUI PRO VOBIS ET PRO MULTIS EFFUNDETUR IN REMISSIONEM PECCATORUM| ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE, DO NOVO E ETERNO TESTAMENTO: MISTÉRIO DA FÉ: QUE SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR MUITOS PARA A REMISSÃO DOS PECADOS

Os sacerdotes cristãos oferecem o Sacrifício da Missa para quatro fins:

Honrar a Deus como convém, e sob este ponto de vista o sacrifício é latrêutico.

Para dar-lhe graças pelos Seus benefícios, e sob este ponto de vista o sacrifício é eucarístico.

Para aplacá-lo, dar-Lhe a devida satisfação pelos pecados, para sufragar as almas do Purgatório, e sob este ponto de vista o sacrifício é propiciatório.

Para alcançar todas as graças que nos são necessárias, e sob este ponto de vista o sacrifício é impetratório.”

Como podemos ver, o sacrifício em diversos aspectos da vivência religiosa acaba de certa forma entrelaçando com o da vida pessoal e social de um sacerdote nos moldes de Umbanda. Na Umbanda se dá da mesma forma de qualquer outra crença. Os focos litúrgicos e os sacrifícios pessoais nos trazem uma vivência de responsabilidade e comprometimento com a fé que professamos.

Ser umbandista ou de outra crença qualquer, admitir e tomar uma posição social nos leva a fazer escolhas e sacrifícios. E esses sacrifícios podem ou não nos levar para um outro estado de pensamento, à medida que tomamos conta da grandeza de abdicar de algo em nome da fé. Para um sacerdote, que priva de viajar com sua família carnal, que deixa de frequentar lugares de diversão, quando ele deixar de lado toda uma vida para se dedicar integralmente aos filhos de santo e a casa que ele dirige, quando ele se obriga a deixar sua vida profissional para lutar para que seus filhos de santo se ajeitam no mercado de trabalho, quando ele muita das vezes fica de mal com sua própria família de sangue para priorizar a família de santo, quando ele dá mais atenção aos filhos da casa, do que seus próprios filhos biológicos, isso deve ser valioso e precisa valer a penas. Pelo menos deveria ser assim.

Se olharmos nossas escolhas e atitudes, no sentindo de sacrifícios, se verdadeiramente estivermos fazendo um sacrifício, em momento algum será um fardo nem uma punição, mas sim uma honra poder e ter condições de entregar sua vida ao sagrado.

Caros amigos, espero ter colocado no mínimo uma centelha de luz no sentido de sacrifícios na Umbanda. Para quando julgar ou tentar levar algum julgamento sobre alguém, tentar antes de tudo se posicionar no lugar do outro.

“O sacrifício só se torna um fardo quando ele é feito por interesse pessoal ou se se quem acha que está fazendo, não saiba o mínimo necessário para se doar

nessa grandeza natural.”

Gildener Sousa

Capítulo XXXII

O Pombo correio do além

“Olha, não me leva a mal, mas minha pomba gira Maria Padilha das Sete Calungas mandou dizer que tem uma macumba feita para você.” “Meu amigo, ontem meu exu, Seu Rei Maioral, me falou que você precisa muito fazer uma entrega para a esquerda, senão você vai perder seu emprego.” “Olha não queria me meter na sua vida amorosa, não, mas minha cigana Esmeralda Do Oriente, falou ontem que tem uma amarração feita para você. Ontem fiz uma firmeza e a Pomba gira Soberana do Inferno te mandou um recado, estão fazendo demanda para você, e que se você não cuidar você pode pegar uma doença feia que médico nenhum vai descobrir”.

Poderia escrever aqui o capítulo inteiro de bordões e frases feitas dessa natureza. E, caros leitores, você observou que são frases e recados de entidades com nomes de uma força e poder sem igual?

Mais uma vez volto a afirmar, que todas as colocações são pelas minhas próprias experiências e vivências em doze anos como fundador e dirigente de um instituto de umbanda sagrada na capital do estado do Tocantins.

Uma entidade pode chegar a mandar um recado para uma pessoa? Pode! Porém, nem sempre e nem por qualquer um. Mesmo assim é muito raro. Mas quando se dirige a um terreiro de Umbanda, você tem a oportunidade de presenciar muito esses fatos e, pode acreditar, a frequência é grande. Então por que resolvi falar um pouco desse assunto?

O termo “pombo correio do além”, faz referência aos recados que muitos médiuns levam e trazem para fulano e para sicrano o tempo todo. Recados dos mais diversos assuntos e na maioria das vezes sempre nos momentos mais infelizes para quem os recebe, pois certamente, quem recebe o recado está quase sempre passando por dificuldades emocionais. De tal maneira que quaisquer notícias por mais bizarras podem trazer um pouco de alívio, ou não.

Muitos médiuns e frequentadores de um terreiro, motivados por vários motivos, tais como; falta de conhecimento da religião de Umbanda, por não conseguir compreender a espiritualidade, por não se dedicar e nem procurar trabalhar a parte espiritual, outros são movidos ao achismo, pois não tem a mínima noção do que se trata o mundo espiritual e sai por aí fora fazendo fórmulas e impondo condições das mais absurdas possíveis.

Alguns médiuns também motivados pelo egoísmo e o total desconhecimento da espiritualidade, chegam a confundir religiosidade com práticas e técnicas que nada tem a ver com as práticas da religião, misturando oráculos como, cartas e búzios e outras formas de misticismo. Têm também aqueles que dizem ouvir e falar todos os dias com as entidades e essas supostas entidades mandam recados e, acredite, até ameaças eu pessoalmente já presenciei vindo supostamente de uma Pomba gira.

Esses médiuns que ficam sempre à procura de teorias nos sites de internet, que vivem no mundo do achismo, sem nenhuma prática real com as entidades, que vivem apenas mergulhados nas ilusões espirituais, criam em torno de sie mesmo uma bolha e um mundo fantasioso que somente ele acredita. Porém se encontrar alguém abalado por qualquer motivo que seja, pode ser que essas fraquezas se tornem um dos seus piores pesadelos.

Como sacerdote de Umbanda sagrada há mais de doze anos, posso afirmar

certamente que essas pessoas ou pais e mães de santo que se utilizam desses métodos de mandar recado para alguém dizendo se tratar de uma entidade de Umbanda, ou de um ser qualquer, nada mais é do que um total descontrole mediúnico. E essas práticas podem trazer sérios problemas para a vida das vítimas desses recados do além, pois algumas pessoas se utilizam dessas práticas que não fazem parte da Umbanda e nem de nenhuma religião séria. Eles se utilizam dessas práticas para ameaçar e assim conseguir desde retirar dinheiro das pessoas como podem induzir as pessoas a cometerem atos que vão desde pequenos delitos como também atos mais graves como o próprio suicídio.

Geralmente quem faz essas práticas, são completamente leigas no tocante à espiritualidade, mesmo tentando se passar por um grande comunicador e um intermediário entre os espíritos e o mundo dos vivos, fazendo um teatro para se darem bem, tanto financeiramente como no meio social, se passando por um grande médium vidente e audiociente.

Na verdade, essas pessoas acreditam nelas mesmas, pois a ignorância e o auto ego cegam as pessoas que elas mesmas chegam a acreditar que o que estão ouvindo realmente se trata de um espírito benfeitor. Nunca se perguntam se não é um obsessor brincando com sua falta de responsabilidade, ou apenas uma criação da sua própria cabeça, como e que quase a totalidade desses casos o são para suprir uma carência e uma lacuna que certamente essas pessoas tentam esconder do mundo e de sie mesmos. Uma forma de fuga da realidade para suprir suas carências.

São na verdade médiuns desequilibrados e arrogantes em alguns casos que acham que sua mediunidade é superior ado que os demais e precisam de qualquer forma se sobressair aos outros, não importando como isso será feito e não tendo consciência de quer isso pode prejudicar gravemente as suas vítimas.

Quando falo de vítimas, é no sentido de oportunismo, pois essas pessoas veem a fragilidade e o desespero em alguém. Ocasionados por vários motivos, inclusive

na grande maioria criados por elas mesmas, devido à vida que levam, sem regras, sem limites, que vivem em descompasso com a espiritualidade. Quando tudo começa a cair, já vem alguém com as mesmas fragilidades e oportunismo, dizer que tudo aquilo ali é coisa de espíritos ruins, que é uma macumba, uma demanda que jogaram na pessoa. Aí vem os famosos recados. Tem quede fazer um banho, tem que fazer um corte de animal. As cartas dizem que você precisa fazer um ebó. Se não sua vida vai acabar. E a pobre alma nem se dá conta que sua vida já está caída. E claro, certamente quem faz isso sempre pede uma boa quantia para supostamente retirar o mal que recaiu sobre aquela pessoa.

A vítima dupla, isso mesmo vítima dupla, cai duas vezes no conto do vigário. A primeira por se só, por não ser responsável com sua própria caminhada, por sair à procura de facilidades, por achar que sempre vai ter alguém para resolver seus problemas etc., e cai novamente no conto desses falsos religiosos que se utilizam da fé alheia para usurpar a pobre alma que está desesperada, afundando assim os sagrados ritos da Umbanda na boca do lixo.

Fica sempre um alerta sobre esses exploradores da fé, temos que tomar cuidado e não alimentar essas práticas sorrateiras que levam todo o trabalho sério da Umbanda por água abaixo, pois quando me submeto a essas fórmulas, também sou responsável por elas.

Algumas pessoas acham que as entidades de Umbanda, não têm o que fazer no astral, que elas ficam apenas seguindo o médium por todas as bocadas que ele for, que 24 horas por dia os guias estarão ali como se fossem sua própria sombra. Como se as entidades não fossem esclarecidas e que não respeitassem nosso livre arbítrio.

Não é função das entidade caminhar por nós. Tão pouco nos livrar de nada que teremos que passar para amadurecer, pois o papel das entidades é nos auxiliares, ou seja, nos orientar, e não nos dizer o que temos que fazer para tentar burlar as leis e as nossas provações.

Antes de você se submeter a sair acreditando nesses recadinhos do além, pense duas vezes antes de se deixar essas pessoas te fazerem de um caixa eletrônico ou de uma fonte de renda para aproveitadores.

Saibam que entidades de Umbanda não recorrem a nenhum tipo de oráculos para falar nada aos seus filhos, pois eles têm a capacidade de chegar a qualquer um. Além disso, eles sabem de toda nossa caminhada, porém não estão aqui para interferir, mas sim para nos auxiliares.

Muito menos se prestam a um papel ridículo de ser um pombo correio do além, para mandar recados sobre coisas monótonas e desnecessárias.

“As entidades de Umbanda, não são vitrine, para encher o ego dos desafortunados de saber.”

Gildener Sousa

Capítulo XXXIII

A herança de santo

Quem de nós nunca ouviu falar desta expressão: “Minha mãe de santo faleceu e eu herdei os seus orixás, agora as entidades que ela trabalhava passaram para mim, pois eu vou seguir adiante o seu trabalho”. Essa afirmação se faz mais presente no nosso dia a dia do que possamos imaginar, sobretudo nas localidades mais pequenas e de difícil acesso às informações, nos lugares onde a voz do mais velho é a que vale. Porém ocorre também com certa frequência nos grandes centros onde a Umbanda foi muito voltada para o rito de culto de nação. Nas vertentes de Umbanda em que o pai ou a mãe de santo se virou muito para trazer para dentro do terreiro os dogmas e costumes do culto de nação apodemos observar muito esse tipo de comportamento.

Até em que ponto esses costumes do próprios da religião de Candomblé podem impactar as liturgias de Umbanda partindo da premissa de que essas duas religiões são completamente diferentes uma da outra nos seus aspectos mais notórios? Pois a crença, o rito, a liturgia, o culto e as origens entre outros aspectos diferem completamente uns dos outros.

Como já foi mencionado em páginas anteriores, a Umbanda é uma religião brasileira genuinamente, monoteísta e crítica em alguns aspectos. Tendo orixás como tronos energéticos e que no seu comportamento mediúnico cada filho ou médium que comungam dessa crença tem sua individualidade no tocante ao espiritual e cada ser tem suas próprias zonas de frequências e de atuação vibratória.

Olhando para o título sugerido do capítulo e no parágrafo inicial, fica incoerente afirmar que as entidades que trabalham na seara da Umbanda sejam preferíveis a seu bel prazer para um filho ou filha de santo, não importando o grau de parentesco nem de afinidade energética. Cada um de nós temos nossa história espiritual individual e combinações mediúnicas que firmamos nos processos reencarnação, que são de cunho individual.

É inconcebível que nos dias atuais ainda tenham sacerdotes e seguidores da Umbanda que se fecham em uma redoma de ignorância desse tipo. É com muita tristeza quem vemos na atualidade supostos pais e mães de santo prometendo para seus filhos que quando desencarnar sua Pomba gira passará para fulano ou para sicrano, porque tem laços de sangue ou porque vai continuar a tocar o terreiro. É um total desconhecimento sobre a religião que chega a assustar, esses tipos de comportamento que levam a comparar as entidades luminosas de Umbanda com uma mercadoria que serve de troca ou de barganha para alimentar o achismo dos ignorantes, certamente atrasa e freia ainda mais a desmistificação tão sonhada da Umbanda perante a sociedade como um todo.

Pessoas leigas certamente da religião de Umbanda que baseiam sua crença nos caminhos tortos do achismo e, ainda pior, encontram outros desavisados e descompromissados com o aprender da religião. Infelizmente afundam nossos esforços para mostrar a beleza e a força que nossa amada Umbanda sagrada vem nos mostrando todos os dias.

Somos seres livres e independentes, cada um de nós possui sua própria vibração e sua própria zona de atuação, temos nossas próprias dívidas cármicas e nossas próprias cadeias de guias e entidades que nos auxiliam na nossa caminhada terrena e espiritual. Não precisamos de herdar entidades de ninguém para continuar um trabalho de Umbanda. Até porque quando assumimos um trabalho já edificado, como um terreiro de alguém que desencarnou, ele jamais será o mesmo por alguns motivos.

Em primeiro lugar, quando um filho ou uma filha de santo herdar um centro de Umbanda, quando recebe ou decide continuar um trabalho com uma casa já edificada e pronta para trabalhar, aquela casa jamais será a mesma casa, pois quando um pai ou uma mãe desencarna, ali se fecha um ciclo e se inicia um outro. Agora tudo será diferente.

Por mais que aquela pessoa que herdou pense parecido, ou comungue das mesmas ideias do então falecido, tudo agora será novo, tanto no físico como no espiritual. No físico, certamente essa nova direção pensa em mudar o que é natural. Cores, designer, forma de cultuar, mudar as maneiras de doutrina, porque agora a casa tem outro dirigente e outras entidades que vão ali alinhar a casa de acordo com as vibrações e de acordo com a intelectualidade do novo dirigente.

O comando espiritual da casa muda, porque os guias incorporantes do novo dirigente são outros. Então nada mais será como antes. É um mesmo trabalho que continua, mas com uma nova cara e novo jeito de ser conduzido.

Aquelas entidades que conduziam o trabalho anterior podem com certeza continuar fazendo parte daquele trabalho, mas agora com uma nova hierarquia, um novo cargo e outra maneira perante a espiritualidade, pois o seu médium incorporante não está na matéria para incorporar. E não é simplesmente o aparelho que estava programado e que teve toda uma negociação antes mesmo da reencarnação para este mecanismo acontecer, Não é agora simplesmente mudar de aparelho com essa história de herança de entidades que infelizmente muitos ainda insistem em comungar.

Pode ser que eu, sendo sacerdote há mais de doze anos de Umbanda sagrada, posso desconhecer tais acontecimentos. E não estou aqui impondo nenhuma verdade. Porém, pode ser que eu esteja equivocado, mas não encontro respaldo espiritual e não vejo fundamento algum nesse negócio de herdar entidades de alguém.

Se assim fosse perderíamos nosso livre arbítrio, nosso propósito de aprendizagem no mecanismo da encarnação. Como também não haveria sentido algum nas missões pré-encarnação para serem executadas na matéria.

Perderíamos o sentido da nossa própria história espiritual e assumiríamos uma missão que nos pertence, tirando assim do outro a responsabilidade e a dádiva de viver nos planos as experiências que são suas por direito, dever e merecimento.

Pode ser que chegue alguém e nos diga: mas minha vó paterna há setenta anos a traz trabalhava com a vovó Catarina e eu hoje, setenta anos depois, também trabalho com essa vovó, então eu herdei a entidade da minha vó porque ela sempre trabalhou na minha família. Nesse caso entra outra questão muito importante, que também passa quase sempre despercebido pelos aqueles que não se atentam a estudar a fundo a religião, que são as falanges de entidades que trabalham nas linhas de trabalho da Umbanda.

Quando falamos em vovó Catarina não significar que é apenas um espírito, mas sim uma falange de espíritos, ou seja, uma ordem que comportas milhares de espíritos que abdicam do seu nome original para se apresentar na Umbanda com o arquétipo de vovó Catarina durante os trabalhos. São espíritos que por questão de afinidades e por escolha assumem o mesmo nome. Não tem nada a ver com herança de santo.

Quando viemos para o plano físico, já chegamos aqui com toda nossa bagagem espiritual. E já temos nossas dívidas cármicas para serem cumpridas. Você herdar entidades e missões de seus pais carnais ou pais no santo é uma incoerência absurda, pois estaria retirando deles as suas dívidas e sendo transferidas para você. E isso nos parâmetros de Umbanda seria incoerente com o livre arbítrio e com as leis do retorno da ação e reação.

Pode ser que alguém pense ao contrário e não concorde com essas colocações, respeito, porque entendo que cada um de nós tem seu tempo e suas posições referente à espiritualidade. O intuito deste capítulo é desbloquear o leitor para buscar mais sobre esse assunto e se munir com informações e transformações acertadas sobre a Umbanda de modo geral.

"A virtude do umbandista se encontra na capacidade de se reinventar, sempre que se encontrar enrijecido em seus próprios moldes."

Gildener Sousa

Capítulo XXXIV

A quizila do desconhecimento

A famosa quizila de santo, quizila de orixá, ou quizila conhecida como peia de orixá, são várias as denominações sugeridas e seguidas por muitos umbandistas no Brasil a fora. Têm pais de santo que impõem tanta quizila nos seus filhos que a Umbanda daquele terreiro mais parece uma roça de Candomblé com tantas exigências e proibições infundadas que de nada tem a ver com os fundamentos umbandistas. E que não contribuem para nada dentro nos rituais litúrgicos ou doutrinários. Pelo contrário, acabam por deturpar e confundir o que realmente é a Umbanda. Se é de propósito ou por ignorância, vamos discorrer um pouco sobre o assunto nos moldes umbandistas.

O que seria quizila? Vamos lá

“Ewo ou quizila são regras de conduta do candomblé e da religião tradicional yorubá. São exigidos pelos orixás na feitura de santo e na iniciação em Orunmilá-Ifá, determinando o que é um elegun (iniciado no candomblé) não pode comer ou fazer, durante um curto ou longo período da sua vida”

Como podemos averiguar na colocação acima, no culto de nação a quizila é um tabu, uma norma que precisa ser seguida, um mandamento ou um impedimento de determinado alimento ou atos. A quizila nesses moldes é um respeito aplicado nos rituais internos dos cultos de nação. Precisamos ficar bem atentos ao que é um culto de nação. No Brasil esse termo tem referências a religiões de matriz africana praticadas no território brasileiro. No grosseiro são religiões pagãs ou politeístas que veem nos orixás a figuras de Deus que conduz nossas vidas

terrenas. A quizila por esse lado tem total validade quando olhamos para ela no sentido que é uma exigência ou normativa de Deus, ou seja, uma das infinitas formas de expressão dos orixás, nas doutrinas e nos rituais próprios dessa religião.

Quando nos voltarmos para a Umbanda, precisamos nos atentar para algumas questões bem básicas; é uma religião genuinamente brasileira. Não é afro-brasileira. A Umbanda é tem elementos afros nos seus ritos, mas não a define apenas por esse fator.

A Umbanda desde seu nascimento continua em movimento e se adaptando conforme nós evoluímos e mudamos no decorrer da nossa vida terrena e nas nossas mudanças vibracionais nos campos da espiritualidade. Ou seja, não uma religião dogmática ou engessada, que tem suas liturgias baseadas em um livro ou em um ponto de vista singular.

A dualidade da visão umbandista nos permite continuar a evoluir diariamente. E sua liberdade associada à flexibilidade de pensamento e de energias nos conduz numa jornada de aprendizado indispensável para termos um mínimo de compreensão no tocante à Umbanda.

As vertentes de Umbanda são a prova cabal para tais afirmações. Sacerdotes de diversas linhagens de diversas culturas e conhecimentos distintos podem e devem seguir uma vertente umbandista. As vertentes são maneiras e formas de se praticar a Umbanda conforme suas religiões e seus conhecimentos. Você pode observar várias nomenclaturas para esse fator da Umbanda:. Umbanda eclética, Umbanda de caboclo, Umbanda de omoloko, Umbanda tradicional, Umbanda sagrada e. Umbanda Guaraciama, entres outros vários termos associados. Em todas elas a questão de quizila sempre foi um dilema e uma tabu muito grande. Pela falta de informação e formação muitas das vezes de seus dirigentes. E por também às vezes a não preocupação de certos seguidores de se atentar às diferenças entres as religiões.

Na Umbanda traçada, por exemplo, há muito do candomblé contido nos seus rituais, pois quem optou por essa vertente geralmente vem do Candomblé ou já pratica a Umbanda em um paralelo e acaba por influenciar muito mais do que as outras vertentes, pois a formação desse sacerdote é basicamente do culto de nação de matriz africana. Se está certo não nos cabe julgar, porém uma coisa é certa, são religiões completamente distintas uma da outra. Tão grande e incoerente é um sacerdote hora ser pagã e politeísta, hora ser cristão e monoteísta, algo de incompatibilidade á nesse caso, pois como podemos ser confiáveis que nem mesmo eu consigo ser firme e coerente com o que prego. De duas coisas; ou é um pessoas extremamente antirreligioso que buscar meios e maneiras para ganhar dinheiro através da inocência e da fé alheia. Ou se trata de uma personalidade extremamente ignorante para não perceber um mundo de diferenças e de distanciamento de uma crença e da outra, Pois é nítida que não se pode misturar. Umbanda é Umbanda, nação é nação.

Na Umbanda, orixás, como já foi mencionado diversas vezes nas páginas anteriores, são energias divinas. Orixás são as manifestações energéticas de Deus de maneira cósmica e universal que nos atendem e nos conduzem ao crescimento evolutivo. Sendo assim, a questão da quizila na Umbanda não acha respaldo nem fundamentos, pois a natureza está manifestada em tudo e em todos. Como uma forma de complementação energética que se completam e que necessitam umas da s outras. Não podemos ver orixás como um ser que tem na sua dualidade um lado que ajuda ou que pune. Se assim fosse, nosso livre arbítrio e a lei da ação e reação ficariam anulados em nós, pois estaríamos a mero prazer de outros seres que nos conduziriam como bem entendessem. Ou seja, se agirmos conforme suas vontades teríamos vitórias e se os contrariassem teríamos punições. Sem levar em conta nossa história espiritual pretéritas e sem se preocupar com nossas dívidas cármicas obrigatórias no processo de quitação de nossas dívidas de outrora.

Nas grandes e antigas civilizações do passado, essa questão sempre esteve presente. Se observarmos por exemplo a religião Vikings, tudo de bom e de mal eram atribuídos a um Deus como forma de gratidão por seus fiéis fazerem o que é certo na visão desse Deus, ou uma punição quando ele era contrariado. Nunca se observava que tudo estava ligado a nossas próprias ações. Não tem nada a ver

com Deus nem com quizila, tudo que acontece é fruto de nossas próprias ações e pensamentos conforme nossas vibrações energéticas.

Quando nos voltamos para a Umbanda como uma religião que tem seus fundamentos básicos ligados ao livre arbítrio e à lei do retorno, como uma forma de nos equilibrar de acordo com nosso tempo e nossas zonas de atuação energética Vimos o quanto a questão de quizila se anula dentro desses padrões, pois vai contra as leis básicas de atuação da espiritualidade dentro da Umbanda. A quizila na Umbanda sagrada não encontra coerência, pois tenta adicionar a algo ou a alguém as responsabilidades que são nossas por direito e merecimento.

A Umbanda nos ensina a lutar contra nossas imperfeições e não transferir nossas culpas e responsabilidades para outra pessoa, nem para o orixá nem para tão pouco a espiritualidade de forma alguma. Somos livres para pensar e agir e sabedores de que cada movimento nosso gera ou implica em uma reação. O que pode ou não nos atingir de uma maneira que talvez que esperávamos. Mas não é dado o direito de transferir essa dívida cármica para outrem.

Há terreiros de Umbanda aplicando as quizilas, sim, certamente que há, porém não sabemos se surte efeito pelo medo impregnado a esse ato que acaba por amedrontar o filho, ou pôr às vezes a fé do filho é tão grande que supera tudo. Mas uma coisa é fato, fazendo ou aplicando a quizila ou não, nós, na nossa ignorância terráquea, transferindo responsabilidades ou não para nossos orixás ou guias, eles sempre estão ali prontos para nos acolher, tenho a convicção de que as falhas e as contendas de ego só estão aqui do nosso lado.

“A latente tendência humana em tentar adicionar aos outros nossas imperfeições é sem dúvida nenhuma, uma fuga e misteriosa e perigosa da nossa realidade, de não saber lidar com nossa natureza eterna.”

Gildener Sousa

Capítulo XXXV

O acolhimento umbandista

No Brasil, mesmo tendo diversas religiões, é um país laico ou deveria ser segundo nossa constituição oficial, porém as raízes europeias baseadas no preconceito, na intolerância e no discurso de ódio sobre qualquer religião que não venha ser a considerada por eles santa e única verdade que leva a Deus são consideradas heresias e não merece respeito. No entanto, a Umbanda tem se destacado bastante nas últimas décadas. Movimentos de renovação e inclusão principalmente na internet têm levado a Umbanda a quebrar muitos paradigmas preconceituosos na atualidade.

A Umbanda não é baseada em dogmas antigos nem se afunila em um livro sagrado ou em cartilhas de bem dizer social. Ela é uma religião livre e aberta a todos. Enquanto as religiões convencionais ou majoritárias exigem de seus fiéis um padrão de aparências e posturas sociais para pertencer aos seus grupos, lhe embutindo uma vida de exclusão de pessoas e lugares por causa da fé, chegando até fazer com que seus seguidores se virem contra sua própria família para se atentar única e exclusivamente para a fé A umbanda vai completamente na contramão dessa forma de pensar, por isso é muito perseguida, pois em vez de umbanda colocar cóleras e máscaras de ferro, ela quebra as correntes e rasga o véu da ignorância e dos pilares pragmáticos da sociedade machista e mercantil.

A parte mais encantadora da Umbanda é sem dúvidas o seu acolhimento às pessoas. Quando se chega nana casa, no terreiro, na tenda ou no centro de umbanda, você não passa por nenhuma sabatina religiosa. Ninguém vai perguntar que crença você tem e nem tão pouco te excluir em nada por não pertencer àquele grupo. Pelo contrário todos vão lhe abraçar e acolher como

irmão. Chegando na Umbanda você não precisa se identificar como religioso de tal religião nem se pertence ao um grupo específico. Você é apenas acolhido e abraçado com fé, amor e gratidão.

Geralmente quando você sai de uma religião e passa a frequentar uma outra, seja ela qual for, a primeira coisa que vão lhe fazer é dizer que sua vida está ruim por causa da religião anterior que estava te levando ao encontro do mal, do demônio ou de coisa parecida. Começam a associar todos os problemas à macumba ou a obras de satanás. Te livrando de toda e qualquer responsabilidade que te levou a estar com a vida embaraçosa. Uma verdadeira lavagem cerebral é conduzida aos mínimos detalhes para de formar uma ovelha cega na obediência. Começam a preencher sua cabeça com as rejeições e as exclusões sociais, te limitando e privando sua liberdade pessoal e muitas vezes até familiar e pessoal. Você começa a viver em função unicamente da religião, sendo observada pelas vestimentas, lugares que frequentam e até suas ações são controladas e conduzidas conforme a nova fé que agora lhe parece o único caminho que vai te levar a Deus. E assim sendo você não percebe que seus bolsos são saqueados e a liberdade tão prometida pelo próprio cristo salvador foram então roubadas de você.

As ditas religiões majoritárias e verdadeiras acabam por impulsionar a intolerância e o discurso de ódio religioso e sobre as demais crenças, com o único intuito de arrecadar cada vez mais e mais, levando assim ao enriquecimento nos púlpitos de forma arbitrária.

A Umbanda por sua vez, quando você chegar até ela, não importando suas condições físicas e espirituais, não lhe imprime nenhuma forma obrigatória de conversão ou adesão forçada, lhe prometendo milagres nem recursos materiais de nenhuma natureza. Ao chegar no centro de Umbanda você será tratado como um irmão igual a todos. Jamais alguém da Umbanda irá culpar suas crenças anteriores pelas suas mazelas nem tão pouco adicionar isso a seres mitológicos como o demônio, até porque não acreditamos nesses fetiches cristãs criados para amedrontar e nivelar as pessoas.

A força da nossa amada Umbanda sagrada é sempre estar de braços abertos a te ajudar. Se podemos dizer que a Umbanda tem alguns dogmas, poreis que diremos que são: amor, caridade e fraternidade. O maior dogma da Umbanda é o amor fraternal incondicional, pois é fácil e fútil amar alguém por interesse ou barganha. Como acontece muito em certas crenças que cria o lema: eu te amo, mas você precisa ser assim.

O acolhimento umbandista é aquele acolhimento que não tem cor, não tem idade, nem sexualidade. É o acolhimento que não mira as posições sociais nem tão pouco os endereços de luxo. A maneira de acolher da Umbanda é sempre com o sorriso aberto e um grande e fraterno abraço carregado de amor, de paz, e esperança e liberdade.

O acolhimento umbandista é baseado na liberdade e na oportunidade de crescimento por merecimento próprio através das experiências e vivências na seara da caridade e da humildade de crítica.

A chamada consulência da Umbanda, que são os atendimentos ou consultas propriamente ditas, é a maior prova do amor fraterno da Umbanda, pois são atendimentos voltados para a comunidade totalmente gratuitos e que não levam em conta suas crenças nem suas posições sociais. Apenas te acolhem e ajudam da melhor maneira possível.

Não importando sua crença, a Umbanda sempre irá lhe ensinar a amar e respeitar todas as outras crenças. Na Umbanda sagrada não pregamos o ódio religioso e nem nos autoafirmamos detentores da verdade, pois sabemos que a verdade é relativa do ponto de vista espiritual de cada um e. Pois é uma religião baseada no livre arbítrio e na liberdade de expressão, que garante às pessoas se libertarem dos dogmas que lhe encabrestam e as nivelam em multidões de ovelhas cegas e vazias de amor fraternal. Na Umbanda você aprenderá a dualidade da vida e na

continuidade do espírito como ser eterno e evolutivo.

Dentro das casas de Umbanda você verás que as coisas mais simples são na verdade as mais difíceis de serem assimiladas e compreendidas por que tratam da simplicidade da alma e de como não precisamos nada mais do que amor em todas as situações para sermos vitoriosos na vida. O acolhimento nas casas de Umbanda tem um caráter peculiar, em que você consegue vivenciar através do respeito a todas as pessoas com suas limitações, com suas condições financeiras, sua qualidade espiritual assim como todas as suas virtudes e qualidades, sem separação nem segregação de se encontrar com a sua própria espiritualização. Um dos ponto-chave para o grande crescimento da Umbanda nos últimos vinte anos foi a forma de se apresentar para a sociedade e assim quebrar os vínculos e rótulos erroneamente adicionados a nossa amada Umbanda.

O acolhimento nas casas de Umbanda humanizado e baseado nas estruturas do amor e da caridade tem aberto um espaço muito importante para a divulgação e para desmistificação da religiosidade da Umbanda.

Acolher com amor e respeito, sem se aproveitar da fé e da fragilidade alheia, sem que que você precise pagar para sua cura chegar, tem elevado a Umbanda a se destacar no cenário brasileiro como uma nova e humanizada forma de se fazer religião, voltada verdadeiramente para os ensinamentos de Cristo. Assim mostra-se para toda a sociedade o amor e paz do nosso glorioso Deus onipresente e onipotente através de um novo e fraterno olhar umbandista.

A Umbanda sem dúvida chega na era pós-moderna para nos dizer que ainda precisamos confiar na religião, pois os ensinamentos de Jesus não estão em nenhum livro. Eles estão contidos nos corações dos homens de boa fé. A Umbanda veio nos dizer que o amor não está nas palavras soltas ao vento, mas sim nos atos, nos pensamentos e nas emoções que criamos no decorrer de nossas vidas.

A Umbanda veio nos ensinar que é possível amar ao próximo, sem interesse nem barganha. Que é necessário a resiliência e a empatia com o próximo para sermos verdadeiramente seguidores de Cristo na terra.

Para nós, umbandistas, é gratificante estender as mãos, acolher e ser acolhido pela espiritualidade, pois a caridade é um caminho de evolução e bem-estar contínuo que alivia o peso de nossas almas e que nos conforta e nos guia nos caminhos do aprendizado e da evolução de nossos espíritos., buscando a todos os dias a compreensão de nossas falhas e limites. Mas que também nos garante segurança e a coragem e a esperança de buscar dias melhores para toda a humanidade.

“O saber acolher para ser acolhido. É tão importante o quanto doar para receber.”

Gildener Sousa

Capítulo XXXVI

As crianças de terreiros

Caros, quem de vocês nunca assistir no YouTube a vídeos de crianças menores de onze, dez anos de idade pregando o evangelho nas igrejas evangélicas. Quem nunca se deparou pessoalmente ou por meio da internet com crianças de pouca idade fazendo revelações nos púlpitos das igrejas de toda ordem no Brasil a fora. Filhos de espíritas kardecistas, católicos, protestantes, neopentecostais, budistas e várias outras crenças por todo território nacional, participarem de todos os rituais religiosos dos quais seus pais congregam e não se vê comoção alguma, nem críticas nem matérias em jornais. Ninguém se preocupa com as crianças nas igrejas, nas sinagogas.

Agora, quando o assunto é criança na Umbanda, não faltam críticas, perseguições e toda ordem de preconceito e falácias incabíveis. Movidas as mais diversas formas de intolerâncias e preconceitos. Quando se fala em criança nos terreiros de Umbanda, gera-se muita confusão e bastante desinformação. O pensamento preconceituoso criado pelas crenças europeias fez com que nossa sociedade se tornasse uma fonte inesgotável de preconceito e intolerância.

Porém, quando se fala de crianças nos terreiros, o problema não está somente nos olhos de fora da Umbanda, a desinformação e a falta de entendimento religioso fazem com que os próprios umbandistas não entendam sobre essa questão entre outras.

Quantas vezes já ouvimos e vemos pais e mães de santo proibirem crianças nas giras. Dizer que criança não pode participar de trabalho no terreiro. Que criança

atrapalha os rituais. Que em gira de Exu criança não pode nem chegar perto e por aí vai.

A religião é um conjunto de símbolos e rituais que possuem significados amparados pela crença de um grupo de fiéis que se identificam com a organização religiosa. E toda vez que escolhemos uma crença para professar nossas necessidades de comungar os ensinamentos de Deus sobre nossas vidas, procuramos sempre uma religião que atenda às nossas necessidades e realidade. Buscamos uma religião que nos dê uma base sólida para levar nossas vidas com equilíbrio e tranquilidade. Sendo assim, uma parte fundamental são as nossas crianças. Se a religião que professo não cabem os meus filhos apenas por serem menores de idade, certamente essa religião não nos cabe também.

Já voltando para meu ponto de vista pessoal e como sacerdote de Umbanda, não vejo problemas algum em crianças participarem dos trabalhos da Umbanda. Claro que não podemos e nem devemos obrigá-las a nenhuma obrigação e nem responsabilidade dentro do terreiro. Até porque criança tem que ser criança e não pode assumir responsabilidades que lhe tirem a sua infância. Agora lhe apresentar a religião é mostrar a escolha de vida religiosa que seus pais escolheram para seguir. Pode ser que no futuro a criança ao crescer procure sua própria crença, porém enquanto criança as orientações da religião são muito bem- vindas para o seu próprio amadurecimento.

A Umbanda é uma religião limpa, liberta e amante da natureza. Nos rituais de Umbanda não fazemos sacrifícios de animais nem qualquer trabalho que venha a atentar contra o livre arbítrio e contra a liberdade de alguém. É uma religião amável e tolerante e que. Que são práticas de caridade e que tem a humildade, a fraternidade e a unidade como seus principais pilares de culto. Se assim o é, por que então que as crianças são privadas de toda essa infinidade de boas energias?

Às vezes a falta de compensação e de entendimento sobre a própria religião acaba por vezes levando a levantar dúvidas sobre a sua pregação. Aquele que

pratica a Umbanda, precisa estar com a mente mais aberta às próprias colocações dos rituais e da essência da religião.

A associação da Umbanda ao culto do demônio e a trabalhos de magia negativa, trouxe também essa ideia de quer a Umbanda não é lugar de crianças. Essas associações errôneas dos ritos da Umbanda com as maldades cristãs embutiram na cabeça de muitos líderes religiosos da época essa ideia e eles foram perpetuando-as durante os tempos.

Com esse processo, junto à falta de estudos e entendimentos das mudanças obrigatórias que a Umbanda teve e ainda está passando, infelizmente ainda se vê tamanha discrepância nas casas de Umbanda.

É fato e correto, que não se pode cobrar o mesmo comprometimento e as mesmas compreensões de uma criança, porque a própria religião tem suas liturgias apropriadas voltadas para o público infantil. Sendo assim, a criança que cresce no meio do respeito, da capacidade de se mudar, assim que for preciso, de entrar em contato com a natureza e dela tirar seu sustento espiritual, traz para si uma criança uma importante lição de vida.

Não há nada de tenebroso nem assustador dentro dos ritos da Umbanda que uma criança não possa presenciar. Claro que certos trabalhos, até mesmo para poupar as crianças do impressionismo ou de uma suposta reação má interpretação devido à idade, devem ser privados se priva as crianças de estarem presentes na hora de uma puxada de Exu, por exemplo. Mas nada impede que um Exu ou uma Pomba gira venha a dar um passe ou uma limpeza nas crianças sempre que possível.

É quase que inacreditável que atualmente ainda se veja esse tipo de comportamento acontecendo dentro das casas de Umbanda. Certamente está

ligado à falta de formação de seus líderes e da ignorância de quem aceita calado e submisso esses tipos de orientação.

É chegado o tempo de mudanças de pensamento e posturas nos campos da religião de Umbanda. É preciso um olhar mais atento e mais humanizado para as questões de liturgias e rituais. Nós que participamos de casas de Umbanda devemos também estar atentos para não sermos enganados e deixar que o achismo de certos líderes furte as experiências e as oportunidades que nossos filhos têm de aprender dentro de uma casa de Umbanda séria. É obrigação de todos a manutenção de nossa fé para que certos enganos não venham a nos fazer desanimar de nossas escolhas e de nossa fé no sagrado.

“A semente que a infância planta com cuidado, o adulto colhe com responsabilidade.”

Gildener Sousa

Capítulo XXXVII

Campo santo

No cemitério, também muito chamado na Umbanda de campo santo, é portal de várias vibrações energéticas e pontos vibracionais de vários orixás. Nesse local onde muitos têm medo de entrar e outros nem tanto, ocorrem mistérios e eventos de natureza espiritual de todas as ordens. Sem dúvida uma grande parte das religiões convencionais não preparar seus fiéis para a vida espiritual e acaba em por uma redoma de medo e repulsa quando se fala em cemitério. A Umbanda é uma religião que trabalha muito bem a questão dos pontos vibracionais e o cemitério sem dúvida é um dos pontos mais enigmáticos entre todos os outros.

Por analogia, chama-se cemitério um lugar onde se enterram ou acumulam produtos, tipicamente resíduos e detritos por exemplo, cemitério de resíduos nucleares.

A palavra cemitério do termo latino Tardio derivado do grego, a partir do verbo κοιμάω kimáo, pôr a jazer ou fazer deitar-se foi dada pelos primeiros cristãs aos terrenos destinados à sepultura de seus mortos. Os cemitérios ficavam, geralmente, longe das igrejas, fora dos muros da cidades. A prática do sepultamento nas igrejas e respectivos eram desconhecidas nos primeiros séculos da era cristã.

A partir do século 18, criou-se um sério problema com a falta de espaço para os enterramentos nos adros das igrejas ou mesmo nos limites da cidade, os esquifes se acumulavam, causando poluição e doenças mortais, o que tornava altamente insalubres as proximidades dos templos.

Uma lei inglesa de 1855 veio regular os sepultamentos, passando estes a serem feitos fora do centro urbano. A prática da cremação, cada vez mais frequente, permitiu dar destino aos corpos de maneira mais compatível com as normas sanitárias.

Em muitas cidades, existem cemitérios onde os ritos funerários são cumpridos de acordo com a respectiva religião católica, protestante, judaica, islâmica ou fraternidade maçônica.

Criaram-se, também, cemitérios nacionais para o sepultamento de chefes militares e figuras notáveis da vida pública.

Alguns cemitérios modernos rompem com a imagem tradicional das necrópoles com jazigos e monumentos de mármore, substituindo-os por parques arborizados, onde simples chapas de metal assinalam o local da sepultura.

Outra prática comum, pela questão espacial, é a verticalização dos cemitérios, onde os túmulos são dispostos uns sobre os outros e em andares para as visitações.

A calunga menor, como também é conhecida no meio umbandista, é uma importante fonte de reflexão sobre a própria vida e própria morte. Quando falamos em cemitério, a primeira ideia que já vem nas nossas cabeças é a morte, pois nossa história social e religiosa sempre nos conduziu a crer que a morte é o fim da vida. E que o cemitério de alguma forma seria algo relacionado com a falta da vida.

Mas para nós, enquanto umbandistas, o que significa o campo santo? Qual a importância desse ponto vibracional nas nossas liturgias?. Por que muitos associam o cemitério como algo ruim ou macabro? O cemitério é a manifestação de alguns orixás, os quais atuam diretamente com a vida e a morte, ou seja, que de certa forma estabelece uma ligação direta com as passagens da do espiritual para o mundo físico e vice-versa.

O que seria então esse ponto vibracional? Nós, encarnados, sempre estamos em busca de respostas para os nossos questionamentos sobretudo. Obaluayê é o orixá dos portais, são essas energias divinas que chamamos de orixá Obaluayê, que gera o mecanismo que as entidades ou seres celestes atuam nos processos reencarnatórios e nos processos de retornar para a morada espiritual.

Obaluayê, Omulu, Xapanã entre outros são orixás que regem as energias no campo santo. Assim também como é o local e o ponto de atuação dos nossos guardiões, guardiãs e Pomba giras. Nesse local podemos observar diversas atividades sendo executadas ininterruptamente.

Há os ceifeiros, que são seres de energias densas que vagam nos cemitérios à procura de emanação de energias dolorosas para se alimentarem das dores dos recém-falecidos que não compreenderam ou entenderam que já partiram do plano físico.

Há os anjos guardiões, que vasculham as diversas camadas e zonas dos campos santos à procura de seres que já se arrependeram ou que já estejam na condição de receber ajuda do plano espiritual. Têm aqueles chamados de magos negativados, que rondam as oferendas feitas pelos praticantes de magia negra e que fazem pactos com seres trevosos para fins escusos. Enfim, no cemitério é como um grande mercado de compra e venda de produtos. Um espaço de barganha, de dores e de libertação. O cemitério será para você o que for procurar ou do que você é feito energeticamente.

Os praticantes da Umbanda vão aos campos santos em datas específicas para reverenciar seus entes queridos que já se foram para o outro plano. Para encaminhar boas vibrações e luz para que aquele espírito que se encontra em aflição encontre um caminho de redenção de seu espírito. Certas oferendas também são entregues no cemitério para potencializar as vibrações dos orixás e entidades que ali atuam nos resgates de sofredores. Com o intuito de receber as graças e boas energias dos seres de luz que ali atuam.

O cemitério é para a Umbanda um campo sangrado. Assim como as matas, a cachoeira, o mar, as encruzilhadas e todos os pontos naturais são considerados sagrados por serem uma espécie de portais para o recebimento de energias. São lugares que detêm uma potência vibracional de ordem natural que facilitam a comunicação entres os dois planos da nossa existência.

Assim como outros pontos de forças, o cemitério é usado para diversos fins. Desde para a libertação dos nossos irmãos aprisionados pelos laços da matéria, como também por aqueles que deturpam o nome da Umbanda para fins nefastos contra seus semelhantes.

O verdadeiro umbandista não deve temer o campo santo, mas sim. Ele deve respeitar, pois ali se manifestam as mais diversas forças de amparo e libertação dos espíritos que não conseguem por sie só alcançar as suas libertações. Nesse local podemos perceber que uma infinidade de tipos e ordens de trabalhadores que labutam nos auxílios àqueles que ainda estejam no desequilíbrio espiritual.

Por tanto é de bom agrado, que nós, umbandistas, tenhamos esses conhecimentos para não causar descontrole ou interferir nos trabalhos exercidos pelos trabalhadores da seara da luz.

O cemitério sem dúvida é um local em que sepultamos nossos mortos. Mas a religiosidade da Umbanda não o vê apenas como tal.

Também chamado de Calunga Pequena, Calunguinha ou ainda Campo do Pó ou Campo Santo é nele que as coisas se transformam, se transmutam. Quantas vezes não ouvimos dizer que ir ao cemitério pode ser perigoso para o médium, pois é um atrator natural de cargas e lá há muitos espíritos sofredores que se ligarão. Claro que se ligarão a aqueles que se colocarem no campo santo de uma forma profana ou com sentimentos e pensamentos negativos, afinal os afins sempre se atraem. No entanto, se sabemos que há habitantes, temos até por educação entrar com cuidado e respeito.

Quando entramos em um cemitério, saudamos as forças atuantes para demonstrar nosso respeito e devoção. Saudamos e pedimos licença ao Exu que fica na porta daquele cemitério, para entrarmos no campo guardado por ele.

Saudamos Obaluayê, Omulu e Iansã das Almas este ritual também se repete na saída. Cobrimos nossa cabeça com um lenço branco ou boné para que as energias densas do local não desequilibrem nosso mental e com muito respeito nos dirigimos.

Prefira roupas claras e “simples”, sem muitos acessórios. Não faça comentários impróprios, muito menos faça troça do local, dos túmulos, dos habitantes.

Assim que chegar na sua casa, tire os sapatos para não levar a terra ou o pó para dentro. Lave toda a roupa que usou, ou pelo menos deixe-a de molho. São cuidados básicos que devemos ter para se evitar maiores transtornos.

O campo santo atua em várias frentes energéticas ao mesmo tempo. Por isso devemos sempre estar atentos aos mínimos detalhes ao entrar e sair de um campo como esse. A densidade é percebida por qualquer um que adentra no cemitério, devido ao grande acúmulo de lamentações e dores da perda. Ali estão contidas não só as densas energias dos mortos, mas também todas as lamúrias e os sentimentos de dor e insatisfação por não aceitar a partida de alguém. Então os que ficaram para traz acabam por se lembrar do cemitério como um lugar de dor, que de uma certa forma lhe tirou alguém. Desse modo se cria um cordão de atuação constante, alimentando assim muitos dos espíritos desequilibrados que possam estar vibrando com esses mesmos sentimentos.

Dessa forma podemos imaginar um cemitério como um grande e amplo campo de batalhas, onde o mais forte escraviza os mais fracos. Um campo de tanta dor e tormenta por parte de alguns que age como um imã que atrai semelhantes que estão vibrando nas mesmas densidades energéticas que aquelas ordens dose desequilibrados.

O campo santo também é um farol para aqueles seres de luz que trabalham para as camadas mais elevadas dos planos espirituais, para fazerem os resgates e as libertações daqueles que compreenderam sua nova condição de espírito.

Os chamados magos negros, seres de energia tão densas que são evocados por aqueles desavisados que fazem rituais de cunho negativo, agem como uma verdadeira teia aprisionando aqueles que praticam, quem manda praticar através de pagamento e aqueles que vibram com as energias semelhantes.

O campo santo é santo para quem tiver boas intenções e não santo para que reverbera as estreitas linhas da maldade. Nós, umbandistas, não precisamos ter medo nem se preocupam em ir ao cemitério. Basta ir como se estivesse indo a casa de um amigo. Devemos ter respeito e boas intenções, pois os espíritos só nos conectam se estivermos com as mesmas frequências de energias. Só seremos vistos e influenciados por seres negativados se nossas intenções forem de tal

teor. Caso contrário, pode utilizar esse grande e vasto campo de energias para fazer o bem a todos.

“A água que tira meus miasmas é a mesma que os coloca se estiver contaminada.”

Gildener Sousa

Capítulo XXXVIII

A Umbanda cibernética

No ano de 2021 a Umbanda se encaminha para seus 113 anos desde a manifestação do Caboclo das Setes Encruzilhada no médium Zélio Fernandino de Morais, no estado do Rio de Janeiro. De lá para cá a religião passou por muitas reviravoltas, perdas e conquistas importantes. Foi mais de um século de transformações e mudanças para se enquadrar nas novas realidades e conseguir sobreviver no meio de um turbilhão de preconceitos e mistificações desenfreadas que assolaram a Umbanda durante todo o processo da sua afirmação como religião e como uma crença genuinamente brasileira.

Desde 1908 até a atualidade (2021), a Umbanda vem se reinventando para conquistar o seu lugar de direito no meio da sociedade. Uma das formas encontrada pelos dirigentes umbandistas na chamada nova Umbanda foi a tecnologia digital. Nova Umbanda porque nem todos aderiram e nem concordam com a informatização da Umbanda. Porém é sobre esse ponto de vista que vamos falar um pouco neste capítulo. Com a reafirmação que são minhas próprias conclusões e vivências e que não tem o intuito de prevalecer como uma verdade absoluta, apenas como reflexão de pensamento.

Podemos sem medo de errar afirmar que, a Umbanda começou a adentrar no meio cibernético há uns 20 anos. Não é uma data precisa, mas podemos contar o tempo dessa nova e grande transformação da Umbanda no meio das redes sociais a partir de então.

Sem dúvida alguma, a internet veio para facilitar bastante o desenvolvimento da

sociedade com um todo de maneira muito significante. É quase impossível de se pensar um mundo sem a tecnologia da internet nas nossas vidas.

A nossa vida passou a ser contada a partir dos gigas de internet e tudo que nos rodeia é de alguma forma computadorizada ou digital. Como então praticar uma religião de contato físico como a Umbanda nos tempos modernos e digitais?

Com as plataformas digitais, a Umbanda através de seus dirigentes começou a se lançar nas redes sociais seguindo o que já faziam todas as demais religiões cultuadas no Brasil e com grande relevância na sociedade. Com a internet e todas as iniciativas digitais, a Umbanda teve uma grande oportunidade de mostrar ao mundo o seu verdadeiro teor, quebrando assim vários paradigmas erroneamente associados a ela de forma absurda.

A partir das plataformas digitalizadas, podemos em tempo real aproveitar para acelerar a tão sonhada desmistificação da Umbanda, pois a umbanda é uma religião viva que está sempre em movimento e sempre se adequando para atender a todos e de todas as formas possíveis. Com os canais gratuitos, você pode conhecer todas as mais diversas vertentes da religião. De dentro da sua casa você pode acessar conteúdos e conhecer a Umbanda antes mesmo de você chegar a ter um contato direto no terreiro.

Eu, como dirigente de uma casa de Umbanda, acredito no poder da internet para a expansão do conhecimento e como base para as informações precisas para que todos vejam a Umbanda como ela realmente é. Claro que devemos tomar cuidado, pois nas redes sociais pode se encontrar de tudo. É preciso um filtro e muita atenção.

Têm aqueles dirigentes que não aceitam nem compactuam com as novas formas de a Umbanda se apresentar nos novos tempos, pois acreditam que a Umbanda

tem que ficar como estava nas escuras e quem quiser dever ir ao encontro dela, porque de outra forma estaríamos distorcendo o sentido da Umbanda. Um pensamento meio retrô, acredito.

A Umbanda vem se reinventando há mais de um século, todo dia se a Umbanda é refaz. Por que não ir ao encontro das pessoas? Todo sofrimento e descrença sofrido pela Umbanda em toda sua história se deve apor dois motivos básicos. Primeiro, por imposição social de ordem eclesiástica por parte das igrejas convencionais e dogmáticas que lançaram toda sorte de sacrilégios demoníacos sobre os ombros da nossa fé, fazendo assim a sociedade a acreditar em todas as invenções que lhe eram ditas, Pois não se tinham informações acertadas sobre a Umbanda, justamente por ser privada de espaços sociais.

Segundo, por parte de muitos dirigentes de terreiros de Umbanda optar pela recusa da mudança. Por acreditar que sabia de todo o conhecimento necessário para se afirmar como umbandistas. Por parte de muitos praticantes da religião acharem que a Umbanda tinha que viver o tempo todo nas sombras de crenças cristãs. Quanto sofrimento a Umbanda teve que passar porque seus seguidores se recusavam a refazer e a mudar de posturas e de pensamentos em relação ao contexto da sociedade que muda constantemente. A Umbanda sofreu e ainda continua sofrendo por parte de seguidores e dirigentes que preferem mascarar a realidade e levar a Umbanda para uma arena de barganha e comércio desenfreados. Toda sorte de sofrimento que nós umbandistas poderíamos ter evitado se todos tivessem a condição de ouvir o gritar agonizante da Umbanda para se libertar de dogmas e fundamentos que de nada tinham com sua essência divina.

Nos tempos atuais, e nesse momento em que o planeta vive uma pandemia violenta e mortal, a internet foi um presente para a Umbanda se transformar mais uma vez, pois sem as pessoas poderem ir até o terreiro, o terreiro pode ir ao encontro das pessoas dentro de suas casas. Vivendo esse momento de pandemia, a Umbanda pode chegar a muitos que tinham a religião como algo ruim devido a sua infância cultural preconceituosa.

Nesse momento em que muitos lutam para sobreviver, a Umbanda foi um acalanto para muitos suportarem suas dores e a partida dos seus entes queridos. A internet foi um meio, um rio, que pôde e ainda continua a escoar conhecimento e libertação, pois quando você conhece a Umbanda de verdade, ela te liberta e tem cura das suas próprias lacunas de preconceitos.

Conforme o título deste capítulo, a Umbanda cibernética, veio como um novo modelo de chamamento e de expansão de conhecimento, pois a internet passou a ser mais um braço que liga e leva o conhecimento e o conforto para todos que ficaram impossibilitados de irem até os terreiros.

Toda mudança exige muitas lutas e não seria diferente com a religião que mais sofreu e continua a sofrer perseguições de toda natureza. São novos tempos e, assim como o próprio tempo é outro, nosso pensamento precisa acompanhar a mudança dele. A Umbanda é uma religião que agrega e se torna flexível para alcançar a todos.

É certo que muitos não concordam com os canais de Umbanda em várias plataformas digitais. Uns porque simplesmente preferem não fazer e esperar que alguém o faça por ele. Outros muitos por não ter a capacidade de ocupar o posto que proclamam e tem medo de se exporem e não serem reconhecidos pelo o que dizem.

No final das contas, a internet é um veículo de comunicação dos novos tempos e não temos como negar a isso. Então o melhor seria a adaptação de forma consciente e segura. A internet jamais irá substituir o aprendizado do terreiro, isso é fato, mas auxilia na desmistificação de toda ordem imposta à Umbanda de forma arbitrária.

Cibernética ou não, o que não podemos mais é fechar os olhos para a Umbanda, pois a espiritualidade nos encaminha por todos os caminhos que forem preciso para que a mensagem de amor que exala da Umbanda chegue em todos os cantos sem se importar qual seja esse veículo. Apenas leve o amor e a caridade por onde passar.

"As engrenagens do tempo se moldam conforme as atitudes de nossos pensamentos."

Gildener Sousa

Capítulo XXXIX

O portal das encruzilhadas

A encruzilhada sempre foi uma incógnita na especulação e no imaginário popular e muitas das vezes fonte de muitos enganos e motivo para grandes debates, além de ser por vezes mal compreendida e mal utilizada devido à grande falta de conhecimento de muitos praticantes da Umbanda e de pessoas que brincam com a espiritualidade sem um mínimo de conhecimento e responsabilidade com a fé alheia.

A tradição das várias civilizações reconhece as encruzilhadas como locais de encontro com o mundo dos espíritos e das assombrações e, por isso, foram edificados nestes locais toda uma grande variedade de monumentos, tais como pedras, menires, obeliscos, altares e capelas.

Os astecas acreditavam que as encruzilhadas eram locais assombrados pelas mulheres mortas de parto. Na África, o cruzamento de caminhos é um local sagrado quando ritualizado pelas tribos, servindo de ponto de contacto com os deuses através dos feiticeiros e de local de homenagem, onde são colocadas oferendas, comida e mesmo sacrificados animais.

Algumas tribos africanas consideram as encruzilhadas como sítios onde se podem ver livres das más energias que possam assolar a aldeia e os seus habitantes. A terra das encruzilhadas é utilizada como ingrediente de mezinhas e amuletos de sorte. A encruzilhada tem ainda uma grande conotação com os rituais de fecundação da Natureza e da mulher, sendo nestes locais colocadas as primeiras colheitas e onde as mulheres terminam o período de aleitamento dos seus filhos e a respetiva proibição de atividade sexual. Esta tradição dos espíritos

das encruzilhadas foi levada pelos negros africanos para as Américas, onde ainda hoje subsistem em rituais de vodu, candomblé, umbanda, em Cuba, no Haiti ou no Brasil, tendo como espírito das encruzilhadas Ellegua, Legba, Esu Elegbara ou Exu.

Na mitologia ocidental, a encruzilhada é também um ponto de encontro com o destino, simbolizado no mito de Édipo. Foi numa encruzilhada que Édipo inadvertidamente matou o seu verdadeiro pai, Laio, determinando toda a sua vida futura e a sua desgraça. A encruzilhada existe também simbolicamente no íntimo dos seres humanos, no cruzamento de emoções e sentimentos díspares e nas decisões a tomar. Este aspeto está patente na personalidade tripla de Afrodite, a deusa que é simultaneamente casta, fecunda e lúbrica, sendo esta sua última faceta revelada nas encruzilhadas onde ela protege os amores impuros.

Na Grécia, Hécate era a deusa das três cabeças protetora das encruzilhadas por ser a senhora do céu, da terra e do inferno, comandando o nascimento, a vida e a morte. Os romanos prestavam homenagem aos Lares nas encruzilhadas, onde se levantavam altares e outros monumentos de adoração, bem como bancos para que as pessoas pudessem parar e refletir.

Das tradições da Europa medieval ficaram as crenças das encruzilhadas como locais onde se encontram as bruxas e os espíritos malignos e daí a construção de capelas, oratórios, alminhas, estátuas de santos e de Virgem e cruzes.

Em resumo, todas as crenças associadas com as encruzilhadas exprimem o medo humano pelo desconhecido tanto exterior, do mundo dos infernos, da terra e do céu, como do interior da alma humana, onde a encruzilhada nunca é um fim, mas um novo ponto de partida para um novo desconhecido.

Podemos afirmar que durante toda a caminhada da humanidade a encruzilhada teve seu papel de importância e mística, variando com as diferentes civilizações no decorrer da história humana. Sempre envolvida com mistérios e segredos que,

de posse dessas crenças, mitos e verdades, muitos a usavam para amedrontar e garantir poder e domínio sobre as outras pessoas.

Qual a importância da encruzilhada para a Umbanda? Que poder esse ponto vibracional pode nos revelar? Como a Umbanda se utiliza dessas forças para se afirmar? E quais são os mitos que as envolvem?

A Umbanda vê os orixás como energias naturais, são forças energéticas que vibram e sustentam todo o cosmos. Essas energias são representadas pelos pontos naturais considerados místicos e de grande capacidade de potencializar as forças que ali são geradas ou trabalhadas.

Para a religião da Umbanda, a encruzilhada atua nas nossas vidas como símbolo de decisão, onde todo ser na sua corrida de vida sempre se encontrará em uma encruzilhada, seja ela de qualquer natureza. Toda decisão que tomamos parte do princípio de uma encruzilhada. Toda decisão é uma escolha, um destino e daí surgem outras manifestações que acabam por gerar mais encruzilhadas.

Para nós, umbandistas, sempre estaremos diante de uma decisão fácil ou difícil. Na ritualística de Umbanda, quando um fiel vai a uma encruzilhada de terra, ele está ali ativando as potências energéticas para que suas vontades e intenções encontrem um impulso para acelerar aquilo que se deseja ou se pede para as entidades que atuando nesses pontos vibracionais, no caso de entidades que se utilizam das energias do orixá Exu para trabalhos dessa natureza. Ou seja, nas encruzilhadas podemos através da ritualística umbandista quintenciar as nossas vibrações e intenções. Assim como ocorre também em todos os outros pontos naturais considerados pontos de força pela espiritualidade de Umbanda.

Quintenciar no linguajar do Exu, seria impulsionar, dar forças ou acelerar as intenções ali mencionadas. Porém temos que ter algumas informações sobre a

ritualística de Umbanda para não associar ritos de cultos satânicos e de magias negras a ritos da Umbanda.

A encruzilhada é utilizada pela Umbanda apenas para rituais de cunho positivos, sempre respeitando a liberdade e o livre arbítrio de todos. Todo e qualquer trabalho executado nas encruzilhadas que venham a ferir a vida alheia ou que seja de cunho negativo para quaisquer naturezas não se pode ser associado à Umbanda, pois a Umbanda é uma religião limpa que preza pelo respeito e pela caridade. Todas as entidades que se manifestam nos seus terreiros têm consciência doe bem e do mal, além de serem espíritos com um certo grau de evolução, que não permitem participação nesse tipo de trabalhos exclusivos a seres de baixa vibração associadas a pessoas de egrégoras energéticas de semelhantes vibrações.

Sempre terão aqueles umbandistas de cabeça pequena que vão se utilizar das encruzilhadas e de outros pontos vibracionais para praticarem trabalhos de cunhos negativos que de nada têm a ver com a religião de Umbanda. Porém são os falsos dirigentes que vivem na ignorância religiosa e que se recusam a buscar a verdade sobre a Umbanda, levando infelizmente a muitos a acreditarem que essas práticas de cunho e de participação dos grandes magos negativados são ritos de Umbanda.

Precisamos encarar a Umbanda como os olhos da própria Umbanda. Desmistificar e conhecer os ritos da Umbanda são de extrema importância para não sermos enganados por aqueles falsos seguidores da Umbanda, que. E nos levam a praticar atos que não representam as faces verdadeiras da nossa amada Umbanda.

Quando olhamos a Umbanda pelo seu lado mágico, entendemos o quanto os pontos vibracionais são importantes dentro da sua ritualística, pois sempre haverá as sintonias entre as forças da natureza e as intenções de cada um de nós que trabalhamos a partir das suas fontes energéticas.

A encruzilhada representa a potência que a magia de Exu nos possibilita nas engrenagens e nas diversas possibilidades de atuação e manifestação de suas forças, pois a mística representada pela encruzilhada nos volta ao pensamento sobre nossas ações diárias e intenções costumeiras. Saber que somos o tempo todo forçados a escolher por um caminho ou optar por um lado, reforça a importância que temos em aprender cada dia mais sobre a ritualística da Umbanda.

Também não podemos esquecer dos mistérios que envolvem as encruzilhadas. As antigas crenças pagãs, assim como a nova wicca, se utilizam das encruzilhadas para o fortalecimento de suas forças e para se conectarem com vibrações que um ponto vibracional pode oferecer. Como falam os mais místicos, o portal da encruzilhada é mistério para os leigos e sabedoria para os buscadores da verdade espiritual.

“A cada encruzilhada uma nova partida. E a cada partida uma nova oportunidade.”

Gildener Sousa

Capítulo XL

Uma ponte, dois mundos

Quando falamos de Umbanda para alguém que seja leigo no tocante às doutrinas de Umbanda, no primeiro momento logo já imaginam que se trata de coisas sobrenaturais ou coisas de feitiçaria. E logo de cara já nos associam a coisas demoníacas e ao culto satânico ou coisa do tipo.

A Umbanda é uma religião de integração contínua com as atividades espirituais e manifestação com as forças de várias zonas de frequências espirituais. Quem vive a Umbanda como uma base de vida no campo da mediunidade, atua diariamente em os dois planos da vida, pois as atividades espirituais fazem parte dos fundamentos mais edificantes da Umbanda.

Quando nos deparamos com a escolha de desenvolver ou não nossas faculdades mediúnicas nos moldes umbandistas, precisamos ter em mente que a religião de Umbanda nos permite vivenciar experiências ditas sobrenaturais e de cunho mistério constante. Uma das ferramentas fundamentais nos trabalhos na Umbanda é o médium.

O médium é o elo indispensável para a construção das estruturas umbandistas do modo que conhecemos, pois é ele o movimentador das esferas de sensações, experiências e contatos com o plano espiritual. O médium é o elo que liga o plano físico ao plano espiritual.

Compreender essas lacunas que a religião nos permite ver é compreender os próprios papéis no embaraçoso enredo entre a vida e a morte. Ser umbandista é ser convicto das existências da imortalidade da alma e da reencarnação como uma forma acelerada de dívidas cármicas, pois o trabalho possibilitado pelo médium de Umbanda é de facilitador das conexões entre os planos, tanto para as esferas superiores quanto para as esferas inferiores.

Dessa forma grosseiramente podemos afirmar que o médium de Umbanda é como uma ponte que liga uma cidade a outra, nesse caso ligando o mundo da matéria ao mundo dos espíritos.

A manutenção dessa ponte, grosseiramente falando, será a origem de quais comunicações serão feitas a partir dela. Se temos a capacidade mediúnica por sua vez inerente a todos nós, temos também assim o livre arbítrio de como lidar com essa faculdade. Claro que em cada ato nosso haverá uma reação subsequente a mesma.

As entidades que trabalham na seara da caridade nos princípios da Umbanda necessitam dos médiuns para que os seus ensinamentos e as mensagens dos planos espirituais possam chegar até nós que precisamos tanto de suas orientações.

Toda vez que nos comprometemos com o trabalho espiritual, entramos em contato com formas e forças que nem sempre podemos dominar sem um longo e sério trabalho de doutrina e conhecimento para cada vez mais o médium se familiarizar com essas experiências que se tornam naturais para ele. Enquanto, para os leigos, continuam sendo um tabu as engrenagens do plano espiritual, ou algo de cunho mágico quase impossível de ser entendido. O médium é uma ferramenta indispensável para a continuação dos trabalhos nos terreiros de Umbanda. Agora é preciso se atentar a alguns aspectos sobre o próprio médium para que ele possa ser associado com um verdadeiro médium da religião de Umbanda, pois a Umbanda, acima de tudo, é responsabilidade, cuidado,

caridade, conhecimento e amor.

Os médiuns da Umbanda, têm que tomar certos cuidados para seu perfeito desenvolvimento. Devem cuidar de sua cultura, honrar os espíritos acima de tudo, doar-se inteiramente à casa em que trabalham, sem, entretanto, esquecer de equilibrar sua vida profissional, social e familiar e fugir do fanatismo tão nocivo ao bem-estar dos religiosos. Devem respeitar as outras religiões, sem querer impor aos outros as suas convicções.

Os médiuns precisam controlar seu emocional e não cobrar nada da religião. Nunca aceitar favores ou pagamentos pelos trabalhos que fizerem e jamais usarem a energia do sangue em seus trabalhos e, principalmente, nunca sacrificarem nenhum animal. Por isso mesmo, antes de se filiar a uma casa, deve-se saber dos princípios filosóficos dos seus dirigentes. Deve-se fazer da Umbanda uma religião alegre, gostosa e vibrante. Para isso não deve se imiscuir nos problemas dos irmãos de corrente, sem jamais julgá-los. Deve respeitar a hierarquia da casa, muito embora lhe caiba o direito de também ser respeitado.

Muitos médiuns têm dúvidas sobre as incorporações, confundindo-se nas mensagens, achando que não é o espírito falando, mas sim sua própria cabeça. Para trabalhar essas e outras questões, que o médium de Umbanda precisa e necessita de estudos doutrinários, filosóficos e teológicos além dos ritualísticos e imagísticos nos preceitos de cada vertente que lhe cabe melhor.

Não há milagres dentro do culto da Umbanda. O que há é trabalho, esforço e entrega verdadeira. O médium que se propõe a vivenciar a espiritualidade e se coloca à disposição das entidades da corrente de trabalho sem dúvida é uma ponte, apenas. M mas que sofre influências e vivências de dois mundos.

Uma ponte que tem uma importância grandiosa dentro dos ritos e fundamentos

da religião em si, pois essa ponte deve ser cuidadosamente lapidada para as mensagens e influências que venham a transitar a partir dela, seja de cunho positivo e para trazer bons frutos. Para nós, enquanto médiuns, temos a obrigatoriedade de seguir algumas recomendações.

A mediunidade é inerente a nós. Fato. Somos movidos pelas vibrações energéticas que criamos no decorrer de nossa existência física e espiritual. De concordâncias semelhantes também serão nossos contatos com os seres espirituais. Ou seja, só conseguimos entrar em comunicação com espíritos que vibram com a frequência semelhante à nossa. Essas relações podem ser de cunho positivos ou negativos de acordo com as nossas próprias vibrações energéticas.

Voltando ao sentido exemplar de que o médium de Umbanda age como uma ponte entre dois mundos, são claramente identificáveis os laços de afinidades do médium com os seres espirituais que se comunicam com o mesmo a partir dessa ligação mediúnica. Então podemos afirmar o seguinte:

Se a manutenção energética que o médium faz durante o seu desenvolvimento mediúnico é baseado na fraternidade, na caridade e suas aspirações mediúnicas são pautadas na verdade e na preocupação com o próximo, certamente os espíritos e as ações que se formarão a partir dessa ligação médium espírito são positivos, pois as ligações psíquicas dos médiuns que vibram na positividade serão sempre de entidades que labutam para o crescimento evolutivo do médium e de todos a sua volta. Certamente esse médium começará a colher bons frutos, pois quando se estabelece uma boa harmonia com seres de energias positivas, todo o campo mediúnico se abre em oportunidades salutares.

A busca por uma boa manutenção energética desse veículo ou dessa ponte que se estabelece entre médium e entidade precisa ser uma manutenção diária e benéfica para ambos.

Caso as conexões estabelecidas por via dessa ponte sejam de caráter negativo, ou seja, se o médium é uma pessoa ou tem o caráter duvidoso e trabalha de formar egocêntrica suas faculdades mediúnicas, levando a estabelecer contatos com seres espirituais de zonas densas, todo o processo aí realizado passará a ser de cunho negativo. Por mais que o médium tenta esconder ou falar e fingir que esteja se relacionando com seres de energias pesadas, os seus atos e ações e formas de lidar com a espiritualidade lhe denunciarão prontamente.

Não é questão de querer, mas sim de poder. Somos seres energéticos, é uma ação natural e necessária para todos nós estabelecermos ligações com seres do plano etérico o tempo todo. Por mais que a pessoa não reconheça isso ou ache que não faz sentido algum nessas colocações, é impossível de negar tal relação.

Nossas relações e comunicações entre encarnado e desencarnado, desse modo umbandista, se fazem de uma forma simples, digamos assim, pois somos o que vibramos e não tem como fugir dessa máxima. Só conseguimos nos conectar com aqueles que nos são semelhantes. Se vibro boas energias, terei contatos com seres de boas vibrações também. Se o médium tem uma vibração densa, se envolve com atos e intenções de cunho negativo, se ele buscar a prejudicar o seu semelhante de qualquer forma, ele irá se conectar com espíritos de energias negativas e o produto dessa relação será também dessa mesma forma.

A relação médium e entidade é uma maneira fantástica de troca de energias e de oportunidade de crescimento, pois o mundo espiritual, por mais que alguém possa pensar ao contrário, é a nossa morada definitiva. As interlocuções que firmamos com os espíritos que possuem vibrações energéticas semelhantes às nossas aspirações, têm um impacto muito relevante na caminhada evolutiva de nossas almas.

Saber lidar com essas capacidades mediúnicas dentro de um linear maduro faz toda a diferença quando nos propomos a trabalhar com uma missão espiritual e caritativa. Ser médium é ser responsável por nossas próprias escolhas e atitudes.

Ter e poder orientar aqueles que se encontram ainda mergulhados no mar da ignorância é ponto inicial muito importante para nossa caminhada individual evolutiva.

Cabe a cada médium de Umbanda se aprofundar cada vez mais nos assuntos espirituais. Ser um bom médium de Umbanda requer disciplina, coragem, estudos, dedicação e amor, entre outras virtudes, pois quando você se torna de alguma maneira responsável pelas orientações de tomada de decisão de alguém, é muito perigoso se você não tem essa capacidade necessária para que essas ações sejam associadas a ritos e fundamentos de Umbanda.

“O mundo físico que nos cerca e o qual podemos ver é apenas uma das partes onde nossas limitações terrenas e nossa condição de espírito aprendizes nos permite perceber.”

Gildener Sousa

Capítulo XLI

Umbanda química

Infelizmente o uso de drogas lícitas ou não lícitas está em todos os setores da sociedade, inclusive no religioso. Sacerdotes malformados e totalmente despreocupados usam em seus grupamentos a maconha em nome de entidades para que seus trabalhos sejam muito mais efetivos.

Mas você sabe o que causa o uso de qualquer droga no médium? Existe um filtro de proteção chamado de tela búdica que separa a comunicação do mundo astral com os encarnados. É uma capa de átomos subatômicos entre o duplo etérico e o corpo astral que serve como uma proteção, impedindo a livre comunicação consciente entre o plano físico e o astral. Isto é, impede a comunicação direta com o plano espiritual. Essa tela pode se romper em situações extremas, ira, intoxicação alcoólica, uso de drogas, chás alucinógenos etc. e médium é todo aquele que possui rombos na tela búdica, por efeito de carma acumulado em vidas passadas. Observação importante: todo médium de umbanda lidou com processos de magia no passado.

A droga, seja qualquer que seja, cria buracos nessa tela, facilitando a comunicação com seres astrais deletérios. Você pode me perguntar: se facilita a comunicação com os espíritos, por que não usar drogas para o contato mediúnico com entes espirituais de alta vibração? Pelo simples fato de que no mundo astral os semelhantes se atraem! Imagine o sector de entidades obscuras, trevosas e devedoras estão presentes na tal Cracolândia?

Também poderão nos perguntar: mas os espíritos que se apresentam na Umbanda

não bebem e fumam? Eu respondo NÃO! Espírito não bebe nem fuma, o uso do TABACO em forma de charutos proporciona o afastamento de larvas astrais e o álcool é um instrumento de volatilização, em nossos terreiros não se consome álcool durante os trabalhos, sua finalidade é outra. Pergunte ao seu sacerdote que ele vai lhe explicar.

A Umbanda é uma religião que se baseia na mudança interior para um caminho de evolução de seus fiéis e de quem a procura para alguma libertação espiritual. A crença fundamental da Umbanda é a capacidade de atração energética por espíritos encarnados e desencarnados que possuem a mesma vibração energética.

Não é difícil de encontrar locais supostamente de culto de Umbanda usando todo tipo de drogas sem pudor algum e ainda adicionando esses feitos para as entidades de Umbanda. É com muitas frequências que nos deparamos com tais pais de santo e filhos de santo fazendo uso de cocaína e maconha durante as suas supostas incorporações de guias de luz. Ao meu pequeno modo de ver a religião, é inadmissível e lamentável que em pleno o ano de 2021 no caminhar do século 21vinte e um, ainda têm pessoas que se deixam ser enganados por falsos religiosos de maneira tão absurda e cruel.

Pessoas que se dizem louvar o sagrado dentro da Umbanda, se drogando e drogando seus supostos filhos de santo, com um discurso vago de que é pedido de um Exu ou, de uma entidade que se fortalece quando supostamente estar incorporado e o seu médium faz uso da maconha, de cocaína e outras drogas comumente encontrada no Brasil. certamente está cometendo um grande desserviço para a umbanda.

Quando falamos em Umbanda química, nos referimos atribuímos tudo isso, essa gigantesca falta de responsabilidade e essa destruição pensada do sagrado o fanatismo e a irresponsabilidade e falta de compromisso com os preceitos e fundamentos sagrados da Umbanda. Nesses casos, seres de pouca luz, que deixam rastros de ignorância e irresponsabilidade absurda nos supostos centros e

casas de umbanda, por intermédio daqueles supostos médiuns descompromissados e desequilibrados e totalmente desconhecedores dos fundamentos da religião fazem uma grande estrago dentro da nossa fé.

Em que mundo posso repassar a mensagem de um ser de luz se estou arraigado e fazendo parte de uma egrégora nefasta de magos negativados que vivem a desprezar os preceitos de luz e espalhar o caos na terra através desses falsos pais e mães que tem sua alma aprisionada na química doentia nos supostos prazeres das drogas?.

Na minha pouca instrução mediúnica que tenho, pergunte a vocês: como um sacerdote ou filho de Umbanda atolado nas camadas dolorosas dos vícios pode transmitir segurança ou algo de cunho positivo se suas energias estão intimamente ligadas ao caos mental e espiritual de cunho completamente perturbador?

Pois lhe garanto que cada um doa apenas aquilo que lhe é inerente. Não adianta falar ou tentar passar ao contrário. Somos frutos do meio em que vivemos, pois somos movidos a frequências energéticas que nos comunicamos e criamos laços de afinidades com outros seres de energias e vibrações semelhantes à nossa.

A essência da Umbanda é baseada na liberdade e nos desapegos de tudo aquilo que nos difama e nos colocam em condições de fragilidade perante a espiritualidade. Somos seres em constante estado de evolução. Buscamos a toda hora nos libertar de correntes e de presenças de seres que comungam de ordens densas, pois a nossa principal referência como umbandista é nos despir de vícios que condenam nossa oportunidade de crescimento.

A Umbanda é uma ótima oportunidade que temos de nos despir da bagagem destrutivas que vem nos castigando no longo caminho das reencarnações. Uma

luz que cresce no fim de um longo túnel de tantas dores e desamores. A Umbanda é um farol que nos aponta na direção certa de conduzir com alegria, paz e harmonia nossa caminhada sobre os árduos caminhos terrenos que estamos a caminhar nesse exato momento de nossas almas.

A Umbanda vem nos mostrar todo o nosso cansado e longo exercício de mudanças que são necessárias para que as boas conquistas cheguem até nós. E termos convicção e saber reconhecer que precisamos optar por uma verdadeira mudança de vida é fundamental para o nosso crescimento espiritual.

Como então continuar a nos enganar com os vícios e nos conectar com seres de baixa vibração pode nos trazer algum tipo de benefícios para nós? Pais e mães, assim como filhos de santo que recorrem a essas armadilhas para fugir de suas responsabilidades e para fingir que estão crescendo espiritualmente, se enganando nas ordens densas e perversas de seres viciados em entorpecentes que distorcem e distanciam cada dia mais os filhos dos reparos da luz.

As energias que podemos perceber em ambientes como a Cracolândia em São Paulo e em ambientes conhecidos como boca de fumo, são as mesmas que os espíritos desajustados na erraticidades dos espíritos geram. E são essas mesmas energias que esses umbandistas absorvem e transmitem para todos com quem têm contatos, físicos e espiritualmente.

Então, se somos familiarizados com camadas de energias semelhantes, como podemos doar algo de bom se somos completamente consumidos pelas desajustadas vibrações dos vícios químicos, que têm um alto poder destrutivo de todas as nossas boas aspirações?

Só quem enfrenta a dor de um dependente químico sabe o que é a luta diária para se livrar desse mal que atormenta tanto o usuário, como toda a família. Por isso,

muitas vezes, o melhor caminho para se encontrar a luz é por meio de terapias específicas e que incluam um tratamento espiritual.

A ideia não é converter o paciente a uma determinada crença, mas trabalhar a espiritualidade e permitir que os estudos religiosos ajudem a pessoa no processo de reabilitação. Aliás, comprovadamente, que a fé e perfeitamente capaz de fazer mudanças revolucionarias e até mesmo de mudar a vida de dependentes em casos graves.

Sendo assim, se você passa por momentos difíceis ou conhece alguma pessoa nessa situação, tome alguns minutos de seu tempo para conferir esta leitura importante e conhecer um pouco mais sobre os tratamentos espirituais que podem ser uma solução perfeita para a sua saúde e recuperação.

Olhando para a Umbanda a partir dessa ótica, veremos a importâncias do conhecimento das ritualísticas e liturgias da umbanda para o auxílio de irmãos que estejam em um estado de desequilíbrio. Imaginemos que um irmão vai procurar uma casa de Umbanda para tentar curar-se de um vício como esse. Chegando lá encontra o dirigente ou alguém de alto escalão na casa fazendo uso de drogas, das quais ele veio em busca de cura.

Olha só a confusão na cabeça dessa pobre alma. E como essa pessoa vai agora ver e falar da Umbanda para a sociedade em geral, que já é preconceituosa e intolerante para com a nossa crença?. São por essas e por muito mais que não é admissível o uso de drogas de qualquer natureza e associar a trabalhos ou a elementos da religião de Umbanda.

Como saber nos livrar dessas armadilhas? Apenas com o conhecimento. O conhecimento nos liberta de todas as amarras que nos levam para baixo em todos os sentidos. Conhecer é uma das mais eficazes formas de libertação. Não nos

permitir ser enganados é fundamento. Mas também aqueles que se dizem umbandistas e ainda assim comungam e compactuam com essas práticas estão levando o nome da nossa fé para a boca do lixo.

É nosso dever como umbandistas lutar contra essas práticas que não fazem parte dos ritos da Umbanda. Devemos sempre estar atentos a esses charlatões que se mascaram de umbandistas para usar, vender e disseminar o caos de magos negativados na nossa sociedade.

Na busca incessante da evolução e do caminhar reto do nosso espírito, iremos nos deparar constantemente com situações e seres que vão tentar nos conduzir ao encontro das trevas. Teremos que ser fortes e coerentes para lutar contra tudo isso.

Ser umbandista de verdade é não fechar os olhos para tal movimento que cresce a cada dia à medida que o desespero assola nossa sociedade. E nessa época em que a descrença e a falta de fé em nós mesmos, nos tornam alvos fáceis para a ação nefasta de seres negativos que usam e abusam dos desavisados e invigilantes que se autointitulam umbandistas para mascararará suas próprias aspirações duvidosas.

Vendo por essa ótica, devemos sempre estar atentos e vigilantes para não nos deixar cair nessa enganação que pode nos levar a caminhos de dor e sofrimento inimagináveis, pois toda ação tem reação e não somos seres coitadinhos que somos sempre vítimas de algo ou de alguém. Somos seres donos de nossas próprias escolhas. Se não temos vigilância nos tornamos invigilantes com a nossa própria espiritualidade, também somos culpados por tudo que lhe for ofertado a partir dessas invigilância.

E o mal que ronda om mundo dos encarnados busca exatamente essas falhas de

invigilância para agir negativamente no nosso campo. Sendo sabedor desse perigo e mesmo assim não ligamos para tal perigo, nos torna responsáveis por eles.

Viemos para o plano dos encarnados para comungar de uma oportunidade de evoluir com as experiências, vencer as tentações, que são as provas que as escolhas que fizemos foi sem dúvida as mais acertadas.

Agora se entregar e nos tornarmos refém do nosso próprio fracasso é comprovar que ainda rastejamos na erraticidade dos espíritos e que precisamos urgentemente refazer nossos caminhos e escolhas para cumprir verdadeiramente o que viemos em busca no plano físico.

Se vitimar e mergulhar nas drogas e ainda associar a ritos da Umbanda é se perder por completo nas próprias imperfeições da alma. E sem dúvida nenhuma o nosso espírito pede socorro, por isso observe bem onde você entrega sua espiritualidade para receber a ajuda de verdade que necessita.

“O achar que somos vítimas do meio nos torna culpados o quanto tanto.”

Gildener Sousa

Capítulo XLII

Figurino de terreiro

“Sou umbandista, sou humilde, por isso minhas vestimentas são simples. Não posso ser soberbo, porque pratico a caridade e não devo me vestir de luxo para não me contaminar com as luxúrias da vida que me afastam do caminho da humildade.”

Gildener Sousa

Quem de nós nunca ouviu por aí frases feitas como essa citada? A nossa religião, ao passar mais de um século desde seu surgimento em 1908, tem passado por várias transformações, algumas boas outras nem tanto. Mas na maioria das vezes que as mudanças vêm com uma estampa negativada, são fruto da ignorância dos próprios umbandistas ou da falta de conhecer a umbanda e suas necessárias transformações, ou por muitos que aprenderem á a regras e dogmas que já fizeram parte dos fundamentos, da Umbanda, quando ainda era vista com uma religião atrasada. Mas atualmente com tanta evolução se faz necessária uma reflexão a respeito desse assunto.

O título irônico deste capítulo vem justamente chamar a nossa atenção para um assunto bem polêmico e bastante incompreendido que são as vestimentas dos filhos da Umbanda. Muitos dizem que só usam branca porque é a cor da Umbanda, que é a cor que representa nosso pai, e que nenhuma outra cor serve para a Umbanda.

Já há aqueles que dizem que a Umbanda é uma religião da simplicidade e

humildade. Por esse motivo, além de somente usar o branco, tem que ser o mais simples possível, pois algo além disso é luxúria e não corresponde com a Umbanda.

Então vamos elucidar um pouco sobre o tema proposto.

Se você pertence a uma congregação evangélica, você usa terno e gravata, linho fino e as mulheres usam seus belos e vistosos vestidos longos. Se questionado por que de tal elegância durante os cultos, a resposta é simples: para falar com Deus e reverenciar Jesus, se coloca a sua melhor roupa, pois para os evangélicos falar com Deus requer o máximo do fiel, inclusive na vestimenta. Não se trata de luxúria para os evangélicos se vestirem bem para o culto, se trata de agradar a Deus pela sua presença.

Se questionarmos os católicos pelo mesmo motivo, ouviremos a mesma resposta. Tanto os padres como seus seguidores se vestem muito bem para irem à igreja e rezar para Cristo durante a missa e em todos os encontros evangelizadores.

Se trata de se apresentar bem para que Deus veja o quanto o fiel está honrando com a casa de Deus. Se formos em todas as religiões, teremos respostas parecidas.

Por que então que na Umbanda tudo que se faz no sentido da vestimenta se torna motivos de falatórios e críticas?. Se vestir bem para ir à gira é falta de humildade, será mesmo? Pergunto eu.

Na grande maioria das vezes, a aparência importa mais do aquilo de positivo e de bom que um seguidor da Umbanda pode nos proporcionar. E muitas vezes

focamos em algo que não tem muita importância para Umbanda e muito menos para as entidades de luz que estão ali prestando sua caridade e sua ajuda para todos nós.

Por que então vestir o branco para Umbanda e qual seu significado? O branco é cor da paz e o resultado da mistura de todas as demais cores resulta no branco cristalino. Sendo assim, é uma cor que transmite a paz e a expansão. O branco é a cor universal da Umbanda, pois ela é representada pela cor branca. Mas isso não impede que um filho de santo ou um pai de santo use outras tonalidades.

A roupa que usamos durante os trabalhos de Umbanda não é direcionada para as entidades com quem trabalhamos nos ritos umbandistas, mas sim para nós mesmos. Uma vestimenta bem ornamentada e bem colorida assim como uma vestimenta totalmente branca é uma oferenda para nossos antepassados.

Vendo por essa premissa, podemos então perceber que as roupas que mandamos fazer ou que fabricamos com as próprias mãos e oferecemos para nossos guias de trabalhos nada mais são que uma oferenda como outra qualquer. Quando ofertamos flores a Oxum por exemplo nos sentimos mais fortes e gratos por poder ir à cachoeira e entregar flores aos seres da água doce. É como se aquele ato nos revitalizasse e nos impulsionasse para o reequilíbrio de nossa fé. Toda oferenda feita por nós umbandistas é ato sagrado, porque tudo volta para nós mesmos, porém quintenciado, ou seja, mais fortalecido. Ou seja, nossas intenções de pedidos ou agradecimentos ganham força das entidades para que nós nos sentirmos mais perto da natureza e por sua vez mais perto das entidades.

Por tanto, quando oferecemos uma roupa nova, seja ela branca ou colorida para nossos orixás e entidades, de certa forma estamos nos aproximando deles mesmos. E esse sentimento de gratidão, de paz e de força faz com que o médium se sinta mais inserido no contexto e verdadeiramente fazendo parte da egrégora da Umbanda.

Outro ponto também muito questionado e às vezes não compreendido é a questão da simplicidade. Muitos umbandistas confundem simplicidade e humildade com coisa labochera, ou seja, confundem o sentido de o umbandista ser humilde com emporcalhado. Têm médiuns que vão para o terreiro sujo e maltrapilho para se autoafirmar como humildes, visto. Sendo que isso vai totalmente contra as diretrizes da Umbanda.

Ser humildade não tem nada a ver com o que você está vestido dentro ou fora da Umbanda. Se assim o fosse, teria aquele que pensa assim viver o tempo todo vestindo essas roupas maltrapilhas para ser reconhecidos como humildes dentro e fora do terreiro.

Ir ao terreiro malvestido e sujo, apenas mostra o quanto você ainda não sabe nada sobre a Umbanda e muito menos o que é ser humilde, pois vestir- se bem para seus orixás e para a Umbanda é valorizar nossa ancestralidade. Ser humilde tem a ver com o caráter e com as expirações de alma e não com o que você veste.

Claro que não há nenhuma obrigação de quer os filhos de Umbanda precisam vestir roupas pomposas e de alto valor financeiro p. Para ser um bom umbandista. Se ele não tem condições financeiras, ele não precisa fazer empréstimos ou vender algo que possui para seguir essa linha. Uma roupa bem limpinha e bem higienizada basta, pois não é com o que você veste que a Umbanda se preocupa, mais sim com o que você é e produz para o meio social como um todo.

A religião de Umbanda vem se moldando há mais de um século de existência e ainda tem um longo caminho para se transformar. A Umbanda agrega a todos sem distinção, sejam aqueles que se vestem bem, por condição financeira, e aqueles que se vestem mais simples por falta justamente de dinheiro.

Porém tanto um como o outro tem o mesmo valor e precisa das mesmas obrigações e preceitos, não serão suas vestimentas que falarão por você e sim seus atos. Ser humilde na Umbanda é ter um coração grato e caritativo. Tanto o bem-vestido com vestimenta de Prada como aqueles com o figurino de algodão cru serão iguais dentro do terreiro.

Se por ventura isso não ocorrer no terreiro que frequenta, recomendo verificar se está frequentando uma casa de Umbanda de verdade.

"O brilho da tua saia pomposa de tecido de Prada cheio de brilho, não apaga e nem ofusca a luz que carrego, mesmo vestindo minha estopa de malha crua."

Gildener Sousa

Capítulo XLIII

O Senhor Dr.

Desde que a humanidade começou a andar pela Terra, começou também as organizações de culto que mais tarde no caminhar dos homens conhecemos como religião. No Brasil, como uma país laico por Constituição, podemos notar inúmeras manifestações religiosas das mais diversas. Apesar de algumas serem majoritárias, impostas com sangue, escravidão e morte, muitas outras de cunho menor e simplicidade sem igual se mantêm de pé. Podemos nesse contexto citar a Umbanda como exemplo.

O Brasil religioso se formou com a imposição do cristianismo europeu, que veio com os colonizadores portugueses, com a pajelança xamânica dos ameríndios, que já estavam nas terras brasileiras e eram os verdadeiros donos dessas terras, com a cultura religiosa africana, trazida no regime escravocrata para o Brasil, com suas crenças de orixás, inkissis e vooduz.

No contexto religioso brasileiro, várias religiões surgiram a partir das misturas dessas religiões distintas no sistema conhecido como sincretismo religioso. Porém nossa sociedade surge em meio a uma ganância muito grande por poder e status. Infelizmente essa visão distorcida da capacidade humana veio para dentro das religiões brasileiras.

Podemos claramente observar castas separadas dentro das religiões, sendo separadas por posições sociais e por importância financeira e influências políticas, fazendo assim uma segregação absurda e desenfreada dentro das religiões.

Separação essa que acaba por levar a insatisfação de muitos fiéis que por sua vez acaba por abandonar aquela comunidade religiosa e sai pulando de galho em galho procurando se encaixar em alguma crença em alguma fé.

Infelizmente o que se vê se ver na atualidade são, é líderes religiosos das mais diversas crenças valorizando o dinheiro e as posições sociais para se darem bem em algum sentido público, alguma indicação política para cargos do governo e muitas das outras vezes por interesses financeiros entre outros interesses.

É com muita tristeza que observamos a nossa amada Umbanda mergulhada nesse vale sombrio da segregação, sendo levada ao desmonte de uma organização que foi tão difícil de consolidar. Encabeçado por falsos líderes e sacerdotes que visam interesses particulares em vez de praticar a fé e a caridade e o amor, que são bases verdadeiras da Umbanda.

Sacerdotes genéricos e de mau-caráter, assim como tais filhos de baixa vibração, que mancham vez ou outra os pilares da Umbanda. Porém ainda há esperança para nossa Umbanda.

Quando se tem o conhecimento devido pela Umbanda, podemos de cara identificar essas práticas e certamente saberemos como agir para não sermos enganados. Sobretudo tanto se você é daqueles que preferem se enganar e viver mergulhados no mar tortuoso do desconhecimento, certamente será presa fácil para os charlatões de plantão.

Na grande maioria das vezes, nós, enquanto encarnados, não nos damos contas de que nossas ações contribuem de alguma forma no plano espiritual. Seja na forma positiva ou nas ações negativas. Somos portadores de sabedorias e magias

antigas.

A Umbanda verdadeira, ou seja, aquele templo de umbanda verdadeira que seguei as orientações dos sagrados orixás, não distinção entre uma médium que não sequer terminou o colegial ou médium analfabeto no meio social para uma médium que carrega no seu nome da Terra vários títulos de doutores.

A Umbanda que me cativou de verdade foi justamente essa oportunidade de juntar os vários intelectos e vivências de vidas completamente diferentes umas das outras que a Umbanda se utiliza para afirmar nossos conhecimentos.

Se você chegar em casa ou num templo de Umbanda de verdade verás que o título não tem valor algum para a espiritualidade. São questões humanas que de nada agregam nos ritos da sagrada Umbanda. O que verdadeiramente agrega são seus valores de personalidades e caráter de espírito, pois se tornar umbandista é se despedir da vaidade e do ego. Ser umbandista de verdade é praticar a caridade verdadeira, aquela que não tem cor, não tem lugar, não barganha e escolha a quem e nem hora, apenas se doa. ÉE baseado nesse fundamento de humildade que a umbanda traça suas ideias e seus fundamentos.

Não é difícil de se encontrar sacerdotes que se dizem de Umbanda, bajulando filhos de santo ou consulentes por causa do seu título, como se essa nomenclatura tivesse algum valor diante do sagrado. Todos sabemos que o título, tem grande valor físico, que o que o possuem é por mérito e às custas de muitas lutas e empenho para se adquirir este título.

Entretanto, a Umbanda não está preocupada com essa parte sua, mas sim com sua parte espiritual. A Umbanda buscar lapidar os campos mais sutis de nossas almas. Por esses motivos e muitos outros não se pode fazer distinção de médiuns ou consulentes por nomenclaturas adquiridas como os títulos.

Também não é difícil de encontrar filhos de santo no Brasil afora que, só porque possuem o doutor no nome, querem um tratamento diferenciado e exigem que nas dependências do terreiro ele possui um tratamento diferenciado, para mostrar aos demais que é mais importante e mais intelectual.

Quantas vezes nessa jornada como sacerdote já tive que lidar pessoalmente com essas pequineses de pensamento e de personalidades que certamente não entendem o que significa a Umbanda a para que ela chegou até nós.

É muito fácil abrir a boca e gritar que é umbandista, porque veste o branco. Às vezes fazendo questão de pagar algo para a casa ou para os demais para simplesmente serem bajulados e desse modo se esquivar das responsabilidades de fazer as tarefas da casa, as tarefas mais simples, como limpeza, e organização antes, e durante e depois das giras, pois se acham no direito porque pagou algo e pensa que não precisa sujar as mãos.

Quantos terreiros por aí a fora que são dirigidos por sacerdotes e por sacerdotisas bem humildes e que de uma certa forma se tornam dependentes e reféns literalmente desses médiuns, que pagam algo a mais para ter o controle dos pais de santo e acabam por atropelar e passar por cima da hierarquia da própria casa e dos próprios dirigentes.

Acontece também muito de filhos que tentam fazer esse jogo de poder em determinadas casas, mas quando o sacerdote o reprime, ele começa a criar confusão e causar muitas contendas dentro de casa, pois alguns infelizmente só por quer possuem um título no seu nome se acham no direito de querer algo mais importantes que os demais.

Por quem então que isso ocorre com tanta frequência? Temos algumas respostas. Vamos nos atentar a três, apenas.

Ocorre bastante porque infelizmente alguns sacerdotes que de nada tem a ver com a umbanda, os chamados oportunistas. Que trazem ritos e costumes de outras religiões para dentro da Umbanda com o intuito de ganhar dinheiro e alimentar a o ego, pois eles dessas pessoas que gostam de ouvir somente aquilo que querem e não o que precisam. Por isso pagam bem, e cobram depois.

Há também aqueles falsos sacerdotes que não têm nenhum conhecimento nem preparo algum para dirigir uma casa de Umbanda e. E por este entre outros motivos acabam por se tornarem refém de pessoas que carregam esse ego enraizado no espírito. Por falta de conhecimento e por imaturidade, esses sacerdotes acabam por deturpar o nome da Umbanda e criar um ambiente propício para ataques de entidades de baixo escalão. Por esses motivos e outros mais, muitas falsas casas de Umbanda, são um verdadeiro portal do baixo astral, se tornando um ambiente perfeito para magos negativados fazerem suas trincheiras de guerras contra a humanidade.

Certamente e com muita frequência têm aqueles filhos que procuram os terreiros para alimentar seus egos. Seres limitados e sem nenhum domínio sobre a Umbanda e que vêm às casas de Umbanda à procura de milagres e acabam usando os seus títulos para tentar ludibriar e arrancar vantagens sobre os demais filhos do terreiro.

Por tanto cabe ao dirigente ter bom senso e responsabilidade para saber lidar com essas questões. Muitas vezes isso ocorre pelo simples fato de a pessoa sempre ter vivido em meio à soberba e luxúria. Ou podem ter vindos de religiões que prezam pela separação por posições sociais e por quem tem mais influências. E quando chegam na Umbanda não sabem lidar com a situação. Então é preciso que as lideranças mostrem o que são realmente os fundamentos da Umbanda e que não se contaminem com essas peças que são comumente

trazidas até nós.

A Umbanda acolhe todas as pessoas, de todas as classes sociais e de qualquer etnia.

Não importando suas classificações e seus doutorados para fazerem parte de um grupo religioso de Umbanda. É claro que seus status ou formação não devem nem atrapalhar no seu desenvolvimento e nem garantir vantagens sobre os demais.

Mas para que tudo isso ocorra em harmonia, precisa se tratar de uma casa de Umbanda verdadeira, o sacerdote ou sacerdotisa precisa estar preparados para o cargo e os médiuns precisam acima de tudo entender que não há milagres nem barganha na Umbanda, apenas amor e caridade a todos indistintamente, pois a Umbanda é paz, amor e caridade.

"Na ânsia de desmerecer alguém por seus Drs., acabam por vez se lançando no abismo da ignorância e do egoísmo. Caminho sombrio e trevoso para uma alma em amadurecimento."

Gildener Sousa

Capítulo XLIV

Umbanda, um farol do sobrenatural

"Toda vez que alguém fala de Umbanda para um leigo do assunto religião espiritualista, é nítido sua reação; nossa mexer com espíritos, falar com mortos e receber entidades no seu corpo é coisa do tinhoso. É sobrenatural, Deus me livre, saravá… sarava..."

Gildener Sousa

No Livro Metapsicopatologia de Alvis Sarino dizemos que o conceito de natural e sobrenatural em metapsicopatologia é uma questão que será compreendida como a psicose e a mediunidade; por isso mesmo é uma questão bastante delicada e controversa. É óbvio que, quando se trata de um caso extremo, como uma possessão demoníaca, onde todos os sintomas e alterações comportamentais são de intensidade extrema e de longa duração, como no caso de Anneliese Michel, que inspirou o filme O exorcismo de Emily Rose, o delineamento da fronteira entre o natural e o sobrenatural é evidente. No entanto, existem muitos casos limítrofes, nos quais a delimitação entre o natural e o sobrenatural e a distinção entre uma entidade demoníaca, um orixá e um espírito obsessor é bastante difícil. Nestas situações limítrofes, onde não se sabe ao certo se o caso é natural ou sobrenatural, se a entidade é um demônio, um orixá ou um espírito obsessor, o estudo da demonologia, da angelologia e da magia são de primordial importância para que o profissional possa fazer um diagnóstico diferencial.

Em um primeiro momento, toda vez que você, na sua ignorância, se refere à Umbanda ou ao algo espiritual com o termo saravá, você está na verdade

fazendo uma simples saudação. Saravá é uma interjeição que significa, salve, ou seja bem-vindo. Não há nada de estranho nem de misterioso. A única coisa que espanta mesmo nesse contexto é a falta de conhecimento referente à Umbanda praticada por toda a sociedade brasileira.

Quem professa a religiosidade de Umbanda, vive e convive o tempo inteiro com as influências dos espíritos e dos planos espirituais. De acordo com sua frequência vibratória e, de acordo com suas energias, serão os contatos e os tipos de influências que terão a partir dessas conexões com o espírito-matéria.

Quando falamos em portais espirituais, logo vêm na nossa cabeça aqueles portais interdimensionais que podem levar o espírito para outra dimensão e não se sabe o que ocorre do lado de lá. Mas vamos aqui pôr os pés no chão e entender um pouco sobre portais de forças na Umbanda aplicada.

A Umbanda é uma religião totalmente mística e magística, com isso por si só já podemos afirmar que ela recorre a vários tipos de portais para entrar em contato com o plano espiritual. E não podemos esquecer que não há limites para isso, pois cada um que trabalha ou pratica a Umbanda no seu dia a dia, pode em diversos momentos e de diferentes maneiras abrir um portal para outro plano ou outra dimensão.

Para quem ainda não entende o suficiente para compreender essa premissa, é apenas uma questão de tempo nas doutrinas de um terreiro, que logo o médium se afina com esse processo tão inerente à Umbanda.

O que seria um portal na Umbanda? Toda conexão estabelecida entre os espíritos do plano físico e os espíritos do plano espiritual é um portal. O portal seria o meio e a forma mais comum de nos comunicarmos com os planos espirituais, ou de alguma forma estabelecer frequências energéticas com seres ou localidades dos outros planos da vida.

Quando afirmamos que a religiosidade de Umbanda é um farol para o sobrenatural, nos referimos ao desconhecido e apara os desconhecidos de tais habilidades que são de certa forma inerentes a todos nós. Ser um farol para o mundo invisível pode soar como cenas de filmes de ficção científica, porém é o que acontece no tempo todo com quem pratica a Umbanda e com aqueles que a desconhecem, pois não é porque não acredito ou não comungo que significa que não existe.

Todos nós umbandistas somos de uma certa forma um farol para a espiritualidade. Ser um farol não significa que somos aquela luz que os espíritos precisam, até que para uns menos esclarecidos sim, porém ser farol é ser um portador de qualidades que nos aproximam dos irmãos que estão no plano da psicosfera.

Quando afirmamos essa premissa, nos colocamos diante de uma total influência entre os dois mundos, que se não for encarado com amadurecimento, podemos nos embaraçar com essas informações.

Ser um portal constante de manifestação e de atuação para o plano espiritual não é escolha, não optamos e pronto. Essa qualidade de afinidade espiritual está em nós e não se afasta apenas pelo meu bel-prazer.

As conexões existentes entre nós e nosso passado, ou seja, nossas encarnações anteriores e nossas relações com os espíritos benfeitores e espíritos malfazejos, é uma constância em nós.

Abrimos portais de várias maneiras. Apenas pela nossa emanação energética já é possível estabelecer contato com o plano espiritual ou com algum ou alguns

espíritos do outro plano, por meio. Através de nossos pensamentos, pelas formas e pensamentos que criamos e alimentamos no decorrer de nossa vida terrena. Esses laços de forma pensamentos são alimentados e fortalecidos de acordo com a intensidade que nos dedicamos a eles, podendo ser nas formas positivas ou negativas, ao depender do teor de nossas energias.

Quando fazemos nossos assentamentos nos terreiros, nossas firmezas também estão abrindo portais para o mundo invisível. Ao acender uma vela e firmar o pensamento para alguma entidade ou guia, ali também se estabelece um portal de comunicação e aproximação de seres espirituais.

Sempre que oferendamos uma oferenda nos pontos de forças ou dentro do terreiro, até mesmo em casa, ali se estabelece um portal, pois a força do nosso pensamento adicionado por nossos pedidos ou agradecimentos também configura um portal.

O nosso próprio pensamento e mentalizações, ao imaginar algo sobre o plano espiritual, já estamos ali abrindo um portal espiritual.

Claro que, quando você é um praticante de Umbanda sério, você terá que aprender a abrir e fechar um portal de acordo com a necessidade do trabalho. São doutrinas particulares de cada casa, pois cada um tem seu jeito e sua maneira de trabalhar nos médiuns, nesses desenvolvimentos e doutrinas.

Como somos um farol constante para o mundo espiritual que nos cerca, devemos sempre nos atentar às nossas condições e capacidades. Daí a necessidade do vigiar e orar sempre, pois assim como podemos permitir a comunicação e aproximação dos seres de luz, também podemos aproximar seres em desequilíbrio ocasionando muitos problemas no decorrer de nossas vidas.

Também devemos levar em consideração o perigo que mora em deixar um portal que vibra em densidade muito negativa em aberto. Ao abrirmos um portal, seja ela qual seja a forma, ele se torna ali uma passagem. Se for um portal de forma de pensamento a pessoa que abriu e nutriu ele aberto ele vai acabar recebendo constantemente vibrações e intuição com o teor enérgico dela do que foi criado nesse portal. Um exemplo clássico:, se você mentaliza diariamente quem um colega do trabalho erre em algo para ocasionar sua demissão para que você possa ocupar o seu lugar, essa energia emanada de você para ele vai reverberar constantemente. Chegando a tal forma de os seres de energias baixas como esse influenciarem você aí ir sempre mais longe, causando dessa forma um caos muito grande na vida de ambos e te tornando uma presa fácil para os desígnios do baixo astral.

Se o portal que você abriu para pedir algo de errado para alguém, seja também de cunho físico além do pensamento, por exemplo, você foi até uma encruzilhada e fez uma firmeza pedindo o fracasso de alguém, ali você acendeu velhas quebradas e pediu fortemente aos rabos de encruzas para atender seus pedidos negativados, d. E depois que o fez, simplesmente virou as costas e saiu. Aquele portal que ficou ali aberto passa a ser uma passagem livre de espíritos de energias negativas que passarão a lhe seguir e começar aí uma cadeia de obsessores que podem lhe acompanhar por várias encarnações. Até encontrar alguém ou uma forma de superar essa vibração para melhor, você se tornará um obsediado e sua vida certamente não será fácil.

Ser umbandista implica em muitas abdicações e renúncia. Ser um verdadeiro umbandista requer o autocontrole diário de suas ações, pois temos a convicção que somos um farol escancarando para o mundo espiritual.

Cabe somente a nós enquanto seres em evolução decidir com qual tipo de energias queremos ser lembrados, se as benéficas e auxiliadas por seres de zonas luminosas. Ou as deletérias acompanhadas por seres de baixo escalão energético de zonas desarmônicas.

Uma grande dúvida paira sobre o que é natural e sobrenatural. O sobrenatural é apenas tudo aquilo que vai além do comum. Aquilo que supera nossas expectativas, ou algo que ainda não dominamos e nem compreendemos de maneira natural.

O sobrenatural é o desconhecido, ou seja, aquilo que está além de nossa própria compreensão e muitas vezes fora da nossa zona de conforto.

O sobrenatural se torna natural quando adentramos nos seus domínios e os compreendemos de forma serena e equilibrada, pois tudo aquilo que foge da nossa realidade podemos classificar como sobrenatural.

“Ser um farol para o sobrenatural é se jogar em um universo de possibilidades.”

Gildener Sousa

Capítulo XLV

Uma vírgula no tempo

A vida é uma dádiva divina. Somos seres portadores da capacidade evolutiva, temos nossa liberdade de escolha e o nosso livre arbítrio. Falar dos conceitos e das relações pessoais é um desafio que nem sempre pode ser compreendido por muitos. Um dos grandes tópicos e um dos mais complexos movimentos da nossa vida terrena é o aspecto da religião, sobretudo quando nos debruçamos sobre a religião de Umbanda.

Na grande e dificultosa jornada da evolução, nos deparamos constantemente com vários desafios e momentos de puro desespero. A nossa capacidade racional de entender, compreender e transformar podem nos levar a evoluir ou pode nos conduzir a uma queda na corrida evolutiva. Tudo isso dependendo de nossas escolhas durante a passagem de nossa vida na Terra.

A Umbanda quando levada a sério é uma vírgula no nosso tempo enquanto ser encarnado no planeta Terra, pois, se olharmos com profundidade para dentro dos ritos e fundamentos da Umbanda, veremos que é uma mudança de vida de uma forma que transcende os pilares da vida física.

Toda religião vem com a mensagem de salvação ou de lumiar na vida espiritual das pessoas no sentido de conduzir e fazer com que esse ser evolua. Ou pelo menos seria esse o intuito das religiões. Mas se dermos fizermos uma boa olhada com mais cuidado, verificaremos que não é bem assim que acontece, principalmente na atualidade.

Religião é um conjunto de sistemas culturais e de crenças, além de visões de mundo, que estabelece os símbolos que relacionam a humanidade com a espiritualidade e seus próprios valores morais. Muitas religiões têm narrativas, símbolos, tradições e histórias sagradas que se destinam a dar sentido à vida ou tentam explicar a sua origem assim como a do universo em se. As religiões tendem a derivar a moralidade, a ética, as leis ou um estilo de vida preferido de suas ideias sobre o cosmo e a e natureza humana.

A palavra religião é muitas vezes usada como sinônimo de fé ou sistema de crenças, mas a religião difere da crença privada na medida em que tem um aspecto público.

A maioria das religiões tem comportamentos organizados, incluindo hierarquias clericais, uma definição do que constitui a adesão ou filiação, congregações de leigos, reuniões regulares ou serviços para fins de veneração ou adoração de uma divindade ou para a oração, lugares naturais ou arquitetônicos e/ou escrituras sagradas para seus praticantes.

A prática de uma religião pode também incluir sermões, comemoração das atividades de um deus ou deuses, sacrifícios, festivais, festas, transe, iniciações, serviços funerários, serviços matrimoniais, meditação, música, arte, dança, ou outros aspectos religiosos da cultura humana.

O desenvolvimento da religiosidade assumiu diferentes formas em diferentes culturas. Algumas religiões colocam a tônica na crença, enquanto outras enfatizam a prática. Algumas religiões focam na experiência religiosa subjetiva do indivíduo, enquanto outras consideram as atividades da comunidade religiosa como mais importantes. Algumas religiões afirmam serem universais, acreditando que suas leis e cosmologias são válidas ou obrigatórias para todas as pessoas, enquanto outras se destinam a serem praticadas apenas por um grupo

bem definido ou localizado. Em muitos lugares, a religião tem sido associada com instituições públicas, como escolas, hospitais, famílias, governos e hierarquias públicas.

Alguns acadêmicos que estudam o assunto têm dividido as religiões em três categorias amplas: religiões mundiais, um termo que se refere a crenças transculturais e internacionais; religiões indígenas, que se refere a grupos religiosos menores, oriundos de uma cultura ou nação específica; e o novo movimento religioso, que refere-se a crenças recentemente desenvolvidas. Uma teoria acadêmica moderna sobre a religião, o construtivismo social, diz que a religião é um conceito moderno que sugere que toda a prática espiritual e adoração segue um modelo semelhante ao das religiões abraâmicas, como um sistema de orientação que ajuda a interpretar a realidade e definir os seres humanos e, assim, a religião, como um conceito, tem sido aplicado de forma inadequada para culturas não ocidentais que não são baseadas em tais sistemas ou em que estes sistemas são uma construção substancialmente mais comum. Religião pode ser definida como um conjunto de crenças e práticas sociais relacionadas com a noção de sagrado.

Depois desse pequeno esclarecimento sobre a visão de uma forma geral do que é religião, nos atentaremos aqui para a Umbanda, pois umbanda é um sistema religioso entre uns dos mais complexos que podemos conhecer em alguns aspectos.

Geralmente as religiões têm um sistema único de se apresentar. As pessoas que vão querer fazer parte dela precisam obrigatoriamente seguir ritos e posturas impostas pelo conjunto de leis criadas para definir como verdade absoluta.

Já a Umbanda não crer e nem trabalhas dessa forma, pois aceita todos do jeito que elas são, assim como não impõe ritos nem dogmas que serão obrigados os recém-chegados a cumprir. A Umbanda trabalha o espírito para que, a partir das vivências pessoais e espirituais, os seus seguidores despertem por vontade

própria para a mudança de vida em todos os sentidos.

A maioria das religiões tem um livro sagrado, que é a única fonte de conhecimento e sabedoria sobre a vastidão da vida física e espiritual de todos nós, e obriga os seus seguidores a viverem segundo as leis e determinações de um único livro,considerado sagrado para aquele sistema de crença.

A Umbanda não tem um livro considerado sagrado do qual se recorrer para justificar seus fundamentos. A Umbanda se baseia na própria vida para fundamentar seus ritos e fundamentos.

A Umbanda acredita que a imensidão da vida é grande demais para estar segregada a apenas um livro específico, pois acredita que muitos são os livros que trazem diversos conceitos e conhecimento absoluto sobre a vida e sua evolução em todos os níveis.

Dessa forma, a Umbanda vê na própria natureza o seu livro mais sagrado, pois a natureza é a resposta para todas as nossas indagações. Dessa forma a Umbanda não proíbe que seus seguidores leiam e até se orientem pelos livros sagrados de outras crenças. Muito pelo contrário, ela até incentiva esse tipo de comportamento no seu corpo de atuação.

Uma grande variedade de religiões tenta e só aceita membros que se enquadrem nos seus moldes sociais criados segundo as suas vontades, pois, para pertencer a certas aglomerações religiosas, o membro precisa abandonar suas essências para serem aceitas naquele grupo, como se você precisassem ser um tipo de robô obediente cegamente.

A Umbanda não vê dessa forma, você pode participar da religião do jeito que você é, pois no decorrer da sua doutrina e desenvolvimentos, verás que não precisa de uma mudança radical para ser aceito. Você apenas se depara com as verdades que o mundo sempre te escondeu e coloca você de frente com suas próprias imperfeições e lhe ensina a lidar com esses desafios que fazem parte da nossa caminhada evolutiva.

Há uma vasta gama de promessas milagrosas em religiões que vivem pregando o reino de Deus a partir de pagamentos de valores altíssimos para alcançarem os famosos milagres e para sua vida.

Um dos maiores e mais firmes pilares da Umbanda é justamente o oposto dessa crença milagrosa, pois não se acredita em milagres na Umbanda, mas sim na lei do merecimento e da conquista espiritual de acordo com suas ações.

Você não pagar uma quantia e receber aquilo que deseja de uma entidade somente porque você pagou para um sacerdote ou para uma suposta entidade. As crenças umbandistas te ensinam a humildade e a caridade como um caminho de evolução e conquista através de sua mudança de posturas e reforma íntima espiritual.

A Umbanda visa ao conhecimento e às experiências próprias para um alcance libertador das amarras de nossas próprias almas, que vagueiam na longa caminhada das encarnações.

As religiões majoritárias, alegam pelo medo imposto aos seus seguidores as chamadas recompensas divinas ou as punições de Deus seriam. Seria basicamente você obedecer aos ritos que são impostos a você, pagando. E pagar sem questionar os dízimos e as ofertas para Deus, assim. Que você irá diretamente para o céu. Se você não viver de acordo com as leis do seu livro

sagrado, irá diretamente ao inferno, pois aquele que não segue a palavra dita e exposta como a única verdade não merece os reinos dos céus.

Na crença de Umbanda não acreditamos nessa forma de punição. Também o inferno e o céu bíblico são encarados em um sentido figurado e não no sentido concreto, pois ao acreditar na reencarnação a Umbanda também vê a partida do corpo físico após a morte na matéria com uma passagem para outras zonas habitadas pelos espíritos. E não se vai para o inferno ou para o céu. Nós iremos habitar zonas que são de afinidades com nossas condições evolutivas e espirituais.

Não nos assustemos com o inferno ou com o céu, pois, à na medida que vamos conhecendo e nos doutrinando, vamos tomando conta da dimensão espiritual que nos rodeia e aprendemos a lidar sem medo com essas questões.

A maior das máximas da Umbanda é o poder de liberdade que nos é transferido no decorrer da nossa jornada, pois a Umbanda nos oportuniza a vivência como maneira de evoluirmos sem a opressão e sem a imposição do medo de serem queimados no fogo do inferno.

Entre essas e outras questões é que a Umbanda é uma vírgula na nossa passada terrena, pois dentro das outras religiões não cabe a umbanda em nenhum aspecto. Já dentro da Umbanda cabem todas as religiões e muito mais. O maravilhoso da Umbanda é a liberdade de ser preenchida por todas as crenças e todas as culturas e mesmo assim permanecer ímpar e sólida nas suas conjunturas básicas.

A Umbanda é uma vírgula na nossa vida, quando ela nos impede de cometer um suicídio, pois às vezes somos tão pressionados a seguir alguma crença e nos cobram posturas sem nos conhecer e sem saber do quer você realmente precisa

nós precisamos. Às vezes é apenas uma vírgula. Uma pequena parada para poder ter voz e ser ouvido no tempo.

Muitas são as vezes que a única coisa que precisamos é parar um, pouquinho, deixar que nos ouçam para nos compreender e assim saber como lidar. A Umbanda tem essa capacidade de dar voz a quem vivem em um silêncio assustador. A Umbanda é aquela religião que nos permite evoluir sem máscaras. Não precisamos nos disfarçar de bons para seguir a Umbanda. O que ela nos ensina é que somos seres portadores da dualidade, e a luz e a escuridão são partes do ser humanos e que não precisamos temer, mas sim compreender e entender para superar.

A Umbanda é uma vírgula no tempo para nós, seres humanos, pois ela nos permite nos colocar em nosso devido lugar diante da imensidão e grandiosidade que é a vida nos dois extremos da existência. É uma vírgula quando nos ampara não com promessas milagrosas, mas com comprometimentos e clareamento de nossas memórias e nos assegura uma oportunidade de cumprir nossa missão terrena.

A Umbanda é uma vírgula quando te carrega no colo, mas te ensina a caminhar com seus próprios pés. Ela é uma vírgula quando, entende suas fraquezas e te reanima com o sopro da vida, porém não ensina das responsabilidades que são suas.

A Umbanda se torna uma vírgula na nossa vida, quando ela nos lapida e faz aflorar nossa luz interior, mas também ela nos ensina que há escuridão em nós na mesma proporção.

A crença umbandista é uma vírgula quando nos conduz a olhar para nós se mesmos e ao mesmo tempo nos mostra como olhar o próximo com o olhar de

empatia. É uma vírgula quando nos mostra o caminho certo a seguir, mas nos deixa livres para escolher a nossa própria estrada.

A nossa Umbanda é uma vírgula quando, onde precisamos parar e escutar o nosso próprio silêncio, pois através do descobrir de nossas fraquezas e virtudes, seremos capazes de entender o semelhante. Dessa forma o peso da cruz que carregamos se torna mais leve, pois quando elevemos nossos sentimentos e ações o peso grosseiro da jornada da vida senos apresenta mais manso e benéfico.

Sendo sabedor de nossas responsabilidades, somos incisivos em nosso aprender e na nossa capacidade de nos transformar sempre que necessário for. Buscar novos caminhos nos faz lembrar que a vida é uma constante esfera e que são os encontros e desencontros que nossas almas precisam para se completarem na longa jornada das encarnações.

Uma vírgula, apenas uma vírgula no tempo é suficiente para mudar anos de história de vida em todos os seus aspectos, pois somente quando um potinho quase imperceptível nos toca, somos capazes de ser verdadeiramente grandes.

“O tempo é o remédio para todos os males. Mas também é a causa de todas as dores.”

Gildener Sousa

“Tem dia que põe vírgula, tem dia que põe reticências,

tem dia que põe ponto final e tem dia que

tem a necessidade de virar a página,
o tempo todo nós fazemos a experiência de
escrever a vida que somos nós, e o mais bonito:
Nós temos o direito de escolher como vamos
pontuar esse texto, porque Deus trabalha o
tempo todo no nosso coração assim,
para que a gente aprenda a escrever,
para que não venha ninguém escrever por nós
e mesmo que alguém passe pela nossa vida,
que apenas deixe detalhes no seu texto porque
o autor é você, e o mais bonito é que tudo está sendo inspirado por Ele."

Padre Fábio de Melo

Capítulo XLVI

A magia oculta da Umbanda

Magia. Uma palavra com diversos significados, ao depender da cultura, do grau de intelectualidade e do interesse contido nas intenções de quem a vive. A magia é matéria de muitos debates, de incompreensões e acima de tudo magia é um universo fantástico que percorre os tempos, rompe as fronteiras e se instala em todas as classes e sociedades. A magia vagueia pelos caminhos da humanidade desde os primórdios dos tempos. A magia caminha ao lado das religiões mais diversas e está de alguma forma contida em todos nós. Por mais que não a reconheçamos ela será sempre boa para uns e ruins para outros, ao depender de como eu a vejo.

A Umbanda e a magia se nutrem e percorrem no mesmo rio, desde o início dos tempos. Nos ritos e trabalhos de Umbanda, a magia se faz presentes em todos os instantes. Desse modo não temos medo de errar ao afirmar que a Umbanda e a magia são praticamente inseparáveis.

Neste capítulo, vamos abordar essas conexões e a importância que a magia tem dentro da religiosidade umbandista. Claro, sempre com o intuito de trazer mais questionamentos para aqueles que buscam sempre conhecer a fundo as raízes da religião. Lembrando que não tratarei aqui com aspectos teológicos, mas sim de vivências e convívio pessoal tanto da religião umbandista quanto nos experimentos mágicos.

Quando falamos de magia, nossa cabeça já viaja para os grandes nomes da magia antiga, como, Hermes Trismegisto, Zoroastro, Merlin e outros. Na grande

maioria, achamos que magia é coisa que não está para nós, como se fosse um conto de fadas inalcançáveis. Isso se dá pela grande perseguição sofrida pela magia em todas as épocas, pois. Pôs praticar a magia era uma sentença de morte para muitas civilizações. Em outras eram hereges condenados à morte. Mas afinal o que é magia?

A magia é arte, ciência ou prática baseada na crença de ser possível influenciar o curso dos acontecimentos e produzir efeitos não naturais, valendo-se da intervenção de seres fantásticos e da manipulação de algum princípio oculto supostamente presente na natureza, seja por meio de fórmulas rituais ou de ações simbólicas.

A magia, antigamente chamada de Grande Ciência Sagrada pelos magos é uma forma de ocultismo que estuda os segredos da natureza e a sua relação com o homem, criando, assim, um conjunto de teorias e práticas que visam ao desenvolvimento integral das faculdades internas espirituais e ocultas do Homem, até que este tenha o domínio total sobre si mesmo e sobre a própria natureza.

A magia tem características e cerimoniais que visam a entrar em contato com os aspectos ocultos do universo e da divindade.

Afirma-se que, por meio de rituais, feitiços, orações ou invocações, é possível fazer com que forças ocultas atuem sobre o ambiente, modificando, por exemplo, a vontade, o agir ou o destino das pessoas.

Uma religião dos moldes da Umbanda, que vive a natureza em seus mais diversos aspectos, que se refaz e encontra sua nutrição nos pontos sagrados naturais, encontra-se muitas das vezes no berço da magia para se orientar e se multiplicar. A magia conhecida como a ciência oculta da inteligência antiga se

manifesta na atualidade como um complexo mistério e de possibilidades.

Dentro dos rituais da Umbanda em todo instante estamos manipulando e trabalhando as forças naturais de forma ímpar. Para se conectar com a magia, nossa cabeça precisa ser aberta para as diversas possibilidades e crer no potencial, pois um dos combustíveis da magia é você acreditar que tudo pode ser transformado e modificado a depender da nossa necessidade.

Caros amigos leitores, mais uma vez peço que nos atentemos para esse olhar de fundo de terreiro em suas particularidades para falar sobre magia. Ou seja, iremos aqui nos limitar às experiências bem superficiais no tocante à magia dentro da Umbanda, pois a magia em si requer um olhar mais profundo e muito cauteloso para termos uma compreensão da altura que ela merece. Porém falaremos aqui apenas no aspecto religioso de Umbanda.

Todo religiosos, ou seja, quem vive a religião de dentro, ele é um teólogo. A teologia é a ciência de falar de Deus e da religião por quem vive as leis litúrgicas de uma crença específica. Assim temos várias teologias para cada religião em particular. A teologia é uma busca da compreensão e da explicação sobre as origens da vida, de Deus e da humanidade no seu aspecto religioso.

Falar da religião e não a vivenciar é o que um sociólogo ou historiador faz, pois ele vai falar das histórias das religiões e não das experiencias religiosas. A sociologia é um olhar científico das crenças em seus mais variados aspectos, pois busca a visibilidade das histórias e fatos históricos e suas implicações na sociedade em geral.

A magia é um elo que permeia as duas visões, cada uma com seu ponto de vista, pois a magia não envelhece e nem pertence a alguém ou alguma instituição. Ela simplesmente está à disposição de ambos para sua manipulação.

Onde podemos observar a magia dentro da Umbanda? Toda vez que acendemos uma vela e mentalizamos uma intenção, sempre que firmamos o nosso pensamento em prol de alguém ou de alguma situação, ali estamos praticando a magia, pois a vela que tem os seus elementos fogo na sua chama, o elemento água e o elemento terra na composição da parafina e sendo acesa no ar e intencionado pelo éter, que são as energias vibracionais de nossos pensamentos, ali constituindo um ato mágico. Conseguimos a partir de então uma conexão magística com as forças dos elementos da natureza e seres espirituais que nos auxiliam na nossa caminhada espiritual.

Toda vez que marcamos um ponto riscado, utilizando uma pemba, um carvão, um pedaço de argila ou até mesmo uma tinta para traçar um ponto ou uma mandala sagrada e ali adicionamos elementos naturais e artificiais, como, velas, água, nomes de papéis e intencionando para uma linha de trabalho ou para uma entidade específica estamos fazendo magia. Esse ato de riscar a grafia das entidades é que são na verdade símbolos mágicos, pois acontece e se estabelece um ato magístico dentro da Umbanda.

Ao fazer uma limpeza com ervas verdes, ao fazer uma defumação com várias substâncias na queima de fumaça, ao tomar um banho de descarrego, ao sacralizar uma imagem de santo ou entidade, ao sacralizar as nossas guias feitas com fios de contas, nessas e em muitas outras maneiras e atos estamos na verdade praticando atos mágicos dentro do no nosso convívio umbandista.

A magias dos orixás, nas suas manifestações energéticas, através das distribuições de linhas de atuação das entidades e nas conexões com as forças da natureza, se configura por sie só uma ligação mágica.

Dessa natureza podemos concluir que a Umbanda é por excelência mágica. Sua ritualista e seus fundamentos estão intimamente ligados no berço da magia. A

magia não é propriedade dessas ou daquela crença. A magia está disponível para quem a sente.

Ser umbandista é participar dessa corrente magística desde sempre. Ser um bom médium de Umbanda é despertar para a arte real mais antiga e mais fantástica que sempre esteve e estará à nossa disposição. Por mais que o tempo mude, as sociedades se transformam e as crenças se reinventam, a magia sempre estará intacta a nos esperar.

Os princípios da Umbanda ao respeito da natureza e sua manipulação energéticas dessas mesmas forças configuram a utilização da magia na sua mais pura e simples forma de atuação. Ao nos reconfortar nos pontos vibracionais da natureza, estamos na verdade nos conectando às fontes mágicas à disposição.

Claro que precisamos ir mais a fundo para nos considerar um praticante de magia, porém a magia está em nós, somos a centelha que acende a luz das transformações. Ninguém é maior ou menor por conhecer a magia, apenas alguém se dedicou mais a sua história e aprofundou mais nos conhecimentos sobre o que é a magia e o que podemos fazer com ela.

Todo ser humano pode se entregar à magia, m. Mas nem todos têm as habilidades mágicas necessárias para se autointitular um praticante. Porém se eu sou umbandista de verdade, as doutrinas e desenvolvimentos que adquiro se aproximam da magia. Quando tenho plena convicção e pleno entendimento dos rituais mágicos da Umbanda, eu de certa forma, eu me torno um praticante mágico, pois ser umbandista implica a ser mágico.

Quando falamos da magia oculta dentro da Umbanda, não estamos falando de mistérios intocáveis, mas sim das partes da religião que ainda conseguimos acessar. Toda vez que desconheço os rituais e não me preocupo em conhecer as

suas origens, estamos na verdade tendo um olhar mais artificial do que real da religião. O oculto é tudo aquilo que desconheço e não domino.

A magia oculta é aquilo que ainda está escondido dentro de nós mesmos. Somos seres espirituais encarnados e a magia é uma parte nossa. Só precisamos acessar para conhecer e dominá-la.

"A maior magia estar intocável nos níveis mais profundos de nossa própria consciência."

Gildener Sousa

Capítulo XLVII

Os sentinelas do terreiro

Toda vez que nos referimos à Umbanda, temos que nos lembrar que se trata de uma religião espiritualista e que atua diretamente com o mundo espiritual, dessa forma a dualidade da existência é inevitável. Na prática da religião, buscamos sempre conhecer cada vez mais os fundamentos e as bases que sustentam a Umbanda como a conhecemos. Desse modo, a Umbanda nos aproxima do convívio da espiritualidade e de acordo com o comprometimento de cada um é também o grau de dever e cuidado que temos com a fé que escolhemos para praticar.

Em todas as literaturas disponíveis a respeito da religiosidade umbandista, e sempre que nos referimos ao lado espiritual da Umbanda, vemos que sempre terão aqueles grandes espíritos que são os verdadeiros protetores da religião. São os grandes guardiões da Umbanda. Certamente muitos acabam por nem perceber o que ocorre do outro lado para que uma casa ou tenda de Umbanda se sustenta no plano físico.

Toda casa de Umbanda que nasce já tem seu compromisso com aqueles sacerdotes e com os membros que ali farão seus desenvolvimentos mediúnicos e que venham para praticar a caridade. Nesse panorama, o trabalho das sentinelas, ou seja, dos protetores e defensores da casa no lado espiritual, é primordial para que a casa tenha uma segurança e uma boa proteção contra os ataques dos irmãos em desequilíbrios que tentam de toda sorte interferir no bom andamento da casa nos dois planos.

É grandioso o trabalho desses guardiões que zelam pela manutenção constante dos terreiros de Umbanda. São seres que já alcançaram uma evolução espiritual que supera toda e qualquer forma benéfica que conhecemos ou temos contato na Terra. Geralmente são espíritos da ordem dos Exus e Pombas giras nos arquétipos como conhecemos nos terreiros.

Quando falamos de exus na Umbanda, conhecemos apenas uma das facetas de Exu, temos pouca dimensão da realidade dos trabalhos que esses grandes seres de luz executam do outro lado da vida.

Ser uma sentinela de Umbanda no plano astral capacita os guardiões a serem cada vez mais conhecedores das leis cármicas e poder lidar com espíritos de toda natureza. E dessa forma crescem ainda mais sua responsabilidade e seu compromisso com a missão que decidiu exercer naquele tempo.

Ser uma sentinela de Umbanda é ser um verdadeiro soldado da lei divina. É estar exercendo uma função de um valor sem igual, pois poder proporcionar segurança para que a caridade possa acontecer e não se encher de ego, é uma tarefa de seres que já possuem uma grande capacidade evolutiva.

Em todos os trabalhos de Umbanda, ou melhor dizendo em todo o tempo durante 24 horas por dia, esses grandes seres fazem a manutenção do local incessantemente para nossos pedidos, nossas intenções e para que os médiuns que trabalham na casa e para os pacientes que são ali curados nos dias de atendimento, não sejam prejudicados nem antes nem durante nem depois dos trabalhos, pois o trabalho só acaba no lado físico da vida. Após o encerramento dentro do terreiro físico, no plano espiritual continua sem parar. Por isso a necessidade das sentinelas de defesa e proteção.

Porém, lembremos que a Umbanda é dual e que transita nos dois planos da vida

e nas mais diversas zonas de frequência espiritual das quais muitos de nós não se temos nem mesmo ideia de como seja.

Assim como têm as sentinelas do lado espiritual, temos na Umbanda as sentinelas que protegem a Umbanda no aqui no nosso plano físico também. São muitas, e muitas vezes que nem sacerdote nem filhos de santo conseguem perceber esse fato no dia a dia dos terreiros.

Se voltarmos um pouco à história da Umbanda, lá no início quando a crença de qualquer outro modo que não fosse o ditado pela igreja católica era considerado errado e ironicamente associado ao culto do demônio e a prática de magia negativada. Porém a umbanda foi ganhando volume e visibilidade até chegar a ser outorgada pelo presidente Getúlio Vargas como religião genuinamente brasileira. E foi aos poucos se livrando da carga negativa imposta.

O papel das sentinelas ou guardiões e defensores da religião no plano espiritual, assim como as sentinelas do plano físico, foi de suma importância para o crescimento e firmamento da Umbanda no Brasil. Ainda na atualidade se faz importantíssimo esse trabalho para que a Umbanda possa mostrar verdadeiramente sua essência caritativa.

Mas então quem são essas sentinelas físicas que asseguram a Umbanda e a protegem contra as tentativas negativadas do nosso plano que atentam contra a nossa fé?

As grandes sentinelas da Umbanda no plano físico, não são seres poderosíssimos ou perfeitos que já sabem de tudo e fazem isso apenas por querer ajudar. As sentinelas da umbanda no plano físico somos nós, os filhos de santo, os sacerdotes e aqueles que respeitam e prezam pela igualdade entre todos.

É responsabilidade nossa enquanto médiuns de Umbanda guardar, zelar, proteger e fazer a devida manutenção dos preceitos da religião, pois dela retiramos nossa força para vencer todos os nossos obstáculos. É da Umbanda que nos enchemos de paz e gratidão para com a vida. É dela que saem os motivos da nossa evolução através das mudanças de pensamentos e atitudes que nos elevam a espiritualidade.

Ser umbandista também e acima de tudo é proteger e guardar nossos costumes e atos contra a contaminação do achismo e a distorção de seu entendimento no meio social onde vivemos, pois toda fonte cristalina que mata nossa sede é precisa ter alguém para proteger essa fonte, para evitar que ela seque ou seja contaminada com substância impróprias para o consumo.

Assim também é a Umbanda. Precisa de nós, filhos de axé, para garantir a manutenção e para revelar a verdade da Umbanda para a sociedade, para os governos e para as instituições que zelam pelo sistema como um todo.

É dever do médium transferir para sie esse cuidado com a fé, pois os desafios são grandes, as intolerâncias e o desrespeito estão todo dia na nossa porta. Ser um defensor da Umbanda nos torna merecedores de nossas conquistas diárias na nossa caminhada terrena.

Por tanto, assim como é incalculável a importância das sentinelas espirituais por parte dos guardiões espirituais na defesa da Umbanda, para que seja feita toda a proteção espiritual contra os ataques de zombeteiros e espíritos de baixo nível evolutivo, e assim a Umbanda juntamente aos seus médiuns têm uma segurança para se praticar e trabalhar durante as sessões e giras.

Também são incalculáveis os trabalhos das sentinelas físicas, ou seja, de os médiuns serem vigilantes e cuidar para os falsos sacerdotes ou aqueles que se apropriam indevidamente da Umbanda para ganhar dinheiro ou para associar a religião a atos negativos que de nada têm a ver com os ritos umbandistas.

Quando o sacerdote de Umbanda deixa a trilha positiva da fé e se lança nos caminhos tortos, fazendo amarrações amorosas, sacrifícios de animais em nome de entidade ou de orixá de Umbanda, é nesse momento que ele deixa de ser um vigilante e uma sentinela da Umbanda. Onde em vez de ele deveria guiar, orientar e proteger, acaba por incentivar e deturpar toda a construção de um século da Umbanda. Agindo assim, ele deixa de proteger, de cuidar e zelar e passa de sentinela para um zombeteiro encarnado, levando infelizmente a nossa crença para a lama.

Deixamos de ser uma sentinela quando nos deixamos ser guiados pelo ego e pelo sentimento de segregação, pois agindo assim nos tornamos altamente prejudiciais para a Umbanda. Dessa forma de agir deixamos vulneráveis a doutrina e o zelo da religião para dar espaço à soberba e ao caos espiritual nas nossas vidas.

Deixamos de ser protetores da Umbanda quando cobramos pelos trabalhos espirituais e nos aproveitamos da fragilidade alheia para barganhar dinheiros ou favores sem nenhuma cerimônia.

Deixamos certamente de ser um soldado da Umbanda quando nos deixamos levar pela vaidade de terreiro e nos colocamos em pedestais fantasiosos no intuito de querer ser melhores do que os demais.

Deixamos de ser vigilantes e sentinelas da Umbanda quando não nos importamos com a dor do próximo e não somos portadores da empatia.

Ser médium de Umbanda certamente não é tarefa fácil, pois exige de nós renúncias, desapegos, assiduidade, compromisso, comprometimento e toda nossa jornada sermos também verdadeiros soldados e sentinelas que precisamos estar sempre prontos e vigilantes para ajudar e proteger nossa fé constantemente.

Mas quando você é um verdadeiro umbandista, nada disso importa, pois torna-se prazeroso e muito satisfatório fazer um esforço e se entregar para esse trabalho que certamente é valoroso e bem-visto pela espiritualidade superior.

Porém nada vem de graça nessa nossa vida. Ser uma sentinela de Umbanda tanto no plano físico quanto no espiritual, tem suas baixas. Para o médium que verdadeiramente veste a camisa da Umbanda ele também veste a roupagem de muitos perigos eminentes.

Não é de hoje que temos consciência de quer toda vez que um filho de santo se entrega de verdade para um trabalho tão valoroso com este, não é bem-visto e nem bem aceito pelo baixo astral que trabalha incansavelmente contra os benfeitores da Umbanda.

O médium, seja ele iniciante ou um sacerdote, quando assume esse trabalho, ele passa a ser algo de aglomeradas falanges de espíritos negativos, verdadeiras ordens de seres trevosos, e passam a percutir e fazer de tudo para que esse médium desista de sua missão, pois eles possuem baixo astral que possuem e artifícios bem -organizados os seus artifícios para tentar evitar o máximo que você consiga se auto evoluir através da caridade e da percepção de bondade e amor que emana da Umbanda. E assim nos tornamos um alvo constante na nossa caminhada umbandista.

E que fique bem claro que os nossos perseguidores não são apenas seres espirituais. Muitos dos nossos inimigos estão encarnados, na nossa família, nos nossos trabalhos ou à nossa volta o tempo todo. Uns sabendo o que estão fazendo, outros sendo usados pelos magos negativados para tentar atingir seus propósitos, devido à falta de fé e apelo endurecimento da sua sensibilidade espiritual ou usando aqueles incrédulos ou fanáticos de uma crença qualquer ou ainda aqueles fanáticos que se dizem até mesmo umbandistas.

Quando o Caboclo das Sete Encruzilhadas disse: “A Umbanda é coisa séria para gente séria”, já estava levando em consideração, entre outras, a parte que os seus seguidores deveriam se atentar para esse lado da religião. Ser umbandista realmente é vivenciar uma guerra infinita, pois todos os dias todos os instantes teremos que nos levantar para defender nossa fé.

Ser médium de Umbanda não é um privilégio nem carma total. Ser médium é cumprir a missão dada ou pedida no processo antes da reencarnação. Ser médium de Umbanda é saber dos caminhos da humildade e da caridade para ser forte, pois temos que ter em mente que seremos colocados à prova todos os instantes de nossa vida.

Por essas e muito mais que devemos ser eternos sentinelas da Umbanda. Dependerá de como nós a conduziremos na atualidade para se ter uma ideia de como será nossa Umbanda do futuro. Ser um vigilante ou uma sentinela é se apropriar verdadeiramente pela causa da Umbanda.

Às vezes os médiuns não conseguem levantar a bandeira da religião, por achar que não é seu papel defender ou zelar e ou velar pela Umbanda. Alguns acham que, porque pagam a mensalidade do terreiro, seu papel acaba ali. Se você pensa dessa forma, aconselho você a sair para outra crença, pois a Umbanda ainda não está dentro de você e certamente você não compreendeu ainda a grandeza dessa religião e seu propósito com toda a humanidade.

Alguns acham que o papel de defender a Umbanda e de mostrar a cara é coisa apenas de sacerdote. O sacerdote é apenas um elo da corrente, todos nós somos responsáveis. Uma corrente se faz com todos os elos trabalhando e doando aquilo que tem. Nem mais nem menos, mas com caridade e prazer em ajudar a todos sem olhar a quem.

Dessa forma a Umbanda segue seu curso, sabendo que as sentinelas e seus soldados dos dois planos da vida estão sempre de prontidão para defender e proteger a Umbanda e toda sua corrente espiritual de qualquer tentativa de perturbação.

"As sentinelas da vida guardam armas. As sentinelas da umbanda guardam vidas."

Gildener Sousa

Capítulo XLVIII

Umbanda e o amor condicionado

A mediunidade é inerente ao ser humano, isso é fato. A mediunidade dentro da Umbanda se manifesta de várias maneiras e sempre será ímpar para cada um que decide por frequentar e desenvolver esse processo espiritual na umbanda.

Desde quando você decide ser um médium de Umbanda você passa por transformações de vários níveis na sua vida, pois a mediunidade não se trata de um carma ou um ajuste de conta de vidas passadas. Também a mediunidade não é um merecimento nem um demérito para ninguém.

A mediunidade e o trabalho mediúnico dentro dos terreiros nada mais são do que um compromisso que você assume e resolve ajudar a espiritualidade a fertilizar um futuro melhor para todos. Mediunidade não é sinônimo de status nem de decadência.

Não é difícil você encontrar pessoas alegando estar vivendo mal porque é médium e a espiritualidade está cobrando-a por dívidas do passado. E como ela veio médium, tem que acatar essas ordens e pronto. Ou porque vivem doentes porque é filho desse ou daquele orixá. Certamente um grande engano quando nos acomodamos e vivemos pregando essas máximas incoerentes com os verdadeiros fundamentos da mediunidade.

Porém não é difícil de se encontrar médiuns que de alguma forma querem se

beneficiar do status de médiuns para saírem por cima dos demais dentro de um grupo religioso.

Na minha caminhada como sacerdote de um terreiro de Umbanda sagrada já se aproximando de doze anos, pude presenciar diversas situações dessa natureza dentro da casa que fundei e tenho o prazer de dirigir até a atualidade.

Médiuns filhos de santo que chegam na casa completamente desequilibrados e esse desequilíbrio se torna ainda maior quando este já frequentou outra casa e chega carregado de manias e vícios de santo.

Como identificar um médium que só fica na Umbanda por condição? Condição de ser o melhor em tudo, condição de ser sempre o centro das atenções, condição de estar presente em todos os trabalhos?. Você percebe que esses tipos de médiuns sempre querem estar envolvidos em tudo dentro da casa. Já chegam querendo ter as responsabilidades e se mostrando saber de tudo e você pode contar a qualquer hora e em qualquer lugar. É exatamente nessa hora que mora o perigo de um sacerdote se tornar refém desse médium.

Em uma casa de Umbanda você não pode selecionar quem chegar, quem entra, quem vai querer desenvolver a mediunidade ali, pois é uma das bases da religião acolher a todos. Porém o sacerdote precisa tomar alguns cuidados para não se tornar um refém nas mãos de alguns médiuns egocêntricos que acham que o mundo gira em torno dele.

Caros amigos leitores, quero deixar claro que a necessidade de discorrer sobre este tema neste capítulo é de pura vontade de abrir um olhar mais criterioso principalmente dos sacerdotes pela. Por experiência que já vivi pessoalmente enquanto dirigente de uma casa de Umbanda.

Não se trata de normas ou de uma cartilha de como agir nesses casos, mas apenas de despertar a atenção e os cuidados que teremos que ter enquanto sacerdote ou médiuns que tenham algum tipo de cargos de hierarquia dentro de uma casa séria de Umbanda.

Esses tipos de armadilhas ocorrem com mais frequência justamente onde há mais deficiência dentro de um terreiro. Principalmente se o terreiro é mais simples. No âmbito financeiro é que mora a maioria desses problemas.

Aquele médium interesseiro que chega arrotando saber, claro que esse tipo de médium não está ali pela fé nem por compromisso religioso, mas sim buscando algo para apagar as suas próprias lacunas sociais e para tentar esconder as suas fraquezas tanto físicas, mas sobretudo espirituais.

Se esses médiuns, que geralmente têm uma boa condição financeira, começam a ajudar aquele terreiro, se mostrando muito caridosos, eles e dessa forma vão aos poucos se mostrando amigos e dedicados com a casa e com fé.

Temos que deixar sem bem claro que esse tipo de médium não representa a grande maioria de uma casa, muito pelo contrário, ele representa a minoria geral sempre. Mas como já dizia a velha máxima “uma maçã estragada pode estragar um cesto inteiro de maçãs sadias”.

A grande maioria dos médiuns que ajudam um terreiro é porque realmente tem o coração de bondade e gosta de praticar a caridade e a essência de ajudar está contida na sua alma. E não medem esforços para estar sempre prontos para ajudar no quer for necessário dentro da sua egrégora de trabalho espiritual.

Mas também aqueles que de vêm enquanto vem com intuito que não faz parte da realidade umbandista, aquele médium condicional.

O que seria um médium de Umbanda que prega um amor condicional? É aquele que diz amar a Umbanda, amar os irmãos, mas suas atitudes dizem ao contrário. E age completamente contra as virtudes da Umbanda e das características de um verdadeiro médium de umbanda.

Vamos aqui exemplificar bem artificialmente um caso dessa natureza. Um filho de santo, um médium de trabalho que se mostra prestativo e está ali o tempo todo ajudando e é proativo em todas as atividades da casa. Sempre pronto para o trabalho.

Porém esse médium, médium começa a salientar com os demais que não está sendo reconhecido pelo sacerdote do terreiro, porque ele ajuda em tudo, paga até mais do que os demais que fazem parte do grupo, mas não está sendo recompensado por isso.

Ele começa a percorrer o terreiro, fazendo fofoquinhas ou criando situações para chamar atenção para si mesmo e colocando uma visão do restante dos membros que ele é mais importante para a casa. Colocando as vezes o próprio sacerdote em verdadeiras saias justas.

Começa a fazer alusões de que o sacerdote gosta mais dele dos doutros, que o sacerdote confia mais nele, por isso está em todas as atividades da casa. E desse modo os demais filhos começam também a se sentirem desconfortáveis perante a casa que escolheram para praticar a caridade.

Por vezes chega ao ponto de esse médium até confrontar o próprio sacerdote com dos seus desejos egoístas. Chegando a exigir que as normas sejam mudadas. Que alguém sejam retirados do grupo, pois, segundo o olhar desequilibrado dele, aquela pessoa não serve para estar ali. Tudo baseado nas suas teias de inimizades e de segregação por diversos motivos particulares.

Mas quando essas suas exigências não são atendidas, é quando esse médium mostra verdadeiramente para que veio. Ele passar a atacar de todas as formas possíveis o sacerdote e os seus desafetos que nessa altura certamente já são muitos.

Ele deixa bem claro sua insatisfação e sua indignação, pois segundo ele não está sendo reconhecido e nem tratado da forma como ele acha que deveria ser tratado, já que ele paga em dia as mensalidades do terreiro, ele paga até mais do que deveria, segundo ele mesmo.

E nesse cenário todo aquele amor que transbordava no início agora não existe mais. Esse médium então começa a fazer as doidas barbáries dentro do terreiro, chegando ao ponto deque sua permanência na corrente se tornar impossível. E para ele, se vendo pressionado por todos os lados e vendo suas máscaras sendo desfeitas e caindo, a única solução é sair da casa.

Quando isso ocorre, toda a ajuda recebida e todo aprendizado que lhe for dado certamente não servil de nada, pois essa pessoa não estava ali pela religião nem pela fé. Simplesmente estava à procura de alegorias para esconder suas próprias imperfeições.

Por que que esse tipo de situação infelizmente ainda ocorre dentro dos terreiros de Umbanda? Acontece devido à futilidade com que certos sacerdotes tratam a Umbanda sagrada e a maneira desonrosa apresenta para a sociedade nossos

fundamentos, em que tudo é permitido e a banalização da fé vem antes dos comprometimentos.

Também acontece, pois, muitos veem a Umbanda com um ponto de poder e de degrau para tentar ser aquilo que nas suas mentes perturbadas criam para suas vidas. Chegando em uma casa, seria certamente suas atitudes serão repreendidas e não satisfeitos acabam por sair. Mas certamente depois de causar bastante incômodo, pois se a casa for séria de verdade sempre vai dar diversas oportunidades para a pessoa crescer e reconhecer que precisa de mais esforços para mudar suas vibrações.

Mas nem sempre a pessoa está pronta para esse entendimento que precisa vir do seu interior e verdadeiramente encontrar na Umbanda ou em outra crença qualquer um propósito de vida que não seja egocêntrico e nem vulgar.

Como diz uma velha máxima do Caboclo de Umbanda:. “uns virão pelo amor e outros pela dor”. Certamente esse tipo de pessoas vai perambular por muitos terreiros, repetir os mesmos erros e sofrer bastante nessa caminhada terrena. Mas um bom sacerdote não tem quer dar o que o médium pede, mas sim o que ele precisa. Se não for entendido e compreendido dessa forma, aquele médium ainda não está pronto para se vestir com o branco libertador da Umbanda.

Só nos tornamos médiuns de umbanda de verdade quando nos despimos das grossas roupagens dos de conhecimentos e nós entregamos ao refazer sadio de nossas almas. Alimentando nossa mente com o bálsamo da responsabilidade e do amadurecimento de nossa fé.

“A umbanda precisa ser entendida. Se não seremos apenas robôs vestidos de branco.”

Gildener Sousa

Capítulo XLIX

A Umbanda: da aurora ao crepúsculo

Quando nos tornamos ou optamos por seguir a crença de Umbanda, muitas das vezes não temos a mínima noção do que significa essa decisão. Às vezes não conseguimos mensurar a grandiosidade dessa decisão. Mesmo que você entre na umbanda pelo amor ou pela dor, ser ou se tornar umbandista é como você renascer para uma nova vida.

Quando conotamos o nome do título deste capítulo é uma mera referência à parábola para chamar atenção dos leitores sobre o início, desde o nascimento de um umbandista até os seus diversos fins.

Isso mesmo, diversos fins. Só sabemos de verdade como iniciamos nossa caminhada na Umbanda, porque como se finda existem vários cenários e tudo vai depender de como nos comportamos dentro dessa crença. E isso ocorre devido à Umbanda ser uma religião que vai completamente contra as pregações das demais religiões que conhecemos.

Enquanto as religiões te entregam tudo bem mastigado a sua doutrina, acabam ou te obrigam a seguir uma cartilha ou caminhar conforme os dogmas sugeridos pelas crenças como a única verdade a levar os fiéis para a salvação, a Umbanda apenas lapida sua alma para que você entre em contato com suas próprias virtudes e declínios e te auxilia a buscar te mostra o caminho para que você mesmo possa se encontrar com sua própria evolução e não com sua salvação.

Sem dúvida alguma se tornar umbandista verdadeiramente é uma oportunidade de renascer para uma nova visão de vida. É como se uma nova aurora brilhasse na sua vida, pois, além de nos permitir a mudança de pensamento, é a mais fantástica oportunidade de nos reencontrar com a nossa própria ancestralidade.

Como já foi bem explicado em capítulos anteriores, a Umbanda é uma religião que preza e zela pelo amadurecimento de seus seguidores com suas próprias experiências e vivências da pessoa dentro da fé, pois os fundamentos dessa religião prezam pelo amadurecimento do indivíduo e não por seguir cegamente os dogmas e liturgias que pregam acima de tudo os deuses do dinheiro.

Quando se diz desde a aurora, estou me referindo ao início dessa nova jornada que acabou de iniciar, pois decidir caminhar por essa jornada é um desafio libertador. Na contramão das religiões convencionais, na Umbanda você não é enganado por promessas de milagres e você pode comprar com dízimos ou com campanhas de arrecadação financeira para de barganha você ganhar a redenção de seus pecados.

A Umbanda não tem a crença do pecado e nem da salvação eterna, seguindo uma que supostamente tem o poder de Deus na Terra. A crenças de um inferno, onde e de um onde seletivamente Deus irá depositar as almas de acordo com suas ações, e de um ser demoníaco que é portador de todo o mal do qual conhecemos na Terra, também não são crenças da Umbanda.

A libertação da religião de Umbanda vem a partir do descobrimento de suas próprias limitações, nas quebras de conceitos viciosos do qual você sempre se isenta das responsabilidades e adiciona ao demônio ou outras entidades qualquer.

Você verá nas liturgias d Umbanda que você é o único responsável pelos desequilíbrios que passa e pelos problemas que enfrenta durante a vida.

Cada um enfrenta de maneira única as revelações de si mesmo que a Umbanda lhe oferece e lhe propõe a vivenciar, visto que, de acordo com o enfrentamento dessas descobertas, pode de alguma forma te impactar diretamente no seu futuro dentro da Umbanda.

Quando falamos até o seu crepúsculo, significa que, se você não encarar com maturidade e com responsabilidades sua parte mediúnica, poderá encontrar sérios problemas na caminhada espiritual.

Quando se vem de outras crenças para dentro da Umbanda, você sempre traz consigo aqueles vícios e tabus presos na sua personalidade e se libertar dessas amarras requer um trabalho muito bem-organizado e muita dedicação para que o véu das barganhas seja desfeito.

É muito cômodo às vezes, por mais que eu não acredite nos fundamentos religiosos, do jeito que estou levando minha vida espiritual, mas o comodismo e facilidade de transferir as minhas responsabilidades para entidades de religiões. Me cativa e me mantém refém do sistema religioso.

Se observássemos aqueles que vêm e voltam da Umbanda por não se adequarem às normativas da religião, normativas da umbanda, pois geralmente estão acostumados que, ; se as coisas vão bem, é presente de Deus, se as coisas vão mal, é interferência do demônio e seus militantes. E tudo vai se desenrolando sem esforços e sem modificar sua postura e seus pensamentos, ainda vivem carregado de ego, de preconceito e de julgo.

A Umbanda não é portal de milagres, para você ser realmente recompensado devidamente de acordo com a espiritualidade superior, só depende de cada um

de nós, pois se são nossos comportamentos e mudanças nos nossos posicionamentos e atitudes dentro da ritualística assim como as nossas vibrações energéticas referente a tudo que nos cerca, nada mudará em nós. Se não começarmos a mudar internamente.

A Umbanda nos oportuniza a clarear nossa visão referente à espiritualidade e à questão de que somente tomando posse de nossa responsabilidade e abrindo o coração para a experiência da caridade e humildade que conseguiremos verdadeiramente sentir e viver a Umbanda de verdade.

Da aurora ao crepúsculo é justamente esse descompasso de entendimento em querer sempre colocar a culpa em algum ou em alguma situação no intuito de sempre nos esquivar da responsabilidade.

Dentro da liturgia de Umbanda podemos observar que se você chega com esse tipo de pensamentos, podemos demorar e às vezes relutar em aceitar a mudança. Mas se você decide encarar com determinação e aceita a quebrar esses paradigmas sociais e ilusórios a respeito da fé, sua vida começar a fazer sentido e você começa a despertar para um novo olhar para dentro de você mesmo.

Você verás que nunca foi demônio nem Deus, apenas suas próprias escolhas e suas afinidades energéticas que lhe conduziram a caminhos de tempestades, pois a lei do livre arbítrio nos mostra justamente isso. Somos aquilo que sentimos, pois o que está dentro de mim também está fora manifestado.

Vamos da aurora ao crepúsculo quando deixamos a maravilha das leis da Umbanda escorregar entre os dedos, por causa do vício das desculpar do vitimismo. Vamos da aurora ao crepúsculo quando preferimos nos impregnar nos açudes das lamentações a ao invés de se lavar nos oceanos das descobertas.

Claro que se entregar a uma vida umbandista não é fácil, como já citado acima. Mas quais seriam as vantagens de viver uma vida religiosa baseada na hipocrisia e no fanatismo de crença?. Sabendo que isso inclinará sua alma aos recôncavos mais sombrios das zonas de tormenta do baixo astral. Que positividade achas que encontrará quando se ajoelha diante do sagrado, mas seu coração e mente estão em falhas ou em pecados?.

Qual seria a quietude que tem ao deitar-se no seu leito à noite sabendo que em vez ao invés de ajudar e estender a mão, você é omisso com seu semelhante?

A nossa amada Umbanda vem com uma nova proposta religiosa, na qual a fé, a experiência e o contato direto com as forças naturais permitem- nos tocar de uma maneira sem igual, o que rasga definitivamente o véu que borra com o medo as nossas particularidades espirituais.

Mas somos seres dotados de raciocínio e que podemos escolher como lidar com essas descobertas, se for chegada a hora e meu espírito esteja pronto para receber o bálsamo da transformação ou se ainda viveremos em redoma de ilusões.

Se nos permitirmos sentir as ondas vibracionais que são geradas pelas egrégoras e expandidas nas casas de Umbanda que conduz a um trabalho realmente sério e baseado nas disciplinas e saber das entidades de luz, podemos destravar essa porta que outrora estava fechada para o conhecer de cada um de nós mesmos, pois somos a chave que abre as portas das passagens entre os mundos e entre o conhecido e o desconhecido.

Na verdade, a vida de um terreiro de Umbanda se torna um eterno vai e vem de auroras e crepúsculos constante, pois sempre que alguém decide por finalizar sua

passagem de maneira equivocada, outros decidem por experimentar as maravilhas que a religião pode te oferecer no campo da mediunidade.

É lamentável às vezes quando se perde alguém para o lado profano da vida. Mas também sabemos que cada ser carrega em sie mesmos essa própria responsabilidade e que ficamos na certeza de que as portas de uma casa de Umbanda nunca se fecham.

“Posso eu nascer e morrer sem ter vivido em plenitude.”

Gildener Sousa

Capítulo L

A ressonância do sagrado

Um terreiro ou uma casa de Umbanda está muito além de tudo que podemos ver com o olhar físico, na verdade uma grande parte de uma casa de santo séria não se pode ser visto com o olhar da ignorância e nem com um olhar comum, digamos assim.

Quando você adentra a um recinto de Umbanda, você se depara com imagens, fotos, velas e diversos elementos do dia a dia de nós, brasileiros, pois o terreiro tende a representar fisicamente a cultura local que onde ele está inserido na sociedade.

Além de uma casa religiosa, um terreiro também é uma valiosa ferramenta de guardar e proteger a cultura local e brasileira, pois se trata de se apossar dos costumes e das mais variadas culturas e aspectos religiosos para se fundamentar como tal.

Entre tanto existem também um outro terreiro que só pode ser visto por aqueles iniciados na ordem religiosa, aquele terreiro que às vezes nem quem já o frequenta há muito tempo não é capaz de ver, pois muitos apenas estão dentro do templo a muito tempo, mas não fazem parte dele verdadeiramente.

Como venho citando aos longos dos capítulos anteriores, a Umbanda é dual, assim como as coisas que conhecemos. Então que terreiro será este que poucos

veem?

O terreiro que verdadeiramente é visto por poucos é aquele que chamamos de sagrado. É aquele que reside pelo lado de dentro de cada um de nós. É a ressonância dessa cadeia energética que vibra em ondas mais sutis, que só quem vibram nessa mesma frequência consegue se conectar.

Em praticamente todos os capítulos desta obra chamei a atenção para a necessidade e a importância dos estudos e do conhecimento das particularidades da religião. A importância de saber como as conexões com os guias espirituais são feitas, a necessidade de saber como se processam as intenções, as oferendas, as chamas de uma vela, as ondas causadas pelos banhos de descarrego. A importância e como se faz o processo da meditação, a defumação com as ervas de poder, as separações de ervas quentes e frias. A clareza de entendimento sobre um passe de folhas sagradas ou um passe com as mãos e um passe com uma entidade incorporada. Além de inúmeras outras formas de atuação diária dentro de um terreiro.

Somente a partir de um empenho e de um estudo muito bem edificados seremos capazes de entender e compreender essas e outras muitas maneiras de a Umbanda se apresentar para nós.

Além dessas formas, existem muitas outras oportunidades dentro de um terreiro que podemos ver e sentir este outro terreiro se manifestar dentro de uma casa de oração. Nos atentaremos aqui para alguns mais conhecidos e que nem sempre a gente conseguimos perceber.

Mas antes de adentrar, vamos esclarecer, por que nem todos conseguem ver ou sentir esse terreiro oculto.? É um privilégio para poucos? Ou é apenas para os escolhidos?

Nem uma coisa nem outra. Esse terreiro a que me refiro só podem ser vistos por aqueles que verdadeiramente emanam energias benéficas e vibram com as frequências sutis da caridade e da bondade.

É visto por aqueles que vêm para o terreiro para praticar a caridade, para se doar e aprender com um olhar sem julgar e sem disseminar o ego nem o sentimento de superioridade.

Esse terreiro a que me refiro é o desdobramento do que vemos no plano físico. Na física quântica e ordens iniciáticas como o hermetismo chamamos de ressonância energética, em que. Onde as ondas pulsam com maior intensidade das quais elas são geradas, pois como já foi mencionado em partes anteriores deste mesmo livro, nós médiuns só conseguimos nos conectar e nos relacionar com as vibrações que nos são inerentes às nossas.

Quando você é um médium que vai para o terreiro obrigado ou sem querer, se você vai para o terreiro apenas para marcar presença e fica de olho nos irmãos, observando as roupas e comparando com as suas. Se você fica com tititi com os demais irmãos, se você fica torcendo o nariz para algum desafeto dentro do terreiro, ou se você fica em pensamentos vibrando negativamente contra o seu irmão ou contra o seu sacerdote, você não está ali pela fé. E certo de que a fé não está sendo manifestada por você. É claro você jamais verá esse terreiro ado qual eu me refiro.

Agora se você vai para o seu terreiro com o coração aberto, com a alma limpa e disposto a prestar a caridade sem olhar a quem, esse terreiro fica bem escancarado para você, pois as boas vibrações se familiarizam umas com as outras e essa ressonância se dá de forma natural.

Todo centro, terreiro, casa ou tenda de Umbanda é composto por um altar sagrado devida demente sacralizado e harmonizado físico e espiritualmente, o que no linguajar umbandista chamamos de gongá, que se refere a parte mais sacralizada do altar, Ali onde todos fazem um dos rituais mais importante da religião, o chamado bater a cabeça. Bater a cabeça é abaixar o seu ori, ou sua cabeça, para reverenciar sua ancestralidade que está ali representada pelos orixás do terreiro.

Este ato de bater a cabeça com o sentimento de humildade e amor gera uma cadeia de ondas elétricas magnéticas que se une as ondas do ponto central do altar, que acaba por gerar uma ressonância tão intensa que o médium pode sentir em todo corpo formigar e uma onda de harmonia, paz e fé invade seu corpo e sua alma. Não é uma obrigação, mas uma satisfação bater a cabeça e sentir os dois planos se tocarem em tamanha perfeição e harmonia.

Esse ato, de bater a cabeça, quando é feito com o coração aberto para espiritualidade, digo com o coração, por que esse é o órgão central da distribuição e geração de energias do nosso corpo, quando esse ato é realizado com o coração e o sentimento de positividade e de satisfação perante a espiritualidade, entramos em contato verdadeiramente com nossa espiritualidade. Essa onda de energia gerada é quintenciada, ou seja, adquire cinco vezes mais forças de intenção e impulso.

E dessa forma o médium entra em um estado de êxtase e sua capacidade mediúnica se aflora e claro ele dessa forma o médium consegue entrar em contato com o as zonas mais sutis e pode ser passivo de presenciar formar energéticas que os demais que estão ali pela metade não consegue perceber. Para uns é uma verdadeira experiência espiritualmente falando, para outros é apenas uma obrigação de terreiro.

Entre os vários pontos de ressonância magnéticas dentro do terreiro, um outro que nos chama muito a atenção e pode comprovar o que citamos acima é o ponto

vibracional gerado pelos tambores. A chamada Curimba de terreiro, nada mais é que os Ogãs ou tocadores de atabaques. Esses tambores devidamente sacralizados e devidamente preparados e tocados por médiuns de responsabilidade e comprometimento com a cauda da umbanda geram uma egrégora ímpar.

Uma energia tão forte que é capaz de mudar a nossa faixa vibracional e nos levar ao estado alpha da nossa consciência. O que seria esse estado alpha?. Todos nós somos movidos pelas energias do todo. Estamos vivemos conscientemente em cinco zonas de frequências básicas.

A beta, que é o nosso estado normal, quando estamos vivendo e fazendo nossas atividades cotidianas. estamos vibrando em uma frequência beta, ou seja, a frequência dita normal para todos nós.

Já o estado de consciência chamado gamma se dá quando nós aceleramos de mais, são aqueles momentos de pânicos ou êxtase que passamos temporalmente. Aí nossa mente vibra cinco vezes mais, os chamados estados de adrenalinas.

Quando nos conectamos com a espiritualidade no processo de relaxamento ou de harmonização espiritual, nossa mente vibra no estado alpha, esse estado permite um afrouxamento dos nossos sensores espirituais que permite a conexão com as entidades. E quando o atabaque toca em um ritmo harmônico, gera ali uma cadeias de ondas que vai se intensificando e se expandindo por todo o ambiente, permitindo que nossa mente se conecta a essa onda de energias e harmoniosamente vai nos manter em uma onda de consciência beta para uma onda alpha, permitindo então a chamado incorporação ou nos deixando em um estado relaxado que nos permitem a assimilar ainda mais as energias do terreiro, fazendo que os médiuns que estejam ali vibrando positivamente comecem a ter as percepções espirituais, as tais vidências, quando se pode de alguma forma ver o plano espiritual e as formações geométricas das ondas e das leis sutis.

Além desses três estados vibracionais da consciência, nossa mente trabalha com o estado de frequência theta, quando você mergulha em um estado de meditação profundo alcançada basicamente pelos monges e por seres de uma vibração muito sutil. Além de uma outra vibração chamada delta, que é o estágio mais sutil do qual podemos alcançar, sendo de raras as ocasiões que isso venha a acontecer pelo estado de aceleração que vivemos na atualidade.

Então o ponto de força gerado pelos tambores podem e nos fazem nos conectar mais facilmente com as energias e espirituais, claro se estivermos vibrando no mesmo compasso que a proposta da Umbanda.

É certo que toda vez que tocamos o tambor em uma casa espiritualista as intenções ali mencionadas e intuídas fazem com quer se abram esses portais energéticos. Agora se quem está tocando não estiver ali de coração aberto com boas vibrações, a mentalização da sua mente irá captar vibrações de teor negativo a partir do plano mental inferior, e vai ser captado pela egrégora do tambor e irá ser espalhada em todo o terreiro, fazendo a chamada quebra de corrente.

Em vez de algo positivo e harmônico a partir dos pensamentos e mentalizações densas de quem está a tocar, pode então se estabelecer conexões com o baixo astral, fazendo com que a gira ou o trabalho ali proposto se quebre e se torne um caos total.

Como se dá uma egrégora de teor denso no tambor de uma casa de axé? Devido ao tipo de emoção e sentimentos que o médium que toca o tambor esteja emanando, se ele estiver com o coração entediado e estar ali somente por obrigação, entre outras causas, como relacionamentos dentro do mesmo grupo mediúnico, pois muitas vezes o ciúme acaba por desequilibrar aquelas pessoas, fazendo com quer a vibração gerada pelo tambor seja de teor negativo. Fazendo

assim a gira quebrar os demais médiuns, não conseguindo alterar o seu estado de consciência, causando assim muitos problemas para aquele grupo de fé.

Existem muitos outros portais de ressonância dentro do terreiro. Por exemplo: a chamada firmeza, ou firmeza de corrente. São aqueles médiuns que trabalham na harmonização do trabalho e do ambiente físico. O que ocorre é que os médiuns começam a se concentrar e emanar boas vibrações de ajuda coletiva. Essas consciências se unem em uma grande onda de energias que vai se estabelecendo dentro do terreiro possibilitando que os médiuns que estão incorporados fiquem mais firmados e segurando porque também sentem essas harmonizações.

À medida que os médiuns da firmeza se concentram, vão conseguindo atingir o estado alpha de consciência e essa ressonância assegura toda a firmeza do trabalho.

Mas também ocorre o mesmo caso do tambor, se aqueles médiuns da corrente de firmeza estiverem em desarmonia com a essência da Umbanda, a ressonância será reversa e os frutos serão devastadores naquele trabalho.

Entre todos esses citados ainda têm muitos outros pontos de forças, como a casa de truqueira, o cruzeiro das almas e os assentamentos de firmeza da casa., entre muitos outros.

Mas ficaremos apenas com esses, pois já dá a ideia do pensar e do agir sempre quando formos adentrar a uma casa de Umbanda.

Precisamos ter em mente a importância das energias que nos cercam e das quais geramos o tempo todo, pois somos regidos pelas leis do magnetismo, da atração

e da ressonância e precisamos ter em mente que somos faróis energéticos e que são de inteira responsabilidades nossas as consequências a partir delas geradas em nós. Isso se dá devido à lei do retorno e do livre arbítrio.

A partir do instante em que nos comprometemos com a fé de Umbanda, somos parte desse universo tão vasto e tão rico.

Como o próprio nome já diz Universo, uno e seus vários versos, um de todos os versos, o Universo. E assim como somos parte dele ao mesmo tempo somos o próprio. E dessa forma, com um olhar mais apurado dessa premissa, conseguimos diagnosticar um paradoxo com infinitas possibilidades.

Sendo médium de tambor, sendo da firmeza ou da incorporação, ou sendo de qualquer outra função dentro do terreiro, temos que prestar atenção e nos vigiar em pensamentos e vibrações o tempo todo, pois a Umbanda se faz na sua sutileza e na sua prática. Todo médium é uma parte da própria Umbanda e vice-versa.

Qual tipo de médium é você? É aquele que vê e sente apenas o cheiro do incenso e cloro que limpa o chão, apenas vê a edificação estrutural física do terreiro?. Ou você é aquele que vê e sente além do véu físico e além da prisão de seus próprios pensamentos.

Fica essa indagação a todos.

“Somos dois o tempo todo, mas o tempo todo somos apenas um.”

Gildener Sousa

Capítulo LI

Umbanda e a linha do tempo

Já se passaram mais de um século desde que a manifestação do Caboclo Sete Encruzilhada se manifestou no médium Zélio F. de Morais e se iniciou a Umbanda com os moldes como a conhecemos na atualidade.

Desde então foram profundas as transformações que a religião teve que passar e se adequar para se sustentar como uma religião genuinamente brasileira. Foram e ainda são tempos difíceis que a Umbanda enfrenta para se manter como tal.

Porém o tempo é uma chama que nos convida à mudança e à contemplação da vida nas suas mais diversas manifestações. O tempo é linear na visão em 3D na dimensão em que vivemos como encarnados. Então nesse sentido imaginemos uma forma piramidal para se apresentar a caminhada do tempo em relação à evolução das coisas assim como de nós mesmos.

Sem dúvida alguma a Umbanda é uma religião ímpar, que vai contra todos os moldes dogmáticos que nos têm sido apresentados por religiões mais diversas no decorrer da história, pois ela vai contra as aspirações de pensar de algum para que essa ideia seja aceita por todos e disseminada como uma regra obrigatória.

Pelo contrário, ela nos ensina com amor, respeito e liberdade a sermos pensadores de nossa própria caminhada religiosa e sermos donos dos nossos próprios pensamentos e manifestações de valores no meio em que estamos

inseridos.

Quando que o tempo é linear, ou seja, vemos o tempo em três dimensões, significar que o nosso tempo passa baseado na nossa frequência psíquica de passado, presente e futuro. E desse modo podemos levar esse pensamento para o caminhar da Umbanda.

A umbanda de 100 anos atrás não é e não poderia ser a Umbanda de hoje, pois a mudança é um pilar eterno da nossa crença. A Umbanda é uma religião que ainda está em construção, ainda estamos buscando e essa busca seguirá por muito tempo, já que ela não pode parar, sempre estará se refazendo e se modificando justamente para conseguir acolher a todos nas suas mais diversas condições e limitações.

A chave que faz com a Umbanda se torne uma religião completamente distinta das demais é essa capacidade de se refazer, de ser flexiva e não permanecer estática perante o tempo.

Quando você chega em terreiro de Umbanda, você perceberá que ela não vai te obrigar a ser outra pessoa, ela não te dá uma cartilha com normas e regras das quais você precisará seguir à risca.

Ela vai apenas de mostrar a espiritualidade como ela realmente é. Vai apenas apontar a direção lhe mostrar o caminho, mas caminhar é a escolha de cada um.

Na Umbanda você irá perceber que todo dia você conhecerá uma religião diferente, pois nos seus ricos universos de possibilidades juntamente ao nosso universo particular seremos capazes de conquistar, de conhecer e se refazer em

cada novo dia, pois teremos a oportunidade a partir das experiências e vivências de sermos novos a cada novo dia.

Aquele umbandista que ficava preso ao passado, seguindo normas e trabalhos de acordo com o que o seu bisavô fazia, certamente deixou de conhecer uma parte importante da religião, a parte da qual a Umbanda nunca estagnou e nem criou raízes em cima de dogmas e rituais imutáveis. Pelo contrário ela se descobre nova a cada dia. Ela se refaz a cada novo membro que chega.

E essa é justamente o fantástico da religião, não viver atrelado ao passado e nem ritos que foram necessários e precisos para aquele tempo, hoje a Umbanda vive com as condições do tempo novo, com as novas ferramentas que estão à disposição de cada um de acordo com a condição social e em que ela está inserida.

Quando você vê um sacerdote afirmar que ainda faz a Umbanda do mesmo jeito que aprendeu há cinquenta anos, que essa é a Umbanda certa, que não pode mudar, que isso é coisa ou invenção dos novos adeptos da religião, é porque esse sacerdote ficou estacionado no tempo. E não consegue ver a Umbanda com o olhar umbandista do qual ela precisa ser observada.

Quando essa questão acontece é porque certamente esse sacerdote vive a Umbanda, mas não conseguiu se desvincular de outras crenças que outrora praticava ou foi moldado socialmente. E não teve ou não quis ver que a Umbanda é justamente essa oportunidade de quebrar esse véu social imposto a contragosto na nossa vida devido a todo o sistema social em que vivemos.

Quando se observa a linha do tempo das religiões convencionais, podemos observar que seus fiéis são obrigados a viver uma crença forjada no tempo em que seus antepassados viviam conforme as limitações da época e as más

condições sociais daquele tempo.

Você pode observar uma grande falta de estímulo de certas crenças, nos obrigando a ver uma religião com os olhos do passado. Presos a dogmas e rituais completamente desacreditados pelos tempos modernos, mas devido à crença do medo e do pecado se veem obrigados a comungar devido ao comodismo mental. Ou seja, você permite que outras pessoas tomem a decisão por você. Você vive a partir de outro pensamento. E assim você vai se acostumando a receber e cumprir o que lhe dizem como certo.

É justamente nessa questão que mora todo o desconhecimento em relação à nossa crença. A Umbanda faz com que percebemos a dualidade da vida, pois somos guiados por ondas de frequências energéticas e trilhamos o caminho da dualidade e da mentalização, pois tudo gira em torno do nosso mental.

A nova sociedade em que vivemos nos coloca diariamente de frente com as novas tecnologias e com o tempo completamente diferente de quando a Umbanda foi iniciada há mais de cem anos.

A busca da Umbanda para seus fiéis é justamente nos levar ao encontro de nossos próprios universos de possibilidades. Ela nos conecta com as mais diversas realidades às quais podemos ter acesso.

A linha do tempo nos obriga a se transformar diversas vezes de acordo com a necessidade de que a vida nos apresenta. E como falamos em religião ou espiritualidade precisamos ter noção de duas coisas. Primeiro que a religião é diferente do que a espiritualidade. Segundo que a religião é criação humana que pertence a este plano e que a espiritualidade vem do todo para o todo. E todos nós pertencemos aos o todo com cocriadores do todo.

As religiões, em princípio, deveriam ser fontes de espiritualidade. Em geral, elas se apresentam como catálogos de regras, crenças e proibições, enquanto a espiritualidade é livre e criativa. Na religião, predomina a voz exterior, da autoridade religiosa. Na espiritualidade, a voz interior, o toque divino.

A religião é instituição; a espiritualidade, vivência. Na religião há disputa de poder, hierarquia, excomunhões, acusações de heresia. Na espiritualidade predominam a disposição de serviço, a tolerância para com a crença ou a descrença alheia, a sabedoria de não transformar o diferente em divergente.

A religião culpabiliza; a espiritualidade induz a aprender com o erro. A religião ameaça; a espiritualidade encoraja. A religião reforça o medo; a espiritualidade, a confiança. A religião traz respostas; a espiritualidade, perguntas. Religiões são causas de divisões e guerras; espiritualidades, de aproximação e respeito.

Na religião se crê; na espiritualidade se vivencia. A religião nutre o ego, uma se considera melhor que a outra. A espiritualidade transcende o ego e valoriza todas as religiões que promovem a vida e o bem. A religião provoca devoção; a espiritualidade, meditação. A religião promete a vida eterna; a espiritualidade a antecipa. Na religião, Deus, por vezes, é um conceito; na espiritualidade, experiência inefável.

Há fiéis que fazem de sua religião um fim. Ora, toda religião, como sugere a etimologia da palavra religar, é um meio de amar o próximo, a natureza e a Deus. Uma religião que não suscita amorosidade, compaixão, cuidado do meio ambiente e alegria serve para ser lançada ao fogo.

Há que se cuidar para não jogar fora a criança com a água da bacia. O desafio é

reduzir a distância entre religião e espiritualidade. E não abraçar uma religião vazia de espiritualidade nem uma espiritualidade solipsista, indiferente às religiões.

Há que fazer das religiões fontes de espiritualidade, amor e justiça. Jesus é exemplo de quem rompeu com a religião esclerosada de seu tempo e vivenciou e anunciou uma nova espiritualidade, alimentada na vida comunitária, centrada na atitude amorosa, na intimidade com Deus, na justiça aos pobres, no perdão.

Como bem salientado anteriormente, toda religião deveria, além de religar o homem ao sagrado, tinha por ordem maior promover a espiritualidade, pois ser um ser espiritualizado necessita despir das grosseiras roupagens quem impede o ser de experimentar e vivenciar uma religião com o foco mais libertador.

Quando você conhece verdadeiramente a Umbanda, verás que ela veio para quebrar os paradigmas e crenças de uma fé limitante, que ofusca a capacidade criativa e que deixa o ser cada vez mais longe da espiritualidade.

Buscar uma compreensão mental da fé, nos permite uma interação e uma participação legítima com as coroações do todo mental.

Por um lado, a Umbanda nos conduz a vivenciar uma experiência fantástica dentro do nosso próprio universo e por outro nos leva a conhecer uma realidade espiritual que as crenças limitantes não conseguem nos proporcionar.

Porém não devemos confundir a liberdade que a Umbanda nos oferece com falta de responsabilidade com as liturgias assertivas dos fundamentos próprios da religião. Não devemos sair criando maneiras e formas que acabam por distanciar ainda mais a religião da espiritualidade.

Observar o tempo e de como ele pode nos mudar e como ser diferentes a cada instante ou em cada situação é coisa fundamental, para quem se diz umbandista verdadeiramente.

No início, da Umbanda com a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, a Umbanda formava ali seu alicerce fundamental. Hoje no nosso tempo e neste tempo completamente diferente do início, nos cabe agora formar digamos assim o telhado da nossa Umbanda, pois a fundação já foi muito bem alicerçada. Não é tarefa nossa refazer, mas sim continuar esse legado tão importante.

Quando afirmar e se negar a ver a o quanto a religião tem mudado com o passar do tempo, significa que você estacionou e não conseguiu reparar no tempo essas mudanças de grande impacto na nossa amada Umbanda.

Zélio, com o Caboclo das Sete Encruzilhadas, deixou a base da religião bem sustentada e pronta para continuarmos essa construção. É tempo de fazer a cobertura de tampar todas as goteiras e consolidar a verdadeira essência da Umbanda. E somente com a dedicação e o comprometimento nos estudos da doutrina, seremos capazes de finalizar com maestria esse acabamento tão necessário para nossa crença.

“O tempo de ontem é o mesmo de hoje e será também o mesmo de amanhã. Porém nós éramos um ontem, somos outro hoje e amanhã seremos outro completamente diferente.”

Gildener Sousa

Capítulo LII

Quando a fonte seca

Falar de Umbanda é coisa séria para gente séria, já dizia o Caboclo das Sete Encruzilhadas. No meu ponto de vista, na condição de sacerdote de Umbanda sagrada, vejo como uma obrigação e uma imensa satisfação poder falar sobre essa religião tão rica e libertadora.

Na minha vinha vida sacerdotal, e acredito que na vida de praticamente todos os pais e mães de santo, claro que me refiro aos pais e mães de verdade e não aqueles que prestam um desserviço à nossa crença mas me refiro aqueles que verdadeiramente veste a camisa e carrega nos ombros o peso da responsabilidade e da dignidade perante a espiritualidade que nos acompanha sempre. Creio que quase todos já se depararam com o assunto abordado neste capítulo.

Em primeiro lugar queiro dizer que ser pai de santo não basta apenas querer, por necessidades sociais e ou por alguém achar que é um status, para se tornar um sacerdote de verdade, você precisa acima de tudo ouvir o chamado da espiritualidade. É preciso ouvir com atenção a mensagem da sua ancestralidade.

Para se tornar um sacerdote, é preciso estar preparado para abdicar de muitas coisas, é preciso se acostumar a viver a maior parte do tempo recluso, cuidando da vida dos outros no físico e social, assim como no espiritual.

Para se tornar um sacerdote, é você precisa aprender a ler seus filhos nos

menores que sejam os detalhes. E posso te garantir que um pai de santo de verdade consegue saber exatamente o que os seus filhos estão sentindo, pela resposta direcionada a ele, pelo comentário nas redes sociais, pelas energias emendas do seu filho, inclusive até pelas mensagens de WhatsApp. Além é claro de várias outras maneiras que um sacerdote recorre quando precisa.

O pai conhece seus filhos em todos os sentidos, uma das coisas que na maioria dos filhos de santo não sabe ou nem sequer leva em consideração. É a questão de quer quando você adentra em uma corrente mediúnica em uma casa de Umbanda, você entrega seu Ori, ou seja, sua cabeça espiritual para que aquele pai possa zelar a partir de então.

Porém a Umbanda é uma religião diferenciada das demais, pois você se adentra nela por amor, por curiosidade ou pela dor. Quando isso acontece é sempre um alívio, você é bem recebido e sempre tratado com cuidado. Suas dores começam a desaparecer. Suas angústias cessam e você começa a lidar e em pouco tempo a felicidade e a compreensão chegam naturalmente.

Em pouco tempo você, de visitante, começa a ser um membro ativo da corrente mediúnica, as giras, os estudos, as doutrinas e demais participações em atividades da casa. Quando você se torna um filho, por mais que você às vezes não veja ao pensar assim, você se torna alguém da família, em todos os sentidos, pois a Umbanda é uma grande família.

Com o passar do tempo é que as coisas vão mudando e pegando um caminho. E muitas das vezes um caminho completamente sem volta. O filho toma certas atitudes que o mais prejudicado será ele mesmo. Como isso pode vir a acontecer com um ou uma filha dentro de um terreiro de Umbanda?

A Umbanda sem dúvida é uma fonte cristalina de conhecimento e de amor-

próprio e amor incondicional ao nosso semelhante. Uma de espiritualização, uma fonte de paz e autodescobrimento pessoal e espiritual. A liturgia de Umbanda vem sempre com o propósito de liberdade, caridade e merecimento.

Entretanto toda fonte necessita de cuidados, de zelo e acima de tudo de amor. Quando você chega a participar do corpo ativo dessa fonte com médium de trabalho, quando você participa das decisões da casa, quando chega a adquirir um cargo e essa hierarquia lhe dá uma visão privilegiada diante dos demais irmãos da corrente, é exatamente aí que mora o perigo, pois antes o médium era humilde, caridoso e atencioso. E agora o tempo fica curto para as coisas do terreiro.

Até seu comportamento começar a mudar, com as suas obrigações, porque se você tem cargo dentro da Umbanda, ele vem acompanhado com responsabilidades e comprometimentos. Então suas funções começam a ficar de lado. O tratamento com seus irmãos começa a mudar. Até a forma que você se dirige ao seu sacerdote também muda.

Seu olhar começa ser de julgo, de falta de respeito e de ingratidão por tudo que você já adquiriu. E aquela fonte saudável de alimento cristalino agora lhe parece turva e sem sabor algum.

Qual será o motivo que levou às vezes um médium de tamanha responsabilidade a passar agora o tempo a tramar contra seu próprio terreiro, seu pai de santo ou seus irmãos em um panorama geral? Têm vários motivos. Me atentarei aqui apenas em alguns.

Um dos motivos que leva o médium a parar de fazer a manutenção da sua fonte de equilíbrio e fé na Umbanda é o ego. Quando tudo estiver a seu favor, está tudo bem. Quando consegui aquele emprego, quando consegui estabilizar a vida

financeira, está tudo bem, quando volta com o namorado ou namorada, está tudo certo.

Quando está tudo bem, está tudo indo tão bem que esse médium agora nem temais tempo de ajudar o terreiro. Nem vai nas limpezas, porque não tem mais horário. Não ajuda na mensalidade obrigatória para permanência do terreiro porque o dinheiro está pouco, porque achou que agora pode fazer dívidas a perder de vista.

Às vezes fica tão eufórico que nem nos estudos aparece mais, acho que já sabe tudo. E às vezes quando vai, não prestar atenção. Tem que sair mais cedo, pois tem compromisso. Até nas giras ele se desespera e acaba por não ir e quando vai pedir para sair mais cedo, pois tem um encontro. Tem uma festinha para ir. E nem agradece a espiritualidade por tudo. A soberba é tanta que a gratidão que esse médium tanto falava parece agora não ser mais de seu conhecimento.

Um outro grande motivo de essa fonte começar a secar para muitos médiuns é o relacionamento amoroso entre irmãos de uma casa. Deixo aqui bem claro que não é proibido. Mas se acontecer é preciso de atenção redobrada para não cair nas armadilhas que um relacionamento pode trazer dentro de um terreiro. Ou seja, precisa de maturidade e saber separar as duas coisas.

Um relacionamento pode colocar tudo que você conquistou a perder. Claro se for conduzido com irresponsabilidades. No caso de um médium que já tenha um cargo ou uma obrigação, seria e fundamental dentro do terreiro essa responsabilidade dobrar de tamanho, pois ele precisa conduzir seu relacionamento, que já não deveria acontecer, pois. Pois se você tem um cargo, esse mesmo lhe dá um status de doutrina. E não é muito cômodo você doutrinar seus parceiros de cama.

E se você não tomar cuidado cai justamente no pior dos problemas possíveis, que é. Deixar que esse parceiro interfira nas suas funções e sua relação com o terreiro e com seus irmãos pois na maioria das vezes esse parceiro ou até mesmo você tem aqueles desafetos dentro do terreiro, aqueles irmãos que você não tem muita intimidade ou de alguma maneira não se topam muito bem.

Se você não tiver a maturidade de acordo com o cargo e com a responsabilidade que a religião de pede, você pode começar aí sua queda. Em primeiro lugar entre os demais irmãos de corrente e de desenvolvimento, sobretudo aqueles que não têm intimidades com você, ou aqueles que de uma certa forma têm uma pontinha de inveja do seu cargo e da sua posição, começam então as famosas fofoquinhas e intrigas de bastidores de terreiros.

E essas energias podem começar a influenciar em tudo na sua vida. Seu lado financeiro começa a desmoronar, suas atividades religiosas também ficam comprometidas, às vezes até o seu relacionamento que era pivô de tudo também se finda. E você começa a ficar sozinho, isolado, e agora vem à tona toda falta de comprometimento, e irresponsabilidade e ingratidão com a casa e com as pessoas que lhe acolheram e que fizeram de tudo para que você crescesse. E agora o seu ego te cega.

Agora seus irmãos são fofoqueiros. Porque você não percebe que a maioria dos erros partiram de você mesmo, por não saber lidar com o seu relacionamento amoroso.

O seu sacerdote não presta mais para você, pois agora você está sem emprego e sem relacionamento. E começa a espalhar que ele fez trabalhos para que isso acontecesse. E não percebe que tudo o que você está passando não tem nada a ver com trabalhos ou demandas. É apenas o retorno das suas próprias atitudes, pois esquece que só recebemos o que plantamos. E nesse momento você fica cego e suas atitudes ultrapassam toda crença e toda liturgia da religião de Umbanda.

Esse médium esqueceu de perceber que seus irmãos e que seu pai de santo não tem nada a ver com seu fracasso. Que isso é apenas a lei do retorno sendo aplicada. Ou seja, a sua soberba e sua ingratidão com quem lhe abraçou sempre. Fez com que você parecesse de zelar pela fonte de amor e luz que estava nas suas mãos. E assim sem manutenção adequada ela começa a secar.

E à medida que você vai se distanciando, você vai sendo consumido pelas energias dos obsessores que ficam só na espreita, esperando justamente essas lacunas para lhe dominarem por completo.

Quando essa fonte seca, você fica cego, consumido pelo ódio e pelo ego, de forma que mais nada ali dentro daquele terreiro que outrora era tudo para você. Agora não lhe satisfaz em nada. Agora aquela belíssima fonte de pureza de amor e paz é apenas um poço escuro que não lhe aquece mais. De uma fonte cristalina passa a ser um pântano viscoso e dolorido.

Quando os problemas são consumidos pelo ódio e pelas fofocas de terreiro, você fica completamente cego e fora de sie. Não compreende mais que muito que mais de noventa por cento de tudo que está passando é culpa exclusivamente sua, mas agora cego pelo rancor e certamente assimilando energias densas, tudo isso fica fora da percepção.

Quando aquela fonte próspera seca. É quando você não está mais ali pela fé, você não vai mais ao terreiro para praticar a caridade. Você tem interesses que vão além de sua fé. Quando você deixa essa chama se apagar é porque os ensinamentos de seu sacerdote não lhe são mais importantes. Quando permite que essa fonte se apagar é porque essa religião não lhe o cabe mais. Ou seja, quando você deixa a fé em segundo plano, é porque você não cabe mais dentro dela.

Infelizmente quando o médium deixa essa fonte de vida se apagar, é. É porque, apesar do tempo de desenvolvimento, a e doutrina não serviu para lhe abrir a alma para a mudança de personalidade. Significa que o médium não estava pronto para entrar em contato com a espiritualidade de maneira segura. As facilidades da matéria ainda pulsam muito latente dentro dele.

A partir do momento em que essa fonte cristalina seca na vida de um médium é porque definitivamente ele não conseguiu absorver os ensinamentos da religião e nem os seus propósitos da vivência em comunidade. A Umbanda nos oportuniza a vida coletiva justamente para que o médium possa se despir dessas grossas energias que ainda habitam em cada um de nós.

Porém para que venha ocorrer é preciso a maturidade e a entrega além de se despir das amarras do ego e do vitimismo, pois quando o médium se encontra completamente perdido, chegando a realizar as mais diversas contradições e desrespeitos com a casa que lhe acolheu e com o sacerdote que lhe tem tanto ajudado.

Sem dúvida a Umbanda é uma fonte inesgotável de conhecimento, de espiritualidade e descobertas. Uma fonte de liberdade e mudança de pensamentos, uma fonte que quebra os paradigmas e que te permite ver o mundo biosférico e piscosférico de um olhar mais seguro e divino.

Porém se faz necessário que cada um membro da corrente entenda que a vida é uma eterna vibração energética. E que as ressonâncias vibracionais trabalham e atuam tanto na ida quanto na volta para de acordo com as mentalizações que emendamos. E às vezes o médium dispara para o universo energias densas e espera receber uma energia sutil. E quando isso não ocorre sai caçando alguém para depositar essa culpa.

Então se isso ocorre, essa fonte de luz que reverbera em nós se apaga. Não que a fonte secou, mas eu posso ter me afastado dela movido pelo a ressonância do ego e da indisciplina espiritual e moral.

Você que é médium e tem a sorte de vivenciar e desenvolver suas faculdades mediúnicas em uma casa de Umbanda realmente séria, tome um pouco de cuidado para suas ações sem pensar venham a fazer com que essa fonte se seque e você em vez de matar a sede com uma fonte de água cristalina, poder perambular por poços escuros de incertezas e desilusões.

Cabe a cada um de nós ser responsabilizado pelas nossas ações e pensamentos, pois tudo é energia e o universo é mental. A partir de nossa mentalização tudo se cria e se transforma em nossa volta.

E não adianta vasculhar o mundo à procura de culpados, pois todas as respostas estarão dentro de nós mesmos.

“É melhor que cultives a tua fonte de luz que desperdiçar tempo à procura de outras fontes que não pertence a você.”

Gildener Sousa

Capítulo LIII

Uma flor na estrada

Todo caminho que escolhemos trilhar sempre haverá inúmeras surpresas. Cada estrada que a vida nos oferece é uma oportunidade de crescimento, amadurecimento, de encontros e desencontros. Todo caminho pode ou deveriam nos levar há algum destino, mas alguns tropeços nas estradas podem nos levar a lugar algum, a depender de nossas interpretações.

Trilhar o caminho do sacerdócio na Umbanda, como já foi mencionado em capítulos anteriores, não é apenas querer. Mas é preciso ter a vocação religiosa e poder ouvir claramente o chamado da espiritualidade e os anseios da sua própria ancestralidade.

A estrada do sacerdócio é uma linha tênue entre o acerto e o erro. É preciso ter a coragem e o discernimento corretos para não se entregar e cair nas chamadas tentações que essa escolha coloca em nossa frente constantemente.

Nessa jornada de sacerdócio, muitos se perdem no caminho. Uns porque se deixam levar pelas futilidades, outros pelas facilidades financeiras, outros pela indução de filhos e irmãos que acabam por lhe conduzir ao erro. Alguns por ignorância e falta de preparo. Outros se deixam contaminar pelo egocentrismo. E alguns pelas irresponsabilidades de conduzir a espiritualidade. E não tão raros têm aqueles que humanizam demais e vivem presos ao achismo religioso. Entre outras muitas maneiras de sacerdote se perder na estrada.

Às vezes ou quase sempre que você vai até um terreiro de Umbanda porque a sua vida está no fio de uma navalha e. E sua única opção ou pelo menos uma das últimas tentativas que você consegue ver é pedir ajuda a um sacerdote de Umbanda.

E claro, quando você chega a esse estágio, não quer saber e não tem importância nenhuma para você se ele pode ou tem condições de lhe acolher e ajudar naquele momento, você apenas quer curar sua dor ou sua angústia temporal.

A maioria das pessoas enxergam um pai de santo como um Deus, que ele vai resolver sua vida inteira em um piscar de olhos. E basta pedir e relatar seus problemas e pronto, tudo fica por conta dele que ele vai resolver tudo. É justamente aí que muitos pais e mães despreparados se perdem no caminho, pois às vezes prometem milagres que não existem na Umbanda e muitas vezes em troca de favores ou até mesmo por dinheiro.

Desse modo, acaba trazendo a responsabilidade somente para sie. E quando isso não é suficiente ou quase sempre nunca é, ele se desespera e a pessoa que pagou começa a cobrar o resultado e assim começa uma grande pressão, levando o aquele sacerdote, se é que podemos chamá-lo assim, a se perder no caminho. Infelizmente ele levando consigo o nome da religião e a reputação de muitos outros pais e mães sérias para a lama da sociedade.

A vida de um sacerdote é uma estrada pesada e na maioria das vezes incompreendida pelas pessoas e na grande maioria pelos seus próprios filhos de santo. Aqueles que vivem e convivem diariamente com ele dentro da sua própria casa.

A ingratidão e às vezes a incompreensão e o sentimento de segregar motivado pelos ciúmes ou pela própria falta de conhecimento e entendimento sobre a

religiosidade de Umbanda acabam por confundir a cabeça dos filhos, levando praticamente à loucura seu sacerdote por muitas vezes.

Por muitas são as vezes que pai de santo pensa em desistir da sua caminhada. Diversas vezes ele tem a certeza de que vai finalizar essa jornada. Por tanto que sofre quando os seus protegidos lhe faltam com o respeito, aqueles filhos de estima que ele vê crescer, desabrochar e se tornar mais que filhos de santo Se tornam amigos e confidentes e de repente se vira contra ele e saem. Sair causando contendas e disseminado ódio e falácias. Como que tudo que ganhou, cresceu, realizou e não deu o devido valor para que continuasse assim, não servisse de nada.

Quando o filho provoca diversas contradições entre seus irmãos de cunho totalmente errôneo e ainda exige que o seu pai de santo tome uma posição e sempre do jeito que ele quer, Se isso não acontece ele sai disparando inverdades contra seu próprio pai e sua própria casa. E ele nem sequer pensa ou imagina que seu pai de santo não é humano assim como ele.

Ele não consegue mensurar que seu pai se fere e sofre com tudo isso. Imagina um pai de família vendo seus filhos brigarem uns com os outros e ainda muitas das vezes culparem seus pais por isso. É bem por esse olhar que um pai de santo vive e enxergam essas contendas.

Quantas vezes um sacerdote pensa em desistir de tudo. Quantas vezes a decepção recai sobre seus ombros e o desengano é tão forte que ele resolve pôr fim a esse caminho, pois muitas vezes para todo lado que ele olha nas beiras do caminho, e só vê espinhos e ingratidões.

Quantas vezes ele para refletir e resolve que é hora de parar, pois o peso da incompreensão e da ingratidão é muito pesado para suportar sozinho, e ele

decide finalizar aquela caminhada sem ter chegado ao fim daquele caminho.

Quantas vezes que o sacerdote que sempre está sozinho nas alegrias e na grande maioria das vezes ainda só ele fica quando a dor chega, pois todos quem vêm até ele resolvem seus problemas, curam suas dores e vão embora e só voltam quando a dor chega novamente.

Ninguém fica para ver a dor que um pai de santo sofre. Quando ele não é mais útil para o filho, simplesmente esse filho vira as costas e vai embora. Quando antes de sair não causa uma grande confusão motivado pelos egos, simplesmente vira e sai, sem se preocupar com a dedicação e com toda aquela aposta que o pai de santo depositou nele, sem se preocupar com toda a dedicação, e os ensinamentos ali adquiridos. Quando o pai de santo não faz exatamente aquilo que ele o quer, simplesmente vira e sai. Sem nenhum remorso ou gratidão.

Quase nunca o pai de santo tem alguém para dividir suas dores, e suas frustrações e decepções diárias, pois ele sabe que dividir isso com seus filhos pode ser sua sentença de morte, já que. Pois você nunca se pode prever quando alguém pode usar essas informações contra o seu próprio pai, pois na cabeça dele o pai de santo que tem problemas, que tem dor e desilusões, na sua concepção, é um pai de santo fraco.

E assim quantas vezes ele sozinho tem que suportar essa dor, engolir as amarguras e com o coração sangrando ele precisa abrir um largo sorriso para receber e cuidar daquele filho que te fez sangrar há muito pouco tempo.

É nesses momentos que ele por muitas vezes pensa em abandonar e desistir da caminhada, pois ele por vezes não consegue ver amor e nem amizade nas beiradas do teu caminhar, apenas amor condicional, interesse próprios e desilusões.

E assim seu caminho segue em uma penumbra constante e solitário.

No entanto, se esse sacerdote verdadeiramente for de Umbanda e segue a verdade dos orixás, ele encontra forças para seguir e continuar seu caminho, pois ele aprende que essa missão não é para alimentar seu ego nem ter alguém para dividir suas dores. Ele ali está para curar a dor do outro, sem importar as circunstâncias.

E mesmo na escuridão do caminho, ele vê uma flor a brotar na sua estrada. Qual seria essa flor? A flor que brota na estrada de pai de santo de verdade mesmo com tantos percalços é a alegria e a melhora na vida daqueles que vêm com sua humildade e bondade e com sua fé através do pequeno manejo ou apenas de uma boa oração, assim consegue receber a cura e mudar completamente a sua vida para melhor.

Uma flor brota no caminho do pai de santo quando ele vê o crescimento de seus filhos em todos os sentidos. Quando ele deixar de crescer, abandona sua profissão e deixa sua família de segundo plano, mas vê a alegria e a gratidão no rosto e acima de tudo no coração de seus filhos.

E quando essa flor brota novamente, todas as dores e ressentimentos vão assim como vieram. É exatamente isso que muitos não entendem e insistem no erro, pois o pai de santo pode e deve inclusive sentir dor e decepção. Mas ele não pode se alimentar com isso. Se ele for um sacerdote de Umbanda de verdade, ele usa como aprendizado e leva adiante sua missão. Sempre a colher e fazer brotar mais flores na sua estrada.

As decepções acontecem devido à Umbanda ser uma religião que se aproximam

das pessoas estranhas em pouco espaço de tempo como filhos e pais de santo. Por vezes suprindo até mesmo as necessidades biológicas dos seus pais. E quando esse vínculo se rompe não há como segurar as emoções.

A vida de um sacerdote é plantar rosas constantes nos corações de todos. Mas nem sempre ele espera colher flores. Muitas vezes ele apenas colhe espinhos afiados nessa vasta plantação.

Mas a mensagem mais edificante fica nessa longa caminhada é a certezas que mesmo às vezes não sendo plantas frutíferas o mais importante é plantar. Não importando quem irá se beneficiar desse alimento ou com essa sombra. O semear é tarefa incondicional de sacerdote.

Se você tem uma casa de axé séria, cultive-a, zele e defenda, pois amanhã ela poderá não existir mais e assim você verá que as flores que tinham no seu jardim nenhuma foram plantadas por você. E na manhã seguinte elas não poderão estar mais ao seu alcance.

Devemos lapidar e zelar pela nossa fé nos recôncavos mais íntimos de nossas próprias existências. O fazer na maioria das vezes não está no físico, pois já que sabemos que o universo é mental e dele somos cocriadores, então o verdadeiro cristal deve ser lapidado no nosso próprio interior, pois só manifestamos no físico aquilo que nosso espírito está completamente preenchido.

“Assim como as rosas secam em nossos jardins, nossas passagens também se desfazem, a diferença é que as rosas deixam suas sementes. E você o que deixará para o tempo?”

Gildener Sousa

Capítulo LIV

Uma canção para o futuro

Desde os primórdios da humanidade, as crenças, as seitas, as religiões e as magias vêm pregando o amadurecimento do homem para que ele ou seus descendentes vivenciem um futuro mais harmônico e igualitário para todos os povos e nações no globo terrestre. No caminhar do desenvolvimento da humanidade. Na a atualidade o homem tende a se perder nas próprias aspirações, a humanidade tem perdido nos recôncavos mais longínquos da Terra as verdadeiras aspirações de bondade em que se sustentavam as religiões.

Milhares de anos perdidos no esquecimento do homem fez com que ressurgisse um lampejo de esperança e nova perspectiva de liberdade, caridade e harmonia ressurge para alegrar e trazer de voltar a simplicidade e a verdadeira intenção de praticar uma fé.

Nos tempos modernos, em que a tecnologia virtual e a robótica são as ferramentas mais cobiçadas, então surge a umbanda. Com o propósito de religar o homem frenético para o descanso da natureza, uma nova possibilidade de nos reconectar com a essência divina pelos caminhos da natureza vem sendo desenrolada pelas liturgias umbandistas.

O homem que cumpria os preceitos da natureza viu com o iluminismo uma oportunidade de se autodeclarar supremo. Com a iluminação da mente humana, segundo o pensamento do próprio homem, foi aos poucos deixando o sagrado e as forças da natureza de lado e ocupando suas mentes em arquiteturas bélicas e assim trocando o poder da magia e da fé pelas armas de metais e enriquecimento

de partículas atômicas. Isso levou o próprio homem a consumir a sua própria centelha divina e por tantas e tantas vezes na história humana o próprio homem se autodeclarou DEUS.

O futuro tão sonhado e almejado por tantos grandes Messias da humanidade que traduziam a verdade de Deus e os ensinamentos da comunhão e união dos povos. Por muitas vezes foram corrompidos e traduzidos ao favor do enriquecimento do próprio homem e para bancar com o medo, a e dor e o ego de si mesmo.

Eis então que no início do turbulento século 20 a espiritualidade nos aparece como uma crença recheada de magias e fundamentos que vai completamente contra as ações e aspirações do momento histórico da época.

Surge então a Umbanda, uma religião em que os seus pilares de sustentação estavam no respeito a todas as diversidades, na caridade e na liberdade de pensamento. O que ia exatamente contra os anseios das religiões da época, que buscavam o aprisionamento do pensamento e a conversão pelo medo e pelas perseguições daqueles que tinham o pensamento livre.

Então surgia uma religião que abdicou de um livro dito sagrado feito a partir de qualquer mão humana e. E nos ofereceu a própria natureza como o seu mais vasto livro sagrado. Ou seja, o verdadeiro livro sagrado da Umbanda sempre esteve dentro de cada um de nós, é a própria natureza mental.

E assim uma velha canção, por séculos guardada no esquecimento do homem, ressurge com uma força tão implacável que é vítima de grandes perseguições e tentativas de descredibilizar essa grande força natural. Chega então no Brasil a umbanda no período em que a narrativa cristã era a única verdade de Deus. Esse este fato causa espanto e ódio pelos eclesiásticos detentores da suposta lei de Deus na Terra.

Como uma crença praticadas pelos negros, pelos pobres de periferias tinham o aval de Deus para ser aceita, visto que as crenças cristãs sempre foram baseadas nas luxúrias, no machismo e na criação de Demônios devoradores de espíritos que não os obedeciam fielmente?.

Como crê em uma religião que não temia os seus demônios, não acreditavam nos pecados da carne, que não viviam com o pensamento aprisionados pelo medo?. E assim, nesse paradigma social e religioso, surge uma das mais belas canções dos últimos séculos. A canção umbandista.

Ela chega para nós como uma melodia suave, mas ao mesmo tempo frenética. Calma e turbulenta no mesmo instante. Uma canção que fala todas as línguas, que toca todas as raças, uma música que mistura todos os ritmos. Chegava então uma canção que foi composta pela própria espiritualidade em que todos os seus integrantes são maestros de si mesmos.

As partituras dessa canção, falam de amor e evolução de nossas almas. Suas notas são ressonâncias que fervilham nos mais longínquos tempos de que nossas memórias consigam se lembrar. E foi assim cantando e se fazendo cantar que surge essa canção para o futuro.

Quando me refiro a uma canção para o futuro, queiro lembrar que estamos falando falar de um legado que se encontram em nossas mãos. O futuro da nossa crença nunca esteve tão necessariamente em nossas mãos, em nossas atitudes e nas nossas ações quando nos referimos e nós direcionamos nos caminhos da Umbanda.

A nossa geração subsequente só irá ouvi-la se o trabalho que abraçamos nesse

tempo for cumprido com responsabilidade e respeito. Somente ouvirão essa canção aqueles que comungarem dessa mesma fonte, pois está em nós a responsabilidade de levar esse legado para as futuras gerações de axé que certamente viverão em outros tempos e com outras condições completamente diferente do tempo que vivemos na atualidade. Assim como foram outros tempos que se iniciaram as primeiras palavras dessa canção que ecoa dentro do nosso espírito e replicam- se nos recôncavos mais distantes dos universos.

É chegada a horas de se perguntar a todos os umbandistas, qual nota musical nossa geração do futuro irá escutar quando alguém referir a nós umbandistas como responsáveis de alguma maneira pela composição daquela canção.

Em que momento ou em que sinalização seremos lembrados?. Quando a canção falar em egoísmo, em segregação, em apego doentio, em desilusões. Ou seremos lembrados nas estrofes que reafirmam o amor incondicional aos nossos semelhantes, quando a canção falar em gratidão e perseverança. Seremos lembrados nessa canção quando nossos substitutos de joelhos reviver o êxtase da liberdade espiritual e nos reconectarem como seus descendentes e ancestrais que não permitiram que essa canção fosse apenas um eco do passado que se perdeu no tempo.

Essa canção que nós chamamos de Umbanda há mais de um século começou a ser escrita pelos nossos mais velhos, que chegaram das colônias de luz e pelas mãos e a boa vontade dos humildes encarnados podem compor as primeiras e sólidas estrofes. Dessa que se tornaria a canção que falava pelos simples e humildes de boa-fé. Essa melodia que falava através de um abraço que todas as combinações de notas que se faziam ser ouvidos por todos sem distinção de raça, cor, posição social, gênero e nem etnia.

Essa música que ecoa na natureza, revivendo os perdidos e adubando as raízes ressecadas pelo tempo e nos permitindo que mais uma vez as correntes de nossos corpos da matéria e as amarras de nosso corpo sutil se quebrarem e nos

recoloquem novamente na retidão de nossa caminhada evolutiva.

A importância de nos preocuparmos com a canção umbandista que iremos deixar para o futuro são muitas, pois devido à liberdade de pensamento e ao nosso livre arbítrio, por vezes não ouvimos as verdadeiras notas que são cantadas para nós. Por diversas vezes escutamos apenas aquilo que queremos ouvir, mesmo que nada disso se trata dessa canção. Mas o preenchimento de nossa mente pelo desprezo da vida do nosso semelhante nos empurra para uma visão completamente oposta à melodia dessa canção de puro amor que intitulamos de Umbanda.

As notas em descompasso que anoto hoje podem ser a causa da queda de muitos amanhãs. Toda vez que nos comprometemos e optamos por levar esse legado à frente assegurando sua real intenção, e sem que isso nos faça como donos delas, mas sim parte dela mesma. Vem sobre nossos ombros a responsabilidade. O peso da verdade e a dor por muitas vezes por praticar o bem, chegam em formas mais diversas de ingratidões e até em mesmo em penas físicas e outras vezes de existência. Nós chegamos com um sacrifício pessoal e necessário para que tenhamos a garantia que essa mesma canção seja também ouvida no futuro.

Por isso o quanto o estudo e o conhecimento se fazem importantes para a Umbanda, pois não nas maneiras, nas formas e nas liturgias mais diversas que você pode ouvir essa música, mas sim o que você faz com ela a partir da compreensão de sua melodia. São as interpretações ajustadas dessa canção que realmente importará para assegurar o futuro de nossa amada religião.

Meu sincero apelo e pedido enquanto sacerdote é que tenhamos a capacidade de escutar e assimilar essa bela canção, pois ela será cantada a partir de nossos lábios. E toda palavra que sair de nossa boca não a controlamos mais.

Meu apelo é deixareis sair apenas o que realmente for próspero para esse plantio tão delicado e preciso para nossas gerações futuras, pois ouvir essa canção, além de nos responsabilizarmos com ela, nos tornamos parte dela. E assim seremos eternamente lembrados pelas nossas próprias e diversas interpretações que fazemos de uma mesma canção. Uma canção rasga o tempo e refaz a cada novo amanhecer, mas nunca perde a sua essência.

“Cantar para as futuras gerações é. É imortaliza-se hoje mesmo.”

Gildener Sousa

Capítulo LV

A poeira em meio à tempestade

As grandes tempestades de areia e turbulências que por vezes presenciamos no nosso mundo são assustadoras. As tempestades que assolam nossas vidas são compostas de grãos de areia, que sozinhos na sua individualidade não nos fazem mal algum. Porém, quando se juntam e se beneficiam das correntes de vento, podem ser mortais para todos.

Não há dúvida que a natureza é a nossa maior professora. É através dela que nós sobrevivemos. Como já dito há muito tempo, do pó viemos e para o pó retornaremos um dia. Toda essa complexa organização orgânica e anímica que chamamos de corpo físico ou de invólucro carnal, na verdade, não passa de pequena poeira dispersa no tempo. O que verdadeiramente importa é o que se encontra por traz dessa poeirinha que tanto nos faz pensar em quem somos, de onde viemos e para onde iremos um dia.

Um fino sopro no vento. Cada grão de areia em meio a uma tempestade é importante. Cada grão tem sua missão e juntas formam uma grande tempestade. Olhando esse paradigma de perto, tem- se uma noção que nossas existências passam exatamente pelo processo tempestuosos da vida humana na Terra.

A Umbanda é uma religião espiritualista. E a morte está sempre presente no meio de nossas liturgias e de nossas condições enquanto religiosos. Encarar a morte é necessário para concluirmos esse ciclo da nossa existência. Mas muitas vezes isso se torna dolorosos de mais para levar com naturalidade, mesmos sendo umbandistas e tendo a certeza de que a morte faz parte da nossa

caminhada espiritual e evolutiva.

A pandemia do novo coronavírus veio para reafirmar que somos muitos pequenos diante da força da natureza. Somos uma poeira em meio a uma tempestade chamada existência física. As nossas escolhas, nossos atos e nossas inclinações dependerão bastante de como seremos recompensados pelas forças da natureza.

Milhares de vidas partindo desse plano em espaço de tempo muito curto. Se formos vasculhar os retratos da história humana no planeta Terra, poderemos observar em muitos tempos no decorrer da nossa história grandes desastres naturais. Em tempos, em tempos os desencarnes coletivos chegam até nós com muita violência e dor.

Essa pandemia da covid-19 veio trazendo um cenário terrível e assustador. Não escolhendo ricos nem pobres. Novos nem adultos ou nossos idosos. Todos de alguma forma estão sendo atingidos com essa que está ar sendo a maior pandemia da história humana nos últimos cem100 anos.

Por que então estou dedicando um capítulo para esse tema tão sofrido?. Quem sempre vem carregado de perdas, dor e separação definitiva dos nossos amados e entes queridos?.

Deixando um pouco de lado a questão científica desse vírus, vamos nos atentar a saber da Umbanda em relação a tudo isso. Toda vez que falamos sobre ele chega até a ideia de quer estamos passando por uma guerra sem precedentes. Que esse momento chegou para que a humanidade conheça a questão da caridade. Alguns até se arriscam a afirmar que essa pandemia veio para ensinar a humildade para o homem em geral.

Têm aqueles que professam outras crenças, que afirmam ser castigo de Deus para com o homem que não vem seguindo segundo eles a palavra de Deus, pois é castigo para que o homem possa sair da vida de pecado.

Têm aqueles que não acreditam em nada e simplesmente não acreditam em nada disso e apenas acham que tudo isso é invenção da mídia ou coisa da guerra política entre as nações. Talvez. Todos podem estar errados ou todos poderão estar certos. Porém temos que levar algo em consideração.

Somos filhos da grande criação cósmica e universal, somos cocriadores do todo do qual pertencemos. E nada é estável neste universo feito de infinitos outros universos ou multiversos, como queiram chamar. A causalidade da existência, assim como a ressonância de nossas ações e pelas vibrações que emanamos para o todo são os responsáveis por tudo que chega até nós, pois nessa nossa caminhada universal o acaso simplesmente não existe.

Então a partir da ideologia umbandista, como encarar toda essa situação que vem obrigando as pessoas a mudar e se refazer de uma maneira que jamais podíamos fazer em outros tempos?.

Para aqueles que vivem de verdade, a religião de Umbanda, os acontecimentos como ao covid-19, além de toda a questão dos desencarnes acordados pelo processo de reencarnação vêm. Vem também chamar a atenção do homem para sua própria busca individual e pessoal. É sim uma das características mais marcantes da Umbanda ensinar a prática da caridade, porém não somente desse aspecto se trata esse momento.

É chegada a hora de nos conhecermos verdadeiramente. Por séculos o homem

vive correndo e alimentando suas próprias imperfeições. Vivem em um tempo em que as aparências e as posses valem mais que que o caráter de uma pessoa. Na atualidade que sobrevivemos, os valores e os princípios humanos que, segundo as religiões, são o motivo mais motivador para estarmos nesse plano, infelizmente estão se perdendo em meio à tempestade de ego e soberba.

Quando nos colocamos de frente para essa pandemia, precisamos ter cautela, pois ser religioso implica a crer no criador como o senhor de tudo e de todos. Desse modo não devemos fechar nossos olhos para esse grave problema e achar ou empurrar para os políticos e governantes a responsabilidade.

Ser umbandista implica antes de tudo lutar a favor da vida. É requisito obrigatório para se professar a fé da Umbanda. E se eu como umbandista, assim como me declaro, tenho que agir como tal, trazendo para mim a responsabilidade não de lutar e pôr fim a tudo isso, mas de fazer a minha parte, aquilo que me toca e que me move enquanto religioso.

Aprender a olhar para o nosso interior e nos aproximar mais da divindade que habita em nós, já seria o começo de uma grande mudança para reorganizar toda essa desordem que atualmente habita em nós.

Tentar sentir a dor do outro em vez de julgá-lo já bastaria para que esse exemplo fosse visto e multiplicado pelos nossos filhos. Não temos mais tempo para brincar de religiosidade e levar todo esse cenário pandêmico como brincadeira. Estamos vivenciando um tempo tão desesperador que só a fé nas entidades e em Deus nos assegura alguma harmonia.

O que precisamos verdadeiramente como semeadores de uma fé limpa e humana é nos posicionar. Levantar a bandeira e buscar dentro de nós as forças para suportar.

Estender as mãos para o outro e ajudá-lo a levantar. Essa é a corrente do bem que tanto precisamos. Toda a tristeza e a dor que a pandemia de 2020-2021 está dispersando sobre o planeta, estão de certa forma mandando um recado direto para nós. Nós que nos orgulhamos de abrir a boca e falar que somos bons, que fazemos a caridade, que vivemos conforme os preceitos da espiritualidade de Umbanda.

Ao observar esse momento de aflição e incertezas, cabe uma grande e profunda reflexão para nós mesmos. Por que estamos enfrentando tudo isso? Qual será a motivação da espiritualidade de nos proporcionar essa vivência tão intensa e dolorida? Será que todos nós encararmos da mesma forma e conseguimos compreender da mesma maneira esse tempo em que vivemos assombrado com a presença da morte?

Sem sombra de dúvida que a própria natureza e a espiritualidade estão a nos passar um recado bem urgente. A moralidade e a humildade estão a se perder em meio à ganância, à avareza e à inversão de valores morais e espirituais. Estamos vivenciando um tempo cheio de incertezas, em que o certo parece obsoleto e o verdadeiro é dispensável.

Então como entender que uma pandemia global pode nos trazer algo de positivo? Sabemos que no universo tudo é dual. Nada está estático. Somos e vivemos em ondas de energias de diversas intensidades. Tudo aquilo que vibramos e dispersamos se tornas de alguma forma a realidade que vivemos e habitamos. Então procurar um culpado para ao covid-19, adicionar ao um país ou a um governo, é uma buscar infantil, pois nada acontece por acaso, tudo tem sua motivação, tem sua origem e sua finalidade.

Sendo assim a pandemia vem a partir da criação do próprio homem e de suas vibrações. O que precisamos absorver dela é justamente o recado que ela vem nos trazer.

Já parou para pensar que uma terceira grande guerra mundial foi evitada com a chegada da pandemia?. Pode calcular a dimensão e as proporções devastadoras que uma guerra nuclear poderia nos causar?. Você já imaginou quantas vidas e quanta destruição em um curto período levaria apenas quem sabe algumas semanas para o caos ter estado no mundo inteiro.

No momento em que as super potências nucleares bélicas estão terrivelmente armados, a nossa sociedade como conhecemos mudaria completamente, não se saberíamos o número de vidas perdidas. Será que a vinda da covid-19 não tem uma intervenção divina? No intuito de nos oportunizar mais uma chance de virar o jogo e nos tornamos humanamente melhores uns com os outros?

Se tivermos cuidado de olhar bem essa premissa, podemos certamente nos virar para termos uma atenção maior ao nosso redor, pois não será a pandemia que vai acabar com as armas nucleares, mas apenas prorrogou por mais um tempo. E temos que aproveitar esse tempo para transformar nossos corações para a luz.

O tempo de refletir e de pensar já passou. Agora é tempo de colocar em prática todos os ensinamentos que as entidades de Umbanda vêm há anos a nos mostrar. Colocar em prática a humildade, o companheirismo e o amor incondicional. É preciso que olhemos com um sentido mais caridoso para o próximo e não esperar para amanhã as nossas escolhas, pois o amanhã pode não existir para nós no plano da matéria.

A caridade já foi por muito tempo ensinada, a humildade por muito tempo já foi exemplificada. O amor muito já foi doado. Agora nos cabe absorver tudo isso e colocar verdadeiramente como um pilar de necessidade e prosperidade na nossa vida.

Precisamos perder o medo da morte e parar de viver uma vida amedrontada pela simples recusa de encarar a morte como algo natural e certeiro. Na qualidade de umbandista e com toda essa sistematização da morte pelo covid-19, é um grande alerta para que mudemos de posturas e de atitude em relação a nossa partida deste plano físico.

A pandemia, quando retirada toda a questão de dor e perda dos nossos entes queridos, também nos passa uma mensagem muito clara de que devemos ser mais flexíveis e tolerantes diante da própria possibilidade de partida desse plano em um piscar de olhos, pois na carne é temporal e passageiro, porém nossa alma vive, já viveu e muito ainda viverá fora desse momento físico. Somos seres dotados de consciência e capacidade de viver uma vida raciocinada. Encarar a morte nesse momento de dúvidas e incertezas é uma oportunidade de para refletir sobre a nossa vida.

Também podemos ter um olhar mais amável pela nossa própria vida. Nunca saberemos o dia que em partiremos desse plano. Na imensidão da vida terrena e nas possibilidades dos planos espirituais, somos apenas uma poeirinha em meio a uma gigantesca tempestade de areia.

Desse modo precisaremos retirar dessa experiencia com essa pandemia do covid-19, o quanto somos pequenos e frágeis diante de toda a vasta realidade da vida. O acaso é uma fantasia que necessitamos descontruir a ideia de comodidade. Pois a causalidade entre tanto outras questões nos permite a experienciar novas realidade diante da vida.

É hora de parar com o ego e com as arrogâncias e nos comportar como seres supremos e intocáveis. Estamos na vida física para aprender e reaprender o verdadeiro significado de estarmos aqui.

A pandemia é uma mostra que somos ainda fracos e indefesos diante da natureza e da vida em seu plano maior. A reflexão que vem forte nesse contexto de pandemia é que precisamos verdadeiramente mudar de postura e pensamento.

A umbanda vem com essa proposta de mudança interior. Infelizmente nem todos que se julgam umbandista conseguem realmente incorporar seus valores e princípios que servem para possamos ter uma vida que vale a pena nossas lutas diárias.

O coronavírus nos colocou de frente com nossas fraquezas mais obscuras. Ele trouxe à tona o questionamento de toda nossa tecnologia, toda nossa ciência de ponta ficou obsoleta diante de um mal invisível e mortal. As grandes religiões que pregavam e vendiam curas milagrosas ficaram sem chão e foram desmoralizadas diante desse cenário. Descobrimos com a dor e com a perda de nossos amigos e familiares que se compra cura e se vende amizade de Deus.

Ficou claro que a cura está em nós. Quando decidem mudar de posicionamento e viver uma ideologia assertiva diante da espiritualidade, as máscaras dos falsos profetas estão caindo ase montando no chão. E a única saída para quem vai ficar neste planeta emprestado para nós são a fé e a mudança interior.

Quando uma grande tempestade como essa chega até nós, toda uma reviravolta em nosso redor se faz. Olhar atentamente para essas dificuldades nos fortalece e nos anima a seguir em diante, pois a dor e separação dos nossos não poder ser um elo desmotivador. É preciso o fortalecimento de nossos laços afetivos e espirituais para conseguir seguir nossa jornada até o seu término.

Depois de toda tempestade sempre há de vir um novo horizonte. Radiante e cheio de oportunidades de mudança e crescimento interior. Certamente nossas vidas encontrarão um outro caminho para seguir e se refazer, apesar de toda dor

e separação pelo covid-19, pois não foi a primeira onda de tormenta e certamente não será a última. O que precisamos é aprender com essa para que, se no futuro vier uma outra, sermos mais equilibrados e humanos para sairmos menos feridos no final.

"Morrer na matéria nunca foi o fim da vida, apenas uma mudança de estado vibracional, pois quem morre é apenas a matéria. O espírito eterno vive plenamente, não importando seu estado de vibração."

Gildener Sousa

Capítulo LVI

Transmigração da alma

Sou os olhos do Universo que resplandecem nas auroras do tempo, a boca das águas molhada dos oceanos que lava nossa existência e nos obriga a recomeçar, sou as mãos da terra que brotam como sementes regadas pela gratidão e pela força, sou aqueles dedos que surgem das florestas encantando a vida no seu eterno bailar de possibilidades, sou o amor que rege as partituras das canções de vida que brotam do nada e chegam até os confins dos tempos, sou a liberdade que grita ao som do tempo e das palavras e que quando grito rasga o mundo em vibração que encanta e se rende ao criador, sou o que faço, sou o que sinto, sou tudo que imagino, sou tudo o que conheço e também tudo aquilo que está no meu desconhecido. sou o cosmos vivendo na harmonia da roda das encarnações, sou eu, a Alma.

Sou eu um médium de Umbanda vivenciando as suas possibilidades, em busca da própria evolução. E continuamente sou eterno, embora às vezes me apresente em diferentes formatos. Na roda do tempo às vezes no alto às vezes no embaixo. Outrora fui tudo às vezes fui nada. Sou o preenchimento e por vezes o próprio vazio. Enfim sou alma que vive eternamente, embora nem sempre compreendido, às vezes pleno e outras vezes apenas uma fagulha da existência.

Para se autoafirmar médium de Umbanda acima de tudo precisamos ser assertivos e convictos da imortalidade da alma. É o fundamento básico e mais normativo dos fundamentos da religião de Umbanda. Podemos chamar de carma, de destino ou por outros nomes. A roda da vida é um eterno bailar de nossas almas que se transferem de corpo em corpo para garantir e continuar a evolução do nosso ser divino que habita em nós.

Transmigração da alma é um processo natural do nosso ser, que nos acompanha desde os primórdios da criação humana como se tem conhecimento. Nossa caminhada eterna hora nos coloca de frente aos planos espirituais e hora em planos físicos e em diferentes condições de vida. Nesse processo evolutivo todo o caminhar de nossa eternidade se completa com perfeita harmonia com o universo e com o espaço tempo que existimos no momento.

A alma é aquilo que resiste ao passar do tempo. É a vida verdadeira, aquela que não tem fim e nem perde as imperfeições das condições do próprio tempo. A alma é uma centelha divina que anima as nossas relações e é o elo que nos ligam ao nosso grande criador.

Quando falamos em transmigração de alma pelo um olhar umbandista, estamos nos referindo às rodas das encarnações. A reencarnação é uma das mais fantásticas maneiras que nossa alma eterna encontrou por desígnio de Deus para se aperfeiçoar na vivência humana.

As liturgias da Umbanda preparam seus fiéis para encontrar com essa verdade que está adormecida em nós mesmos pelo processo rigoroso de esquecimento no momento da reencarnação.

Nossos rituais e nossos desenvolvimentos têm entre outros aspectos de nos aproximar da realidade da morte física como um fenômeno natural e certeiro. Conhecer esse paradigma e se relacionar- se com ele é como permitir abrir a consciência para o despertar da evolução.

Partindo dessa premissa, podemos observar nos trabalhos de Umbanda, custeados pelos guardiões Exus e demais falangeiros de atuação nas esferas mais

densas, milhares e milhares de espíritos aprisionados pela simples falta de orientação.

São aqueles irmãos que, ao partir do plano da matéria, se deparam completamente despreparados nas zonas espirituais, acabando por vez a se frustrarem com suas crenças, pois. Pós aquele céu prometido, aquele espírito luminoso que tinha sido prometido de recebê-los no plano espiritual apenas por pertencer a essa ou aquela ordem religiosa enquanto estavam encarnados, Descobrem que não é exatamente assim que funciona.

É por essas e outras formas, esses espíritos acabam por nutrir uma raiva, um ódio pelos seus orientadores religiosos da Terra, às vezes desenvolvem grandes deficiências no espírito, nutrindo sentimentos ruins e negativos contra aqueles que supostamente lhe venderiam uma salvação eterna.

Em relatos de trabalhos espirituais que nossa organização religiosa consegue fazer, sempre com a orientação de nossos guardiões e guardiãs exus e pomba giras, conseguimos observar estas e outras muitas formas de frustrações quando o espírito desencarna e não traz consigo o conhecimento amadurecido sobre sua própria existência e sobre a alma eterna que anima nossa vivência.

Um outro importante pilar dos fundamentos da Umbanda é desde a chegada de um novo membro para a egrégora da casa. É afirmar e colocar esse membro novo de frente para sua realidade espiritual. Ou seja, não é a religião de Umbanda e nem outra qualquer que vai fazer o filho evoluir. Se assim fosse, não teriam milhares e milhares de espíritos que já foram em algum momento da sua caminhada umbandista, habitando zonas de tormentas no plano espiritual.

As religiões, como já citada em outros capítulos desta obra, são uma criação humana para suprir de alguma forma nossas próprias imperfeições, pois a

religião não tem o poder de salvar nem de elevar um espírito, mas de dar condições para esse espírito encontrar sua própria missão e se apossar da responsabilidade de evoluir.

Comungar uma religião ou professar uma coletivamente é maravilhoso, pois nos permite conviver e aprender com as relações ali estabelecidas em comunidade. Mas evoluir é tarefa ímpar e depende de cada um.

Falar de Umbanda é prazeroso, pois ela nos apresenta uma condição de entrar em contato com nossa alma mais primitiva e nos fazem despertar para a consciência evolutiva da qual somos dotados.

No processo de reencarnação, a alma se encontra cada vez que esse processo se faz presente com as nossas memórias armazenadas na tela búdica ou nas gavetas da consciência de todas as encarnações vividas pelo espírito e em forma harmônica traça uma nova menta para aquela encarnação futura.

Essas energias fabulosas que a alma capta ao reencarnar se chama orixás. Essas energias norteiam nossa alma para cada encarnação para que ela possa cumprir a missão e a necessidade de que aquele espírito precisa para dar mais um passo na escadaria evolutiva.

Se esse conhecimento não for bem consolidado, infelizmente nossa alma precisará retornar diversas vezes para reparar aquela imperfeição que poderia ter sido sanada em apenas uma encarnação. Porém isso independe da religião, mas sim de feitos e na dualidade da vida para que uma nova lacuna venha e uma nova encarnação nos é oferecida para que sigamos na caminhada da evolução.

A transmigração da alma é uma forma de permanecer mesmo que horas em corpos diferentes. A questão que precisamos tomar nota o quanto antes é a relatividade do tempo. O tempo cronológico como conhecemos ou na verdade criamos para nos orientarmos sobre o globo terrestre, não corresponde com o tempo que nossas almas se orientam na sua longa jornada de existência.

O tempo na matéria é acelerado à medida em que vivemos cada dia mais eletrizados pelas buscas de conquistas que supostamente nos engrandecem enquanto ser. E às vezes para não afirmar quase sempre, esquecemos de quer a nossa estadia no plano físico é um mero grão de areia perante o tempo em que nossa alma vive. Um grão de areia para se comparar ao nosso próprio tempo.

Olhando pela ótica do tempo percebemos o quanto é urgente que aprendamos a nos conhecer o quanto antes para que nossa consciência se expanda e não nos atrasamos na roda das encarnações.

Em paralelo às questões evolutivas e da transmigração da alma, ser umbandista é ter uma crença em um Deus único e misericordioso, pois a partir desse olhar podemos entender que a mudança da alma para diversos corpos em diferentes espaços de tempo e em condições distinta é, podemos observada pela misericórdia de Deus para com a sua criação.

Alguns podem achar isso, e não é tão difícil de encontrar aqueles que negam ou não acreditam nesse processo inerente ao ser humano enquanto encarnado. Aqueles que dizem que tudo isso é coisa de ficção e lavagem cerebral para enganar ou iludir os desavisados.

Porém se assim pensa, deixo apenas uma pergunta. Se tudo fosse tão passageiro e tão simples assim, se a morte fosse realmente o fim de tudo, se, quando a morte nos acometesse, nada mais restaria ou sobreviveria além dela. Por que

tanta complexidade e tamanha perfeição nos aspectos da vida humana e em toda a vida no seu contexto geral?

Toda vez que retornamos aos debates da religião de Umbanda, nos deparamos com as complexidades da vida, pois, para que possamos estar vivendo na matéria física, é preciso que de alguma forma teremos que morrer no plano espiritual para então assim renascer no plano físico.

Da mesma forma, a morte do plano físico é necessária para que renascermos no plano espiritual. Dessa forma, a morte nada mais é que um mecanismo, uma passagem ou até mesmo uma manobra de nossa alma para transitar entre os dois planos. A transmigração é esse veículo que a alma usa para se transportar entre os dois mundos.

Dois mundos, dois planos e os mesmos moradores, ora com uma energia específica ora com uma energia modificada. A evolução é exatamente o que buscamos, sem importar em qual dos mundos estejamos habitando no momento.

Transmigração das almas, às vezes podemos encontrar o termo chamado de metempsicose, a teoria defendida por alguns estudiosos que é baseada na ideia de que uma alma pode passar de um corpo e residir em outro.

Desse modo a reencarnação está intimamente ligada ao processo de transmigração da alma. Esse fenômeno é inerente a nós, por mais que não acreditamos ou pensamos de forma diferente. Aliás podemos sim olhar esse paradigma com diversos olhares e diversas formas, porém chegaremos ao mesmo ponto.

Transmigração é uma doutrina filosófica de origem indiana, transportada para o Egito, de onde mais tarde Pitágoras a importou para a Grécia. Os discípulos

desse filósofo ensinavam ser possível uma mesma alma, depois de um período mais ou menos longo no império dos mortos, voltar a animar outros corpos de homens ou de animais, até que transcorra o tempo de sua purificação e possa retornar à fonte da vida.

Como se constata, há uma diferença capital entre a metapsicose e a doutrina da reencarnação: em primeiro lugar, a metempsicose admite a transmigração da alma para o corpo de animais, o que seria, para os espiritas, uma degradação; em segundo lugar, essa transmigração não se opera senão na terra. Os espíritas lecionam o contrário, que a reencarnação é um progresso constante, que o homem é um ser cuja alma nada tem de comum com a dos animais, que as diferentes existências podem realizar-se quer na Terra, quer, por uma lei progressiva, em mundos de ordem superior, até que a alma se torne um espírito purificado.

A transmigração observa a regularidade do desenvolvimento biológico em primeiro plano. De acordo com a tradição espiritualista esotérica, uma alma pode vir a ser condenada a passar a reencarnar em corpos animais subumanos caso se demonize. Além disso, nos casos de perda planetária e consequente transmigração planetária, pode ocorrer de humanidades inteiras passarem a reencarnar sob a forma de entidades infra-humanas como dinossauros ou mesmo trilobites, por exemplo.

A crença umbandista vê a morte como o fim de um ciclo, a morte é o mecanismo que, ao deixarmos este plano físico, nosso espírito leva consigo todas as suas dores e alegrias, felicidades e tristezas. E assim que chegamos ao lado espiritual, somos atraídos para um plano espiritual em harmonia com nossas frequências vibracionais.

Há uma encontramos a explicação do universo e cosmogonia da vida em uma divisão de sete tronos divinos, ou sete raios divinos, que são as manifestações de Deus que chegam até nós. Essas energias divinas chegam ao plano físico e na

Umbanda recebem o nome de orixás.

A mais fantástica e complexa aventura de nossas almas é essa capacidade de se reinventar no tempo e nas dimensões. Em uma ciranda de ciclos que se direciona rumo ao aperfeiçoamento de nosso espírito em uma jornada de ajustes e desequilíbrios e recomeço. A nomenclatura de transmigração é apenas uma forma de entender a nossa eterna busca pela sabedoria e pela evolução.

Os orixás, como já mencionados anteriormente neste livro, vêm até nós em formas energéticas nas mais diversas vibrações e sintonias, justamente para atender todos aqueles que estão na caminhada da evolução e que necessitam dessas energias para concluírem com responsabilidades suas aspirações espirituais.

Entender e compreender a necessidade da morte e os ciclos das encarnações deixa nossos espíritos mais leves e mais preparados para enfrentar esse encontro inevitável de nossa caminhada.

As imperfeições e as inclinações de nossas vidas são corrigidas pelo caminhar maduro das encarnações e reencarnações sucessivas, a qual podermos facilmente chamar este processo de transmigração de alma, pois nosso espírito eterno terá que possuir diversos corpos e diversas situações para encontrar a estrada da evolução.

Nas literaturas adicionais, que podemos encontrar no decorrer de nossas vidas, poderemos encontrar outras convicções e contextos diferenciados em relação a esse assunto, pois a nossa Umbanda desde sua origem tem incorporado nos seus ritos elementos e cultos de diversas outras culturas e crenças.

Desse modo podemos então encontrar variadas pontuações referente ao mesmo assunto. Mas se observarmos com cuidado todas as visões irão derramar no mesmo oceano. Então não teremos divergências, apenas mais conteúdo para nos deleitar sobre as liturgias da nossa amada Umbanda.

Dentro da liturgia da Umbanda você tem a oportunidade de iniciar essa jornada com equilíbrio e coerência. Abrindo nossa mente para o grande despertar cósmico que nos espera no além desta vida.

"A alma levita em eterno bailar cíclico, entre as fronteiras da matéria endurecida e a sutileza das vibrações espirituais. Mesmos assim mantém sua qualidade eterna."

Gildener Sousa

Capítulo LVII

Umbanda, uma cultura de resistência

É fato que as religiões trazem na sua bagagem ritualísticas e litúrgicas várias menções de sua cultura de origens ou de suas agregações ao passar do tempo. São partes importantes das religiões, reviver e cultivar suas histórias e seus ideais a partir de sua cultura.

No entanto, quando olhamos por essa ótica cultural sobre os ombros da Umbanda, encontramos algo ainda mais além de apenas trazer consigo as menções de sua cultura. Isso se dá devido à grande vastidão de culturas que compõem a nossa religião de Umbanda.

A formação da Umbanda se dá em um momento muito conturbado do nosso país. A perseguição às tradições africanas e as indígenas, na tentativa de uma supremacia europeia religiosa, levou à Umbanda a ser peça fundamental da resistência cultural e étnico-religiosa do Brasil.

A grande e perseguição contra qualquer manifestação de crença que não fosse o catolicismo desde o período colonial com a imposição religiosa aos indígenas naturais dessas terras brasileiras e herdeiros legítimos dessas crenças delas. Toda a crueldade e tentativa de exterminar com as crenças africanas aos orixás e seus deuses diversos também com o foco de exterminá-las por completo. toda e qualquer tipo de manifestação contraria ao cristianismo.

As implacáveis investidas contra as manifestações de encantarias nordestinas. A tentativa de descredibilidade do espiritismo e outros diversos feitos pela igreja dominante e até mesmo a perseguição desenfreada contra a própria Umbanda desde seu nascimento em 1908. Até a atualidade a umbanda sofre grandes perseguições e vem sofrendo diversos ataques e, atos de intolerância e preconceito religioso até mesmo pelas autarquias públicas que deveriam zelar pelo estado laico de direito garantido pela Constituição Federal de 1988.

No intuito de garantir sua sobrevivência em meio a um país extremamente preconceituoso e racista, desde seu nascimento com colonização portuguesa, obrigou a Umbanda a se tornar uma instituição religiosa e resistente na tentativa de garantir e assegurar a sobrevivência da cultura brasileira em suas cinco regiões e suas subdivisões regionalistas.

O trabalho espiritual da Umbanda com as manifestações das entidades espirituais no amparo e ajuda a todos, tantos no plano físico quanto no espiritual, aborda os arquétipos e tradições de diversas culturas brasileiras que sempre ficaram à margem da sociedade.

Nos atentaremos aqui em algumas dessas culturas e suas ligações com a Umbanda e seu bravo trabalho social e cultural para garantir viva a cultura e a história dessa terra que foi arrasada por uma burguesia machista e preconceituosa.

Toda vez que você chega em terreiro de Umbanda e vai fazer uma consulta, um passe mediúnico ou uma limpeza de ervas ou qualquer outra necessidade que você esteja precisando, você irá se deparar com uma entidade espiritual incorporada em um médium devidamente preparado se manifestando com um arquétipo de um povo de uma cultura ou de etnia indígena, entre outras.

Cada uma dessas manifestações tenta na sua essência resgatar o pouco que sobrou da cultura regionalista tanto perseguida tanto pela igreja quanto pelo sistema político em vigor.

Quando você vir uma entidade se manifestar como um baiano, ele não só vem na tentativa de resgatar as origens do descobrimento, mas traz uma forma de resistência pela sobrevivência do povo negro não só na Bahia, mas em todo o Brasil. O baiano vem nos lembrar de todo o sofrimento e toda barbárie que povo negro sofreu desde a sua retirada de força da sua pátria mãe para serem escravizados em terras brasileiras.

Nesse contexto, o baiano vem de uma certa forma homenagear o povo negro de origens africanas que foi responsável pela criação de toda a nação brasileira. Todo o seu sofrimento, toda e toda a luta pela sobrevivência vêm. Vem mostrar e escancarar toda a luta para ocupar seu lugar de direito na sociedade.

O baiano vem nos dizer que devemos ser gratos e ser um agente lutador para garantir o respeito a toda a luta e todo o sofrimento sofrido pelo povo africano. E acima de tudo vem nos mostrar que todos somos de origem negra, de origem africana. Está em nós, está no nosso sangue, está no nosso DNA.

Quando nos deparamos com uma sessão de caboclo em terreiro de Umbanda, ali não está apenas um espírito que fora um caboclo enquanto vivia em terras brasileiras, mas acima de tudo resgatar as origens do povo nativo que já se encontravam nessas terras antes da chegada dos colonizadores.

Seu trabalho com o xamanismo remonta às velhas tradições indígenas que foram brutalmente perseguidas até a atualidade. O xamanismo tem o contato com a natureza e a perfeita harmonia com o conhecimento ancestral e com as forças naturais.

Quando você se encontra com as entidades de Umbanda com os arquétipos de boiadeiros, elas tentam resgatar e lembrar a cultura e a luta de todo o povo sertanejo, principalmente os sertanejos do Nordeste, representados na figura dos vaqueiros, dos ribeirinhos. E de todos os sertanejos do sertão brasileiro, Que tanto sofrem com o descaso público, com as condições de vida precárias e com a pouca instrução e oportunidade de estudos básicos entre outras.

Se observarmos as linhas de Umbanda, cada uma delas rementem a culturas brasileiras e ade uma região do país. Além é claro das culturas provenientes de outros países que também são manifestadas nas linhas de Umbanda.

Com esse olhar a Umbanda procura manter viva a luta pela igualdade e pelo fim da intolerância e perseguição religiosa que vêm em índices crescentes nos tempos atuais.

Desde o seu início a Umbanda vem agregando nas suas liturgias e em seus fundamentos elementos de diversas culturas, tanto para a ajuda espiritual, através das entidades que fazem um trabalho de aconselhamento e melhoramento espiritual de cada membro da casa, como para e de todos aqueles que a procuram para um melhoramento seja qualquer a necessidade.

E de um modo bem facilitador também através de seus arquétipos manter a cultura de povo cada vez mais viva em tempos de tantos desmontes de nossas origens e que por sua vez vai apagando nossa história de forma escalonada.

A Umbanda tem um compromisso com as falanges de entidades de alto escalão espiritual, mas também se preocupa com os acontecimentos de cada povo que trabalha e fizeram da Umbanda essa religião do tamanho que se encontra hoje.

Podemos vivenciar isso claramente quando nos sentamos de frente de um Preto Velho ou de uma Preta Velha no terreiro de Umbanda e temos a graça e a oportunidade de conversar um pouco com eles.

A linha dos pretos velhos na religião de Umbanda serve entre tantas outras coisas a de não deixar morrer toda a nossa história de sobrevivência e luta pela liberdade.

O sinônimo de Preto Velho e Preta Velha é a guarra e a luta pela liberdade. É sobrevivência mesmo em condições de escravidão e tortura. Preto Velho significa entre outras a resignação e a fé. Fé aliás foi a luz que chegou para que as ordens de espíritos benfeitores de Aruanda pudessem baixar nas casas de Umbanda com as aparências dos pretos velhos e pretas velhas maltratados pelo tempo e pelos seus feitores.

Essas entidades nos mostram o quanto precisamos evoluir e fazer o uso do perdão para que nosso espírito possa se desligar do pesado fardo da mateira em vivemos as vezes em condições tão desumanas como foi o caso da escravidão no Brasil.

Na Umbanda os as linhas das almas chamadas, ou seja, as entidades que se plasmam com o arquétipo de pretos e pretas velhas, trazem a mensagem de humildade, caridade e liberdade.

São esses fundamentos que devemos nos lembrar atualmente, pois a escravidão nunca acabou verdadeiramente, ela apenas se disfarçou de várias maneiras que habitam em cada setor da sociedade e se institucionalizaram na máquina pública e é disseminadas abertamente no nosso meio como algo natural.

Nós, médiuns de Umbanda, logo que nos identificamos como umbandistas, precisamos nos posicionar e nos colocar na linha de frente para lutar assim como fizeram nossos antepassados para garantir nossos espaços e ter a liberdade de cultuar livremente nossa crença, sem nos preocupar com a intolerância e o preconceito religioso.

Nossa nação é feita da miscigenação e de várias etnias e constituída sobre o sangue de milhares de inocentes que deram sua vida para que nossa cultura e nossas origens não fossem apagadas da história do nosso povo.

Infelizmente, em pleno quase metade século 21, ter que presenciar casas de Candomblé, Batuque, Jurema, Umbanda e demais religiões de matriz africana e afro-brasileira, sendo atacada por milícias evangélicas formadas por traficantes que vêm em nome de Jesus causando um verdadeiro terror em diversas áreas e regiões do Brasil.

A falta das ações afirmativas de políticas públicas voltadas para essa área juntamente à impunidade desses crimes acabam por incentivar atos criminosos como esse. Também a grande impunidade sobre supostos líderes religiosos que propagam a política do ódio e da intolerância religiosa que vem extrapolando todas as medidas de respeito e a liberdade religiosa, ferindo assim escancaradamente a constituição federal.

Nesse exato momento a Umbanda, assim como as demais religiões que não seguem os ritos e dogmas cristãs, pedem socorro e agonizam em meio a tanta impunidade e violência. Todas vêm sofrendo verdadeiras barbáries e não temos para onde ou para quem recorrer para garantir nossa liberdade de expressão religiosa.

Dessa forma as entidades de Umbanda continuam a pregar os ensinamentos verdadeiros de Jesus e as regras dos evangelhos de Cristo. Levando a paz, a cura e a livre convivência entre as diversidades que são fatores importantes para nossa espiritualização.

Um povo sem cultura é um povo sem história. E as religiões fazem parte dessa história de um país. Querer apagar a cultura de um povo é atentar contra a própria história.

“A cultura de um povo é o legado para todas as gerações que vierem depois de nós.”

Gildener Sousa

Capítulo LVIII

Anjos e Demônios

“Isso é coisa do demônio! Só pode ter sido obra de um anjo!”

Gildener Sousa

Antes mesmos do surgimento da Umbanda no Brasil, alguns elementos que posteriormente viriam a se tornar um símbolo da Umbanda já eram vistos e erroneamente associados ao demônio pelos colonizadores. Essa falsa informação vem a partir de uma obra literária manchar ferozmente a imagem de um orixá chamado Exu.

Pierre Bouche, que em seu livro Sept ans en Afrique Occidentale, la Côte des Esclaves et le Dahomey, de 1885, descreveu o orixá Exu também chamado de Elegbara – como Satã que se apossa do corpo das pessoas.

Munidos com essas inverdades em relação a Exu, os colonizadores que invadiram o continente africano em busca de escravos para terras brasileiras, quando presenciaram as manifestações de Exus e outras entidades do panteão africano, logo associaram aos seus demônios. Assim como os fiéis com qualquer outra crença ou entidades e deuses que não comungavam de suas orientações religiosas.

Já em terras brasileiras a história foi a mesma. Com a vinda da cultura religiosa africana, com o tráfico dos escravos e no processo de catequização forçada pelos jesuítas, essa mesma associação passou a ser denominada para qualquer entidade que trabalhavam nos cultos de candomblés e depois na Umbanda.

Associação que até na atualidade é pregada e reafirmada sem nenhum pudor, e sem nenhum discernimento e com uma violência e munido de um ódio que podemos classificar como infernal pelos grandes líderes de religiões cristãs. Como é o caso do livro: Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?", de Edir Macedo, que a princípio era católico e frequentava a Umbanda. Após se aventurar em algumas denominações pentecostais e neopentecostais, fundou em 1977 a Igreja Universal.

Edir Macedo plantou uma inverdade na cabeça de milhões e milhões de seguidores no mundo afora, fazendo uma associação grotesca e descabida das liturgias de Umbanda com o intuito de ganhar dinheiro. E tem dado muito certo, infelizmente.

Para se entender como a Umbanda vê a figura do demônio, precisamos voltar um pouco na história, alguns séculos para ser mais exato. Como a figura do demônio chegou até a associação da figura de Exu?

Por volta do século VI a.C., o profeta persa Zoroastro realizou a descrição de um ser chamado Arimã, ao depender da literatura, pode ser encontrada com outras denominações. Segundo Zoroastro, Arimã era o príncipe das trevas e travava uma eterna luta contra Mazda, o príncipe da luz.

No decorrer da história, segundo historiadores, esse valor da religiosidade persa acabou sendo incorporado pelos hebreus durante o famoso Cativeiro da Babilônia.

Naquele instante, a interação com as culturas estrangeiras deu origem ao satã, termo que em sua tradução literal significa acusador ou adversário.

Em um primeiro momento, o demônio hebraico não assume a postura estritamente aterrorizante que reconhecemos no cristianismo. Em várias passagens do “Velho Testamento”, ele surge como uma espécie de colaborador que recebe a autoridade divina para punir ou testar os fiéis seguidores de Javé. O sofrimento de Jó, que perdeu todas as suas terras e ficou adoentado, exemplifica esse tipo de postura que o demônio assume inicialmente no texto bíblico.

Por volta do século 2 a.C. A figura do demônio aparece em alguns textos apócrifos da tradição religiosa judaica. Começa então a assumir uma feição muito bem definida.

Os demônios são apresentados como seres malignos que desorientam os indivíduos e os levam a cometerem atos deploráveis. No final das contas, o lado mais sombrio do imaginário religioso judaico esteve concentrado em descrições sobre o fim dos tempos.

A fama do diabo apareceu mais tarde, com o aparecimento da religião cristã. Chegando aos textos do “Novo Testamento”, autores como São João e São Paulo dedicam linhas e mais linhas em terríveis batalhas em que o Diabo trava uma intensa guerra contra Deus.

Nesse contexto de criaturas efêmeras e indefinidas, os demônios passam a fazer parte de uma legião de seres espirituais malignos chefiados por um líder supremo em uma dessas batalhas., podemos destacar uma descrição em que Lúcifer e um terço dos anjos são expulsos dos céus.

A Umbanda dentro das suas liturgias não reconhece a figura do Demônio como descrito nas escrituras bíblicas, pois na umbanda acreditamos na imortalidade da alma, na reencarnação como um caminho para reparar nossas falhas e não acreditamos na punição eterna dada àquelas almas que comentem pecado segundo a própria Bíblia.

Logo o pecado original estabelecido pela igreja católica não é papel de discussão dentro da liturgia de Umbanda, pois não acreditamos em um pecado capital ou mais de um que levaria as almas ao inferno por toda a eternidade.

Na Umbanda se acredita, sim, que as almas falham, porém encontram na reencarnação e nas colônias espirituais a chance de realinharem na caminhada evolutiva do espírito.

Nas crenças cristãs se adiciona praticamente tudo que acontece de errado sendo culpa do demônio. É fácil seguir uma fé que te isenta das responsabilidades. É fácil adicionar todas as suas tendências negativas e atos maliciosos ao trabalho de entidades que servem aos demônios.

Logo tudo que há de ruim na vida do cristão é culpa do demônio e de seus comandados. É ele que faz com quer você fale mal de seus colegas de trabalho. Ele que te induz a cometer um estupro. Ele te faz trair o marido. Ele que faz matar um desafeto.

Acabam por viverem uma vida de ilusões. Achando que tudo que faz de mal é culpar do demônio e pronto.

Na Umbanda, além de não acreditarmos nessa fantasia de transferência de responsabilidade, na umbanda você aprender a lidar com suas fraquezas e nos responsabilizamos pelos nossos erros e nossas falhas.

Não há espaço para o demônio nas liturgias de Umbanda, temos sim contatos com espíritos desajustados que preferem vasculhar nas sombras das zonas inferiores, mas não pela condenação eterna de Deus e nem por culpa de seres demoníacos.

São espíritos que pelos seus atos desequilibrados e desregrados infringiram a lei da harmonia ou lei divina e não conseguiram ainda encontrar o caminho da redenção que somente ele é capaz de encontrar. A misericórdia divina nos dá o livre arbítrio para que possamos fazer nossas escolhas e arcar com as nossas consequências.

Não tem a ver com demônios ou com seres infernais, apenas são nossas aspirações e nossas tendências negativas que ainda não conseguimos lidar e andar com equilíbrio nos planos da vida.

Na Umbanda somos oportunizados a entrar em contato com nossas ancestralidades e assim conhecendo a nós mesmos. Somos capazes de escolher o que for melhor para nossa vida espiritual que não se limita a essa encarnação apenas.

Outras religiões ditas majoritárias tem uma normativa que que tudo que acontece de ruim é coisa do demônio e tudo que acontecer de bom é obra de Deus ou de um anjo, que chamam de anjo da guarda. Ou seja, isenta você de se responsabilizar pelas suas escolhas, falhas e de lhe adicionar o mérito quando você caminha pelos bons caminhos da vida.

A Umbanda telhe coloca de posse das suas escolhas e das suas responsabilidades. Porém lhe oferece o mérito da conquista e da virtude. Temos nossos anjos de guarda, temos sim. Porém eles, como o próprio nome já diz, são de guarda, eles nos protegem e nos conduzem em intuições e aspirações elevadas, mas não podem tomar a direção da nossa vida e nem das nossas escolhas.

O anjo de guarda na visão umbandista não vai tomar escolhas por você e nem te livrar das provações que terá que passar para amadurecer enquanto espírito evolutivo, mas ele irá lhe acompanhar em todas as nossas provações e em todas as experiências boas ou ruins. Ele tem a função de nos intuir a rasgar o véu da ignorância e nos conduzir para uma vida de harmonia e tolerância com as diversidades.

Mas ele não tomará decisões que são nossas por legitimidade divina, pois para um espírito se tornar um anjo de guarda, ele precisa ter passado por todas as provações e muitas em que vivemos neste momento e em outras oportunidades físicas e espirituais. Só assim para chegar a esse ponto de elevação espiritual.

Nas liturgias umbandistas temos a condição de nos desenvolver e poder fazer nossas escolhas de acordo com nossas intenções e caráter. Dentro das doutrinas espiritualistas de Umbanda, o anjo da guarda recebe o nome de guardião ou até mesmo de Exu, pois trata daqueles espíritos elevados que assumem a missão e o compromisso de nos guardar e guiar na nossa caminhada terrena.

Porém, ainda há dentro das casas umbandistas aqueles médiuns que, por desinteresse ou por ignorância e falta de conhecimento, continuam a ver a Umbanda e suas liturgias com um olhar de outras crenças. Ainda não conseguiram se livrar do véu do desconhecimento e das ilusões criadas e impregnadas em nós como uma forma de assegurar fiéis a partir do medo e do

terror do desconhecido.

Ainda nos tempos de hoje encontramos médiuns de Umbanda que vivem amedrontados com o medo do inferno e do demônio. Podemos encontrar médiuns que adicionam as suas conquistas aos anjos de guarda e se isentam da responsabilidade e dos méritos de suas aspirações.

No imaginário das pessoas ainda está estampada essa guerra entre anjos e demônios. Ainda têm aqueles que precisam escolher um lado para se livrar ou pertencer a algo.

Nas possibilidades que a Umbanda nos oferta, podemos viver e conviver livremente com tudo isso, pois a guerra entre as trevas e a luz está sendo travada o tempo todo dentro de nós mesmos. Somos portadores de nossas próprias trevas ou escuridão, e de nossa luz ou elevação. Cabe o conhecimento e a abertura para o compreender das nossas próprias qualidades.

O demônio que conhecemos de verdade habitam em nós. Quando tramamos contra nossos semelhantes em quaisquer que sejam as arestas da vida. E anjos também habitam em nós, sempre que decidimos estender a mão para o próximo e para nós mesmos.

Somos seres dotados de consciência e o raciocínio, isso nos cabe para libertamos das garras da ignorância, pois precisamos sempre nos confrontar com o desconhecido que habita em nós para crescer e amadurecer na longa e árdua jornada da vida eterna.

“Anjos e demônios nada mais são que as nossas inclinações e aspirações

desconhecidas, Que moram dentro de nosso próprio ser.”

Gildener Sousa

Capítulo LVIX

O último chamado

A cada novo amanhecer é uma nova oportunidade que temos de nos refazer e nos reconciliar com a nossa própria consciência. Como sempre pregamos, que a vida é cíclica e que tudo termina para recomeçar, ou morremos para renascer, assim como partimos para nos reencontrar.

Neste capítulo, caros leitores e amigos, deixarei aqui minha visão sofrida como sacerdote ao ver nossas casas se fecharem quando nossos sacerdotes e sacerdotisas recebem o chamado da espiritualidade para se reportarem de volta para a casa espiritual.

O mais comum e infelizmente se processa dessa forma nas casas de Umbanda é quando o dirigente desencarna e a casa física tendem a se fecharem. Praticamente nenhuma continua as atividades e quando continuam a vida é curta, pois nem sempre aqueles que continuam o legado daquela casa não conseguem seguir as diretrizes e seus membros desolados não têm outras escolhas a não ser partirem para outras casas ou ficarem literalmente sem um terreiro e sem um suporte adequado para continuarem a se doutrinar espiritualmente.

Atualmente, com a os avanços tecnológicos, as facilidades da internet são fáceis de encontrar conteúdos sobre a Umbanda e sobre qualquer religião que você queira. São cursos e formações sacerdotais e desenvolvimentos para isso e para aquilo o tempo todo.

Encontramos formações e promessas de nos preparar para ser o médium produtivo em poucos meses e às vezes não tão raros em dias. Se olharmos bem por cima é até bom e às vezes necessários para a correria dos dias atuais.

São formações rápidas de todos os modos e em os cantos que se possa imaginar. Eu particularmente não sou contra e pelo contrário já fiz e faço sim alguns cursos que vejo algo que possa agregar algo na minha vida sacerdotal.

Porém o problema não está em fazer cursos e formações a distância, mas sim em apenas nesses aspectos e nada mais para se liderar uma casa e conduzir um grupo de pessoas compromissadas com a fé e com as liturgias de Umbanda.

Para se tornar um sacerdote de Umbanda, isso quando falamos de Umbanda de verdade e não nas fantasias genéricas que vemos por aí a fora. Nesse contexto para se afirmar um sacerdote não basta um cursinho pelas plataformas a distância, mas muito além disso.

Um sacerdote de verdade, além de tudo isso, precisa de alguns aspectos básicos, pois você não faz um sacerdote e sim se descobre essa missão.

Ser sacerdote não é um cargo apenas que você compra ou se autointitula, mas sim uma missão divina. IE infelizmente estamos presenciando essa missão gloriosa ser confundida com um cargo qualquer em que basta querer e pronto. Levando às vezes a vida de muitos inocentes que acreditam em você e acabarem por se decepcionarem profundamente com a religião por encontrar alguém fazendo mau uso dela.

Quantos pais e mães deixam esse plano e fizeram um trabalho maravilhoso na

Umbanda, deixando um legado ímpar para nós, e infelizmente esse conhecimento e esse exemplo acaba indo para o túmulo com eles. Por que isso ocorre com tanta frequência?

Muitos podem acontecer devido à forma que os mais velhos sacerdotes terem aprendido e se desenvolvido completamente diferente de hoje. Não tinham tantas informações e não eram tão fáceis de separa se adquirir o conhecimento repassado de seus pais e mães e pelos seus guias espirituais.

O sacerdócio era levado a sério em todos os aspectos. O tempo de religião e aprendizado era cauteloso e não se tinham tanta pressa como atualmente. E aquele para o qual os guias apontavam essa era uma honra e não tinha essa questão de recusar ou querer assumir essa responsabilidade.

Hoje em dia muitos querem assumir esse posto, mas não querem assumir as responsabilidades que o sacerdócio exige e não querem fazer as renúncias que essa posição necessita.

Dessa forma já podemos ver que esses sacerdotes já começam na contramão da realidade e da responsabilidade que precisam ter um pai ou uma mãe de santo.

Querem ser sacerdotes, porém não querem renunciar à vida que vivem. Quer ser sacerdotes, mas não querem renunciar e se dedicar integralmente às obrigações sérias que precisam ser trabalhadas com maestria.

Querem ser sacerdotes, mas não querem frequentar o terreiro e aprender devagar com os seus velhos e com as entidades que são fundamentais para a formação de tal cargo.

Preferem um curso sacerdotal e já saem montando uma casa de Umbanda sem nenhum alicerce, é muito mais difícil quando se porventura assume uma casa depois que seu pai ou sua mãe desencarna. Acabam por colocarem os pés pelas mãos, pois lhe falta muita das vezes a humildade que a Umbanda tanto ensina.

É com muitas tristezas que vejo as casas se findarem por falta de um filho responsável o suficiente para continuarem os trabalhos. O que mais podemos ver são filhos egoístas que não comungam dos mesmos preceitos verdadeiros que os nossos velhos pais e mães tanto nos ensinam.

A maioria quer facilidades, inventam regras e criam fantasias baseadas em achismos e ainda pior a humanização desenfreada da espiritualidade.

Não há segredos para ninguém que por todo canto do Brasil, podemos ver as mais absurdas formas de médiuns se apresentarem se dizendo serem entidades de luz.

Médiuns se utilizando das entidades ou das supostas entidades para fazerem as mais loucas fantasias pessoais, levando infelizmente nossa religião para um patamar muito triste.

O último chamado dos guias para a última gira ou para o último trabalho de um pai ou uma mãe é sempre uma tristeza, pois quase sempre nunca mais veremos aquelas entidades em terra como sempre vimos.

Podemos até encontrar em terreiros por aí a fora entidades com os mesmos

nomes, porém com aquele arquétipo peculiar nunca mais. Ele se vai com a partida daquele sacerdote.

O que fica quase sempre é a saudade e as boas lembranças e acima de tudo os valiosos ensinamentos e cuidados que tanto nos passaram. Quando um sacerdote ouve o chamado da partida, com ele também se vai toda uma biblioteca de saberes, pois é muito difícil alguém assumir e praticamente jamais será a mesma coisa, da mesma forma quando um filho ou quando outro médium assume uma casa quando seu dirigente se vai.

Primeiro pelas posições e pelos pensamentos diferentes e pelos rumos que essa casa pode seguir a partir de então.

Não temos mais aquela pessoa ou aquele médium que chega no terreiro e assume uma responsabilidade, aquele médium que realmente representa no seu campo espiritual as mesmas essenciais do que aquela casa séria de Umbanda carrega.

Aquele médium que toma a frente, que respeita as hierarquias espirituais, aquele que assume as responsabilidades e verdadeiramente assume a posição de sucessor de uma casa.

E isso se dá justamente pela pressa e pela banalização dos rituais de Umbanda nos terreiros afora. Também pelas misturas desequilibradas de rituais e costumes de crenças que fogem completamente com a proposta da Umbanda.

Dessa forma fica muito complicada a sucessão de uma casa de Umbanda, pois estão distorcendo o que é realidade e adicionando ficção e fantasias e querendo transformar a liturgias sagrada de Umbanda. Justamente para que esses modelos

de despreocupação e irresponsabilidades sejam aceitos.

Se esse ritmo continuar, o futuro da nossa religião é incerto, pois toda aquela essência familiar e humilde da Umbanda será corrompida pelas facilidades. Os pais e mães de Umbanda não querem mais se entregar integralmente pela causa. Querem ser sacerdotes, mas não querem abraçar também as dificuldades que vêm junto a esse nome. E assim a cada chamado da espiritualidade que são feitos para os pais e mães de Umbanda, é uma nova preocupação com os rumos que as novas gerações irão incorporar para a nossa religião.

Claro que, pelas graças dos orixás e pelas incansáveis lutas das entidades que trabalham na seriedade da causa espiritual através dos ritos da umbanda, têm sido enviados muitos espíritos para assumirem esses cargos. Espíritos comprometidos que nascem no meio da Umbanda para assegurar esse legado fundamental para a continuidade da nossa crença no futuro.

É preciso que chamemos a atenção dos sacerdotes e das sacerdotisas de Umbanda para esse fato, pois dependem muito de como o conhecimento e o passado para aqueles que terão a missão de levar a diante esse legado.

É com muito cuidado que temos de fazer essa escolha, pois você pode passar anos dedicado a uma causa como essa para no fim ver tudo isso se quebrar com a mais cruel e mais simples futilidade.

É justamente esse medo que os dirigentes de uma casa de Umbanda séria tem é que passar seus conhecimentos e posteriormente estes a qual vieram a receber com a missão de se tornar um sacerdote. Ele venha a manchar ou até mesmo a destruir toda uma vida de luta e de entrega pelas o crescimento da religião, pois do momento em que você toma essa decisão o seu nome e o da casa, e o mais importante o nome da religião, ficam manchados.

Se você estiver neste momento sendo preparado para herdar uma casa de santo de Umbanda, repense e tenha certeza das suas atribuições. Mensure bem se está preparado para assumir as responsabilidades e fazer as inúmeras renúncias obrigatórias para exercer com verdade essa função, pois você pode estar tirando a chance de outro médium que verdadeiramente está preparado para exercer essa função e tem todas as qualidades que ele necessita.

Pode ser que o ego nos cegue e a pretensão de estar em uma posição de comando ou de liderança, venha a nos impedir que alguém verdadeiramente preparado e com a humildade em primeiro lugar assuma essa posição e venha a trazer grandes frutos para nossa religião, pois cada vez que alguém descompromissados com a causa da Umbanda assume esse posto, é um demérito para toda a Umbanda, já que ali vem a se fazer tudo aquilo que vai contra as diretrizes de respeitos e posturas que a Umbanda prega.

E quando isso acontece todos perdemos de uma maneira incalculável, pois toda a luta e toda a dedicação que alguém que se entregou na sua vida para consolidar um ética religiosa. E vem alguns movido do ego e pelas facilidades da ofertas na atualidade pode simplesmente fazer-se se perder no tempo.

A cada novo chamado uma chama que se apaga. Uma triste realidade, pois já chegou o tempo em que a Umbanda precisa ser vivida e compreendida na sua totalidade com o amparo da verdade e sem as vestes da ignorância.

Não é mais tempo de usarmos da liberdade da Umbanda para nos aproveitarmos dela ao nosso bel prazer. Precisamos nos desvincular dos trabalhos de magias negativadas e das amarrações descabidas que tanto nos puxam para baixo.

É tarefa nossa enquanto umbandista e sacerdotes olharmos com mais amor para nossa fé. É chegada o tempo em que precisamos nos despir do ego e soberba e nos transformar em umbandista de verdade. Assumindo o compromisso sério e nos preparando para conviver com as renúncias mundanas para que possamos deixar um legado sério para aqueles que irão nos suceder nessa missão.

Então, se não consegue se livrar das vaidades humanas e dos prazeres fúteis, deixem então o caminho para que outros na sua seriedade o percorram com maestria.

Pois bem, como já havia deixado dito o Caboclo das Sete Encruzilhadas, a Umbanda é coisa séria para gente séria.

“O nosso legado de vida é algo de mais valioso que podemos deixar para nossas futuras gerações. Mas dependerá unicamente de cada um de nós, que tipo de legado iremos deixar.”

Gildener Sousa

Capítulo LX

Umbanda, um caminho da evolução

Uma banda de todas as bandas. Uma egrégora que é gerada por todos. Uma força dual, mística, ritualística, simbólica, sincrética, magística, doutrinária e sacerdotal. Assim é formada a crença de Umbanda. Uma religião completa. Livre, benéfica, diversa, comunicativa, expansiva, experimental e espiritualista.

A Umbanda é uma religião libertadora, monoteísta, cristã, xamânica, afrodescendente, indo-europeia, oriental. E mesmo assim é genuinamente brasileira. Uma das mais misteriosas e fascinantes religiões de todos os tempos.

Do lado espiritual, como já abordamos nesta obra, que a umbanda atual está nos dois planos da existência. O ponto de apoio e de fonte de conhecimento são as entidades. Essas entidades são espíritos de altos graus de evolução que se despiram de todos os melindres da ignorância humana e alcançaram um padrão vibracional sutil e bem levados.

Por meio dos conhecimentos das entidades que se manifestam nas mais diversas falanges e arquétipos, flui toda a sabedoria e o conhecimento das liturgias de Umbanda.

Os valores e as virtudes que precisamos adquirir para alcançar nossa evolução são nos passados com maestria pelos guias de luz das linhas de Umbanda.

O boiadeiro, por exemplo, vem nos ensinar a humildade e a simplicidade do povo sertanejo. Ele nos conduz a vivenciar nossa jornada com as coisas simples que a natureza nos proporciona.

Os boiadeiros nos ensinam a ter coragem e não nos lamentar diante dos problemas.

O caboclo traz toda sua doutrina a sermos verdadeiros e fortes com aquilo que escolhemos para vida. O caboclo e a cabocla trazem todo o conhecimento das ervas e plantas e o respeito pelas coisas da natureza. O caboclo nos ensina a sermos bravos e não nos perdermos nos caminhos da vida. Ele nos traz o alimento do corpo e da alma.

O Preto Velho traz a humildade, a caridade e a liberdade de poder voar em nosso próprio universo. A sabedoria e a tranquilidade também podemos absorver desses grandes espíritos de luz.

Já os exus trazem a força, o vigor e a comunicação. Com o Exu aprendemos a nos refazer sempre que for necessário para superar nossos obstáculos. Com Exu curamos nossos medos e traumas mais profundos de nossas almas.

Desse modo, todas as linhas e falanges agem em algum ponto da nossa existência, trazendo a quebra dos paradigmas e dos blogueiros que arrastamos por outras encarnações anteriores a nossa atual.

Todas as linhas são compostas por espíritos de alto padrão evolutivo e todos

trabalham em perfeita harmonia para o auxílio tanto para os encarnados quanto os desencarnados.

São trabalhadores do plano espiritual que não se limitam em trabalhar e praticar o bem somente nos terreiros de Umbanda. Eles podem e trabalham em diversas ordens religiosas e diversas aglomerações espirituais. Cada ordem e localidade, seja física ou espiritual, eles podem se apresentarem com diversos nomes ou aparências, agindo sempre de acordo com a necessidade do precisado de amparo e proteção.

No plano espiritual o maior ponto de apoio é o próprio médium, pois aquele ele se transforma em um veículo de trabalho se torna um portal pelo qual se manifestam as entidades espirituais.

Dessa maneira, podemos observar que o conhecimento e o comprometimento com a causa da Umbanda precisam ser muito verdadeiros e desinteressados, pois vai depender de cada médium o tipo de sintonia que irá se conectar com você. Mesmo sendo médium de Umbanda, se você não vibra nas ondas de amor e caridade, você ainda não pertence à Umbanda, apenas estar próximo dela, pois para sentir e fazer as sintonias com os seres de luz, o médium precisa mudar o seu padrão vibracional.

O grande e maravilhosos propósito da Umbanda é que ela nos dá a oportunidade de evoluir, sem ser pressionado pelo medo, sem nos obrigar a mudar drasticamente nossa vida, nossa realidade social. O fantástico que os braços da Umbanda não têm limites. Ela abraça a todos por igual e sem distinção.

A Umbanda te mostra a verdadeira face da caridade e da humildade. Ele te deixa livre para aprender a ser empático, pois quando nos colocamos no lugar do outro e sentimos suas dores e suas angústias é que podemos mensurar o tamanho do

seu sofrimento.

Com a Umbanda aprendemos a dividir, não só os nossos bens materiais, que isso para o umbandista é irrisório, aprendemos a dividir o que há de mais precioso em nós.

Somos umbandistas quando doamos um pouco do nosso tempo para nos dedicar ao próximo, quando nos dedicamos às atividades voltadas para os mais humildes e carentes.

Nos tornamos umbandistas quando praticamos a caridade e nos doamos ao outro sem barganha e sem esperar nada em troca. Nos permitimos ser umbandistas quando nos importamos com o sofrimento dos nossos semelhantes.

Cada abraço sincero, cada renúncias que fazemos em prol da religião e principalmente em prol dos menos favorecidos, ali sim está presente um umbandista de verdade.

Ser umbandista é poder voar nas mais infinitas dimensões das possibilidades e nas mais diversas realidades paralelas à nossa, sem nós perdermos na realidade física. É conhecer os mistérios da imensidão da vida em sua dualidade.

Ser umbandista nos permite entrar em contato com a maravilhosa e vasta espiritualidade que nos cercam.

Na Umbanda, encontramos a possibilidade de começar a galgar um caminhar

seguro na escadaria evolutiva de nossas almas, pelos seus ensinamentos e pela forma de nos deixar livres para vivenciar as sensações e energias para que, a partir dos contatos e com as emanações, conseguimos nos ver como verdadeiramente somos.

E quando conseguimos nos olhares de modo mais profundo, nos ver de dentro para fora, podemos com as nossas próprias convicções decidir a mudar nossas posturas e atitudes em relação à vida em sua forma geral.

Quando podemos chegar a esse ponto, sem ter sido forçado por alguém ou por algum dogma, certamente significa que estamos despontando para o caminhar amadurecido da nossa evolução.

A liberdade de poder observar a natureza de forma mais preciosa, de ver que tudo está pulsando vida em abundância, que tudo que tocamos e pensamos podemos modificar e transformar, isso nos alegra e nos incentiva a continuar a seguir esse maravilhoso caminho.

Quando entramos na floresta e as plantas começarem a falar com a gente através de nossas conexões psíquicas e mentais, quando sentimos a vibração das águas e pedreiras, quando o tocar no chão nos fizer estremecer de energia pura, aí sim podemos nos considerar umbandistas.

A oportunidade de ser uma ponte que nutre a vida em dois planos nos oportuniza a viver em plenitude tão radiante que as coisinhas que envolvem os melindres da vida humana em qualquer que seja o plano não nos atingem mais.

A Umbanda sem dúvida é um dos caminhos dentre outros que podemos escolher

para nos auxiliares na nossa evolução, pois sabemos que evoluir depende exclusivamente de cada um de nós. Porém, quando nos deparamos com uma religião que nos permite encontrar esse caminho, todo esse fardo da evolução se torna mais leve.

Nossas diferenças e nossas imperfeições são colocadas diante de nós, não como uma sentença ou para nos colocar em inferioridade, mas sim para que possamos nos conhecer e saber que podemos enfrentar e vencer nossas próprias fraquezas.

A roda da vida ou a giro das encarnações provam que, quando escolhemos seguir nas vielas tortas da jornada das vidas, nos atrasamos para encontrar o caminho da retidão espiritual.

Porém, se por consequência nos enveredarmos nos caminhos da retidão dos ensinos divinos, podemos suavizar e abreviar nossa caminhada e por consequências a cada dia nos soltar de nossos fardos e de nossas imperfeições.

É muito gratificante poder comungar uma crença que te permite ser livre e ao mesmo tempo poder firmar um compromisso com a espiritualidade. Na Umbanda podemos aproveitar todas as forças da natureza em seu sentido mais amplo.

Qual seria o sentido da vida? Certamente evoluir está nesse processo de vida de cada um de nós. Seria o propósito das encarnações, evoluir para enfrentar as longas escadarias da espiritualidade.

A Umbanda nos aproxima das fontes da naturais para que possamos nos conectar com as forças sutis que emanam dos pontos vibracionais existentes em todas a

natureza.

Nós umbandistas somos privilegiados por pertencer a algo de tamanha grandeza que é comungar de uma vida espiritualista baseado na caridade e no aperfeiçoamento das nossas inclinações e galgar conhecimento que certamente nos seguirá para o outro lado da vida.

A vivência umbandista nos eleva em vibrações, nos conduz ao encontro do nosso próprio interior, nos aproxima de nós mesmos. Com a Umbanda aprendemos a vencer nossos medos e traumas e. E conseguimos enfrentar todas as nossas tendências inferiores ao seu tempo certo.

A Umbanda nos ensina a ter paciência e tolerância e conviver com as diversidades, pois somos seres buscadores de equilíbrio para caminhar com segurança nas escadarias da evolução.

Quando falamos que a Umbanda é um caminho para evolução, estamos afirmando que através da sua liturgia podemos curar-nos das feridas feitas pelo tempo. Podemos nos despir-se dos fardos grosseiros de nossas almas. E agindo assim trabalhamos nosso carma e nos dirigimos cada dia mais para uma vida de transformação.

Na Umbanda ficamos frente a frente com as nossas sombras e ainda temos a liberdade de escolha, se preferimos habitar as zonas de sombrias de nossa alma o. Ou se escolhemos caminhar pelas veredas da luz de nosso pai maior.

Somos seres errantes que ainda estamos em processo de acertos e passíveis de erros. Por esse motivo a espiritualidade de Umbanda nos entende e nos ajudam

mesmo assim.

Somos portadores da luz de Deus, a centelha da luz está em nós. E nossa caminhada nas rodas das encarnações serve entre todas as demais para nos acertamos com a nossa própria corrida evolutiva.

Ser umbandista verdadeiramente é dar um grande passo para a evolução.

"Viver as maravilhas da umbanda é apaixonar-se pela vida plena. Pois a umbanda é caminho certo para todas as almas que almejam por evolução. Caminhar nas trilhas da umbanda é desbravar um universo a cada dia".

Gildener Sousa

Nota do autor

Meus caros amigos leitores., é com muita gratidão e honra que vos entrego esta pequena e singela obra literária. O intuito desta dela sempre foi trazer um pouco de esclarecimento em relação a nossa amada religião de umbanda.

Me chamo Gildener Sousa, sacerdote de Umbanda Sagrada, fundador e dirigente do Instituto Umbandista A Tenda do Caboclo., terreiro de umbanda sagrada localizado na cidade de Palmas - TO há 12 anos.

A Umbanda mudou a minha vida em todos os sentidos, Desde que entrei em contato com a umbanda minha vida deu uma reviravolta geral. Tenho muito orgulho da fé de umbanda., pois ela me proporcionou a vivenciar todas as experiências mais evolutivas da que auxiliaram caminha até aqui.

Foi também a fé e o amor da religiosidade de umbanda que, com o intuito de trazer um lampejo de conhecimento para todo aquele que procura a viver a umbanda com conhecimento e verdade, me fez escrever este livro. No intuito de trazer um lampejo de conhecimento para todo aquele que procura a viver a umbanda com conhecimento e verdade.

Esta obra não é o senhorio da verdade, mas apenas trazer interrogações para quem busca conhecer a nossa amada religião.

Sou natural da Cidade de Loreto Maranhão. Desde os meus. Aos 17 anos de idade mudei-me para a cidade de Palmas, a capital do estado do Tocantins.

Desde então, me entreguei a à busca para conhecer a fundo a religião de umbanda.

Desde Em 2010 tornei-me sacerdote de umbanda sagrada. Desde então vivo e passei a viver integralmente para a religião. Buscar os ensinamentos e conhecimento das liturgias de umbanda sempre foi o meu foco desde então passou a ser meu foco.

Com o amparo dos orixás e de Deus acima de tudo, caminharemos sempre para alcançar os universos que nos esperam além desta vida física.

Sumário

O mistério Umbanda

O espelho das almas

O filho pródigo

Demonização da Umbanda

Gladiadores e devoradores

Contemplação sagrada

O véu da ignorância

Sacerdotes

Problemas domésticos

Impasse espiritual

A fonte das lamentações

A ancestralidade

O Todo Poderoso

Meu Cargo, Minhas Regras

De Gira em Gira

A Bolsa de Valores

Pai de Santo Sem Pulso

Incorporação Tsunami

O Elo Motivador

O Mestre e o sacerdote

Amores de Santo

A Semente da Segregação

Evangelização Umbandista

A Fé e A Ciência

Ingratidão de Santo

Problemas Pessoais e Vida de Terreiro

Cuidado! Meu Orixá É Mais Forte

Paixão de Pomba gira

Um olhar umbandista para a Umbanda

Luz e trevas

Sacrifícios

O Pombo correio do além

A herança de santo

A quizila do desconhecimento

O acolhimento umbandista

As crianças de terreiros

Campo santo

A Umbanda cibernética

O portal das encruzilhadas

Uma ponte, dois mundos

Umbanda química

Figurino de terreiro

O Senhor Dr.

Umbanda, um farol do sobrenatural

Uma vírgula no tempo

A magia oculta da Umbanda

Os sentinelas do terreiro

Umbanda e o amor condicionado

A Umbanda: da aurora ao crepúsculo

A ressonância do sagrado

Umbanda e a linha do tempo

Quando a fonte seca

Uma flor na estrada

Uma canção para o futuro

A poeira em meio à tempestade

Transmigração da alma

Umbanda, uma cultura de resistência

Anjos e Demônios

O último chamado

Umbanda, um caminho da evolução

Nota do autor

Sobre a Viseu



VISEU

Essa e outras obras em:

eviseu.com

Saiba mais em:

Contatos:

contato@editoraviseu.com

Quer enviar sua obra para nossa avaliação?

originais@editoraviseu.com